

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA  
SOCIAL**

**Juliana Cavilha Mendes Losso**

***DOS DESREGRAMENTOS DA CARNE***

**UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO SOBRE OS ITINERÁRIOS  
URBANOS, TERRITORIALIDADES, SABERES E FAZERES DE  
PROFISSIONAIS DO SEXO EM FLORIANÓPOLIS/SC**

Tese submetida ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Antropologia Social.

Orientadora: Prof.a Dr.a Ana Luiza Carvalho da Rocha

Florianópolis  
2010

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária da  
Universidade Federal de Santa Catarina

L881r Losso, Juliana Cavilha Mendes

Dos desregramentos da carne [tese] : um estudo Antropológico sobre os itinerários urbanos, territorialidades, saberes e fazeres de profissionais do sexo em Florianópolis/SC / Juliana Cavilha Mendes Losso ; orientadora, Ana Luiza Carvalho da Rocha. - Florianópolis, SC, 2010.

341 p.: il., mapas

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social.

Inclui referências

1. Antropologia. 2. Antropologia social. 3. Cidade - Florianópolis, SC. 4. Prostituição - Florianópolis, SC. 5. Estrutura social - Florianópolis, SC. 6. Sociabilidade. I. Rocha, Ana Luiza Carvalho da. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. III. Título.

CDU 391/397





## AGRADECIMENTOS

Esta tese foi escrita por uma dezena de mãos, primeiramente minhas interlocutoras que ofertaram seu tempo e suas histórias.

Um agradecimento especial a Márcia, figura central nesta tese, sua habilidade no lembrar e no falar auxiliou-me na escrita.

Agradeço as ONG's GAPA e Estrela Guia que gentilmente abriram as portas a minha pesquisa.

Tenho muito a agradecer a minha orientadora Prof.a Dr.a Ana Luiza Carvalho da Rocha, que foi paciente, incentivadora, professora que me ensinou o ofício do fazer etnográfico, do tornar-me antropóloga, suas mãos firmes me conduziram a este texto. Além do carinho no acolhimento em sua casa, as longas horas de trabalho, foram, sem dúvida, muito produtivas e prazerosas.

Aos meus colegas e amigos de turma, inicialmente a Rozeli Porto uma querida companheira nestes anos de academia, numa amizade que se estende para fora dela. Agradeço também as colegas Micheline Ramos, colega que me ensinou a arte da escrita, também antiga parceira do mestrado, Ângela Souza, Ari Sartori, Mônica Siqueira, Mathias Godio, Raquel Monbelli e Sonia Lourenço, uma boa surpresa nesta trajetória.

Aos professores do departamento, Rafael Bastos, Sonia Maluf, Theophilos Rifiotis, Oscar Calaviaz, Alicia Castells, Carmem Rial.

Tenho muito a agradecer a professora Miriam Pillar Grossi desde a convivência ao longo dos anos, a parceria no NIGS, os ensinamentos de pesquisa, as sugestões na defesa do projeto.

A professora Cornélia Eckert as definidoras contribuições na defesa do projeto.

A Marie-Elisabeth Handmann como tutora da pesquisa de doutorado sanduíche na EHESS em Paris França. Ainda no sanduíche agradeço a professora Catherine Bidou e sua equipe pelo acesso irrestrito ao acervo da revista Space et Sociétés.

As amigas Rosa Oliveira e Sara Cordeiro embora não se conheçam, foram importantes na minha trajetória.

Ao prof. Emerson César de Campos pelas aulas na disciplina Cidade e territórios na pós graduação da História do Tempo Presente na UDESC e pelo convite para participação em seu grupo de estudos no laboratório de estudos da cidade, estendo o agradecimento ao professor Felipe Falcão.

A Karla e Adriana funcionárias do PPGAS, pela atenção nas questões burocráticas.

À CAPES e CNPq pela bolsa.

Aos meus amigos queridos, Luciana Hartmann, Marcelo Esteves, Alita Diana.

Agradeço ao meu paciente e disponível revisor Jefferson Lopes, a Raphaela Cavalheiro Reis pelos cuidados ao meu filho, durante os períodos mais críticos..

Aos meus familiares, aos meus sogros, a Letícia Losso na ajuda com os mapas e a Vanessa Losso, também na colaboração com as imagens e em especial no apoio ao meu filho.

A Tiago Losso pela parceria e paciência, enfim, por tudo.

A Caio Losso meu filho, pela doçura que seus olhos me trouxeram ao longo desta jornada..

Àquelas que batalham nas  
ruas das cidades.

*Era noite de sábado. Fazia frio, trem lotado, voltava pra casa só e pensativa em tudo que ouvira nas últimas quatro horas. O trem era quente, abafado, um misturado de perfumes. Sento, olho a minha volta, uns ainda prolongariam aquela noite, outros atentos e fechados em seus livros, outros ainda apáticos. Ao meu lado, me chama a atenção.*

*Cabelos escovados cuidadosamente, numa cor castanho escuro. Longos. Movimentando-se com o trem, numa echarpe vinho elegante que envolvia seu pescoço e a aquecia, unhas em tom de rosa. Linda. Distante ao barulho que preenchia a noite e completamente absorvida a leitura. Ao mesmo tempo, alheia e acostumada a uma invisibilidade. Ela não estava lá. Não metaforicamente. Ao seu lado senti um perfume adocicado no virar das páginas. Então minha curiosidade toma lugar à indiferença habitual, quando uma lágrima derrama em seu rosto. E deixa a mostra uma maquiagem forte e uma barba que anunciava uma jornada que chegava ao fim. Aumenta minha curiosidade, me ajeito no assento apertado e num movimento sutil, mas certo, leio a capa e o título daquilo que a fazia emocionar. Me surpreendo: "Henry e June".*

*Um tórrido romance ambientado em Paris no começo do século XX. Amor a três, paixão, traição, indecisão, entrega. É disso que trata o livro. Penso em qual dos personagens ela se identificava? Por quem ela chorava? A observo, agora sem a tentativa da discrição, me rendo, a olho sem perdão. Mais adiante, continuo invisível ali ao lado, ela não me percebe, nunca me viu ou me ouviu. Sentenciada a este anonimato, levanto. Depois de muitas minha estação. Ela continuou lá, hipnotizada na leitura e eu segui meu caminho. Condenada, guardo na memória, a imagem congelada daquela mulher, ela continua a ler e a se emocionar...*

Paris, inverno de 2007.

## RESUMO

Esta tese objetivou compreender as dinâmicas envolvendo as práticas do comércio sexual que ocorrem no ambiente urbano de uma grande cidade. Um estudo etnográfico foi conduzido com a participação de mulheres, profissionais do sexo, que atuam no centro da cidade de Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina. Foram examinadas as práticas de comercialização do sexo e suas formas de ocupação territorial como aspectos essenciais para os processos de conformação de uma comunidade urbana. Processos que envolvem temas tais como a moralidade e a sexualidade, com os prazeres contidos nela, e os quais as permitem se expressar como um corpo coletivo. Assim, a análise tem seu foco nas formas como se organizam as sociabilidades destes grupos entre si, a partir dos laços que elas contemplam dentro das normas instituídas pelos códigos ético-morais locais em relação às práticas sexuais no âmbito da vida urbana.

Palavras-chave: Cidade, Prostituição, Redes Sociais, Sociabilidades

## **ABSTRACT**

This thesis aimed to comprehend the dynamics involving the sexual practices in the context of the urban environment of a big city. It was conducted an ethnographic study with the participation of professional sex worker women, from the downtown area of Florianopolis, capital of Santa Catarina State, Brazil. It was examined the practice of sexual commerce and the ways of territorial occupation as an essential aspect to the process of urban community conformation. Process that involves themes such as morality and sexuality, with the pleasures contained in it, and which permit to them expressing themselves as a collectivity. Thus, the analysis has its focus on the sociability organization among these groups, from the ties they contemplate among the instituted rules by the local ethic and moral codes in relation to the sexual practices in the urban life scope.

Keywords: City, Prostitution, Social networks, Sociability

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Nome	Página
Imagem 1 – Centro de Florianópolis	114
Imagem 2 – Mercado Público	116
Imagem 3 – Anos 30	117
Imagem 4 – Anos 60	118
Imagem 5 – rua Conselheiro Mafra	131
Imagem 6 – rua Conselheiro Mafra	131
Imagem 7 – praça XV de Novembro, 1940	132
Imagem 8 – praça XV de Novembro, 1940	133
Imagem 9 – Mapa da ilha	134
Imagem 10 – Mercado Público	135
Imagem 11 – Mercado Público	136
Imagem 12 – Rita Maria	137
Imagem 13 – Igreja Matriz	138
Imagem 14 – Trapiche Miramar	141
Imagem 15 – Área portuária	142
Imagem 16 – Trapiche do Miramar	146
Imagem 17 – Porto de Florianópolis	146
Imagem 18 – Florianópolis ainda sem aterro	148
Imagem 19 – Ponte Hercílio Luz, anos 70	148
Imagem 20 – Florianópolis antes de 1925	149
Imagem 21 – GAPA	157
Imagem 22 – Antigo dormitório Gonzaga	166
Imagem 23 – Antigo dormitório de programa	166
Imagem 24 – Mapa rua Conselheiro Mafra	179
Imagem 25 – rua Conselheiro Mafra	180
Imagem 26 – rua Conselheiro Mafra	182
Imagem 27 – rua Conselheiro Mafra, dormitório Sobrado	185
Imagem 28 – rua Conselheiro Mafra esquina com largo da Alfândega	189
Imagem 29 – Mercado Público e largo da Alfândega	190
Imagem 30 – Vão do Mercado Público	194
Imagem 31 – Bancos do largo da Alfândega	198
Imagem 32 – Campanha MS	284

Imagem 33 – Agenda	285
Imagem 34 – Adesivo para banheiros	285
Imagem 35 – Entrada da ONG	297
Imagem 36 – Cartaz boas vindas ONG	298
Imagem 37 – Biblioteca ONG	299
Imagem 38 – Mural ONG	289

## SUMÁRIO

<b>Introdução.....</b>	<b>01</b>
<b>Parte I – Por entre elas, nas ruas de Florianópolis.....</b>	<b>17</b>
Capítulo 1 – Adoções e adesões metodológicas em campo.....	18
1.1 – Introdução.....	18
1.2 – A pesquisa com as profissionais do sexo no contexto metropolitano.....	20
1.3 – A entrada em campo, negociando trocas sociais.....	28
1.4 – Uma experiência iniciática em campo.....	38
1.5 – Conflito e negociação: a produção da alteridade no olho do furacão.....	44
1.6 – Seguindo as regras na rua e fora dela.....	51
Capítulo II – O espaço urbano contemporâneo sob a ótica das práticas sexuais e dos corpos.....	65
2.1 – Introdução.....	65
2.2 – O campo conceitual dos estudos antropológicos nas sociedades urbano-industriais.....	69
2.3 – Da unidade à fragmentação: a carreira na prostituição e a coexistência de diferentes estilos e visões do trabalho na rua.....	78
2.4 – A prostituição e os intensos processos urbanos de interação entre segmentos sociais diversos.....	81
2.5 – Trajetórias de “mulheres públicas”, carreira e profissão.....	82
2.6 – A aventura aliada ao cálculo de risco: nem vítimas, nem libertinas.....	89
2.7 – A prostituição e suas teses.....	98
2.8 – A cidade e as memórias da prostituição: as aprendizagens do ofício na rua.....	104
<b>Parte II – Mães de família, esposas, prostitutas e avós na metrópole contemporânea.....</b>	<b>107</b>
Capítulo III – A Ilha da Magia no cenário do comércio sexual: um espaço de investigação antropológico.....	108
3.1 – Introdução.....	108
3.2 – O mercado e os terminais rodoviários.....	117
3.3 – Praça XV de Novembro, largo da Alfândega, rua	

Conselheiro Mafra.....	128
3.4 – A ponte Hercílio Luz e suas cabeceiras.....	147
Capítulo IV – Redes sociais e a rua como acontecimento: lugares, fluxos e itinerários.....	151
4.1 – Introdução.....	151
4.2 – “As putas velhas”, o mito das cortesãs.....	156
4.3 – As tradicionais, as divas da rua.....	179
4.4 – As putas, as caçadoras da Alfândega.....	190
4.5 – Rede social.....	204
<b>Parte III – Práticas sexuais e corporais na metrópole contemporânea.....</b>	<b>205</b>
Capítulo V – A vida dando giros: trajetórias sociais, itinerários urbanos e cenas da vida cotidiana.....	206
5.1 – Introdução.....	206
5.2 – Márcia e os sonhos de uma cortesã, o circuito das boates....	209
5.3 – Denise, as ruas e a escola da vida.....	241
5.4 – Nádia, a liquidez do comércio e as “mulheres do largo”.....	259
Capítulo VI – Das ONG´s às práticas sexuais nas ruas da cidade.	271
6.1 – Introdução.....	271
6.2 – As ONG´s nas redes do comércio sexual e o campo social da prostituição.....	275
6.3 – Uma visita às ONG´s em Florianópolis.....	285
6.4 – Uma rápida passagem por Paris: <i>Les amis du bus des femmes</i> .....	297
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>312</b>
<b>Referências bibliográficas.....</b>	<b>319</b>
<b>Anexos.....</b>	<b>341</b>

## INTRODUÇÃO

Os passos que me levaram a produção do trabalho de campo para essa tese de doutorado foram múltiplos e diversos. Amarrar os fios de minhas experiências com o tema da prostituição em Florianópolis foi um dos desafios que ela representou e que exigiu um retorno constante as minhas memórias de pesquisa e aos meus dados etnográficos nestes últimos quase dez anos.

Cheguei ao objeto de estudo sobre a trajetória de vida de prostitutas e as redes sociais que estruturam as práticas de sexo mercantil na cidade, de forma indireta, entre de 2002 e 2003, quando trabalhei para a ONG - Bem-Estar Familiar no Brasil (BEMFAM<sup>1</sup>). Neste período, atuei, juntamente com outros pesquisadores, num extenso estudo sobre sexualidade, doenças sexualmente transmissíveis e a saúde pública nas três capitais do Sul do Brasil (Curitiba/PR, Florianópolis/SC e Porto Alegre/RS). O projeto intitulava-se “Análise de Demanda por Ações de Prevenção de *Human Immunodeficiency Vírus* no Sul do Brasil”. As intenções da pesquisa, cuja duração foi aproximadamente 10 meses, eram definir, nos três estados, quais as demandas e qual o nível de informação e /ou de prevenção que os grupos em questão adotavam para, assim, traçar um cenário das DST's na região Sul do Brasil.

Na época, fui contratada para coordenar entrevistas e treinar entrevistadores, além de viabilizar o contato com outras ONG's da região da Grande Florianópolis. Neste processo, acabei ficando responsável pelo levantamento de dados qualitativos e quantitativos das principais instituições responsáveis por congregar ações junto aos profissionais de sexo na capital catarinense.

Inicialmente os contatos organizaram-se a partir da identificação<sup>2</sup> das ONG's que atuavam na região da grande Florianópolis. Na época, eram elas: o GAPA (Grupo de Apoio e

---

<sup>1</sup> BEMFAM é uma ONG, brasileira, que há 40 anos realiza ações voltadas para o desenvolvimento social local. Sua sede é localizada no Rio de Janeiro/RJ, com atuação em praticamente todos os estados do território nacional. [www.bemfam.org.br](http://www.bemfam.org.br) acessado em 10 de novembro de 2009.

<sup>2</sup> Assim, estabeleci relações com as diretorias destas instituições, bem como com os distintos projetos desenvolvidos. As parcerias foram oficializadas na medida em que estiveram presentes nas suas áreas de atuação, e na participação do processo de pesquisa e da composição do campo. Na realização de visitas para exposição do projeto para composição das parcerias, mas principalmente, a organização do campo para realizar as entrevistas.

Prevenção de Aids), a ACORDA (Associação Catarinense dos Redutores de Danos), a APROSVI (Associação das Profissionais do Sexo do Vale do Itajaí), o Instituto Arco Íris e finalmente a ONG Vida em Liberdade<sup>3</sup>. Todas estas possuíam sede na cidade de Florianópolis, mas também atuavam na região da Grande Florianópolis, exceto a APROSVI, que é sediada em Balneário Camboriú/SC, com atividades em Florianópolis/SC.

Era exigência do projeto o contato com as diretorias das referidas instituições e o conhecimento dos projetos por elas desenvolvidos, na intenção de criar parcerias de trabalho que permitissem a entrada de pesquisadores nas redes dos profissionais com as quais elas trabalhavam, visando uma ação conjunta de coleta de dados do assunto em questão.

A entrada no universo das instituições que congregavam os profissionais do sexo em torno da defesa de seus direitos me conduziu ao contato com uma população diversificada que orbitava em torno delas. Essa população ia de usuários de drogas injetáveis a caminhoneiros. No sentido de atingir essa população tão diversificada que se organiza em torno do comércio sexual, o questionário previa em torno de 100 questões adaptadas a cada grupo e versando basicamente sobre os seguintes pontos: características do entrevistado, atividade sexual, DST / AIDS, conhecimentos e opiniões e, ainda, atitudes sobre HIV/ AIDS, uso de fumo, álcool, e outras drogas<sup>4</sup>.

Meu engajamento no projeto sobre ações de prevenção de DST's no Sul do Brasil se deu em razão de minha formação de pesquisa junto ao NIGS (Núcleo de Identidade de Gênero e Subjetividade), ligado ao Laboratório de Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, desde a época de minha graduação em Ciências Sociais, e onde, posteriormente, na época de meu mestrado, sob a orientação da Profa. Dra Miriam Pillar Grossi, obtive uma sólida experiência na pesquisa sobre as questões de gênero, violência e os temas das subjetividades e sexualidades contemporâneas.

Tendo em vista estes aspectos da procura de público para a pesquisa na BEMFAM, logo iniciei um mapeamento da cidade de Florianópolis, na tentativa de, – antes do recolhimento dos dados – estruturar o campo, mobilizada inicialmente pela riqueza do ambiente e

---

<sup>3</sup> Esta ONG está desativada, as outras mantêm-se ativas.

<sup>4</sup> Sobre os resultados da pesquisa, ver: FERRAZ, Elisabeth A.; QUENTAL, Inês; SCHWENCK, César (2003).

pela experiência que me aguardava. Desta maneira, inicialmente acompanhada pelos colegas das ONG's Arco Íris, GAPA e ACORDA, mergulhei em espaços desse urbano, antes invisíveis, ou mesmo, interditos para mim.

Uma primeira constatação foi a impressionante invisibilidade de determinadas práticas ocorridas no centro da cidade – a vista de tudo e de todos –, tais como o uso de drogas, a prostituição masculina e feminina - com horários fixos<sup>5</sup> em algumas regiões -, também, uma população marginal que ocupava a cena cotidiana, enfim, um comércio sexual que acontecia com certa desenvoltura.

Uma segunda constatação na época, foi a significativa quantidade de narrativas – face às inúmeras visitas realizadas em boates e bares de prostituição na grande Florianópolis – sobre situações de violência física entre casais lésbicos de profissionais do sexo<sup>6</sup>.

Portanto, mobilizada inicialmente por estas leituras em meados de 2002, ainda, embrionárias, passei a acompanhar, ainda mais, o grupo responsável pelas entrevistas das profissionais do sexo. Deste modo, visitei casas de prostituição, boates, inferninhos, *wiskerías*, bares, nos quais aproveitei para contatar e conversar com os protagonistas e coadjuvantes deste cenário da prostituição. Estes iam de proprietários, a gerentes, passando pelos garçons, cozinheiras, e claro, às mulheres, principais personagens nestes enredos. Enfim, foi um mergulho que envolveu uma escuta de narrativas de amantes, companheiros violentos, drogas, fugas, gozos, saídas, clientes, preços, dores e doenças.

A princípio, orientada por teorias de gênero que, até então, iluminavam minhas pesquisas, encarei a cidade apenas como um pano de fundo neste palco de narrativas. Muito embora atentasse para o fato de que ambos os cenários situavam-se em espaços urbanos diversos – o público e o privado –, como uma mera mediadora destas camadas urbanas marginalizadas

---

<sup>5</sup>Neste momento da pesquisa início um desenho destes espaços que mais adiante na tese serão apresentados.

<sup>6</sup>A nomenclatura “Profissional do Sexo” ou ainda “Trabalhadores do Sexo” é um termo usado em algumas ONG's para diminuir a discriminação que a palavra prostituta traz consigo, ou ainda, segundo Martins (2006, p 43) “(...) do ponto de vista político é uma forma de incorporar esta população à noção de cidadania, pelo conceito de trabalho”. A ONG DAVIDA, por exemplo, prefere utilizar “Putá”, na tentativa de esvaziar o capital simbólico negativo associado a termo, no entanto muitas ONG's não aceitam, ou seja, é ainda uma categoria em construção. Para os limites desta tese adotarei o termo “profissional do sexo” quando me referir às prostitutas e michês, senão adotarei o termo “prostituta”.

Portanto, dentre os grupos com os quais trabalhei nesta pesquisa da BEMFAM<sup>7</sup>, iniciei um processo de aproximação intenso com as profissionais do sexo<sup>8</sup> pelas razões acima apontadas, incluindo o interesse nas questões relacionadas à sexualidade e gênero, em, se por um lado, minha condição de gênero facilitou o tratamento em alguns assuntos, por outro me expôs a perigos que a própria rua encarregou-se de me proporcionar mais tarde.

Na continuidade da pesquisa, percebi nos espaços privados das boates o quão tênue eram as relações entre as mulheres que circulavam neste, digamos, nicho de casas da e na cidade, uma vez que me fiz de ouvidos às experiências que variavam de uma boate para outra, de um dono para outro. Ao mesmo tempo, estas garotas demonstravam sabedoria sobre o coletivo de boates da região, destacando as casas mais seguras, aquelas que atraíam os clientes “*mais abonados*”, as que ofereciam melhores acomodações, ou ainda, um melhor relacionamento com os proprietários: *Nesta casa temos um bom relacionamento com o fulano (proprietário da boate), ele nos trata muito bem, é aberto, conseguimos conversar com ele*<sup>9!!!</sup> Mencionou Alessandra<sup>10</sup> (26 anos, na batalha há cinco). Alessandra era das profissionais mais bonitas da Boate La Piova<sup>11</sup>

Detalhes circulantes que rascunhavam o cenário da prostituição na cidade, da mesma forma, apresentavam uma paleta de desejos sobre o

---

<sup>7</sup>Lembro ainda, que esta rica experiência na ONG BEMFAM instigou a pesquisa que resultou nesta tese, mas o campo propriamente foi construído durante a pesquisa para o doutorado.

<sup>8</sup> Todos os nomes citados nesta pesquisa são fictícios para preservar a identidade das interlocutoras.

<sup>9</sup> Diário de campo, novembro de 2002.

<sup>10</sup> Alessandra, gaúcha de Porto Alegre, com aproximadamente 26 anos, morena, olhos claros, cabelos longos, alta em torno de 1.80cm, casada, seu marido morava em Porto Alegre e sabe de sua atividade, também tem um filho de três anos. Para evitar conflitos na relação conjugal, trabalhava longe da sua região. Ela me mostrou fotos de sua casa e de sua família, dizendo valer a pena o sacrifício, pois lucrava em torno de R\$ 6.000,00 mês, dinheiro que investia em imóveis e outros bens (Diário de campo, novembro de 2002).

<sup>11</sup> Localizada na cidade de Palhoça (grande Florianópolis) nas margens da BR 101. Uma boate com atendimento 24 horas, instalada num amplo espaço com três imóveis, a boate, em seguida os quartos de programas, e finalmente ao fundo do terreno, os apartamentos das garotas (chamado pensionato), cozinha, lavanderia e sala. O prédio da boate tem dois pisos, que incluem espaço para shows de strip-tease, bar, mesas, um pé direito muito alto. No mezanino da boate, uma fachada de vidro fume abriga três quartos para festas íntimas. E por conta do vidro quem está na boate nada enxerga o que acontece nos quartos, mas a visibilidade dos quartos para a boate acontece. Num dos quartos a lotação máxima é para 12 pessoas, incluem um bar, um colchão gigante, espelhos, e uma hidromassagem grande, os outros dois o tamanho era menor, comportava em torno de 4 a 5 pessoas, com os mesmo equipamentos. Foi Alessandra quem me apresentou a boate, falei com ela apenas uma vez.

lugar escolhido, que contornava a credibilidade, o bom ambiente, a limpeza, o respeito, para com e entre elas, e os melhores clientes.

Entre uma conversa e outra, a violência entre casais que se formavam na casa – a violência homoafetiva – aparecia. Aos poucos percebi que este tema descortinava um problema e uma cotidianidade comum e que se apresentava sem mandar recado, quando visitávamos uma das casas. A cena conflituosa acabara de acontecer quando chegamos numa das boates do centro da cidade. O que me fez refletir, para enxergar sutilmente, quando já em outra casa deixava-se falar, ouvia-se relato principalmente das gerentes que recomendavam de quem conhecia de perto a situação, para não gerenciar boates as quais suas namoradas trabalhassem, pois o conflito era invariavelmente inevitável.

Conflitos motivados pelo ciúme despertado por uma relação de sedução com os clientes, fato inerente a esta atividade. Este conselho dirigia-se às garotas que, em uma relação homoafetiva, porventura trabalhassem na mesma boate. Conflitos motivados, muitas vezes pelo controle sobre as ações da outra, considerando desde o tempo que ficou com o cliente, até ao que fazia *a mais* no tempo determinado do programa. Muito diferente das situações de prostituição de rua, os quais não envolvem a sedução, segundo Denise (prostituta de rua há 9 anos): “*é vapt-vupt, não tem “meu amor”, não!!!! Esfregação, coisinhas assim.....<sup>12</sup>*” é penetração, seguida do gozo, para finalmente a imediata saída do quarto, sem maiores delongas após o ato sexual, e continua Denise: “*dura mais ou menos uns vinte minutinhos... é rápido!!!<sup>13</sup>*”. Nas boates, o controle deste ato, que significa um tempo a mais no quarto - sinônimo de algo não planejado no início da negociação - era suficiente para a desavença conjugal.

Ainda, em conversas com estas mulheres na boate La Piova, ouvia relatos de “como vieram parar ali”, ou mesmo, da escolha da profissão. Tive acesso a *books*<sup>14</sup> e a narrativas de como escolher o melhor cliente da boate<sup>15</sup> (entenda-se aquele com maior poder

---

<sup>12</sup> Diário de campo, novembro de 2006.

<sup>13</sup> Idem.

<sup>14</sup> Álbuns com fotos sensuais das garotas em trajes diversos, que iam do vestido de gala a biquínis para atrair a atenção de clientes e mostrar-se elegante e também adequada.

<sup>15</sup> Alessandra, narrou com detalhes a maneira como escolhia o cliente quando estava na boate. Segundo ela primeiro dava uma volta no salão, depois observava os que ali estavam, quais usavam acessórios caros como relógios, sapatos, roupas, mas, e principalmente qual bebida consumiam. Segundo Alessandra estes eram códigos que indicavam ser um bom cliente, o que significa ter dinheiro para bancá-la na noite, ou seja, calculava um bom investimento. Assim, depois de eleger o cliente, novamente circulava pelo salão, o olhava brevemente, disse que não

aquisitivo), num processo de sedução, consumo excessivo de álcool, uma vez que também lucravam, consideravelmente, com a venda de bebidas, ou “com o bar”. Há, também, as situações narradas em meio a conflitos de como conciliar a vida doméstica / familiar com a profissional.

Muitas destas mulheres (ou meninas, na linguagem das boates, apresentando um tom valoroso da juventude que norteia este universo) vinham do interior dos estados do Sul. Jovens na casa dos 20 anos, que preferiam as boates pelo anonimato e segurança conferidos. Além disso, não se expunham. Quando moravam nas casas, evitavam saídas e quando o faziam, eram discretas no tocante às roupas, confundindo-se na indumentária com as garotas de sua idade. A grande maioria ocultava da família extensa suas atividades.

Eu as encontrava em seus horários de folga nas boates, normalmente à tarde, quando acompanhava as entrevistadoras que realizavam as pesquisas (com duração aproximada de 40 minutos). Muitas moravam na própria boate e ali conviviam em regime de divisão de tarefas, vivendo em quartos individuais, cuja responsabilidade era a limpeza e a ordem dos mesmos<sup>16</sup>. Algumas vezes chegávamos na hora da faxina. Numa dessas vezes, lembro-me da surpresa ao encontrá-las envolvidas em atividades que em nada as aproximava do ambiente sedutor que construí no meu imaginário da prostituição. Estavam ali de cabelos presos, *shorts*, camisetas, carregando vassouras, baldes, panos úmidos, ouvindo músicas num rádio e contando piadas. O som ecoava pelo corredor afora, lembrando uma república de garotas e não uma casa de prostituição.

Outras mais tímidas desculpavam-se e diziam estar em plena faxina dos armários, enfim, ajeitando suas vidas. Algumas chegavam da academia, outras tomavam café e conversavam sobre intimidades com alguma colega. Eram em torno de 15 garotas circulando por um corredor que tinha uns dez quartos. Ficamos ali, eu e mais duas entrevistadoras, a observar o entre e sai das garotas. Era um espaço que em nada se aproximava de um ambiente de prostituição. Foi assim que, seduzida pela não-sedução, percebi que a abordagem deveria acontecer a partir de outro lugar, distante do exótico construído da prostituição. Em outras

---

se insinuava, pois ficaria vulgar. Manipulava a sua escolha. (Diário de campo, novembro de 2002)

<sup>16</sup> Em duas das boates (Bokarra em Florianópolis/SC e La Piova na Palhoça/SC) o coletivo dos quartos era chamado de pensionato.

casas, distante dali, as não moradoras chegavam em horários pré-determinados pela gerente, por volta das 19 horas, momento também do jantar<sup>17</sup>, das atividades da casa, ou quando o *salão* era aberto em torno de 21:00 horas.

Neste cenário, a importância das gerentes<sup>18</sup> também se constituiu como objeto de pesquisa, pois percebi que elas eram as primeiras com quem conversávamos logo que chegávamos. Eram as gerentes que me apresentavam as casas, suas regras (horários, bebidas, uso de preservativos, exames periódicos e os valores dos programas). Dentre todas as idiossincrasias, a mais interessantemente organizada e sistematizada foi a habilidade na sincronia da boate à agenda de eventos da cidade, como os congressos em hotéis, por exemplo, harmonizados a uma ampla rede de serviços, desde a distribuição dos *books* nos hotéis, ao transporte das garotas para determinados endereços nos dias marcados, sempre acompanhados da exigida discrição.

Lembro aqui, que tive acesso a casas para público de maior e menor poder aquisitivo na grande Florianópolis. As garotas mais jovens, com melhor aparência e com nível maior de educação, circulavam nas boates em que o preço dos programas era maior e, portanto, possuíam uma renda superior. Por outro lado, as que não se enquadravam nestes requisitos se instalavam em outras boates, cujas regras, muitas vezes, eram próximas, no entanto, diferentes. Por exemplo, no que diz respeito à divisão de quartos e a uma menor liberdade na escolha dos clientes, assim como uma renda inferior.

Concomitante a esta rica experiência nas boates da grande Florianópolis, também circulava pelas ruas da cidade, acompanhando as entrevistas dos pesquisadores com as profissionais do sexo e ouvindo os relatos destas profissionais do sexo.

---

<sup>17</sup> No dia de nossa visita na “Boate Noite” no centro da cidade de Florianópolis, uma simpática cozinheira a frente de um fogão a lenha, servia fartamente arroz, feijão, batatas fritas, bife acebolado e salada de tomate “para as meninas”, o que penso, garantiria as garotas uma noite de trabalho com energia. Ficamos na cozinha por um tempo, e o cheiro da comida alimentou nosso desejo, nos ofereceram, mas em razão do pouco tempo que dispúnhamos para as entrevistas infelizmente não foi possível aceitar a generosa oferta (Diário de campo, outubro de 2002)

<sup>18</sup> Nas boates mais refinadas encontrei apenas gerentes mulher, diferentes de outras casas, cujo perfil financeiro era outro, nestes casos o proprietário também atuava como gerente e administrador do bar/boate. Poucas eram as boates na cidade cujas proprietárias eram mulheres. Lembro de apenas uma a Boate Noite, localizada na região central. Uma realidade diferente da encontrada por Pasini (2005) em sua pesquisa na Vila Mimosa, lá eram as proprietárias eram chamadas de “donas de casa” que atuavam também como gerentes-mães-protetoras das “meninas”.

Nestes momentos, dirigia minha atenção para as regiões centrais da cidade, fato que possibilitou conhecer também a dinâmica de apropriação destes espaços públicos, ao mesmo tempo em que me provocava a pensar nas suas diferenças em relação a outros estilos de comércio sexual, tais como as casas de massagem e boates que eu havia visitado anteriormente.

No espaço das ruas ponderava uma lógica diversa da prática da profissão, envolvendo mulheres com idade entre 27 e 55 anos, maioria oriunda de cidades do interior e atuando numa modalidade de trabalho nômade, nas calçadas e praças, enfrentando as intempéries das estações, da livre concorrência e compartilhando diferentes graus de brutalidades e carências, algumas com níveis altos de pobreza. Surpreendia-me em ouvi-las responder, quando perguntadas, do por que não trabalhavam nas boates. É que tinham orgulho da liberdade com que dispunham de seu tempo, do seu corpo e, principalmente, do seu dinheiro. Orgulho por não se submeter a um cafetão<sup>19</sup>, pois, regulavam o próprio horário e os dias trabalhados, além da vantagem de poder escolher seus clientes.

A maioria destas mulheres, na ocasião da pesquisa para o projeto, era ativa no ramo da prostituição, com filhos e/ou netos para sustentar, prestações para pagar e histórias de ex-maridos violentos. Enquanto algumas delas sonhavam com um casamento ou ao menos um homem – um velho – que as tirasse das ruas, outras afirmavam deles não precisar.

Entretanto, algo ali se dava a ver aos olhos da etnógrafa, algo que precisava ser decifrado: as ruas do centro da cidade. Lugar de trabalho, de exercício de uma profissão com a qual proviam o seu sustento e o de sua prole. Ainda, o centro da cidade como um ponto comum, um local onde o exercício do anonimato lhes permita criar uma multiplicidade de manobras para o exercício de sua atividade profissional. Por outro lado, um território dividido por mapas de orientação distintos, dependendo de como me fosse permitido entrar nas suas redes do comércio sexual. Lentamente, fui me dando conta da presença de diferenças no ritmo da vida urbana e na criação das formas de ocupação dos espaços pelas prostitutas de rua, diferente das que atuavam no espaço da boate<sup>20</sup>.

---

<sup>19</sup> Apenas para mencionar, uma vez que tratarei mais adiante, o fato de ter um cafetão coloca as Profissionais do sexo, numa situação de pouco prestígio em relação às colegas da profissão, muitas tentam esconder esta condição.

<sup>20</sup> Quando menciono “boate” me refiro a uma miríade de espaços que se destinam a atividade da prostituição, sem necessariamente me referir apenas ao conceito boate.

No cenário das boates nasce e cresce uma figura feminina de poder – a gerente – contratada pelo proprietário. Uma mulher, que em princípio, não se prostitui. O que não significa que já não o tenha feito, pois ela está ali para atender a alta rotatividade de profissionais, preservando assim, a boa frequência masculina na “casa”. Nas ruas existe a figura feminina e com poder da “dona do ponto”, que atinge este status, entre outras habilidades, por sua antiguidade e, geralmente, possui uma clientela fixa. Cabe a ela o estabelecimento da demarcação e da defesa de seu lugar, muitas vezes protegido e guardado, a partir de uma experiência de conflitos com algumas colegas de profissão, com policiais, etc. Todas elas, sem exceção, classificavam sua atividade como uma profissão de risco. Como conta Ivone, prostituta da rua Conselheiro Mafra: *a qualquer momento uma camisinha dessas pode estourar e podemos pegar uma doença!, Nossa profissão é uma profissão de risco!*

Mulheres “da vida”, “mulheres públicas”, experientes e experimentadas nas ruas, sabiam qual programa evitar para não levar um “calote”, ou ainda, quando arriscar exigir “*algum serviço a mais*”, não acordado inicialmente. Acima de tudo, mulheres que compartilham uma metrópole a partir de muitas entradas e saídas, mas que, se ouvidas juntas, nos permitem pensar a memória do campo social da prostituição em Florianópolis.

Foi assim que cheguei ao tema desta tese. Ao reunir minha formação em antropologia e a competência no exercício de suas ferramentas metodológicas, obtidas junto ao NIGS (diários de campo, caderno de notas, observação participante, entrevistas não-diretivas, etc.), e conciliando-as com as exigências de obtenção de dados quantitativos do projeto durante o tempo da pesquisa, consegui sistematizar um razoável acervo de dados etnográficos sobre o tema da prostituição feminina na capital do Estado de Santa Catarina.

Acervo documental que se mostrou de grande utilidade no momento em que optei por alterar o objeto e tema de minha tese de doutorado, passando a me dedicar ao estudo das trajetórias sociais e dos itinerários urbanos de prostitutas no contexto do comércio sexual na região central da cidade de Florianópolis. Uma opção que representava pensar o campo social da prostituição desde a perspectiva do estudo das formas de sociabilidade das modernas sociedades complexas, aproximando-me assim dos trabalhos de pesquisa desenvolvidos pela Profa. Ana Luíza Carvalho da Rocha.

Assim, seguindo novas orientações, retomei meus registros de pesquisa no sentido de retirar desse acervo de documentos as questões relevantes para a tese de doutorado e que poderiam me conduzir a uma nova inserção no campo. A retomada dos dados da pesquisa realizada nos anos de 2002 e 2003 se seguiu a minha primeira etapa de pesquisa no final de 2006. Da avaliação dos dados dessas duas etapas resultou a reestruturação de meu projeto de doutorado, com a escolha dos territórios de comércio sexual que seriam pesquisados e com a delimitação das redes sociais atuantes na área central de Florianópolis.

Foi neste momento da pesquisa que conheci Márcia<sup>21</sup>, 54 anos, ex-profissional do sexo, voluntária do GAPA, que tornou-se mais tarde a principal interlocutora desta tese, protagonista que, que muito será citada no decorrer da do texto.

De início, em 2002, Márcia não participou diretamente, mas foi uma importante referência no sentido de indicar locais de prostituição na cidade, além de intermediar e acompanhar algumas das entrevistas mais significantes. De volta, nos anos de 2007 e 2008, assim como em momentos pontuais de 2009, foram de intenso trabalho de campo, com incursões regulares aos territórios de prostituição e de trocas com a rede social de profissionais do sexo por mim selecionados para a etnografia.

Na tentativa de pensar a complexidade do campo social da prostituição em Florianópolis é que apresento, a seguir, a estrutura da tese, no sentido de convidar o leitor a tentar compreender os meandros de sua argumentação, que está dividida em três partes, cada qual reunindo dois capítulos.

Na Parte I, 'Por entre elas, nas ruas de Florianópolis', no primeiro capítulo 'As adoções e adesões metodológicas em campo', procuro situar o recorte metodológico que adotei ao longo de minha pesquisa. Esse fato exigiu uma reaproximação diferenciada do meu antigo universo de pesquisa, agora, cada vez mais dirigido para a realização de uma etnografia de rua nos moldes apregoados por C. Eckert e Ana Luiza Carvalho da Rocha (2001), para a compreensão das distintas territorialidades que o comércio sexual instaura nas grandes metrópoles contemporâneas.

---

<sup>21</sup> Ainda que a prática da prostituição, principalmente a de rua, aqui descrita acabe por situar seus profissionais da esfera pública de algumas regiões do centro de Florianópolis, todos os nomes das entrevistadas e entrevistados mencionados no corpo da tese tiveram seus nomes alterados num esforço de manter em sigilo suas identidades.

Em particular, tratou-se de um desafio que exigiu da pesquisadora a habilidade de construir técnicas de pesquisa sobre práticas sexuais no contexto dos espaços públicos da cidade a que pertencia. Isso envolveu certa perícia em conseguir cruzar fronteiras simbólicas para estabelecer diálogos com outros grupos, cujas práticas sexuais diferenciam-se da minha, e de resgatar suas falas sobre a cidade em que vivem, a partir de como nelas sobrevivem através do trabalho com seu corpo. Uma vez que são grupos sociais cujas práticas, cada vez mais, adquirem visibilidade política na defesa de seus direitos de cidadãos.

No Capítulo II, ‘O espaço urbano contemporâneo sob a ótica das práticas sexuais’ percorro as influências, para os estudos das práticas sexuais mercantis que empreendo na tese, dos postulados da ecologia urbana protagonizada pelos integrantes da Escola de Chicago (WIRTH, 1976, FOOTE-WHITE, 2005), bem como, da perspectiva antropológica das sociedades complexas (VELHO, 1999), na tentativa de um entendimento da prostituição como parte de uma memória coletiva e socialmente significativa para a cidade de Florianópolis.

Neste sentido, adoto o lugar de narradora autorizada e proponho nesta tese a reflexão sobre o campo social da prostituição no contexto das metrópoles contemporâneas, que é o caso de Florianópolis, através de uma narrativa ordenada de maneira não-cronológica.

Sendo assim, assumo os estudos da e na cidade a partir de uma lógica ordenada, bem como das intrigas vividas por seus habitantes, pois como afirma P. Ricoeur (1994,104) “a intriga transforma os acontecimentos em história”. Em outras palavras, o sentido dado nas narrativas aqui descritas, não foi pelos acontecimentos, mas pelas intrigas.

Na Parte II, Mães de família, esposas, prostitutas e avós na metrópole contemporânea, que incluem o terceiro capítulo cujo título é: A cidade de Florianópolis e os dramas sociais dos desregramentos da carne. Aqui proponho uma viagem no tempo, levando às últimas conseqüências a intenção de recriar as antigas ambiências do comércio sexual em Florianópolis<sup>22</sup>, a partir das intervenções urbanas que ali transcorreram na tentativa de eliminá-las do patrimônio da cultural urbana local.

---

<sup>22</sup> Florianópolis é uma cidade considerada de médio porte com 282 anos e, de acordo com o último censo (2005), conta com 396 mil habitantes.

Para esta tarefa de restauro de uma ambiência de outrora, usufruindo da condição de antropóloga-narradora, tal como sugerido por C. Eckert & ALC da Rocha (2005), assim, valho-me de fotografias antigas, de alguns relatos de cronistas, de teses e dissertação de historiadores, de geógrafos e de antropólogos que vêm pesquisando o tema em questão.

O apoio nesta literatura força o olhar etnográfico a ampliar sua visão sobre a prostituição, como, por exemplo, na autobiografia de Gabriela Leite (1992), na pesquisa de Gilberto Dimenstein (1994), que investigou o tráfico de meninas no interior do Brasil, e também, no último romance do colombiano Gabriel Garcia Márquez, “Memórias de minhas putas tristes”. Neste viés, são ricos os detalhes sobre os centros urbanos percebidos tanto no texto de Gabriela Leite (1992) como no de Martins (2003).

Neste capítulo, a cidade se torna uma quase protagonista da história que eu ouvia, olhava, e, por conseguinte, lia (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2006). Em outras palavras, as pessoas com quem conversava me apresentavam suas experiências e a de outras que por ali haviam passado. Lentamente, tornavam-se personagens no vai e vem deste lugar (LEITE, 2004), onde estas cenas narradas de longo tempo, naquele mesmo lugar, atraíam minha atenção e, convidavam a uma reflexão mais apurada. Afinal, por que nesta região?

Complementando este esforço de narrar<sup>23</sup> a prostituição de outros tempos e suas territorialidades, apresento dados etnográficos recolhidos de uma aventura minha com uma de minhas parceiras de pesquisa, Márcia, na Vila Palmira, onde, através de suas lembranças e recordações na região, procuro refletir sobre a sua importância para a memória coletiva da prostituição na cidade.

Finalmente, no esforço de pensar tais territorialidades ao longo do tempo, apresento uma cartografia<sup>24</sup> desta região da cidade, para melhor compreender sua feição complexa e diferenciada, envolvendo territorialidades de outras populações investigadas na época da tese e composta por michês, gays, lésbicas, assim como dos usuários de drogas injetáveis.

---

<sup>23</sup> Aqui me alio a Ricouer (1994, 15) quando destaca que: “O tempo torna-se tempo humano na medida em que está sendo articulado de modo narrativo; em compensação, a narrativa é significativa na medida em que esboça os traços da experiência temporal”.

<sup>24</sup> Para os limites da tese as referências de dados etnográficos para a construção da cartografia do comércio sexual nos espaços centrais da cidade, tomo por base a pesquisa na ONG BEMFAM no ano de 2002, embora tenha sofrido algumas alterações neste trabalho.

No Capítulo IV, ‘Redes sociais e a rua como acontecimento: lugares fluxos e itinerários’, o esforço da escrita da tese se dá no sentido de apresentar as redes sociais que percorri ao longo de meu trabalho de campo e que configuram uma parte expressiva do comércio sexual em Florianópolis, composta por mulheres que atuaram e atuam nas ruas e/ou nas “boates”, oriundas do interior dos estados de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná. A intenção é descrever o complexo conjunto de relações sociais em que estão situadas as minhas interlocutoras de pesquisa, as hierarquias e os conflitos que entrelaçam suas vidas, mas que as posiciona diferencialmente em seus territórios de trabalho, o “ponto”. Seguindo as redes sociais, apresento uma cartografia do universo mais amplo de minha pesquisa, incorporando o período em que estive realizando este trabalho, formado por um total de mais de 20 interlocutores, a saber: as profissionais do sexo, ex-profissionais do sexo, clientes, ex-garçons de boate, michês e travestis. Uma cartografia que aponta para um circuito de comércio sexual, no interior do qual estão (ou estiveram) inseridas as minhas parceiras de pesquisa.

Tratam-se, assim, de redes sociais construídas na e pela cidade, com determinadas fronteiras simbólicas elaboradas no seu cotidiano: (1) pela interação entre prostitutas e outras categorias de profissionais do sexo que circulam na cidade; (2) em razão da demarcação de fronteiras culturais acionadas pelas políticas públicas de revitalização e imposta a outros lugares da área central de Florianópolis; (3) pelo percurso que caracteriza a regulação das práticas sexuais acionadas por elas e seus clientes e finalmente; (4) pelos riscos inerentes ao ato de estar na rua como parte de sua prática profissional, e que lhes impõem os prazeres do mundo, o uso do corpo e o gozo do sexo distante da proteção da família conjugal, acoplando-se a isto sua maior exposição aos abusos, aos maus-tratos e a sujeição a doenças sexualmente transmissíveis<sup>25</sup>.

Na Parte III, ‘Práticas sexuais e corporais na metrópole contemporânea’, que insere o quinto capítulo: ‘A vida dando giros – trajetórias sociais, itinerários urbanos e cenas da vida cotidiana’, apresento as parcerias de pesquisa constituídas em termos dialógicos<sup>26</sup>, em que procuro refletir sobre a carreira na prostituição como integrando

---

<sup>25</sup> Deste ponto em diante usarei a sigla DST's

<sup>26</sup> Adoto aqui o sentido que Crapanzano (1988:60) dá a palavra: “O diálogo é um modo cultural e historicamente definido de conceber certas transações verbais e tem enquanto tem uma força retórica considerável”. Ao mesmo tempo também remeto a Foote-Whyte (2005) com sua experiência de observação participante no bairro de imigrantes italianos em Boston.

opções e escolhas, mais ou menos dramáticas, de inserção no mundo do trabalho das grandes metrópoles.

Neste sentido, longe de uma abordagem vitimizadora da figura da prostituta, procuro ressaltar que a prática do sexo mercantil contempla diferentes estilos de vida e visões de mundo, abarcando, por sua vez, diferentes processos de construção de subjetividades, fenômeno característico dos processos de fragmentação de domínios que moldam, nas modernas sociedades complexas, o processo de ocupação. Tomo como paradigmático a descrição das trajetórias sociais e dos itinerários urbanos de três das minhas principais interlocutoras, a partir das quais me foi permitido conhecer as redes atuantes no comércio sexual em Florianópolis.

É relevante destacar que a cidade aparece, aqui, como testemunha das suas vidas vividas na prostituição e são, a partir dos itinerários em seus territórios, que suas vidas, pessoal e profissional, narradas, num ritmo que procura acomodar sua trajetória individual na carreira de prostituta. A cidade se inscreve na vida dessas mulheres da mesma forma que suas vidas no comércio sexual as inscreve em cada um de seus cantos, ruas, praças ou largos. Na linha do que afirmam as autoras C. Eckert & ALC da Rocha (2000, 8), “a Cidade, em sua polissemia, torna-se o testemunho dos seus jogos da memória” e é nos seus espaços que minhas parceiras de pesquisa, ao narrarem sua trajetória na profissão, “colam” sua existência, inserindo tais lugares no “próprio ritmo construído no corpo da duração de biografias de vida.”

Finalizando, no Capítulo VI, ‘Das ONG’S às práticas sexuais nas ruas da cidade’, procuro pensar o campo social da prostituição no Brasil e sua agenda política, na constituição dos movimentos sociais e nas ONG’s que investiguei, tendo como contraponto minha experiência etnográfica de quatro meses em Paris, principalmente junto ao grupo de pesquisadores nos seminários quinzenais da professora Elisabeth Handman (minha tutora no estágio *sandwich*), alguns pertencentes à instituição “Associação Les Amis du Bus de Femmes”.

A proposta do capítulo é a de trazer uma reflexão inicial para o campo social da prostituição, que tem sido, cada vez mais, objeto de políticas públicas nos dois países. Sob este aspecto, reunir obras e autores preocupados com o resgate da palavra das prostitutas sobre a cidade na cidade pode corroborar para a melhoria das diretrizes de tais políticas de acomodação social, ajustando-as à realidade de suas

trajetórias sociais e dos percursos históricos de tais grupos nas cidades brasileiras.

Focalizando na cidade de Florianópolis, de relevância para a tese, temos a dissertação de Pereira (1996), defendida no PPGH<sup>27</sup>/UFSC, de Gugik (2001), defendida no PPGPS<sup>28</sup>/UFSC e Nonnenmacher (2002) que a partir do PPGH<sup>29</sup>/UFSC, investigou o centro histórico da cidade de Florianópolis, especialmente a rua Conselheiro Mafra, que antes conduzia ao cais do porto da cidade.

Outros trabalhos também se mostraram relevantes, como a tese de Córdova, no DICH<sup>30</sup>/UFSC sobre três gerações de homossexuais que freqüentaram alguns circuitos no centro da cidade de Florianópolis e que sugere um mapa de ocupação destes grupos a partir da década de 40, largamente utilizado na confecção de minha cartografia. Cito ainda dois trabalhos desenvolvidos no PPGAS/UFSC. O primeiro deles é sobre a corporalidade das *drag queens* no centro da cidade de Florianópolis, realizado por Vencato (2002). O segundo é a pesquisa desenvolvida por Silva (2003) que investiga o carnaval GLS de Florianópolis que ocupa determinado pedaço no centro da cidade. Territórios semelhantes ao verificado em pesquisa de Cordova (2006) e Vencato (2002). Trata-se de toda uma bibliografia que pode ser cotejada com a pesquisa, na França, de Catherine Deschamps nos arredores de Paris entre os anos de 2002 e 2005, nos famosos parques de Bologne e de Vincennes, além de alguns outros locais que margeiam a cidade de Paris.

Estudo em que a autora discute a complexidade da prostituição urbana contemporânea a partir do espaço público, da circulação de dinheiro e dos corpos. Nesta pesquisa de campo, a autora<sup>31</sup> descreve as práticas de manutenção dos espaços de prostituição, a hierarquia e o aprendizado do viver na rua, assim como a astúcia no desvendar as armadilhas dos riscos que estas profissionais experimentam na rua. Em todas estas situações de campo, a pesquisadora deixa claro o fato de que o território da prostituição ultrapassa os metros quadrados das calçadas ou do fazer o *trottoir*<sup>32</sup>.

Finalizando, essa apresentação, gostaria de lembrar que a escrita dessa tese é uma tentativa de “um alargamento do universo do discurso

---

<sup>27</sup> Programa de Pós-Graduação em História.

<sup>28</sup> Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social.

<sup>29</sup> Programa de Pós-Graduação em História.

<sup>30</sup> Doutorado Interdisciplinar Em Ciências Humanas.

<sup>31</sup> Agradeço a professora Miriam Grossi a indicação e empréstimo do livro.

<sup>32</sup> Aqueles que se oferecem nas calçadas.

humano”, não com a intenção de tornar-me uma nativa, mas de olhar o seu mundo a partir “de seus ombros” (GEERTZ, 1989:24).

Neste sentido, esta tese pretende contribuir para a compreensão dos deslocamentos e itinerários dos grupos urbanos em Florianópolis, buscando preencher uma lacuna nos estudos etnográficos sobre as práticas sexuais nas grandes cidades brasileiras, por meio do estudo das trajetórias sociais e narrativas biográficas das profissionais do sexo<sup>33</sup>, partindo de suas experiências no complexo teatro da vida urbana contemporânea<sup>34</sup>.

---

<sup>33</sup> Este termo, “Profissionais do Sexo”, ou ainda, “Trabalhadores do Sexo”, é um termo usado nas ONG’s para diminuir a discriminação que a palavra prostituta traz consigo, ou ainda, segundo Martins (2003, p 43) “(...) do ponto de vista político é uma forma de incorporar esta população à noção de cidadania, pelo conceito de trabalho”. Quanto à adoção do termo será determinado ao longo do trabalho de campo, profissional do sexo e para a atividade usarei prostituição..

<sup>34</sup> Sobre a discussão da antropologia contemporânea e pesquisa em sociedades complexas, ver Velho (1999), Goldman (1999), Peirano (1995).

**PARTE I**

**POR ENTRE ELAS, NAS RUAS DE FLORIANÓPOLIS**

## CAPÍTULO I

### ADOÇÕES E ADESÕES METODOLÓGICAS EM CAMPO

*“Aquele ali também faz programa, ela é profissional!”* (Márcia, março de 2007).

#### 1.1 - Introdução

Para a condução da pesquisa de campo de minha tese em um universo multissituado, abordando espaços urbanos diversos, nos quais atuam as profissionais do sexo com quem travei contato em minha etnografia na cidade de Florianópolis, procurei me apoiar em uma série de técnicas e procedimentos de pesquisa, originados da tradição antropológica.

A primeira delas, obviamente, é a do trabalho de campo, inerente à constituição do ser antropólogo e que se desdobrou em três momentos distintos, diante de minha inserção progressiva em um conjunto de redes sociais das profissionais<sup>35</sup>, que resultou na escolha de algumas delas para compor os dados etnográficos de minha tese de doutorado.

Cronologicamente, o meu trabalho de campo inicia-se no ano de 2002, prolongando-se até o ano 2003, quando ainda não tinha pretensões de realizar uma tese de doutorado sobre um tema que envolveria populações urbanas em situação de vulnerabilidade.

O segundo momento transcorreu entre os anos de 2006 e 2007, quando (já no doutorado) acontece a troca de orientação: da Professora. Miriam Pillar Grossi, para a Professora. Ana Luiza Carvalho da Rocha. Com isso, os temas dos itinerários urbanos das formas de sociabilidade envolvendo o trabalho das profissionais do sexo nas cidades contemporâneas passam a ter relevância nos recortes de meu objeto de pesquisa.

Por fim, num terceiro instante, que se passa no ano de 2008, em que há um retorno pontual ao trabalho de campo, para refinar dados

---

<sup>35</sup> ‘Profissional’ foi uma expressão muito ouvida em campo, especialmente das mulheres próximas as ONG’s. Uma categoria êmica que passei a adotar em campo.

etnográficos que haviam sido deixados para trás, ou que haviam sido pouco dimensionados no meu trabalho de pesquisa anterior.

Dessa forma, vale aqui mencionar as escolhas dos três instantes do campo. O primeiro, como acima referido, ocorreu entre 2002 e meados de 2003, quando coordenava junto a ONG BEMFAM, uma pesquisa com o título “Análise de Demandas por Ações de Prevenção de HIV/Aids no Sul do Brasil”. Período no qual mapeei a cidade na busca dos grupos para as entrevistas que aconteciam, em grande parte e curiosamente, nos espaços das regiões centrais da cidade, ocasião em que passei a me interrogar sobre o porquê daqueles agrupamentos naquela região.

O segundo momento da pesquisa de campo ocorreu durante os anos de 2006 e 2007, período para avaliar o trabalho inicial de reconhecer o campo e alinhar novamente os contatos já realizados e organizados na pesquisa anterior. Nesse momento da pesquisa no doutorado, optei em trabalhar ao lado das ONG's GAPA<sup>36</sup> e Estrela Guia<sup>37</sup>, pois ambas são responsáveis por projetos que envolvem as profissionais do sexo nas regiões analisadas

Este foi o tempo de avaliar e catalogar as redes sociais de prostituição de rua da cidade, bem como, reorganizar o mapeamento ético-moral das regiões investigadas no espaço central da cidade de Florianópolis.

O terceiro passo da investigação aconteceu em meados de 2008, após o período de (estudos) sanduíche em Paris. Foi um retorno interessante, visto que havia consolidado meu lugar nas redes de prostituição da cidade. Nesse retorno, pretendi a compreensão de outras questões, as quais garantiram contornos mais precisos no tocante às narrativas biográficas e trajetórias sociais destas mulheres, neste cenário da cidade moderno-contemporânea. Estas questões eram acompanhadas por Márcia, uma assistente de pesquisa (a época coordenadora de projetos de prostituição na ONG GAPA) e principal interlocutora desta tese.

---

36 “O Grupo de Apoio e Prevenção à Aids (Gapa) foi criado em 1985, em São Paulo, por iniciativa de vários atores: militantes de esquerda, pessoas ligadas ao movimento homossexual, advogados, intelectuais e médicos que atuavam no programa estadual de atenção à Aids. Esse movimento celebrizou um novo tipo de discurso com a campanha "Transe numa boa". Também fundou o primeiro serviço de assessoria jurídica para pessoas com HIV/Aids, que serviu de modelo para outras entidades, constituindo um campo de atuação que posteriormente foi consolidado como advocacy” (RAMOS, 2004; 4)

<sup>37</sup> A ONG Estrela Guia foi fundada em fins de 2002, a conheci, pois é uma dissidência da ONG Instituto Arco-Íris.

Em cada um desses instantes, que ordenaram e ritmaram a construção de minha tese, a fidelidade à ferramenta da etnografia se manteve presente, sempre inspirada no sentido inaugurado por Malinowski a este método. Não poderia me portar de outra forma, face à importância deste método para a formação do campo disciplinar da Antropologia. Em particular, penso ser esclarecedora e oportuna a asserção do autor para o caso deste trabalho e que consta da introdução do livro “A vida sexual dos selvagens<sup>38</sup>: (...) para explicar fatos estranhos, é necessário traduzi-los primeiramente em fatos que nos sejam familiares” (MALINOWSKI, 1983, 22).

Assim, atenta aos significados desta afirmação na pesquisa antropológica nos contextos das sociedades complexas, foi este o caminho etnográfico que me propus a percorrer nesta tese.

## **1. 2 - A pesquisa com as profissionais do sexo no contexto metropolitano**

Precisamente, por ser uma pesquisa etnográfica no contexto metropolitano, procurei abordar outros autores que, influenciados pelos métodos da etnologia clássica, refletiam sobre a sua utilização para o estudo das próprias sociedades. Autores estes que transpuseram a tradição da prática do trabalho de campo nos grandes centros urbanos e que, posteriormente, passaram a ser os expoentes da denominada Escola de Sociologia de Chicago<sup>39</sup>.

Em muitos destes estudos, a pesquisa etnográfica alia-se às idéias de Geog Simmel (1976) sobre a dinâmica das formas urbanas, fato que conduz a pensar as grandes metrópoles moderno-contemporâneas a partir do reconhecimento das interações cotidianas e trajetórias sociais dos seus habitantes.

Segundo Pettonet (1987, 1, 2), é nessa mesma perspectiva, que o antropólogo Franz Boas, desde 1928, incentivava seus alunos a pensar as relações entre Etnologia e o mundo moderno, sendo por sua

---

<sup>38</sup> Bronislaw Malinowski. A vida sexual dos selvagens do Noroeste da Melanésia: descrição etnográfica do namoro, do casamento e da vida de família entre nativos das Ilhas de Trobriand. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1983.

<sup>39</sup> A Escola de Sociologia da Universidade de Chicago é a fundadora dos estudos sobre cidade. Seu surgimento deu-se face a inquietação de uma nova Chicago no início do século XX, com a imigração que acontecia em número nunca antes vistos em alguns bairros da cidade (WIRTH, 1928; PETTONET, 1987).

influência que Ruth Benedict (1946), ao longo da Segunda Grande Guerra, realiza o seu trabalho sobre a cultura japonesa no mundo contemporâneo.

Em ambos os casos, aqui citados como inspiração para o meu trabalho de tese – as pesquisas da Escola de Chicago e os estudos de F. Boas – os saberes e fazeres antropológicos nos moldes clássicos, quando transpostos para a compreensão do mundo contemporâneo, promovem uma renovação nas técnicas e nos procedimentos de pesquisa na e da cidade, dando origem a um campo disciplinar específico, no caso da matriz disciplinar da Antropologia (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1988) – o da antropologia urbana ou das sociedades complexas (VELHO, 1999).

Em especial, para o caso do tema e do objeto desta tese, resalto a produção de E. Park (1976), com suas reflexões sobre a distinção moral nas regiões e feições da cidade e a de Foote-Whyte (2005) em sua brilhante pesquisa de campo em Connerville, autores que me orientaram na realização de muitos de meus exercícios etnográficos em ruas, bairros e esquinas de Florianópolis, por vezes difíceis e dolorosos, durante minha pesquisa de campo.

Outro autor importante da Escola de Chicago, cujos instrumentos de pesquisa influenciaram a feitura dessa tese foi o americano Oscar Lewis (1963). A leitura de sua obra *Les enfants de Sanchez: Autobiographie d'une famille mexicaine*, ofereceu sugestões e questionamentos para uma determinada aproximação à diversidade de universos simbólicos que uma grande metrópole reúne em seu interior. A forma como o autor lança mão de histórias de vida e genealogias para pensar seu universo de pesquisa foi, para o meu caso, inspiradora.

Em terras brasileiras, em especial, na condução de uma proposta de etnografia junto às mulheres profissionais do sexo em Florianópolis, a inspiração foram os estudos de G. Velho (1973, 1994, 1999,) e de seus princípios norteadores de pesquisa nas ditas sociedades complexas urbano-industriais<sup>40</sup>. As produções etnográficas de H. Silva (1993) e de M. D. Gaspar (1985) foram aqui importantes fontes de influência pela forma como ambos revelaram o processo de inserção durante o trabalho de campo com grupos e/ou indivíduos sujeitos a

---

<sup>40</sup> Segundo este autor (1994,14): “umas das principais características das sociedades complexas – a coexistência de diferentes estilos de vida e visões de mundo”. Aqui me refiro também ao entendimento apontado em Geertz (1989, 143) sobre visões de mundo: “Aspectos cognitivos, existenciais” e “(...) quadro que elabora das coisas como elas são na simples realidade, seu conceito da natureza, de si mesmo, da sociedade.” (idem, 144)

processos de discriminação e estigmatização social (GOFFMANN, 1999; BECKER, 1977), expressando em seus estudos os procedimentos éticos necessários para estabelecimento de um diálogo cultural que reúna o etnógrafo aos seus sujeitos de pesquisa.

É preciso também destacar a importância desta bibliografia no modo de interpretar as apropriações de minhas interlocutoras nos espaços públicos de uma cidade e a lógica de seus percursos, sempre atenta as suas formas de traçar estes percursos numa grande cidade como parte de sua profissão e, por conseguinte, na forma como o corpo e a sexualidade, elaborada no interior do *métier*, se revela uma complexa teia de significados (GEERTZ, 1989).

A essa linhagem de estudos etnográficos no contexto das grandes metrópoles, local em que as questões do corpo e da sexualidade ganham destaque, gostaria de acrescentar outros autores, cujos estudos das formas urbanas influenciaram o modo como conduzi o meu trabalho de campo com as mulheres profissionais do sexo de rua em Florianópolis, - A. Moles e E. Rohmer (1982, 7) e a perspectiva do espaço como lugar de cotidianidade - que me autorizaram a investir numa abordagem fenomenológica para a realização de uma etnografia de seus espaços de sociabilidade. Os conceitos de “micro-evento” e da cidade como “labirintos do vivido” auxiliaram no processo de cartografar os lugares onde esta profissão era exercida e na compreensão das formas de apropriação de ruas, esquinas, bancos, praças e calçadas por minhas interlocutoras.

Ainda na perspectiva de descrição densa (GEERTZ, 1989) do espaço vivido pelas profissionais do sexo em Florianópolis, a obra destes autores (MOLES & ROHMER, 1982) permitiu acessar um processo de cartografias de itinerários urbanos e de formas de sociabilidade das suas redes sociais do ponto de vista dos seus territórios de trabalho enquanto espaços “como identificação com o mundo” (MOLES & ROHMER, 1982, 8).

Ao problematizar a polêmica dos topos “aqui e lá”, a perspectiva da fenomenologia do espaço aplicada aos procedimentos de mapeamento de redes sociais em determinados territórios urbanos auxiliaram nos cuidados em torno de meu posicionamento epistemológico em campo.

Nesse sentido, as falas de minhas interlocutoras sobre as ruas, calçadas e esquinas, lugares superexpostos (VIRILIO, 1993), muitas vezes também, aludidos como não-lugares, ou lugares de passagem

(AUGÉ, 2005), presos ao anonimato (SANSOT, 1982) das cidades, se revelaram aos meus olhos como centro do mundo.

Por meio destes lugares minhas interlocutoras se situavam no mundo, relacionando, desde estes pontos, os seres e as coisas ao seu redor em relação a elas mesmas. Mas, ao mesmo tempo em que elas se vêem e se situam na cidade a partir destes territórios de atuação profissional, é desde aí que elas acabam falando de um “lá” referido à trajetória social e aos itinerários urbanos no *métier*.

Disto decorre o desafio que propus na minha etnografia ao dialogar com minhas interlocutoras em outros espaços-lugares da cidade, que não apenas o seu ponto “ali” na rua, mas para tentar compreender, partindo de suas narrativas biográficas, outros olhares, outras falas sobre a cidade de Florianópolis.

Deste modo, acompanhar os deslocamentos de algumas destas interlocutoras ao longo de trajetos da memória pelas ruas da área central de Florianópolis, principalmente com aquelas com quem construí laços de cumplicidade e parceira mais fortes, seguindo Moles (1982), significou para mim a descoberta de sua rede social, uma vez que, como espaço vivido, o indivíduo no contexto metropolitano nunca, ou raramente, está só.

Segundo este autor, o indivíduo está sempre em algum lugar, situado cotidianamente sob o olhar de um outro e com este outro, ou outros, manifesta suas intenções, seja ela qual for. Seja na intenção de atravessar uma rua rumo ao desconhecido, ou em qualquer outra, é necessário, como ele mesmo coloca: "ter uma razão razoável" (MOLES & ROHMER, 1982: 22).

Essa influência de uma fenomenologia do espaço no processo de cartografia de redes sociais de mulheres profissionais do sexo de rua num contexto metropolitano, sem dúvida, revela a necessidade de uma técnica singular de pesquisa nas modernas sociedades complexas, que explore exatamente os fluxos de seus habitantes em determinados territórios.

Refiro-me aqui aos trabalhos de Eckert e Rocha (2005), as quais ao projetarem a realização de etnografias de rua, refletem sobre a vida nas metrópoles contemporâneas a partir das trajetórias sociais e dos itinerários urbanos dos seus habitantes e dos laços simbólicos que, no tempo, organizam seu pertencimento a certos lugares em detrimento de outros. Uma perspectiva que enlaça a proposta de M. De Certeau (1994), sobre a “memória dos passos perdidos” e o sentido da “caminhada” para

a pesquisa das grandes cidades desde as práticas cotidianas dos seus moradores.

Também em diálogo com esta técnica, me aproximei dos estudos de J. G. Magnani (2000) e dos conceitos de ‘mancha’ e de ‘pedaço’, para pensar as formas espaciais concretas nas quais as profissionais do sexo exercem seu *métier*, uma útil ferramenta de descoberta dos usos que a cidade apresenta para elas.

Sem dúvida que a adoção de alguns desses procedimentos de pesquisa mencionados acima fortaleceram minha ação durante o trabalho de campo, no sentido de realizar minha pesquisa com as profissionais do sexo em Florianópolis, seus territórios de trabalho e seus pertencimentos a determinadas instituições de defesa de seus direitos, nos moldes singulares do trabalho de E. Both (1976) com redes sociais.

Muito embora esta pesquisadora tenha elaborado um trabalho no sentido inverso ao meu universo de pesquisa, ou seja, uma pesquisa que desenhou uma abordagem teórica interessante sobre a família na Inglaterra dos anos 50, mediada pelos diferentes papéis sociais que os cônjuges desempenhavam em seus núcleos sociais. Certamente, uma proposta diferente da composição das redes sociais que essa tese trata e que delimitou outros contornos para meu estudo. O trabalho de Both (1976), sob este ângulo, foi-me, por estas razões, esclarecedor.

Também, orientada por comentários metodológicos esboçados por G. Velho (1973) em sua pesquisa no Edifício Estrela, no bairro de Copacabana, o qual lança mão da fenomenologia do espaço, entrelaçada a perspectiva dos estudos de rede social me conduziram pouco a pouco a evitar abordagens redutoras das trajetórias sociais de minhas interlocutoras. A experiência social de trabalho de campo deveria me conduzir ao abandono, nestes termos, das categorias classificatórias que reduziam a profissional do sexo ao emblema de “prostituta das ruas da cidade”.

Deste modo, essa tese resulta, em algumas passagens, do detalhamento dos espaços vividos por mim e minhas interlocutoras na região central da cidade, na intenção explícita de cartografar / mapear as redes sociais<sup>41</sup> que estas desenham nos seus territórios de vida urbana, sempre atenta às formas outras de suas interações sociais (amigos,

---

<sup>41</sup> Faz-se útil esclarecer que a rede social pode ser desenhada a partir do parentesco, da vizinhança, portanto de outras relações. Em outras palavras, a composição de uma rede social, permite múltiplas conformações.

clientes, parentes, vizinhos, conhecidos, etc.), seguida de perto pelas observações de Max Gluckman (1976, 21) sobre a amizade, na introdução a obra de E. Both (1976): “Uma mera amizade não é suficiente como meio de ligar as pessoas numa rede”.

Seguramente, estes cuidados durante o trabalho de campo me ajudaram a perceber outras dimensões organizadoras do universo simbólico da prostituição numa grande metrópole, como será abordado ao longo da tese.

Ainda, neste raciocínio, os estudos de L. Lomnitz (2001) me orientaram também a compreender o sentido das relações hierárquicas de trabalho mediadas pelas categorias sociais de prestígio, e status na delimitação de lugares e espaços entre as profissionais do sexo com quem manteve contato.

Deste modo é a partir de uma relação de hierarquia interna ao sistema de trabalho das profissionais do sexo nos territórios da cidade, que procuro descrever o lugar de cada uma de minhas interlocutoras no interior de um sistema de relações. Esta é uma interrogação que tenho por pretensão expandir, no caso da escrita da tese, para o estudo de suas narrativas biográficas (ECKERT, 2001), tanto quanto para a cartografia de seus itinerários no contexto da vida cidadina local e de suas trajetórias sociais inscritas nestes mesmos espaços.

Essa perspectiva dos estudos de rede social nos termos dos estudos mais recentes de L. Lomintz (2001) permitiu compreender o fluxo das migrações internas destas mulheres de cidades de pequeno porte no estado de Santa Catarina, algumas próximas da capital, de Florianópolis e sua região metropolitana. Muito embora não seja o objetivo da tese, a descrição dos processos de migração no interior das redes sociais estudadas e sua expressão na memória do trabalho das profissionais do sexo, estes processos permitiram acessar os laços que as ligavam entre si e, especialmente, a coesão social destas protagonistas com as famílias de seus maridos ou companheiros.

Durante a realização da etnografia, procurei observar a forma dos laços estreitos tecidos entre as profissionais do sexo na cidade numa ampla e extensa rede social, na qual todas se conheciam de alguma maneira, muitas vezes num vínculo estabelecido pela solidariedade<sup>42</sup> de sua condição na rua, de esquina, de calçada. Aparentemente tendo iniciado com um universo de pesquisa homogêneo, o estudo das redes

---

<sup>42</sup>Categoria importante de análise que será mais discutido adiante, também observado no estudo de Assis/2007 no caso de emigrações internacionais, de brasileiros rumo aos Estados Unidos.

sociais me permitiu dar a devida atenção aos arranjos sociais que as hierarquias internas entre elas constrói, segundo certas determinações de prestígio, visões de mundo, estilos de vida, e entre outros arranjos da vida social.

Neste sentido, o objetivo de minha investigação sobre itinerários urbanos e trajetórias sociais de profissionais do sexo em Florianópolis traz como referência os estudos dos interacionistas. Face à constante preocupação em me situar nas interações sociais que minhas interlocutoras mantinham com seus clientes, parentes e amigos, uma vez que nesta perspectiva, como aponta Velho (2005) ao comentar Foote-Whyte (2005) na abertura de “Sociedade da Esquina”, “os indivíduos, não são pensados “como mônadas isoladas, mas como sujeitos ativos, atuando dentro das redes e grupos sociais”, num processo contínuo de mudança e reinvenção da vida social”.

Um aspecto fundamental da prática de trabalho de campo entre as mulheres investigadas residiu precisamente no ato de me deslocar com elas pela cidade, num movimento de contínua interação com determinados territórios, e participar dos deslocamentos sociais e espaciais incessantes que a sua profissão exigia na direção de seus possíveis futuros clientes ou mesmo na manutenção dos antigos.

A aplicação dos procedimentos oriundos da técnica de construção de redes sociais em sincronia com os do mapeamento cartográfico de seus espaços de sociabilidade durante o trabalho de campo apresentou inúmeras vantagens diante do entendimento de um universo de pesquisa multifacetado, exigindo de mim, como etnógrafa, uma reflexão apurada das interações tecidas pelas profissionais do sexo com a cidade moderna.

Nesse intenso cruzamento entre processos de fragmentação e totalização, vividos por minhas interlocutoras durante o exercício de sua profissão e fenômeno tão característico das sociedades complexas, como nos lembra G. Velho (1994) foi que os estudos de memória começaram a influenciar a minha prática etnográfica. Acompanhando os fluxos de minhas interlocutoras na área central de Florianópolis, ouvindo suas memórias da prostituição em certos lugares da cidade, restaurando parte de suas trajetórias sociais de deslocamento para a capital e de suas narrativas biográficas sobre como adotaram essa profissão para viver, iniciei um processo de interrogação sobre a presença de uma memória da prostituição a ser pensada como parte de meus estudos.

Através de uma pergunta que remonta a linha do pensamento simmeliano, meu trabalho de campo se ampliou na tentativa de responder as razões simbólicas que mantêm ativa essa forma de vida social em determinados territórios de Florianópolis e não em outros. Ou seja, começava uma longa caminhada intelectual no sentido de responder como, afinal, ao longo dos anos essas formas sociais decorrentes das relações das profissionais do sexo com seus clientes e com a cidade se mantêm? (SIMMEL, 1896-1897)

Um dos pontos de ancoragem deste estudo é, portanto, o estudo mais denso das narrativas biográficas de minhas interlocutoras, as quais, acopladas às técnicas de etnografia de rua, da observação participante, e do sistema organizacional das redes sociais das profissionais do sexo, me orientaram no sentido de compreender os jogos da memória da prostituição no interior das formas de sociabilidade que estes tecem entre si, a cidade e seus clientes.

Apoiada no tecido complexo das redes sociais de minhas interlocutoras, eu reconheci o que R. P. LEITE (2004) denomina de “os contra-usos da cidade”, na medida em que eu me tornava, ao lado delas, mais uma personagem da cena social que ligava as profissionais do sexo a certos espaços sociais da vida metropolitana, em Florianópolis.

Assim, fui percebendo a relevância de se refletir não apenas sobre códigos éticos-morais, mas também sobre o sistema de valores e de práticas sociais que criam as formas de sociabilidade destas mulheres com seus clientes e cafetões, e mesmo entre elas.

Neste ponto, tratava-se de dirigir minha etnografia para o estudo da memória destes lugares. Lugares que apareciam marcados no mapa das lembranças que minhas interlocutoras possuíam da sua profissão na vida urbana local, desde alguns anos ocupando este espaço.

Assim, a memória da prostituição na cidade de Florianópolis e seus caminhos na lascívia despontavam não como parte do turismo sexual local, mas tratavam de espaços ocupados, de espaços praticados (DE CERTEAU, 1996), na noção de um lugar habitado no mundo (IDEM, 1996), bem distante da idéia de não-lugares (AUGÉ, 2005).

E, novamente, a pesquisa de Foote Whyte (2005) foi-me inspiradora, principalmente por guiar, nessa tese, uma reflexão acerca dos contornos das relações de prestígio, “coladas” a certos espaços urbanos. Ou como escreve o autor, nas “esquinas”, em suas feições de agregação da vida social em torno de certas experiências coletivas. Territórios de disputa e conflito entre os *outsiders* e os estabelecidos

(ELIAS, 2000), mas cujo jogo de interações, especialmente, funda o social para além da luta pela subsistência.

### **1. 3 - A entrada em campo, negociando trocas sociais**

Os dilemas relatados por Foote-Whyte (2005) em sua obra, ora aderindo aos dramas vividos por seus interlocutores, ora se distanciando deles, numa clara não adesão aos conflitos internos às redes sociais investigadas, me ensinaram sobre importância do etnógrafo, em campo, negociar sua identidade de pesquisador em situação de trabalho de campo, assim como, a importância de avaliar os riscos, tanto de sua admissão quanto exclusão, nas redes sociais por ele pesquisadas. Situações singulares que foram algumas vezes decisivas para a minha permanência nas redes sociais e, por consequência, da continuidade da pesquisa.

Uma inserção que foi negociada durante muito tempo dentro de certas redes sociais com as quais convivi, até me decidir por aquelas que fariam parte de minha tese de doutorado.

Obviamente, tratava-se de uma inserção em campo, no qual a própria forma como me apresentava a estas mulheres exigia bons momentos de ponderação sobre o sentido dos laços sociais que procurava manter com minhas interlocutoras durante este período, especialmente quando ainda me encontrava sob a "proteção" das instituições em que algumas delas atuavam.

Trago aqui um fragmento do diário do meu primeiro dia "oficial" em campo, nas ruas da área central de Florianópolis. Era em torno das 19 horas de uma quinta-feira santa e estávamos eu, Ana (coordenadora da ONG Estrela Guia) e Kelly (travesti voluntária dessa mesma ONG)<sup>43</sup>:

No caminho Ana Paula se perguntava como me apresentaria. As três, então começaram a dar sugestões. "Porque as gurias não gostam de pesquisadores, nem de serem entrevistadas" disse Ana, ainda complementa, com as mais próximas poderia explicar de outra maneira. "Mas, assim com todas nessa primeira vez teríamos que pensar!". Deixei que elas decidissem, eu queria era conhecer melhor o campo... E conversando, atravessamos a praça XV, seguimos para a

---

<sup>43</sup> Usávamos coletes de tecido de cor alaranjado escrito nas costas "Agentes de Saúde".

Conselheiro Mafra. Ana Paula e Kelly perguntaram o que eu já tinha feito, falei que tinha entrado em todas essas boates da Conselheiro na época da pesquisa. Ana disse que viu no meu projeto e queria saber o que eu tinha encontrado no centro. Expliquei o mapa e as redes, ela ficou interessada. Perguntei como elas chamam estas mulheres: se de meninas, gurias, profissionais, prostitutas ou putas. Ana fala que elas não gostam de ser chamadas de prostitutas, mas sim de profissionais. Falei pra elas daquele grupo na França que quer ser chamado de puta. Ana acha um horror, as duas na verdade. Falei então da ONG da Gabriela Leite que reivindica uma categoria de puta. Ana Paula disse que a Gabriela “fez a cabeça” de algumas e que agora anda por aí dizendo que todas querem. Mas ela não acredita que seja verdade. Para ela “Putá é palavrão e é pejorativo”. Repeti que gostaria muito que ela lesse o meu projeto pra gente trocar informações e discutir. Ela então diz que vai ler no fim de semana.

Finalmente decidiram que me apresentariam como nova voluntária da ONG, que está na faculdade, num trabalho pra tentar melhorar a vida das profissionais. Eu sugeri que talvez fosse melhor falar assim: uma nova voluntária que faz um trabalho sobre a memória das profissionais do sexo na cidade. Ana disse que seria mais difícil, porque muitas não sabem nem ler ou escrever e outras ainda não iriam entender, iriam achar que eu vou ficar fazendo perguntas sobre a vida delas. Se era assim, eu concordei... (Diário de campo, Abril de 2007)

Torna-se evidente que minha entrada em campo estava sendo mediada por outras profissionais do sexo com suas colegas de trabalho, a partir de sua inserção na ONG que, a par de minhas intenções de pesquisa, procuravam traduzir minha identidade social para seus pares, freando as minhas expectativas iniciais de autonomia e liberdade no interior da rede social na qual atuavam. Anteriormente a esta saída de

campo<sup>44</sup>, tinha me preocupado em marcar uma reunião<sup>45</sup> com minhas interlocutoras iniciais de pesquisa, momento em que expliquei detalhadamente meu projeto e minha proposta de pesquisa, levando comigo uma cópia do projeto, para que ficasse arquivado junto a ONG.

Assim, o trabalho de campo começava de uma forma totalmente diferente daquela que havia sido projetada inicialmente por mim. Para esta ONG, eu era uma pesquisadora, cujos objetivos estavam claros e delineados. Mas para aquelas, com as quais elas atuavam e que me esforçava por travar contato, eu deveria ocupar um lugar, segundo elas, de preferência, de fácil acesso semântico. Ao menos, nestes primeiros contatos formais<sup>46</sup>, a obediência a esta regra foi fundamental para que um clima de confiança entre nós fosse consolidado. No que tange ao encontro de perspectivas (o meu e o das investigadas) este fato representou meu processo de conversão “ao campo”

Afastava-me, assim, da conduta característica dos interacionistas, como Foote-Whyte (2005) e Goffman (1999), que em suas pesquisas procuram se disfarçar de “nativo”, até certo ponto fingindo integrar-se a cena social etnografada, não deixando claros seus reais interesses, para explorar uma situação dúbia que, muitas vezes, o campo pode nos impor inicialmente, mas contra a qual, posteriormente, procurei me contrapor. Como deixa claro L. R. Cardoso de Oliveira () ao pensar sobre ética em Foote-Whyte (2005):

Se a idéia de participação total e a estratégia de fingir papéis em 1937 são de difícil legitimação, na atualidade são de grande preocupação com os direitos do sujeito da pesquisa e com a dimensão ética das relações estabelecidas pelo pesquisador em campo.

Ciente de toda a complexidade envolvendo a ação dos antropólogos em suas pesquisas de campo no contexto das sociedades, esta cena inicial de pesquisa me alertava para as medidas necessárias que deveria adotar para “verdadeiramente”, me colocar em campo.

---

<sup>44</sup> Que sucederam a outras saídas de campo em outros horários.

<sup>45</sup> Encontro gentilmente intermediado pela colega antropóloga Fernanda Cardozo, a quem agradeço imensamente.

<sup>46</sup> Faz-se necessário esclarecer que antes desses encontros formalizados via esta ONG Estrela Guia em particular, eu já havia observado estes grupos em horários e dias variados. Com a ONG GAPA meu contato já estava estabelecido, a partir de outras conformações que serão mais adiante explicitadas.

Neste caso, a leitura de publicações recentes da Associação Brasileira de Antropologia, tais como, *Direitos Humanos: temas e perspectivas* de Novaes (Org.) (2001), *Antropologia e direitos humanos 2* de Kant de Lima (org) (2001), *Antropologia Extramuros: novas responsabilidades e Políticas dos antropólogos* de Gláucia Silva (2008), *Antropologia e Direitos Humanos 4* de Grossi, Heilborn e Machado (orgs.) (2006), *Política e Cotidiano: estudos antropológicos sobre família, gênero e sexualidade* de Grossi & Schwade (2006), foram, neste particular, fundamentais para instruir a forma como iria proceder minha entrada em campo.

No meu caso específico, era evidente que os 'nativos' com quem estava entrando em contato eram mulheres, em sua maioria, cientes de seus direitos<sup>47</sup>, principalmente, pela forma como o trabalho das ONG's no contexto urbano de Florianópolis transcorriam no sentido de aproveitar todas as oportunidades de informar às profissionais do sexo atuantes na região metropolitana seus direitos e deveres enquanto cidadãs.

Nesse contexto, é possível até afirmar que o 'braço' do Estado chega de certa forma até essas mulheres. Por essa constatação compreende-se uma visibilidade na medida em que existe a inclusão da atividade da profissional do sexo na CBO<sup>48</sup>:

A Classificação Brasileira de Ocupações - CBO, instituída por portaria ministerial nº. 397, de 9 de outubro de 2002, tem por finalidade a identificação das ocupações no mercado de trabalho, para fins classificatórios junto aos registros administrativos e domiciliares. Os efeitos de uniformização pretendida pela Classificação Brasileira de Ocupações são de ordem administrativa e não se estendem as relações de trabalho. Já a regulamentação da profissão, diferentemente da CBO é realizada por meio de lei, cuja apreciação é feita pelo Congresso Nacional, por meio de seus Deputados e Senadores, e levada à sanção do Presidente da República.

---

<sup>47</sup> A maioria das mulheres com as quais conversei conheciam as recentes conquistas femininas como a lei Maria da Penha, também as DEAMS (Delegacias das Mulheres), o uso dos preservativos, informações sobre as DST'S.

<sup>48</sup> In: [www.mtecbo.gov.br](http://www.mtecbo.gov.br)

Desse modo, bastante atenta aos comentários de L. F. Cardoso de Oliveira e de toda uma literatura recente sobre o tema, no caso da Antropologia brasileira, fui sendo apresentada a várias redes sociais de mulheres que trabalhavam como prostitutas na capital, sempre preocupada na adoção de um lugar que passava a desempenhar junto às ONG's, apostando que a performance de um papel social, se bem conduzido, me levaria a uma troca social de experiências com minhas interlocutoras, até o momento de poder me desvincular destes laços, para, finalmente, ocupar outro espaço em suas vidas.

A minha contrapartida às ONG's por este processo seria o retorno dos frutos de minha pesquisa acadêmica<sup>49</sup>. Nestes termos assim ajustados, iniciamos nosso diálogo e parceria.

Se por um lado, na relação com ONG's, esta situação parecia resolver meus dramas ético-morais, por outro, cada vez mais se colocava como fato a urgência de ultrapassar este papel. A forma como construía o meu lugar entre as mulheres da rua, mesmo sabendo que mais pessoas vindas de outras instituições e com ações sociais diferentes circulavam por ali, me envolvia numa ainda mais nebulosa estrutura de relações, que encadeavam intrigas, tramas, desacordos e rancores.

Refiro-me aqui, no caso, às categorias de prestígio na prostituição que acontece na rua e com a qual tive que esgrimir, para adentrar ao campo e que envolviam minhas aprendizagens em saber lidar com minhas interlocutoras. Estas vão desde as questões geracionais, de antiguidade no ponto, passando pela clientela (maior, mas especialmente a fixa), até a discricção, asseio pessoal, uso de drogas, ter ou não a figura do cafetão e, claro, a empatia pela colega.

Mas nada se compara com o que vivi em campo ao ser submetida à apreciação das redes sociais segundo, por exemplo, a distinção eletiva do pertencimento, em meu campo, a este ou aquele espaço na cidade.

Neste caso, a máxima “me digas com quem andas que te direi quem és” poderia ter sido adaptada aos processos de negociação de entrada em campo ao “me diga de que lugar és, que te direi quem és”.

A necessidade inicial de conhecer os territórios por mim percorridos na tentativa de desmontar o ‘caos aparente’ do desenho de

---

<sup>49</sup> É também preciso esclarecer que ambas as ONG's com as quais trabalhei tiveram diferentes atuações. Com a Estrela Guia meu contato iniciou em março de 2007, já com o GAPA o contato era antigo, mas o reinício da relação para a pesquisa do doutorado foi em novembro de 2006.

suas formas sociais e das hierarquias criadas no interior das redes sociais com que entrava em contato se tornava, a cada dia, mais premente, assim como a cada dia tentava fazer avançar meu trabalho de campo autonomamente.

Dessa maneira, percebi que, para conseguir resultados teria que investir numa outra chave de entrada em campo rapidamente, uma vez que a técnica da etnografia de rua para seu aproveitamento pleno implica “a exploração dos espaços urbanos a serem investigados através do ‘sem destino fixo’ nos seus territórios” (ECKERT & ROCHA, 2001, 6).

Este passo – ou caminho – de reconhecimento das intrigas das ruas significou uma cautela de minha parte nos contatos com minhas interlocutoras no interior de suas redes sociais. Passadas algumas semanas de meu trabalho de campo para o doutorado, a partir dos contatos com ONG’s, comecei a esboçar uma estratégia de permanência ali nas redes, o que acabou por manifestar as feições singulares das formas sociais que eram tecidas no seu interior e que acabavam possibilitando reconhecer a tonalidade singular de cada uma delas no interior de seus espaços de sociabilidade.

Nesse aspecto, pensando na forma de se situar no trabalho de campo de O Lewis (1963) em sua obra *Les fils de Sanches*, quando o autor declara não ter lançado mão de nenhuma “arma secreta para obter os dados mais íntimos de seus informantes” e que apenas se valeu dos instrumentos mais eficazes da Antropologia que são “a simpatia e a compaixão por aqueles que estudamos” (1963, 24), optei por este lugar e tentei afastar-me de um interesse meramente profissional por minhas interlocutoras, na tentativa franca de estabelecer com elas, no interior de suas redes sociais, laços de parceria que pudessem ir além da produção dos dados etnográficos de minha tese.

Sem dúvida, reconheço que este é um dos riscos a que todo o antropólogo está submetido quando experimenta uma ferramenta em campo que compreende uma intensa aproximação com seus sujeitos de pesquisa. Refiro-me aqui, em particular, a adesão, nesta tese, aos estudos de narrativas biográficas, cuja razão de ser reside neste ‘estar perto’ dos nossos interlocutores e de seus dramas, compartilhando seus sonhos e decepções, suas lembranças e esquecimentos, seus conflitos.

Por outro, me refiro à observação participante, através da etnografia de rua, que fez com que, cotidianamente, eu dividisse com as profissionais do sexo sua experiência de trabalho na rua. Este aspecto

tornou difícil, para mim, em determinados momentos da pesquisa, manter uma atitude distanciada, ou até mesmo, de um não-envolvimento pelo sofrimento de suas condições de vulnerabilidade e risco, situação de pesquisa pouco explorada e igualmente pouco resolvida nos textos antropológicos.

Este é de fato um ponto crucial, especialmente quando se trata de um campo em que as pessoas envolvidas possuem recursos materiais tão escassos. Uma dificuldade que exige do etnógrafo, nos momentos difíceis pelos quais passam as prostitutas das ruas da cidade na sua labuta, uma serenidade para que não se transforme num ‘militante’.

Romper o silêncio sobre certas situações sociais discriminadoras e discriminantes, com base da construção de laços de solidariedade e confiança com minhas interlocutoras, não foi apenas uma etapa de minha pesquisa de campo. Era preciso atravessar as barreiras sociais e culturais que nos separavam, para restituir nossas diferenças no interior de outras formas de troca social e de diálogo cultural.

Assim como havia transcorrido com a antropóloga francesa de origem árabe, Jeanne Favret Saada (1981), o campo “chegou” até a mim às avessas. Aprendia o sentido do trabalho da prostituta numa grande metrópole, não só nas fronteiras culturais que me separavam da forma como minhas interlocutoras viviam a cidade, em suas condições de sexo e de gênero, mas naquilo que podia me fazer, na situação de rua, passar por elas. Em outra condição, se perguntada diretamente sobre seu trabalho nas ruas, seus itinerários e percursos, apenas ouvia delas comentários e respostas que negociavam com clichês sobre a figura da prostituta.

Uma situação que, recorrentemente, me fazia lembrar a experiência acima citada, quando a autora, ao investigar a bruxaria no interior da França, em meados de 1969, apenas escutava das pessoas que a crença havia desaparecido há bastante tempo. Entretanto, a partir de acontecimentos desagradáveis em sua vida pessoal (desde doenças na família, até carro com problemas mecânicos), “lidos” pela comunidade como sinal de feitiçaria, é que ela definitivamente vai se colocar “em campo”. Após o diagnóstico de “enfeitiçada”, o universo da bruxaria revela-se, e ela se torna uma pertença à comunidade, sendo a ela atribuída, inclusive, a capacidade reconhecida de desfazer encantos.

Semelhante ao que ocorrera com a atitude de O. Lewis (1963) em seu trabalho de campo, foi a presença de Favret-Saada (1981) como

corpo estranho fragilizado diante da comunidade pesquisada que a conduziu ao interior do fenômeno que ela investigava. Um e outro não procuravam disfarçar suas diferenças diante dos seus interlocutores de pesquisa, fato que os levou a serem “contaminados” pelo próprio fenômeno que desejavam compreender. Ambos tornaram-se, de certo modo, perigosamente próximos aos nativos, ao mergulhar no universo de sentidos de seus sujeitos de pesquisa.

Minha entrada livre e autônoma em campo transcorreu, portanto, mais próxima daquela vivida por ambos os autores, ao daquela vivida por Foote-Whyte (2005), em seus esforços fracassados no sentido de comportar-se – mas, sobretudo, de parecer – um ‘rapaz da esquina’, na ilusão de integrar-se totalmente ao grupo.

Minha intenção, ao separar-me das ações das ONG’s junto às redes sociais das profissionais do sexo foi a de encontrar um lugar para mim entre elas e com elas, não exatamente o lugar do outro, visto que este nunca será meu pela própria tarefa de investigar.

O que buscava, finalmente, era deixar-me afetar pelo campo, do melhor e do pior que ele poderia me oferecer. Evidentemente que essa situação dependia de minha competência em aceitar este outro diferente de mim, assim como, aceitá-lo em mim. Não aderi ao trabalho da prostituição em minha pesquisa de campo, mas fui lentamente afetada pelas experiências de campo compartilhada nas ruas, esquinas e calçadas com minhas interlocutoras.

Nos termos de M. Peirano (1995), fui, silenciosamente, abordada pelo acaso desta prática de estar na rua sobre a qual pensava ter o controle. Sem disfarçar meu lugar de etnógrafa neófito no ramo dos estudos de prostituição, fui, inúmeras vezes, colocada (ou me coloquei), ‘quase sem querer’, no universo de risco das minhas interlocutoras. Sendo que um “acaso” (IDEM, 1995) abriu a possibilidade de uma interpretação dos seus relatos de vida desde outro lugar, redimensionando, com isso, as fronteiras simbólicas e as regiões morais (PARK, 1976) da prática da prostituição no centro da cidade.

Aqui vale o esclarecimento de R.P. Leite (2004, 286) em relação às fronteiras *movediças* do espaço urbano:

Os lugares urbanos têm fronteiras, mas elas não são necessariamente fixas e muito menos dadas: são construídas socialmente e negociadas cotidianamente com outros lugares no complexo processo de interação pública, através do qual

afirmam suas singularidades, emergem conflitos, dissensões e, eventualmente, consensos.

Assim, numa tentativa de compreensão deste terreno urbano *movediço* e sorrateiro, minha entrada iniciática no “feitiço do campo” deu-se à calada em uma das saídas de campo, durante uma conversa com Denise<sup>50</sup>, que se prostituía numa rua mais tranqüila (Conselheiro Mafra), nas proximidades do centro, diferente do excesso de ruídos de ruas próximas ao Largo da Alfândega e aceitando, sem problemas, a presença do gravador para registro de nossas conversas ali mesmo na rua<sup>51</sup>:

D: (...) É, daí eu vim aqui, outra me botou na quadra e falou pra elas que eu tinha que ficar aqui e tô até hoje aqui

J: E tu ficas aqui? Se alguém também quiser vir aqui tem que pedir pra ti?

D: é...

J: Agora tu que é a dona da quadra?

D: Aqui é meu ponto né... aqui não fica mais mulher nenhuma, a não ser as que já tão aqui. Mas agora eu to precisando de mais mulher pra bota aí... Tu sabe? Tu que anda.? Não? depois eu falo contigo sobre isso...

J: tá.... Porque, tá precisando?

D: Porque se tiver?... mas depois eu te falo.....

J: Pode falar....

D: ..... Porque o movimento assim fica ruim agora pra gente que não tem muita mulher, e se tiver mais mulher aqui na quadra - só tamo com três - se tiver mais guria aqui no ponto chama mais homem....

J: Mas, já teve mais mulher aqui, né?

D: Já, já teve muita, muita... Mas acabaram, muitas casaram, outras morreram, outras arrumaram homem, saíram, outras foram trabalhar. Porque a prostituição já não dá mais

---

<sup>50</sup> Tem 28 anos, é casada, seu marido é a par de suas atividade, ela tem um filho de 15 anos de uma antigo relacionamento.

<sup>51</sup> Denise aceitou participar da pesquisa, desde que a entrevistasse apenas uma vez por semana, não mais, para não atrapalhar seu serviço. Quando aparecia ela me dizia: “E aí? Trouxe as perguntas?”. No entanto, a rua em que trabalhava tornou-se parte do meu trajeto para idas ao centro, então falava com ela e sua colega sempre que ia ao centro, às vezes, por duas oportunidades, no mesmo dia.

dinheiro como antes, né? Eu vou ficar aqui mais uns três aninhos, mas depois também já.... já vou sair fora. Não quero ficar velha aqui na Conselheiro Mafra...

(Diário de campo, Junho de 2007)

Neste diálogo, Denise evita deixar-se gravar quando dizia estar “precisando de mulher”, preferindo abordar comigo apenas as “questões do dia”, reservando para o término da entrevista e, por conseguinte da gravação, o seu pedido / desabafo. Nesse momento, ao “acaso”, me descubro pensando que, como mais uma mulher no “ponto”, eu poderia tornar o ambiente mais desejável, assim como poderia, por outras vias, ajudá-la a incrementar os fregueses<sup>52</sup>, arrumando “umas mulheres” para ela, no exercício da condição de cafetina.

Em inúmeras situações públicas, me deixei jogar o jogo destas formas sociais, a da cafetina/pesquisadora e seu cortejo de mulheres. Obviamente uma situação de risco que me foi proposta para o “estar ali” entre minhas interlocutoras e que poderia ter recuado e recusado a oferta, mas aceitei nos interior dos jogos que se passam na rua. Ao aceitar a provocação, fui introduzida nas regras de manutenção das formas do social no interior das redes sociais das profissionais do sexo que pesquisava.

Assim, em um dia de minha pesquisa de campo, no Largo da Alfândega, estava em conversas com Betina, que reclamava do movimento que “ali estava fraco e tal<sup>53</sup>”. Aproveitei e sugeri que procurasse Denise na Conselheiro, pois “*ela havia me falado que lá precisavam de mulher*”. Inclusive, recomendei a ela que dissesse que tinha *falado comigo*. Na ocasião, me vi numa teia consciente com a situação vivida por Betina, me envolvendo na busca de soluções para seus problemas com clientes e fregueses sem saber exatamente quais seriam as conseqüências no interior das disputas das redes sociais de ambas.

A suspeita oriunda da etnografia de rua na área central de Florianópolis, a respeito de um valor agregado a alguns dos seus espaços pela freqüência de profissionais do sexo aos seus territórios, se confirmaria em outros episódios presenciados por mim, nas redes sociais por onde circulava.

---

<sup>52</sup> Vale aqui mencionar que não tive contato com os clientes de minhas interlocutoras.

<sup>53</sup> Mais adiante, em campo, lendo os diários, percebi ser uma espécie de iniciação de narrativa, a reclamação, a ‘queixa’ do pouco movimento.

#### 1.4 - Uma experiência iniciática em campo

A rua Conselheiro Mafra é linear, longa e estreita, cruzada por ruelas tranqüilas que a cortam até certa altura. Mais adiante, quando se aproxima do centro e termina na central Praça XV de Novembro, na fronteira com o Largo da Alfândega, ela é rodeada por inúmeras lojas de roupas, tecidos, magazines, ambulantes, vendedores e pedestres transeuntes. Ao longo desta rua, um mundo inteiro se constrói e se revela aos olhos curiosos da etnógrafa.

No início ou no fim da rua (depende de onde vem o passante<sup>54</sup>) a circulação de carros fica proibida, possibilitando a livre circulação dos pedestres. Nesta rua sobrevivem ainda muitos sobrados do século XIX, protegidos pelo poder público municipal que faz de uma destas edificações sua sede desde 2004.

No imaginário da comunidade urbana de Florianópolis “a Conselheiro”, como é chamada essa rua para os mais íntimos, foi sempre reconhecida na memória coletiva por abrigar inúmeras “casas de tolerância” (NONNENMACHER, 2002; FERRARI, 2008, PEREIRA, 1996). Com ainda, algumas prostitutas resistem ao tempo, exercem ali sua profissão, alugando dormitórios que servem como locais de seus programas.

Num movimento semelhante, algumas mulheres mais novas na profissão também circulam por ali, marcando o lugar por um tempo específico: o fazer o ponto. Uma delas é Denise, acima citada, ela “batalha” no local há dez anos e, como diz: “Sou nova de vida, mas velha de putaria!”

O final da Conselheiro Mafra abriga um comércio de pequenos bares e lanchonetes a preços acessíveis, lojas de peças para fogão e geladeira, uma farmácia de manipulação, roupas da moda e bazares de todos os tipos. Um lugar singular que, segundo a opinião de algumas de minhas primeiras interlocutoras que “faziam ponto” em frente, e com as quais mantive contato por um certo tempo de minha etnografia: “Aqui é discreto, não é lugar de passagem, só vem aqui quem precisa de alguma coisa mesmo!”

Uma rua atrelada a um passado tradicional de vida coletiva da cidade, quando ali ao lado, estreitava seus limites com o antigo porto, local reconhecido pelos habitantes de Florianópolis com a “zona de prostituição”, mas diferenciado, em termos de prestígio, pelas redes de

---

<sup>54</sup> Para o entendimento do leitor desta tese, tratarei como início da rua Conselheiro Mafra os limites com a Praça XV de Novembro.

profissionais do sexo do espaço Largo da Alfândega, ocupado pelas “mulheres da Alfândega”, um território que apresenta um movimento intenso de pessoas ao longo do dia.

Durante o trabalho de campo, a etnografia de rua acoplada à observação participante entre as redes sociais de minhas interlocutoras, me permitiu a descoberta progressiva de uma hierarquia de territórios de sociabilidade na região central da cidade.

No entanto, situações de conflito, no sentido descrito por Simmel, (2003) em que o conflito é fundante do social, é como esta descoberta transcorria em campo. Ao contrário do que normalmente se pensa, de que a descoberta do social transcorre durante o perfeito funcionamento das normas sociais e das regras institucionais, a aprendizagem dos padrões de conduta, dos códigos éticos-morais, dos sistemas de práticas e das visões de mundo de minhas interlocutoras, sempre transcorriam, para mim, na condição de etnógrafa, em situações-limite, onde o conflito era presente.

Os conflitos eram vividos entres as redes sociais, pela disputa por determinados espaços, entre elas e seus clientes ou fregueses, entre elas e os sistemas de controle social, entre elas e eu, e obviamente, o pior de todos os conflitos, eu comigo mesma. Portanto, era através da dimensão conflitante que passei, com elas, a redesenhar a cidade sob outra ordem, a do trabalho das profissionais do sexo, que eu não teria visualizado sem o meu envolvimento neste conflito.

Apresento aqui um fragmento de meu diário de campo que é capaz de restituir parte deste processo de consolidação de minha entrada em campo. A situação descrita acompanha o extrato de meus escritos já apresentados anteriormente.

A cena social engatilhada com Denise perdeu silenciosa por pouco tempo. Mais adiante, motivada por algumas perguntas minhas, ela volta a me falar de mais outra “semana de questões”. Ao final da entrevista, provoco-a quanto à questão do movimento e das mulheres que ela desejava para aquecer o ponto, e me surpreendo com a resposta. Denise explica que o ‘movimento dali’ estava muito fraco. Eu pergunto se ainda não conseguiu nenhuma mulher. Ela então fala que umas ‘mulheres da Alfândega’ foram até lá, mas ela não quer ‘mulher da Alfândega’ ali. “Porque o preço delas lá é muito baixo!” E continua: “Lá elas cobram

muito barato” Ia baixar o preço dela. E justifica que as mulheres de lá eram manjadas, ela queria mulher mais jovem, pra chamar freguesia. Depois fiquei pensando na Betina que não me falou que foi falar com a Denise. Nem que falou pra outras mulheres. Será que me envolvi em confusão? Pode ser... Hoje falei com a Betina<sup>55</sup> e ela me pediu dinheiro emprestado para almoçar. Dei e não lembrei de perguntar. Vou fazer isso amanhã... (Diário de campo, Julho de 2007)

No dia seguinte às minhas anotações de campo, retorno às ruas, e encontro Betina no largo da Alfândega, na fronteira com a rua Conselheiro Mafra, numa área de maior movimento da cidade, e pergunto se ela havia falado com Denise. Ela responde afirmativamente, confirmando o que Denise me falara, de que “elas não gostam de mulheres da Alfândega lá!”. Diante de sua resposta, comento com ela da minha surpresa pela existência dessas hierarquias no interior dos espaços urbanos onde trabalham, e ela me confessa que, ela própria, desconhecia o fato.

Na ocasião, temi perder Betina<sup>56</sup> como uma de minhas interlocutoras, devido a esta minha intervenção desajeitada no interior das redes sociais que atuam no centro da cidade, fato que não se confirmou.

Entretanto, ficara sem saber quem eram as mulheres que teriam ido conversar com Denise na rua Conselheiro Mafra, pois a este assunto se seguiram outros e o tempo foi passando, o tempo, ‘senhor do campo’, ajeitou o caso.

Situações como essa relatada aqui foram fundamentais para meu posicionamento em campo, ainda que tenham me colocado em situação de vulnerabilidade e de risco em muitos desses momentos. Isso representa a presença de um código ético-moral entre as profissionais do sexo e suas redes pelo controle de certos territórios no seu trabalho.

Ainda, as situações de conflito vivida entre elas, me colocava no interior da vida cotidiana do grupo, facilitada pelo fato de ser mulher, jovem, de outra classe social, (potencialmente, disponível para o trabalho), de sair e entrar nas redes sociais (gerando muitas vezes

---

<sup>55</sup> Betina será brevemente apresentada aqui.

<sup>56</sup> Perderia esta interlocutora e outras, que por conseqüência, compunham sua rede.

suspeitas entre elas) além estar aqui e lá fazendo perguntas. Estava sempre por ali conversando e querendo saber de suas vidas.

Desse modo que o exercício da etnografia se tornava um exercício de operar com o conflito como espaço de negociação de identidades sociais.

Isso fica evidente na seqüência de fatos que foram desencadeados desde o conflito que relatei acima e que acreditava ter sido eu, a etnógrafa, o motivo de todo o drama que se desenrolou a seguir.

Mais tarde, ainda naquela manhã em que haviam transcorrido as minhas confusões envolvendo Betina e Denise, e suas redes sociais em disputa por territórios de “batalha”, encontrei Zeila<sup>57</sup> que me avisa: “umas mulheres querem te pegar”. Para deixar claro que não estava brincando comigo e que as ameaças deveriam ser levadas a sério, passa a exemplificar o código ético-moral que criavam regiões morais no interior das redes de prostituição, na área central de Florianópolis, com os relatos detalhados de uma série de eventos violentos<sup>58</sup> que haviam acontecido por ali, envolvendo *outsiders* e estabelecidos (ELIAS & SCOTSON, 2000).

Assustada, procuro manter a calma (e, hoje, ainda me indago se por acaso consegui dissimular minhas preocupações) e ouço atentamente o relato, precioso em detalhes, na tentativa de responder às ameaças (afinal, porque Zeila havia me contado?). Teria ela contato direto com estas mulheres? Estaria ela passando-me um recado? Se a resposta fosse positiva, ela poderia retornar a elas com uma resposta minha? Assim, ensaio uma resposta na tentativa de sair ilesa da situação. Estando as duas ali, sentadas num dos bancos da Alfândega, abordo o tema de minha pesquisa como argumento para permanecer ali e nada temer em termos de represálias ou retaliações. Ela, aparentemente, compreende meu lugar, mas, mesmo após minha insistência, não disse quem “ali queria me pegar”, e manda que eu sente em outro lugar - mais adiante, aponta, “não ali onde se faz programa”. Eu obedeço e passo a me sentar sempre naquele lugar.

Esta situação de conflito me permitiu estreitar os laços com outra das redes sociais na região e aproveito, mais tarde, para falar com

---

<sup>57</sup> Esta interlocutora será em breve apresentada.

<sup>58</sup> Um dos eventos violentos narrados por Zeila: “Ali, em frente feira a fulana deu uma *camaçada de pau* numa que apareceu aqui e pegou seu cliente de anos! Uma que nunca tinha vindo aqui...”

Denise sobre este assunto, para conhecer mais as razões de ordem prática e simbólica de tais disputas de territórios que organizam as redes sociais em determinados espaços, segundo critérios hierárquicos no interior do próprio trabalho que elas realizam nas ruas:

Encontrei Denise e falei da história das mulheres da Alfândega que ‘queriam me pegar’. Ela falou o seguinte: “São mulheres de favela, de morro, sem classe. Não sei como é que você vai lá, elas não valem nada, por isso que não quero nenhuma delas por aqui... o programa delas é de cinco reais. E a Nádia”, retrucou. “A Nádia é uma mentirosa, não acredite em nada do que ela diz. Eu soube que ela andou falando mal da gente aqui pros clientes. Eu vou começar a espalhar que ela tem HIV, ela vai ver só. Por isso que eu não quero mulher da Alfândega aqui, elas não têm classe, arrumam briga! Eu dou um pau nelas se elas aparecerem aqui!!!” Em seguida Denise diz que eu deveria ficar ali e não mais falar com “elas” da Alfândega. Vou esperar a situação se acalmar, pois pretendo continuar a frequentar ambos os lugares, agora com mais cautela, ocupando espaço, como recomendado por Zeila no canto da Alfândega.” (Diário de campo, Julho de 2007)

Aos poucos, através destas experiências de conflito com minhas interlocutoras e delas entre si, envolvendo suas práticas sociais, seus sistemas de valores, seus padrões de conduta, seus códigos ético-morais quanto à profissão de “prostituta”, começaram a aparecer questionamentos, sempre intimamente associados aos seus espaços de labuta. Tais conflitos foram me remetendo às evidências de diferenças internas no interior de meu universo de pesquisa, gerando, entre as profissionais do sexo e seus espaços de sociabilidade, classificações internas quanto ao status, ao prestígio social e ao poder que estas redes detêm umas em relação às outras e por meio das quais se apropriam dos espaços da cidade, segundo certos itinerários.

É óbvio que, o tema do conflito como fundamento instaurador de minha aceitação em campo e a atitude de cautela em campo ao lidar com as disputas no interior das redes sociais de minhas interlocutoras, se colocou de forma mais aguda após minhas tentativas de abandonar o

apadrinhamento das duas ONG's. Minha presença entre as profissionais do sexo despertava inúmeras perguntas entre elas. Eu era, de fato, uma figura ambígua. As mulheres me viam circulando ora na companhia da representante de uma ONG, ora me encontravam na sede de outra. Em distintas situações de campo, me dava conta de que era alvo do olhar atento e discreto, quando conversava com uma ou outra garota na rua, ou mesmo solitária sentada nos bancos do Largo da Alfândega, observando o movimento de longe, ou ainda, quando caminhava pelas ruas.

Retorno à expressão de Jeanne Favret Saada (1981), ser 'afetada pelo campo', pelo fato de ter sido, de certa maneira, 'poluída' pela rua. O conflito vivido com as mulheres da Alfândega deslocou-me, finalmente, durante minha pesquisa de campo, para um outro lugar. Afinal, não era mais apenas uma passante. Os inúmeros conflitos vividos no momento de minha adesão ao campo foram, certamente, uma chave de entrada na experiência cotidiana da "batalha" que as profissionais do sexo realizam nas esquinas, ruas e praças de uma metrópole e permitiram-me adentrar as teias de significados (GEERTZ, 1989) de suas práticas culturais.

Por outro lado, o conflito, assim como sustenta G. Simmel (2003) se consolidou como fundamento de socialidade, especialmente após a narrativa de Zeila sobre a violência declarada ali naquele espaço. Finalmente, o conflito tornou-se para mim uma moeda de troca na luta pela sobrevivência naquele espaço.

Sem dúvida, é inegável que, a labuta diária e a batalha da profissão na rua fazem com que as prostitutas, em contraste com o estereótipo da figura moral da dona de casa, da mãe, da virgem, da santa e da jovem bem-comportada na sociedade brasileira em suas origens mediterrâneas (DA MATTA, 1997; ARAGÃO, 1983; ABREU, 1983) sejam classificadas como marginais, mulheres temidas por seu poder de destruição de lares e da moral familiar, devido à idéia de que, em algum momento de suas trajetórias, tenham sido empoderados pelo contato com o perigo da rua.

Nesse sentido, refletindo sobre minha experiência de campo, compartilho dos comentários de M. Douglas (1966, 120), quando argumenta que: "ter estado nas margens é ter estado em contato com o perigo, é ter ido à fonte de poder". Da mesma forma, fui afetada por este perigo e, talvez, por isso, empoderada no interior destas redes sociais que trabalham na rua e de onde garantem o seu sustento.

Aqui, considero importante ressaltar que a consolidação de um lugar entre minhas interlocutoras durante o trabalho de campo, significou operar com os diversos lugares que elas me ofereciam no interior de suas formas de sociabilidade na rua. Ocupei esquinas, sentei em certos lugares da praça, andei por determinados percursos de rua, sempre tendo que apreender o conflito como ritual de agregação ao meu universo de pesquisa, a forma que dispunham para me situar no interior de suas práticas profissionais e, desde este lugar, observá-las ou interagir com elas.

Sobre os procedimentos de pensar na ocupação dos territórios de grupos urbanos como elemento importante para o estabelecimento de diálogos culturais e para a pesquisa etnográfica no interior de sociedades complexas, tive como inspiração o trabalho da antropóloga francesa C. Deschamps (2006), que desenvolveu uma pesquisa sobre a temática da prostituição na capital francesa entre os anos de 2002 a 2005.

Em sua pesquisa de campo, Deschamps (2006) descreve as práticas de manutenção dos espaços de prostituição, a hierarquia e o aprendizado do viver na rua, assim como a astúcia no desvendar as armadilhas dos riscos que as profissionais experimentam na rua. Em todas as situações de campo, a pesquisadora deixa claro o fato de que o território da prostituição ultrapassa os metros quadrados das calçadas ou do fazer o *trottoir*.

### **1. 5 - Conflito e negociação: a produção da alteridade no olho do furacão**

Assim, com o passar do tempo no interior das redes sociais, inicio meu processo de pesquisa etnográfica, agora orientada pela perspectiva, experienciada durante a primeira fase de campo. Perspectiva de que a prostituição, embora pareça se estender inicialmente em um território aparentemente reduzido a alguns metros quadrados (DESCHMAPS, 2006), à calçada, seus territórios praticados são delimitados e marcados por seus usuários, que defendem seu negócio, sua labuta, ou seu trabalho, pela palavra, pelo insulto e, muitas vezes, pela violência.

Na tentativa de definir meu lugar no interior dos territórios praticados, progressivamente tive que aceitar que o conflito revela a importância da sistemática construção da alteridade do antropólogo em campo. Uma assertiva que confere sentido aos questionamentos de M.

Peirano (1995) sobre, por exemplo, a solidão como elemento eficaz no processo de produção da alteridade. Mais importante que a solidão para a produção desta alteridade é a adesão do etnógrafo às complexas situações, que o reúne a seus interlocutores de pesquisa e onde seu tema e objeto de estudo se situam no mundo social, em carne e osso.

Em campo, sempre me senti acompanhada pelo olhar vigilante de minhas interlocutoras, que sempre sabiam onde eu estava. E, especialmente, a partir de eventos envolvendo conflitos de muitos matizes no interior das redes sociais por mim investigadas, evidenciou-se uma diferença entre eu e as profissionais do sexo que fizeram parte de minha pesquisa.

Tornava-se claro, à medida que o trabalho de campo se adensava e a minha presença entre elas era um “mal necessário”, que não éramos as mesmas personagens neste teatro da vida urbana, e esta diferença entre eu e as mulheres pesquisadas era marcada cotidianamente:

Tinha acabado de chegar à Alfândega. Eram dez e meia. Sabia que o dia seria proveitoso, iria encontrar a Denise e fazer a pergunta da semana, teria o aniversário da Márcia à tarde e encontraria, como de costume, a Nadia e a Betina na praça. Elas sempre vêm conversar comigo sobre suas últimas aventuras, com quem ficaram, com quem saíram na noite anterior, se tinham brigado com seus ‘velhos’, no caso da Nadia, as cervejas e as roupas que comprou para seus filhos e netos. Cheguei lá, estava apenas Betina com roupa nova, jaqueta diferente. Disse que tinha acabado de chegar, conta logo que tinha saído da casa do seu velho e que estava morando no Rio Vermelho, na casa de uma mulher que tinha conhecido ali na praça. A mulher era conhecida como Suxa. Havia junto, entre eu e Betina, uma terceira pessoa, uma outra mulher de que não me lembrava. No espaço da praça, muitas vezes ao lado, alguém fica ouvindo sua conversa e muitas vezes dá sua opinião participa, mesmo sem ser convidada e/ou conhecida do grupo. É o espaço da sociabilidade, todos estão ali e se alguém ouve algo que lhe permita dar uma opinião, não há nenhum código que lhe impeça de fazê-lo. O espaço serve a esse propósito. Esta terceira pessoa estava bem

arrumada, era diferente das habituais dali. Usava calças justas camufladas (tipo militar) de *cotton-lycra* que iam até os tornozelos, tênis impecavelmente branco, uma blusa branca decotada, jaqueta jeans. Era cheirosa, seus brincos combinavam com a roupa, tinha unhas pintadas com decoração de flores, cabelos longos, pele bem cuidada, e maquiagem bem feita. Usava corretivo e tinha passado o lápis que contornava os lábios. Sua bolsa também combinava com o resto da roupa. Falava alto, tinha um bom português e se impunha frente a docilidade de Betina, que falava com os olhos sempre voltados para o chão, muito tímida. Esta mulher perguntou se esta tal Suxa não era a que vivia bêbada por ali. Betina não sabia o que dizer e então a mulher começou a dar detalhes: É baixinha? É magrinha? É loirinha? O quê que ela fazia aqui? Faz programa também? Tudo batia com a descrição da tal com que Betina havia ido morar. Na verdade tenta se justificar. Disse que tinha passado apenas uma noite e que foi bem tratada, e que os filhos de Suxa queriam que ela arrumasse alguém pra morar com ela. Betina não se impressionou muito com todas as descrições da mulher até que esta, intrigada comigo ali, olhou para mim de alto a baixo e perguntou de uma só vez, sem pestanejar, quem eu era, se era parente da Betina e o que estava fazendo ali. Meu pegou de surpresa. Rapidamente disse que era uma conhecida da Betina e que estava trabalhando com a prostituição naquele espaço. Depois me arrependi de dizer prostituição, deveria ter usado, sei lá, mulheres que batalham naquele lugar. Mas era tarde, ela então continuou a conversa, mas seu olhar era penetrante e suas opiniões fortes (Diário de campo, Julho de 2007).

A outra “mulher” a quem me refiro neste trecho de diário de campo, era Zeila, a mesma personagem do relato de meu diário de campo apresentado anteriormente. Foi com ela que tive outras experiências marcantes e definitivas para o meu trabalho de campo na área central de Florianópolis.

Sua entrada em cena na pesquisa apresentou a possibilidade de outro tipo de envolvimento etnográfico, no sentido de perceber que o “campo” também me observava. O “campo” me exigia outra postura, não somente “*chegar e sair conversando*”. O “campo” me cobrava<sup>59</sup> uma conduta específica a cada instante, em cada lugar onde procurava me posicionar. Como um jogo de espelhos, cujos reflexos iluminam várias direções, eu também era observada:

A antropologia não dispensa o caráter relativizador que a presença do outro possibilita. É esse jogo de espelhos, é essa imagem de si refletida no outro que orienta e conduz o olhar em busca de significados ali onde, à primeira vista a visão desatenta ou preconceituosa só enxerga o exotismo, quando não o perigo, a anormalidade (MAGNANI, 2000, 21).

Diante dos conflitos vividos por mim e minhas interlocutoras durante o trabalho de campo<sup>60</sup> é que percebi que não poderia negar uma tentativa de compreensão do impacto da minha presença nas ruas, esquinas e praças por onde circulávamos. Inspirada em Eckert e Rocha (2001) e seus comentários sobre o saber-fazer da etnografia de rua, investi deliberadamente nos processos interpretativos de tais conflitos como forma de refinamento de meus saberes e os fazeres etnográficos, do estar e ser na rua e da rua. Segundo as autoras:

Conhecer uma cidade é assim, não só apropriar-se de parte de um conhecimento do mundo, ou seja, os saberes e fazeres dos habitantes e o que conheço desta experiência de pesquisa junto a eles, quanto desvendar o conhecimento na busca de situar meu próprio ser em relação ao ser do Outro na cidade (ECKERT & ROCHA, 2001, 4).

Assim, com o desenrolar do trabalho de campo – no tempo<sup>61</sup> –, agarrando-me a situações de conflito, considerando-as como essenciais

---

<sup>59</sup> A etnografia de rua exige do pesquisador que peça consentimento ao pesquisado para observar. (ECKERT & ROCHA, 2001)

<sup>60</sup> Aqui também faço referência ao conflito narrado anteriormente.

<sup>61</sup> A reivindicação do tempo na etnografia de rua é amplamente explorada em Eckert & Rocha (2001). Neste artigo as autoras colocam como o tempo é um aliado na pesquisa, que muitas

para a adoção de um lugar na rua entre minhas interlocutoras de pesquisa, alcancei, finalmente, uma autonomia de circulação no interior das redes sociais. Isso representava andar livremente entre as profissionais do sexo e em seus territórios de trabalho.

Aprendi com elas a me apropriar, diferentemente, dos espaços públicos da cidade, aprendi a estar e ser na rua, a pertencer aos seus territórios “como se fosse a minha morada” (ECKERT & ROCHA, 2001, 6), a tecer laços de intimidade com outros *habitués* da rua, como se a rua, a esquina, o banco da praça fossem o meu espaço, nos moldes descritos por De Certeau (1996, 41), ou seja, “quase como um espaço privado particularizado, pelo fato do uso quase cotidiano desse espaço”.

Ainda, a partir dos laços de intimidade que construí na rua, com os vínculos de intimidade que foram sendo tecidos com as redes sociais das prostitutas, seus clientes, seus fregueses e até mesmo seus cafetões, conheci alguns caminhos da área da central, que passaram a substituir meus antigos caminhos. Sempre na rua, acompanhando o dia-a-dia de minhas interlocutoras em sua “batalha”, já sabia qual banheiro público usar sem pagar, onde comprar lanches mais baratos, quais lugares evitar, os horários das lojas, os deslocamentos dos *habitués* e trabalhadores no local, os defeitos no calçamento a evitar, horário de maior e menor trânsito de automóveis e pedestres, quem possivelmente estaria no centro àquela hora e, até, onde estacionar o carro com maior facilidade e segurança.

Numa caminhada de passos perdidos (DE CERTEAU, 1994), seguia pela “Conselheiro”, conversando com Denise e Ivone (sua colega de ponto), seguia, também, até o “Largo”, conversava com quem estivesse lá no horário, depois caminhava até o GAPA, conversava com a Márcia, Silvia, Renata, ou mesmo sobre elas, suas últimas notícias e fofocas. Estava tão íntima deste pedaço (MAGNANI, 2000) da cidade que sabia os horários que os fiscais da “Zona Azul” passariam para autuar um veículo em caso de ausência do pagamento (muitos motoristas, para driblar a atenção dos fiscais, costumavam estacionar os carros depois da sua ronda, não pagavam o estacionamento e retiravam o veículo antes da nova ronda - alguns deles eu já reconhecia).

Tratava-se de, durante a etnografia de rua, explorar ao extremo as tensões entre o tempo versus os acontecimentos na rua e que, como esclarecem Moles & Rohmer (1982), fazem deste lugar um espaço

---

vezes se tem a impressão de “perda de tempo”, mas o tempo também é necessário para compreender pequenas interações que somente o ‘tempo’ de ficar ali pode oferecer.

privilegiado para os “micro-eventos do cotidiano” (1982, 143), ou seja, um show de teatro, uma discussão entre amantes, um furto, uma cena que une ou chama a atenção de todos que passam distantes do espaço, muitos destes eventos foram verificados em campo.

Cenas que se presencia pelas ruas da cidade e que, por alguns momentos, envolvem, num mesmo tempo, uma coletividade de desconhecidos. Sendo assim, na etnografia que orientava a minha tese com as profissionais do sexo, precisavam ficar registrados e guardados todos os tipos de eventos, ou “seja lá o quê”, afinal, estes micro-eventos que fazem da cidade o que ela é não marcam hora nem local para acontecer. Foi essa constatação que, afinal, conduziu Foote-Whyte (2005, 295) a instalar-se em Connerville, conforme suas próprias palavras:

A vida no lugar não se desenrolava segundo encontros formalmente agendados. Para encontrar as pessoas, passar a conhecê-las, encaixar-me em suas atividades, tinha que gastar tempo com elas – um bocado de tempo, dia após dia.

Assim, eu deveria ficar todo o tempo na rua, circulando, sendo observada e observando. No início da “aventura antropológica” (CARDOSO, 1997), tentei o uso do gravador para o registro das conversas, mas depois das primeiras investidas, principalmente com Nadia, quando ao ouvi-la mais tarde, me convenci de realizar pequenas anotações, especialmente quando o teor de nossas conversas tratava de sua trajetória social ou narrativa biográfica.

Também, o espaço da rua estimulava a arte da conversação (SANSOT, 1982), com o barulho habitual das buzinas, dos carros, das conversas de passantes, da música das lojas de discos, dos reclames dos ambulantes, etc.

Na rua, as conversas informais aconteciam sem o uso do registro gravado, embaixo das árvores, encostadas no prédio da Alfândega, sentadas nos bancos enquanto aguardavam um cliente, ou seja, em seus locais de trabalho, entre um cliente e outro.

Nessa perspectiva, valia-me das observações sobre os espaços e seus deslocamentos nos estudos sobre o mundo urbano contemporâneo do francês Dosse (2004), em seu artigo dedicado a De Certeau, sobre a forma como o cidadão comum conseguia contornar as regularidades tecnicamente previstas no desenho urbano das grandes cidades, para reinventar os usos de seus territórios. Ao referir-se ao simples cidadão e

às estratégias por meio das quais ele imprime no espaço da cidade sua identidade, o autor assinala ser, deste modo, todo o espaço um local de conflitos e de desejos não satisfeitos. Um lugar dominado pelas práticas, isto é, “o espaço é o lugar praticado” (DE CERTEAU, 1996).

Retorno novamente aqui, a um elemento de reflexão importante na condução de minha etnografia de rua: as origens dos laços e dos vínculos<sup>62</sup> simbólicos que unem as redes das profissionais do sexo por mim investigadas a determinados lugares da área central da Florianópolis.

Essa idéia de espaço praticado permitiu etnografar as memórias do cotidiano dessas mulheres, observando as relações estreitas e complexas construídas por elas ao longo dos anos, no interior de determinados territórios urbanos da cidade. Elas, muitas vezes, compartilhando nestes espaços o mesmo “ponto” com outras colegas de profissão, nem sempre com base em laços de amizade, nem de afetividade ou estima. Entretanto, as colegas de trabalho com quem dividiam diariamente os seus problemas familiares, afetivos e financeiros, trocavam experiências no interior da própria profissão, numa espécie de “privatização progressiva do espaço público” (DE CERTEAU, 1996, 42).

Muitas vezes, quando eram abordadas por mim para falar sobre suas vidas privadas, ainda que estivéssemos tratando de seus problemas no âmbito das relações familiares, suas falas silenciavam, numa clara intenção de se distanciar, simbólica e praticamente, de uma conversação sobre o exercício de sua profissão<sup>63</sup> e da sua vida no interior do espaço doméstico, fato que remete ao ato de proteger a casa da rua, de tudo o que ela representa, numa separação entre a noção de si como indivíduo e de si como pessoa.

Atenta durante o trabalho de campo às possíveis polaridades existentes entre a luxúria da rua<sup>64</sup> e a castidade da casa, nessa oposição tão bem descrita em Matta (1997), passei a evitar, na construção de um roteiro de entrevista, certos temas que, ao não respeitar no interior das redes, pudessem ressaltar as diferenças entre a pessoa e a profissional do sexo e, de alguma forma, perigosamente poluí-las (DOUGLAS, 1966).

---

<sup>62</sup> Vale salientar que uma rede de relações também colaborou para ocupação do espaço público.

<sup>63</sup> Como observado em MARTINS (2003), PASINI (2002), HANDMAN (2005).

<sup>64</sup> As mulheres com as quais conversei utilizavam diversas estratégias para impedir que a rua “entrasse em suas casas”. Este tema será elaborado mais adiante.

## 1. 6 - Seguindo as regras na rua ou fora dela

A etnografia de rua me permitiu constatar que, nessa profissão, colegas de trabalho não compartilhavam situações concretas de suas vidas familiares, só se conhecendo no interior do ambiente de trabalho. Em seu sistema de organização profissional, estavam sempre em duplas ou em grupos de três mulheres, que eram, contudo, fixos e formados há longos anos.

Em suas relações no interior da prática profissional, as redes sociais com quem compartilhei o trabalho de campo remetiam a determinadas afinidades, numa espécie de gramática (DE CERTEAU, 1996, 2000) ordenadora dos sentidos dos laços simbólicos que as unia num mesmo território. Suas ações no campo profissional eram avaliadas segundo certos critérios, mais ou menos explícitos, do dia-a-dia na “batalha”: tempo de trabalho no ponto (antiguidade), valor do programa, discricção, ética com os clientes, uso de preservativo, horário de trabalho, não-uso ou uso de drogas, domínio da arte da astúcia para sair das situações perigosas sem comprometer as colegas, etc.

Os critérios de integração das duplas e trincas no interior de uma rede social mais ampla obedeciam a um compartilhamento de mesmos pontos-de-vista sobre tais critérios. Principalmente o compartilhamento de um mesmo código ético-moral envolvendo discussões, brigas e roubos de clientes, bem como da sustentação de laços estreitos de reciprocidade e de solidariedade nas situações de risco e vulnerabilidade suportadas na rua.

A profissional do sexo isolada, “batalhando” sozinha, sempre que notei a sua presença em campo foi em decorrência de sua quebra do código de honra com sua(s) parceira(s) de trabalho, tendo sido assim, silenciosamente expulsa do lugar, mais especificamente, como no caso de Betina, com quem havia me envolvido no “*affair*” da Conselheiro, logo no início de minha entrada em campo. A seguir, mais um extrato do diário de campo:

(...) Bom, fico de olho na Zeila, se ela já voltou e tal. Quando a vejo, está conversando com um senhor com uns poucos cabelos pintados de preto. Ela é bem mais alta que ele. Ele está fumando, ela também acende um cigarro. Eles conversam na entrada do vão do mercado, consigo vê-los. Ele sai e eu a perco de vista. Saio para dar uma volta e ter um melhor ângulo e vejo-a sentada. Vou até ela e pergunto se está tudo bem, ela começa a

falar mal de Betina. Diz que o pai dela é taxista, que “eles são bem, e moram no Saco Grande, mas ela não quer saber de nada, quer ficar na rua”. Não quer morar com eles, “mesmo tendo um quarto só pra ela”. Que ali deram o apelido de Múmia. Diz que ela não tem juízo, que todo mundo a faz de boba por ali. Zeila pergunta onde ela está, digo que saiu com um rapaz de braço dado, e acho que eles foram pra o Cruzeiro fazer um programa. Ela se indigna, diz que o tal rapaz estava caindo de bêbado e que vai enrolar a Betina, e, de novo repete, todo mundo faz ela de boba, todo mundo a enrola por ali. Ela prefere viver na rua a morar com os pais, que ela realmente não tem juízo. Pergunto pelo velho<sup>65</sup> dela, ela diz que ele foi ao banco pegar dinheiro, e ela ficou ali sentada no banco. (Diário de campo, Agosto de 2007)

Betina se prostituía havia pouco tempo, uns três meses. Nunca havia trabalhado, era separada, com uma filha de 18 anos casada, e ela havia voltado a morar na casa dos pais. Todos ali sabiam da vida dela e de sua condição familiar, portanto não aceitavam que ela estivesse na Alfândega, tendo a possibilidade de não-trabalho.

A “batalha” não era feita por qualquer mulher, mas era reservada àquelas que de fato trabalhavam na rua para o seu sustento e de sua família. Era aberta àquelas que realmente faziam do *métier* uma profissão. O caso de Betina contrariava o código de honra dessa profissão, banalizava e, até mesmo, zombava de certo modo o trabalho das colegas.

Por conta de seu comportamento (o qual infringia as regras de conduta da profissão nas redes por mim investigadas), Betina estava quase sempre sozinha, numa relação estreita de dependência de apenas um homem, ainda que idoso, para lhe amparar. O próprio sentido da profissão parecia ser confrontado por tais razões, pois dificilmente encontrava as mulheres sozinhas. Salvo quando a colega estava num programa, sendo que o espaço da colega mantinha-se guardado pela presença da companheira de trabalho no “ponto”.

Sempre que me deparava com semelhante situação no campo, perguntava onde estava a colega e aquela que se encontrava no “ponto”

---

<sup>65</sup> A noção de “Velho” corresponde ao observado em C. Fonseca (1996).

me fornecia as informações necessárias, do tipo: “está com um cliente em tal dormitório”. Não se tratava de mera informação.

Para mim, chamava a atenção ao fato, pois indicava, por parte das duplas ou trincas, uma espécie de vigilância e cuidado umas com as outras. Até mesmo quando a novata insistia em cometer os mesmos erros, a veterana, no exercício de sua posição na rede social, procurava ensinar os segredos da profissão.

Zeila deu muitos conselhos à Betina de como deveria guardar seu dinheiro: “Se você ganha 50, deve guardar 25 para o amanhã e 25,00 para comer! Cada dia que passa ficamos mais velha, mais velha!”. Zeila diz que gosta de ter o seu dinheiro pra fazer as suas compras, comprar roupas para si e para seu neto que tem oito anos e mora com seu filho, em Blumenau. Conta que: “Ontem mesmo comprei uma jaqueta pra mim e umas roupas pra o meu neto!” Disse a Betina que ela deveria se arrumar, que no lugar dela deveria encontrar um homem com dinheiro e não mais estes exploradores. Que a praça estava cheia de mulheres que trabalhavam para os seus gigolôs e olhava pra Betina, que confirmava em silêncio com a cabeça. Odeia os gigolôs, que ela não tem nada contra quem vem ali na praça arrumar um dinheirinho, ela mesma tem um velho com quem já está faz oito anos. Eles se encontram toda semana ali, mas o velho já passou tudo pra o seu nome e quando ele morrer ela vai ficar bem.

(...) Zeila pergunta quantos anos a Betina tinha, ela responde: 40. Então, Zeila disse que ela aparentava mais e a mandou usar protetor solar por causa das manchas e do envelhecimento. Zeila diz que passa todos os dias, que não sai de casa sem o protetor solar. (Diário de campo, Agosto de 2007)

Da mesma forma, durante a realização de meu trabalho de campo fui orientada pelas “mais velhas” na forma de me comportar na rua, pela própria necessidade que tinha, como elas, de ali permanecer para “batalhar” os dados de minha pesquisa. Para isto, era preciso me mostrar e me dispor ao enfrentamento, sempre apoiada por algum membro da rede social, nos momentos mais difíceis. Além disto, o caso

de Zeila e Betina, relatado acima, era elucidativo das pretensões ao anonimato (SANSOT, 1982), no caso de minha estadia nas ruas do centro. Ainda que a segunda nunca tenha conhecido a primeira, esta sabia de toda a sua vida, inclusive dados de sua família e aonde seu pai trabalhava.

Suspeito que minha própria identidade social tenha sido esmiuçada na rede, tendo eu mesma passado por este processo de julgamento moral, e que provavelmente “passei no teste”, tendo isto definido minha estadia em campo.

Sobre o tal “anonimato” (SANSOT, 1982), é interessante assinalar que, durante as conversas com as mulheres na rua, poucos olhares eram trocados entre nós. Acostumei-me ao fato delas conversarem comigo e responderem a algumas de minhas perguntas sem termos um contato face-a-face ou mesmo olho-no-olho. Os diálogos entre nós transcorriam com as minhas interlocutoras mantendo, o tempo todo, os olhos<sup>66</sup> fixos nas cenas de rua, nas pessoas e nos micro-eventos que ocorriam por ali, sempre e eternamente atentas, “na espera” de algum cliente, antigo ou novo, na expectativa de que aparecessem em seus horizontes.

Sobre este olhar distanciado, um olhar que espreita e, ao mesmo tempo, que implica nos acontecimentos da rua – numa mimética de filmes de espões que se disfarçam de pessoas comuns - os comentários de Simmel (1976) sobre a vida mental numa metrópole e a exacerbação de sentidos me pareciam ter aqui outra tonalidade interpretativa.

Na profissão, a personalidade *blasé* parecia mais um estilo a ser cumprido à risca, pois promoveria, entre as profissionais do sexo, a dose certa de impessoalidade na sua profissão, para agir diante de um conjunto de emoções que o espaço das ruas promove nas grandes metrópoles. Para as profissionais do sexo, não se trata de um “estado de reserva”, nem da exacerbação de sua individualidade, nem mesmo de autopreservação, mas uma astúcia na forma de jogar o jogo do social, do estar na rua como parte do *métier*.

Na composição de um personagem, um habitante da metrópole, estas mulheres usavam quase sempre o mesmo estilo de roupas, uma espécie de uniforme das ruas. Na tentativa de criar um tipo de camuflagem e para inserir-se nas ruas, seguiam um figurino “casual-

---

<sup>66</sup> Interessante que estas mulheres que atuam nas ruas não usam óculos escuros. Passei a não usá-lo também. Os olhos são uma ferramenta de trabalho nas ruas, seu contato, seu guia na escolha do cliente, os óculos escuros abafariam estas relações.

despreocupado”, no desafio de situar-se indiferentemente nas diversas situações que tal espaço condensa, no caso, as grandes metrópoles. Portanto, não se tratava de qualquer camuflagem, pois os “simples habitantes” eram mulheres que permaneciam na rua, um espaço que não lhes pertencia “naturalmente”, muitas vezes, por horas a fio e sob as mais diferentes situações (frio, chuva, noite, dia).

Obviamente, a descoberta *simmeliana* (1976) do estilo *blasé* nos modos de vestir de minhas interlocutoras acabou por influenciar minha indumentária de ida a campo, no sentido de não atrapalhar a cena social onde elas realizavam sua labuta diária. Passei a usar, então, a mesma calça jeans, camiseta, um tênis vermelho, uma bolsa tiracolo, tirei o óculos de grau e a aliança de casada. Estas eram as minhas roupas do campo:

Depois, ainda ali na praça, Nadia se junta ao grupinho e não da muita bola pra Zeila. Elas não parecem ter muita afinidade. Nadia olha pra mim e diz: “A tua gripe passou pra mim!”. Reclamou que estava bem “atacada!” e realmente estava. Hoje, usava roupas mais compridas. Zeila não fala com ela e Nadia sai do grupo e continua a perambular pela praça.

Fico por lá, fazendo anotações e muito, mas muito incomodada com a quantidade de homens que sentam ao meu lado e me olham. Eu não sei o que fazer. Estou com lentes e percebo que esqueci meus óculos de sol e a claridade da rua me incomodava. Procurava desesperada uma sombra no banco. Percebi que poucas usam óculos escuros. Quase nenhuma na verdade. Apenas Zeila usava, um rosa bem *estiloso*. Claro que não usam, afinal, elas precisavam dos olhos em seu *métier* e com os óculos não seria possível. São todas muito enrugadas e envelhecidas para sua idade. Seus programas são baratos, custam: 5,00 a chupada e de 10,00 a 20,00 um programa, sendo este ultimo preço a cotação maior. O cliente ainda paga o quarto, sem banheiro que custa 5,00, ou seja, elas não tomam banho após os programas. Uma das travestis, Kélia, num dia em campo, as chamou de porcas e relaxadas, não entendiam como não carregavam consigo, no caso, na bolsa, um lenço, um batom, para refazerem a

maquiagem após o programa. Mesmo Betina nunca tem nada. Usa os bolsos das calças para guardar suas coisas. Passa o dia no Largo e nunca tem nada com ela, nem batom, nem bolsa, nem cartão telefônico. Nada. Nadia ainda usa uma bolsa. As outras Raquel usa, Andra não usa nada. Na verdade poderíamos classificá-las na hierarquia da prostituição pelos objetos e acessórios que usam. Afinal de contas é um investimento. Vou prestar atenção amanhã nestes aspectos. De certa forma, Nadia investe, está sempre comprando roupas novas e me mostra tudo, ou ao menos fala o que, quanto e onde comprou e, às vezes, como as comprou, se foi sua filha quem comprou no morro e ela está pagando e tal. (Diário de campo, Agosto de 2007)

No cotidiano do campo algumas vezes tinha meus planos de circulação interrompidos, quando passava no GAPA logo cedo. Significa dizer que a estada lá tomava um período, quando, por exemplo, todas estavam lá - Renata, Márcia, Silvia e Lucia -, o que significava muita conversa e contato. Outras vezes, pediam que eu ficasse na recepção “um pouquinho”, fornecendo informações de locais de exames de HIV, preservativos femininos, masculinos e conversando com quem chegasse, enquanto resolviam algum problema na sala de reunião.

Fora das ruas, quando dividia com algumas de minhas interlocutoras os espaços das duas ONG's onde estive trabalhando (embora mais próxima do GAPA), procurava igualmente ocupar um lugar, no sentido de compartilhar com as pessoas que por ali passavam seus dramas. Assim podia ouvi-las sob o ponto de vista das relações com as instituições que atuavam com elas, através de projetos sustentados por políticas públicas, em geral federais.

No caso do GAPA, sempre me fazia presente, fornecendo informações ou apenas conversando com as pessoas que ali chegavam com seus problemas, ouvindo seus desabafos e reclamações. Por meio da minha atuação nas ONG's, acabei por conhecer muitos dos profissionais do sexo, entre homens e mulheres, que mais tarde reconheci em meu trabalho de campo:

(...) fui pra o GAPA e lá encontrei Márcia, super arrumada, sobressaindo o roxo das unhas pintadas, uma mini saia de lã, uma blusa com desenhos em prata, uma meia calça preta com bota. Estava maquiada com batom e tudo. “Um luxo!”, disse pra ela. Cheguei com os *refris*, ela estava animadíssima com a festa. Tanto que me pediu pra ficar na recepção, no lugar dela, até às 15.30h. Eu relutei um pouco, mas depois resolvi encarar. Ela entrou voando para arrumar a sala para o encontro de seu grupo de auto-ajuda e, também, pra encher os balões. Bom, ela me explicou rapidamente sobre a entrega das camisinhas, para Profissional<sup>67</sup> ou não, e o que eu deveria perguntar para anotar no formulário. Mas as demandas ali na frente eram muitas: endereços de postos de saúde, horários com a advogada. Me vi, várias vezes, perdida, tendo que apelar para a Márcia lá na sala. No final fiquei de conversa fiada com uma mulher que estava lá, aguardando a advogada. Chamava-se Ângela, mãe de sete filhos e soropositiva. Também maníaca, como eu, para estender roupas no varal. Usamos sistemas semelhantes. Separamos as roupas e somos maníacas por panos de louça brancos. Percebi neste episódio que por maior que seja o caos aparente, ou mesmo o desregramento na vida do outro, em algum lugar reside uma certa ordenação que promove uma ordem no caos.... Bom, ficamos ali juntas, na verdade ela foi muito importante pra mim, pois ficar ali, recebendo *tudo de pior*, é bem complicado. Como falou Ângela: “Nossa! Aqui aparece de tudo!” E era verdade... Minha colega, tinha 40 anos, mas parece ter 60. Vende natura, roupa, faz faxina, se vira. Sua filha menor, Jennifer, é soropositiva também. Descobriu, faz cinco anos, que era portadora e foi fazer exame em todos os seus filhos, e a última era portadora. Esta, por sua vez, foi atropelada por uma moto faz um mês e seu tornozelo foi praticamente esmagado. Está com vários pinos na perna e a pequena se recusa a ir à escola. Ângela então esta

---

<sup>67</sup> Aqui faz referência a Profissional do Sexo.

atrás de seus direitos, como ela diz, por uma indenização. Quer que a filha receba algum tipo de ajuda, mas é sempre recusada em seus pedidos. A menina precisa de cuidados especiais, principalmente agora que está em casa.

Mas até que não foi tão ruim ficar ali. Reconheci, do centro da cidade, vários que passaram lá pedindo ajuda, pedindo pra falar com a assistente social, com a coordenadora e tal. Um deles foi Sidnei, que carregava ontem, no centro, uma carrocinha de papelão e que queria falar com a advogada.

Bom, depois de meu serviço, Márcia veio me chamar para a festinha. Ela me apresentou pra todos como sua amiga que estava fazendo um trabalho sobre prostituição pra universidade, que meu trabalho era muito importante. Em seguida comemos bolo e ajudei a servir os *refris*, as fatias de bolo, bati fotos, foi divertido...

(Diário de campo, Julho de 2007)

Muito embora, do ponto de vista objetivo, o aprendizado de como sobreviver na rua tenha acontecido de maneira gradual, mediado pelas minhas próprias interlocutoras no exercício de suas profissões, certamente, do ponto de vista subjetivo, foi o desafio em lidar com os sentimentos de nojo e repugnância na incorporação de alguns hábitos tão diferentes dos meus, que acabaram por me aproximar do espaço da rua como possível território de adesão afetiva.

A rua como morada, ou nos termos de G. Bachelard “a morada de ruas” (1994), trouxe para mim enormes desafios na aceitação das regras e dos códigos que orientam a prática profissional de minhas interlocutoras nos espaços públicos de uma grande cidade como Florianópolis.

Para falar destes desafios, emprego aqui a categoria explicativa de nojo, a partir da qual comecei a me relacionar com o espaço das ruas, com seus cheiros, seus odores. Esse nojo da e pela cidade se transformou, em algumas situações pontuais de trabalho de campo, num desafio para atingir a dimensão da apropriação da rua durante a etnografia, como a “minha morada”.

Certamente um processo fisicamente doloroso que concorreu na construção de minha alteridade em campo, principalmente em relação as

minhas interlocutoras e o modo pelo qual se relacionavam com a paisagem das ruas. Todo o dia de trabalho de campo implicava, para mim, um desafio, não só de estar nas ruas, mas de permanecer nelas, especialmente implicando esta permanência num exercício constante e diário de se rever em campo, ou como nas palavras de Velho (1973, 13):

Não conheço fórmula ou receita que resolva este tipo de dificuldade, mas acredito piamente na necessidade de um esforço de autodefinição do investigador não só no começo, mas no decorrer de todo o seu trabalho, ou seja, não se trata apenas de manipular com maior ou menor habilidade técnicas de distanciamento, mas ter condições de estar permanentemente num processo de autodimensionamento paralelo e complementar ao seu trabalho com o objeto de pesquisa de que, afinal ele faz parte. (Diário de campo, Agosto de 2007)

Para abordar neste capítulo minhas escolhas metodológicas, apresento num fragmento de meu diário a descrição de um dia bastante difícil, em que os desafios do distanciamento epistemológico se impuseram como decorrência do reconhecimento de minha alteridade em campo:

A mudança de temperatura, o vento e a poluição da cidade.... acabei contraindo uma faringite, minha cabeça começa a doer e uma coriza me ataca. Penso, não vou ao GAPA assim, elas não gostam de gente com esse tipo de sintomas.... Sento num lugar perto da rua Francisco Tolentino para escrever o dia. Sento numa daquelas “bodegas” perto da rodoviária, tipo quiosque e que vendem salgadinhos gordurosos a R\$ 1,00. Aqueles em que a mesma pessoa que está no caixa também serve os salgadinhos, o canudo e dá o troco. Peço uma água para tomar com o comprimido que comprei numa farmácia, me sento numa mesa que fica bem defronte à rua, numa das esquinas que pesquiso. Fico por ali escrevendo no diário Sabia que minha carona demoraria uns 40 minutos e aproveito pra ver o lugar. São mesas empoeiradas e grudentas do sol,

da chuva, mas ainda se pode ver a marca da propaganda da coca-cola em um fundo desgastado, de um vermelho desbotado. Apoio meu cotovelo pra escrever e ele fica grudado na mesa... não..... então fico com nojo de tudo.... da mesa, da rua, da garrafa d'água... Espirro muito, assôo meu nariz várias vezes. Preciso urgente pensar sobre isso. Pior seria negar que isso acontece. Á minha frente, numa outra mesa, um casal de uns 40 anos, comem e bebem cada um, um salgadinho e coca-cola de garrafa, junto a eles uma criança de uns 3 anos, a qual servem com pedaços que tiram de suas bocas. A criança está com as mãos engorduradas. O homem levanta, pede um palito, depois fica palitando seu dente e fazendo barulhos com o palito no dente, encostado no balcão... Acho tudo um horror! Mais um pouco, minha carona chega e me leva, tomo mais uma Doralgina (genérico da Neusalidina) e vou pra casa para me proteger na leitura de Bozon. (Diário de campo, junho de 2007)

Durante o campo fiquei, algumas vezes, doente. De simples faringites à bronquites alérgicas, passando por dores de cabeça causadas pelo excesso de sol e pelo vento, comuns nas regiões do centro, minha pele ficou manchada do sol. Muito diferente de minhas informantes, que raramente queixavam-se de dores. Uma vez fui acusada por Nádia, de ter ‘passado para ela minha tosse!’. Um outro episódio de nojo aconteceu num dos almoços com a mesma Nádia em um restaurante da “Conselheiro”, conhecido pelos baixos preços:

Nádia era conhecida, cumprimentava as pessoas ao longo da rua, enquanto caminhávamos para o restaurante. Chegamos lá por volta das 12.30, estava lotado, havia fila na rua. Ela entrou, deu uma olhada e me disse decidida: “vamos para outro”. Eu a seguia e a obedecia rapidamente. Nádia é pequena, tem no máximo 1,55m, morena, cabelos pintados de ruivo, algumas mechas do grisalho surgem quando prende os cabelos. Sempre com roupas curtas, lembrando uma estética de adolescente. Saias, blusinhas curtas, pouca ou nenhuma maquiagem. Pele queimada e

enrugada do sol, ela aparenta mais do que os 55 anos que diz ter. É falante, simpática, caminha rápido, é magra e pequena, ágil. Seus olhos são fundos e bem enrugados. Eu a sigo enquanto ela me conta, faceira, sobre as compras que carrega na grande sacola de plástico branca, feitas, há pouco, num brechó beneficente no Largo. Não tem onde deixar a sacola, por isso a carrega de um lado a outro. Ela, então, segue rapidamente para o restaurante ao lado. Nádia domina o centro, conhece os preços, sabe onde e como fazer para sobreviver nele.

Ela decide, então, por um que é mais próximo, quase ao lado. O preço é o mesmo cobrado pelo anterior. Entramos. Na verdade, a fila era gigante também. Ela pede para deixar a sacola com o caixa, mas ele diz que não tem espaço. Olho para o restaurante e vejo mulheres de véu servindo as pessoas. Nádia resolve voltar para o anterior, mesmo lotado, ela diz que lá sempre guardam suas coisas. Depois me diz que não gostou de não guardarem sua sacola. Entramos, ficamos na fila e ela me deixa passar na frente. Olho os pratos ao meu redor, todos enchem, fazem verdadeiros morros de comida. Penso em como sou meio “Monk<sup>68</sup>”, não gosto de prato cheio, na verdade, não gosto quando a comida se mistura no prato. Enquanto “viajo” em minhas manias, começo a sentir um cheiro ruim que destoa com o bom cheiro que vem do *buffet* de comidas, olhei em volta e segui com o olfato atrás de mim, e encontro uma jovem (que também me pressionava na fila). Ela estava no Largo a pouco. É nova por ali, tem uns 20 anos, morena, cabelos curtos, usa mini-saia e jaqueta jeans. Parece não tomar banho há alguns dias. Concluo isso tanto pela aparência, quanto pelo cheiro. A observo, ela então passa direto pela sessão de verduras e vai para os pratos quentes. Está logo atrás de mim, logo posso ver seu prato. Ela não percebe, está concentrada e

---

<sup>68</sup> Aqui faço referência a “Monk,” um seriado americano cujo protagonista é um brilhante detetive com TOC (Transtorno Obsessivo Compulsivo) de limpeza e ordenação estética, além de inúmeras fobias e manias.

coloca tudo que permite o tamanho do prato, penso que não deve comer por vários dias. Ela coloca tudo que vê na frente: macarrão misturado com feijão, arroz, e carne. Nádia, logo atrás dela, também enche o prato. Fomos pra mesa São mesas coletivas e sentamos ao lado de dois rapazes que já terminavam. Uma moça passa recolhendo os pratos, limpando as mesas e espantando quem já terminou de comer. É um lugar apertado, faz muito barulho e a fila ainda era grande ainda quando saímos. Sentamos e pedi um refrigerante Da última vez que sai com Márcia pedi coca-cola. Elas gostam. Pedi normal (claro), nem cogitei em pedir uma *lighth* Pensei em como sou burguesa. O prato de Nadia era imenso. Evidente que terminei antes dela, pois estava sem fome, principalmente depois de ver duas mulheres discutindo alto em frente ao caixa Uma delas estava com catarro verde saindo pelo nariz, quando ela respirava o negócio verde subia. Perdi a fome e me lembrava daquilo.... bom, depois os rapazes saíram e deram lugar para duas senhoras. Nádia diz que sempre vem ali, que eles guardam suas coisas. Diz que sua filha mais velha, Charlotte, que fica em casa e cuida dos “pequenos”, adora ir almoçar ali. Nadia diz que está sempre cheio porque é barato e que vale a pena, pois “as pessoas vêm para o centro fazer ‘volteada’, ficam até ao meio-dia, almoçam, depois vão pra casa...”. A mulher ao lado emenda: “além de ser bem mais barato que em casa.” Depois, as companheiras de mesa dizem que, mesmo se quisessem, não poderiam ir pra casa, porque não moram ali. Pergunto onde. Elas moram em Araranguá/SC e vieram para a cidade para uma consulta médica. Dizem que fica a 400 km da capital. Nisso, Nádia, simpática, conta que uma vez foi com uma amiga a Araranguá/SC. Foi ajudar uma amiga a achar alguém da família e diz que lá ficaram sem dinheiro até pra comer. Se não fosse ela ter levado algum, não sabe como fariam. Voltaram de carona. Conta que foi ao supermercado e comprou pão, queijo e mortadela.

Então, terminei de comer e fiquei ali de conversa fiada, Nádia comenta que eu peguei pouco. Respondo que estava sem fome, que na verdade não tinha fome na hora do meio-dia, mas sim, pela manhã e à noite. Ela, ao contrário, diz que não come pela manhã, justificando sua fome. Ficamos ali até ela terminar de comer, me esforcei pra não olhar seu prato, nem em como ela comia ou mesmo pegava seu talher. Mais ainda tentava não ligar para os perdigotos que grudavam no meu rosto, enquanto conversávamos e ela comia. No final, ela divide entre nós o que restava da coca. Nos despedimos das “colegas de almoço”, desejo um bom retorno e um bom fim de semana. Saímos, pago a conta das duas, ela pega a sacola e vamos embora para o Largo. Ela diz que tem um lugar para gente sentar e conversar. (Diário de campo, junho de 2007)

O conflito, o nojo e a repugnância me colocaram num outro lugar de privilégio para conhecer a cidade. Ambas as situações fizeram parte de meu percurso para o reconhecimento dos espaços e estados da região do centro. Ao final do campo, eu estava vacinada pela rua, sumiram as dores e o nojo, sentava-me em qualquer canto, comia em qualquer lugar e hora. Alguns de meus hábitos foram, provocativamente, alterados, ou seja, um pouco da rua “entrou em minha casa”.

Assim, paralela à conquista do meu lugar, aderi ao uso da cartografia como inspiração nos itinerários urbanos e trajetórias sociais de minhas informantes, para melhor visualizar o deslocamento/fluxo destas mulheres no espaço urbano atual – suas migrações internas –, bem como, a partir das suas narrativas, em relação ao fluxo da prostituição antes de sua chegada nestes lugares.

O uso das cartografias permitiu ir além do observado em campo. Dito de outra maneira serviu como técnica do registro visual de uma narrativa, pois estas mulheres tinham na cidade uma testemunha de seus caminhos percorridos, inscrevendo nas ruas suas biografias, numa proposta de encenação da vida cotidiana (CERTEAU, 1996).

Em outras palavras, a cidade pode ser descrita como um privilegiado tratado biográfico de seus habitantes como propõem Eckert e Rocha (2005, 25):

As narrativas na e da cidade brasileira apontam para essa sensibilidade das experiências biográficas, dos contextos estéticos inscritos nas trajetórias singulares dos habitantes, das sociabilidades tecidas na grandeza esmagadora de uma presença heterogênea, da retórica da morte nas suas ruas, da exuberância festiva em suas avenidas, do policulturalismo que reina na vida cotidiana dos cidadãos, dos gestos e atitudes cotidianas continuadas e reinventadas.

E neste contexto da polissemia urbana, eu caminhava (CERTEAU, 1994; MAGNANI, 2000) pelas ruas na tentativa de reordenar as memórias destas mulheres através das suas narrativas acopladas à cidade, ou ainda, como memórias biográficas das “formas associativas”, como nos dizeres das autoras acima citadas, Eckert e Rocha (2005, 27). Desse modo:

A cidade anima-se, assim, com o esforço dos habitantes de continuarem no tempo, de viverem concretamente suas memórias pensadas: as sociabilidades e as dinâmicas cotidianas vão desenhando mapas afetivos de pertencimento territoriais dos sujeitos.

E é nesta miríade de narrativas, que aconteciam também as migrações internas na cidade e entre as cidades. Embora distante das reflexões, por exemplo, que norteiam os estudos de migração internacional vistos em Assis (2007). Segundo esta autora, a migração interna nas cidades não sofre, ainda, nenhum empecilho formal<sup>69</sup>.

De fato, muitas das mulheres com quem conversei vieram acompanhar a família, outras voltaram para a ilha na idade adulta a procura de trabalho. Ainda que a dinâmica da migração seja outra, a mobilização de partir de algum lugar para seguir a outro é a mesma, a busca de uma “vida melhor em outro lugar” (ASSIS, 2007, 2).

---

<sup>69</sup> Muito embora tenha ‘escutado’, no campo, que “a prefeitura” colocou certa resistência (uma espécie de barricada burocrática) na entrada da cidade para quem chega de ônibus, (rodoviária) na tentativa de impedir a entrada moradores de outras cidade, especialmente aqueles acompanhados de toda a família e com aspectos de mudança de domicílio, (aparentando não ter onde ficar, tampouco emprego). “Ouve-se” que a prefeitura devolve o valor pago das passagens e os envia de volta as suas cidades de origem.

Diante do visto em campo, estas mulheres não mantêm contato com a cidade de origem. Muitas ou abandonaram as relações lá configuradas, ou a família numerosa, aos poucos, migrou também, desvinculando-se totalmente do antigo domicílio. E como destacado também em Assis (2007), as redes sociais complexas funcionam como capital social com chances de sucesso, na medida em que possuem um suporte familiar que garante sua chegada, busca de trabalho, etc. Assim, a maioria veio acompanhar a família, ou em busca dela, que já estava instalada aqui na cidade, que será refletida a partir dos iniciais estudos urbanos no próximo capítulo.

## CAPÍTULO II

### O ESPAÇO URBANO CONTEMPORÂNEO SOB A ÓTICA DAS PRÁTICAS SEXUAIS E DOS CORPOS

*No começo eu era  
uma boba, mas depois aprendi...  
a rua ensina, também sempre tem  
alguma colega que dá uns toques*  
(Denise, Novembro de  
2006).

#### 2.1 - Introdução

Como afirma G. Velho em sua obra *Individualismo e Cultura*, por uma antropologia das sociedades complexas (1999), seguindo a lida dos trabalhos de G. Simmel, E. Park e A. Schutz, a cidade moderno-contemporânea, urbano-industrial é heterogênea e múltipla em termos dos universos simbólicos, dos papéis e das redes sociais que reúnem em seu interior.

Ruidosa com seus entrelaçados invisíveis, as grandes metrópoles constituem uma paisagem<sup>70</sup> que exacerba os sentidos (SIMMEL, 1976), estimula a audição, o olfato, o olhar, a imaginação criadora, (SANSOT,1986) ao mesmo tempo que forma comunidades de sentimento (MAFFESOLI, 2000) que se reúnem e desdobram-se numa aparente lógica desordenada.

Em especial, esta tese segue a linha de estudos que se inicia em fins do século XIX, momento em que a cidade torna-se objeto / sujeito de pesquisa com a própria construção do campo conceitual da sociologia, pelas mãos de Émile Durkheim em seu estudo clássico sobre o suicídio (1978).

Em especial, filia-se as pesquisas que nos anos 30 do século XX ganham destaque nos Estados Unidos, na Universidade de Chicago, no Departamento de Sociologia (BECKER,1996).

---

<sup>70</sup> Uso aqui paisagem na perspectiva antropológica adotada por A. L. C.Rocha (S/D) no artigo: 'A fabricação das paisagens, os jogos de memória e os trabalhos da imaginação criadora', o qual descreve paisagem como: "A paisagem na perspectiva do olhar do antropólogo, ou seja, como expressão de símbolos e dos sentidos que as sociedades humanas atribuem ao meio cósmico em suas vidas cotidianas" (7), e mais adiante no mesmo artigo afirma: "As paisagens são aquisições culturais" (8).

Refiro-me às influências sobre as referências conceituais desta tese, de autores que abordam o fenômeno urbano e industrial em suas crises de emprego, de formação dos guetos e dos processos migratórios e imigratórios para as grandes cidades, que tratam das especificidades da cidade moderna (SIMMEL, 1976) em relação a outros complexos culturais citadinos como as cidades medievais e antigas, onde a acentuada divisão social do trabalho e todo o cortejo de seus efeitos culturais e simbólicos não se faziam presentes.

Trata-se do grupo de investigadores que se torna conhecido como fundadores da “Escola de Chicago”<sup>71</sup>, sendo a eles atribuído o pioneirismo no processo de pensar a cidade enquanto um espaço de pesquisa, que concilia as técnicas e procedimentos clássicos da antropologia aos estudos dos grandes contextos metropolitanos, usualmente quantitativos, praticados na sociologia.

Se por um lado a Escola de Chicago foi responsável por *novos* objetos de pesquisa para o campo antropológico, por outro levaram à reflexão de novos métodos e à elaboração de novas teorias e conceitos no campo da sociologia.

Em sua originalidade, essa escola de pensamento, pela via do interacionismo simbólico de George H. Mead (1993), influenciou a sociologia americana dos anos 60, nos Estados Unidos, com o nascimento da etnometodologia e sua nova postura intelectual, orientada para uma *démarche* compreensiva na área dos estudos sobre a cidade moderna. Segundo A. Schutz (1979), cuja fenomenologia social e interacionismo simbólico, assim como a teoria da ação social de T.

---

<sup>71</sup> Segundo H. Becker, em conferência publicada na *Mana* (1996), é preciso distinguir o termo *escola*, e em suas sábias palavras: “A palavra *escola* gera muita confusão, porque é possível distinguir pelo menos dois tipos de escola. De um lado, temos as chamadas *escolas de pensamento* e, de outro, as *escolas de atividade*. Uma escola de pensamento, na terminologia de Guillemard, consiste em um grupo de pessoas que têm em comum o fato de que outras pessoas consideram seu pensamento semelhante; é possível que nunca tenham se encontrado, mas o que caracteriza uma *escola de pensamento* é que alguém, geralmente muitos anos mais tarde, decide que essas pessoas estavam fazendo a mesma coisa, pensando da mesma maneira, que suas idéias eram semelhantes. É muito comum na história das idéias definir *escolas de pensamento* dessa maneira, freqüentemente em relação às circunstâncias históricas em que esse pensamento se formou. Uma *escola de atividade*, por outro lado, consiste em um grupo de pessoas que trabalham em conjunto, não sendo necessário que os membros da *escola de atividade* compartilhem a mesma teoria; eles apenas têm de estar dispostos a trabalhar juntos. Certas idéias vigentes na Universidade de Chicago eram compartilhadas pela maioria das pessoas, mas não por todas; certamente não era preciso que todos concordassem com essas idéias para se engajarem nas atividades que realizavam.” In: BECKER, Howard. **A escola de Chicago**. *Mana* [online]. 1996, vol.2, n.2 [citado 2009-11-24], pp. 177-188. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php00008>>.

Parsons (1974) fertilizou a etnometodologia, tal vertente compreensiva da vida social representa a sociologia em estado prático. Obviamente, por oposição a *démarche* explicativa da tradição sociológica durkheiminiana e sua idéia de uma ruptura com o senso comum.

Na perspectiva dos estudos da Escola de Chicago, percebe-se, então, um deslocamento metodológico na pesquisa sociológica, especialmente no que concerne ao uso sistemático de métodos empíricos<sup>72</sup> e qualitativos, o que colaborou para a conformação de uma área específica no interior do campo disciplinar denominada de “sociologia urbana” (BECKER, 1996; SIMMEL, 1976, WIRTH, 1976).

As influências dos estudos etnográficos no âmbito da antropologia cultural norte-americana (fortemente influenciada pela psicologia social) para a etnometodologia resultaram na preocupação dos cientistas sociais com os estudos da linguagem do cotidiano (LIMA, 2001) e suas relações entre cultura e língua como procedimento de compreensão da forma como os atores sociais atribuem sentido a sua própria prática social.

Concentrando suas atividades de pesquisa no contexto metropolitano da cidade de Chicago, essa escola de pensamento, pelo viés de um de seus principais teóricos Robert E. Park (1976; 2004), aborda a vida urbana a partir da perspectiva de uma ecologia urbana, no sentido de investigá-la como parte dos conceitos de competição, solidariedade, sucessão, localização espacial, interdependência entre indivíduos, instituições sociais e o meio ambiente. Este despertar da curiosidade para com as modernas sociedades urbano-industriais acontece mediante alguns fatores, tais como as fortes correntes migratórias na cidade de Chicago no início do século XX (WIRTH, 1928; PETTONET, 1987).

Em decorrência das correntes migratórias, a cidade presenciou o crescimento de fenômenos sociais como a delinqüência juvenil, o aumento da criminalidade, os bolsões de pobreza, a imigração (consequentemente, a localização de imigrantes em bairros e, por sua vez, a formação dos guetos).

Ao lado de um deslocamento metodológico que lentamente tomava lugar nas relações entre os estudos etnográficos da antropologia cultural norte-americana e os estudos no contexto metropolitano das grandes cidades, outras questões pertinentes ocuparam a cena. A cidade moderna e suas formas sociais e culturais tornam-se também um

---

<sup>72</sup> Estudos biográficos, histórias de vida.

problema para o campo da pesquisa antropológica (PARK,1976)<sup>73</sup>, assim como, para o pensamento filosófico (ANSAY & SCHOONBRODT, 1989)<sup>74</sup>.

Franz Boas, inquieto em relação aos métodos tradicionais da pesquisa antropológica no contexto da vida das sociedades urbano-industriais, também em meados de 1928, refletia sobre as relações entre etnologia e o mundo moderno, assim como Ruth Benedict (1946) preocupava-se com a abordagem dos fenômenos culturais em seus estudos sobre o caráter e a personalidade (PETTONET, 1987), em especial, em sua pesquisa sobre a cultura japonesa para o governo americano durante a segunda guerra mundial.

Momento singular em que a escola de pensamento de Chicago e a tradição de pensamento inaugurada pela etnologia americana por Franz Boas e alguns de seus discípulos atuantes na Escola de Cultura e Personalidade, refletiam sobre os procedimentos de pesquisa na e da cidade no contexto das modernas sociedades urbano-industriais.

Segundo Gilberto Velho (1999:15), trata-se aqui de um deslocamento do objeto de estudo da antropologia, que migra “das sociedades de pequena escala e de cultura relativamente homogênea e das sociedades tradicionais para as sociedades complexas, moderno / industriais”. As grandes metrópoles contemporâneas urbano/industriais passam a ser objeto de estudos etnográficos, os quais vão influenciar a formação do campo da pesquisa em Antropologia urbana.

No Brasil, a riqueza de tais estudos passa a ser expressiva nos anos 40 do século XX, com a vinda do representante desta escola de pensamento, o pesquisador Donald Pierson, como professor visitante na USP<sup>75</sup> (MENDOZA, 2005, 2). Na época as primeiras pesquisas sobre o

---

<sup>73</sup> Conforme Robert E. Park (1976; 31), “Até o presente, a Antropologia, a ciência do homem, tem se preocupado principalmente com o estudo dos povos primitivos. Mas o homem civilizado é um objeto de investigação igualmente interessante, e ao mesmo tempo sua vida é mais aberta à observação e ao estudo. A vida e a cultura urbanas são mais variadas, sutis e complicadas, mas os motivos fundamentais são os mesmos nos dois casos.”

<sup>74</sup> Segundo Ansay & Schoonbrodt (1989:34) «la relation qui unit la ville et la philosophie procede ici d'une intersubjetivité: lar rencontre est toujours miraculeuse parce qu'imprévisible et unique. La ville s'avance certes avec des promesses, avec le dire hérité, les memoires qui l'ont caractérisée, mais le non-prévu surgit à chaque détour du périple ou de la pérégrination. Le mouvement de la pensée n'est pas une démarche constructive qui voudrait ajouter un nouvel objet conceptuel à la panoplie déjà existante. Le philosophe est ici presque poete et a deserte, peut-être pour um moment seulement, les procédures argumentaires: la ville n'est pas, dans cette perspective, objet à connaitre mais quase-sujet avec qui la philosophie ouvre le dialogue.»

<sup>75</sup> Universidade de São Paulo.

fenômeno urbano começam a ser realizadas, tendo a cidade de São Paulo como foco.

## 2.2 - O campo conceitual dos estudos antropológicos nas sociedades urbano-industriais

O início do percurso dos estudos urbanos<sup>76</sup> no Brasil transcorre sob a influência das pesquisas da Escola de Sociologia de Chicago no contexto das grandes metrópoles, concentradas em examinar a cidade de São Paulo a partir de três searas de entendimento, a saber: “a) relações raciais (negros, brancos e imigrantes); b) estudos de comunidade (pequenas cidades rurais); c) estudos na cidade (especialmente São Paulo)” (MENDOZA, 2005; 2).

Ainda, conforme Mendoza (2005) é com a presença desse expoente da Escola de Chicago entre nós, na década de 50, do século XX, que se inicia a trajetória dos primeiros estudos sociológicos e antropológicos no Brasil e que tomam a cidade a partir de:

“Temas “brasileiros”, como a sociedade rural tradicional, a imigração estrangeira, as formas de associação na cidade, entre outros –, ou ainda, a inserem no corpo das reflexões sobre as questões teóricas e metodológicas decorrentes de pesquisas sobre integração e mudança da sociedade nacional, como os “estudos de comunidade” e de “aculturação” (PEIXOTO & SIMÕES, 2003<sup>77</sup>).

Em especial, destacam-se as figuras das duas grandes antropólogas Eunice Durham<sup>78</sup> e Ruth Cardoso<sup>79</sup>, cuja obra intelectual e

<sup>76</sup> Cf. Mendoza (2005) argumenta que a Escola de Sociologia de Chicago, a Escola de Antropologia de Manchester e a Escola Marxista Francesa de Sociologia Urbana em momentos diferentes pensaram e complexificaram os estudos urbanos, e que estas influências colaboraram na conformação dos campos científicos da Antropologia e Sociologia urbana brasileiros também em distintos momentos.

<sup>77</sup> In: PEIXOTO, Fernanda Arêas and SIMOES, Júlio Assis. A Revista de Antropologia e as ciências sociais em São Paulo: notas sobre uma cena e alguns debates. *Rev. Antropol.* [online]. 2003, vol.46, n.2 [cited 2009-11-27], pp. 383-409. Available from: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&)

<sup>78</sup> Em 1964 Eunice Durham defende sua dissertação de mestrado na USP, orientada pelo professor Egon Shaden, cujo título é “Mobilidade e assimilação: A história do imigrante italiano num município paulista”. A tese de doutorado, defendida em 1967, intitula-se “Migração, Trabalho e Família. Aspectos do processo de integração do trabalhador de origem rural à sociedade urbano-industrial”. É importante mencionar que a tese é resultado de um

a atuação acadêmica foram responsáveis pela conformação dos estudos da antropologia urbana no Brasil em contornos metodológicos mais precisos.

Particularmente, com os estudos sobre imigração italiana e japonesa, e posteriormente, com as migrações do campo para a cidade, ambas as pesquisadoras influenciaram a produção etnográfica no contexto das sociedades urbano-industriais, enfocando temas como a mobilidade social e a assimilação, a família e o trabalho (DURHAM, 1973), assim como a dinâmica cultural, a estrutura social e a imigração (DURHAM, 1966; CARDOSO, 1995).

O resultado de tais estudos é a própria formação do campo conceitual da antropologia das sociedades complexas, onde se destaca o desafio de se etnografar o contexto metropolitano nos moldes, segundo G. Velho (1999: 6), de um fenômeno marcado pela heterogeneidade cultural, a qual necessita ser entendida como “a coexistência, harmoniosa ou não, de uma pluralidade de tradições cujas bases podem ser ocupacionais, étnicas, religiosas, etc.”

A partir destes estudos etnográficos iniciados no Brasil, no contexto do estado de São Paulo e de sua capital, e tendo como foco as questões das grandes metrópoles contemporâneas brasileiras, seguem-se inúmeras linhagens das quais ressalto duas que são significativas para esta tese de doutorado.

A linhagem de estudos inaugurada por Gilberto Velho (1973) no Museu Nacional/UFRJ, a partir de seus estudos sobre estilos de vida de camadas médias urbanas num prédio de conjugados no bairro de Copacabana, no Rio de Janeiro<sup>80</sup> e o consumo de tóxicos e a construção de espaços de sociabilidades nas camadas médias urbanas cariocas<sup>81</sup>. E a outra linhagem, situada na USP, e inaugurada, entre outros, pelos

---

projeto realizado entre os anos de 1959 e 1960 no Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, coordenado por Darcy Ribeiro. Nesta pesquisa foram entrevistados migrantes rurais em quatro cidades, a saber: São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Curitiba. Entretanto, para a tese limitou sua pesquisa à cidade de São Paulo, o qual justifica: “Pois, desde que se pretendia compreender a migração como aspecto do processo de industrialização, é em São Paulo, o maior centro urbano industrial, que o fenômeno se apresentava com máxima intensidade” (In: DURHAM, 1973, 226).

<sup>79</sup> Em 1972, orientada por Eunice Durham, Ruth Cardoso finaliza sua tese de doutorado, na USP: “Estrutura familiar e mobilidade social: estudo dos japoneses no Estado de São Paulo.”

<sup>80</sup> Ver a respeito a obra de G. Velho *A Utopia Urbana: um estudo de Antropologia Social*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1973.

<sup>81</sup> Cf. a tese de G. Velho, defendida em 1975, *Nobres e Anjos: um estudo de tóxicos e hierarquia*. Rio de Janeiro.

estudos antropológicos de Alba Zaluar (1985), Tereza Caldeira (2000) e José Guilherme Magnani (1998).

Por um lado, na tradição de estudos de E. Durham sobre a vida na metrópole contemporânea, de forma indireta, aponto a influência dos estudos sobre criminalidade e violência de Alba Zaluar<sup>82</sup> e a escolha do tema e do objeto do presente trabalho, tendo em vista seus procedimentos e técnicas de pesquisa envolvendo temas complexos tais como a violência doméstica, a policial, a urbana e o tráfico de drogas.

Por outro, na linhagem dos estudos da “escola paulista”, inaugurada por Ruth Cardoso, destacam-se para este trabalho, os estudos de Teresa Caldeira sobre os moradores da periferia de São Paulo<sup>83</sup>, bem como suas pesquisas sobre as falas do crime na metrópole paulista, refletindo sobre a violência urbana, cidadania e segregação espacial. E ainda, as pesquisas de José Guilherme Cantor Magnani<sup>84</sup> sobre o tema do lazer nas camadas populares, em São Paulo, e dos estudos que delas derivam, ou seja, a vida cotidiana dos habitantes de uma grande metrópole a partir dos dispositivos espaciais acionados por eles, segundo suas escalas diferenciadas de interações sociais: manchas, pedaços, trajetos e circuitos.

Em particular, para o caso de estudo sobre gênero, sexualidade, corpo e cidade, dentre os estudos que seguem a linhagem das pesquisas sobre estilo de vida, trabalho, visão de mundo e sexualidade no contexto de camadas médias e classes trabalhadoras urbanas no contexto metropolitano, inaugurados por Gilberto Velho, destaco em particular os trabalhos de Ovídio de Abreu (1980)<sup>85</sup>, Maria Dulce Gaspar (1984), Luiz Fernando Dias Duarte (1985), Maria Luiza Heilborn (1984)<sup>86</sup> e Ana Luiza Carvalho da Rocha (1985)<sup>87</sup>, que vão influenciar alguns dos contornos do tratamento etnográfico adotado aqui.

---

<sup>82</sup> Cf. A. Zaluar (1984): *A Máquina e a Revolta: As organizações vicinais e o significado da pobreza*. Publicada no ano de 1985 pela Editora Brasiliense, está na terceira edição (2002).

<sup>83</sup> Título da dissertação (1982): “Imagens do poder e da sociedade: O mundo cotidiano de moradores da periferia”.

<sup>84</sup> Cf. J. Magnani (1982): “Festa no pedaço: o circo teatro e outras formas de lazer e cultura popular”.

<sup>85</sup> Título da dissertação (1980): “Raça, sangue e luta: identidade e parentesco em uma cidade do interior”.

<sup>86</sup> Título da Dissertação (1984): “Conversa de portão: juventude e sociabilidade em um subúrbio carioca”.

<sup>87</sup> Título da dissertação (1985): “A Dialética do estranhamento: a reconstrução da identidade social de mulheres separadas em Porto Alegre/RS”.

Refiro-me, especialmente, aos contornos teóricos e conceituais que vão derivar das pesquisas que têm sido realizadas por Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert sobre duração, memória coletiva e formas de sociabilidade no mundo contemporâneo, com base nos estudos de trajetórias sociais, narrativas biográficas e itinerários urbanos de seus habitantes.

É, portanto, na trilha destas linhagens de antropólogos urbanos que situo o presente estudo referido à construção de práticas sexuais na conformação da paisagem urbana das cidades brasileiras, a partir de um estudo etnográfico com as profissionais do sexo no centro da cidade de Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina.

Assim, é a partir das redes sociais destas profissionais do sexo que ensaio um entendimento de suas formas de vida social, tanto nas ruas, como em determinados territórios urbanos, ao passo que suas práticas sexuais são compreendidas à luz da vida urbana e de suas interações cotidianas.

Para tal empreitada, lanço mão dos métodos e técnicas que configuram a tradição antropológica<sup>88</sup>, em especial, os que remetem aos estudos na e da cidade no interior de uma antropologia das sociedades complexas. São eles basicamente: trabalho de campo, através do uso da etnografia de rua e da observação participante na região central de Florianópolis, além das pesquisas com os itinerários urbanos; e a memória coletiva (ECKERT & ROCHA 2001) das profissionais do sexo nos seus territórios de trabalho, associadas aos estudos de suas trajetórias sociais, narrativas biográficas e redes sociais, entre outros.

Como já citado anteriormente, Robert E. Park, entre olhares e experiências na cidade, elaborou uma aproximação entre o espaço físico e o espaço social dos diferentes habitantes de uma grande metrópole, acreditando que ao “medir a distância física entre populações, se saberia algo sobre a distância social entre elas”<sup>89</sup>.

Apesar de críticas a esta *démarche* para a pesquisa das ações sociais dos habitantes no contexto dos grandes centros urbano-

---

<sup>88</sup> Segundo Velho, (1999, 123): “A antropologia, embora sem exclusividade, tradicionalmente identificou-se com os métodos de pesquisa ditos qualitativos. A observação participante, a entrevista aberta, o contato direto, pessoal, com o universo investigado constituem sua marca registrada”.

<sup>89</sup> Nas palavras de R. Park (1976:30), “forças atuando dentro dos limites de qualquer área de habitação humana – forças que tendem a ocasionar um agrupamento típico e ordenado de sua população e instituições. À ciência que procura isolar estes fatores, e descrever as constelações típicas de pessoas e instituições produzidas pela operação conjunta de tais forças, chamamos Ecologia Humana, que se distingue da Ecologia dos animais e plantas.”

industriais<sup>90</sup>, seus esforços iniciais, suas tentativas e ensaios de métodos e técnicas de pesquisa ousaram pensar a cidade moderna como um laboratório para suas interrogações socioculturais, especialmente por abordar problemáticas diversas, tais como, a desorganização, a desestruturação e a anomia (ROCHA & ECKERT, 2000) causadas pela concentração da população nas grandes metrópoles.

Da mesma forma e para este trabalho, a cidade de Florianópolis, na experiência das redes de profissionais do sexo que delimitam meu trabalho de campo, se apresenta como um espaço de interações sociais negociadas segundo os códigos e valores associados a seus distintos territórios de sociabilidade: bares, esquinas, praças, ruas, boates, etc.

Ainda que situada como lugar por excelência dos “processos vitais das pessoas que a compõem” e “habitat natural do homem civilizado” (PARK 1976, 29-31), a grande metrópole contemporânea pode ser enfocada a partir dos processos sociais que ela engendra, segundo as regras de civilidade singulares que dela derivam (SENNET, 1988; ELIAS, 1993).

De acordo com Georg Simmel (1976:18), cujo pensamento intelectual influenciou fortemente as pesquisas da escola de Chicago, “não há talvez fenômeno psíquico que tenha sido tão incondicionalmente reservado à metrópole quanto à atitude *blasé*”.

Ou seja, a metrópole moderna acionaria estados psíquicos singulares nos seus habitantes, promovendo neles uma vida mental diferenciada, pautada pela atitude *blasé* e concebida como distância, racionalidade e indiferença para com o outro<sup>91</sup>. Tal atitude, concebida através da exacerbação de sentidos e das decalagens entre cultura objetiva e a cultura subjetiva, comportaria em uma estratégia de sobrevivência, que o cidadão de grandes metrópoles lança mão como uma forma de proteção em face da fragmentação e da diversidade que a vida social provoca no espaço urbano.

Perspectiva abraçada por Louis Wirth (1976:101), o qual considera que a alta densidade demográfica seguida da "segmentação

---

<sup>90</sup> Os pesquisadores que seguem os preceitos da Escola de Chicago são criticados pelo seu reducionismo explicativo, em razão de concentrar no espaço urbano (em espaços físicos específicos) a gênese dos problemas da cidade, e por conta disso algumas vezes negligenciarem a complexidade das interações sociais organizadas na cidade.

<sup>91</sup> Cf. G. Simmel (1976:18): “a atitude *blasé* resulta em primeiro lugar dos estímulos contrastantes que, em rápidas mudanças e compreensão concentrada, são impostos aos nervos. Disto também parece originalmente jorrar a intensificação da intelectualidade metropolitana.”

das relações humanas" faz com que a grande metrópole, por si só, modifique o caráter das relações sociais, tornando-a "esquizóide". Disto deriva o nascimento de um sujeito fragmentado, submetido a um "processo de despersonalização" e decomposto numa série de relações segmentárias tênues, superpostas a uma base territorial com um centro definido, mas sem uma periferia definida (WIRTH,1976:111).

Um fenômeno revisto por Anthony Giddens (1991) à luz de seus estudos sobre a modernidade. Segundo o autor, não se trataria de uma característica do fenômeno urbano em si, mas de sua dimensão moderno-contemporânea onde o viver / estar nas grandes metrópoles contemporâneas nos coloca a situação diária e cotidiana de nos encontrarmos diariamente com 'outros' que não são os 'nossos'. A condição moderna obrigaria, assim, os habitantes de um grande centro urbano ao convívio, na maior parte do seu tempo, com pessoas alheias e estranhas ao seu núcleo familiar - e não mais restrito apenas aos "laços primários" - familiares e de parentesco.

Ao que contra-argumentaria, com G. Velho (1999), que tais revoluções da intimidade, tão características da vida na metrópole, originam-se menos de seu arranjo "moderno" do que são efeitos de determinadas formas de disseminação dos postulados do individualismo moderno no interior das modernas sociedades complexas, urbano-industriais. A personalidade *blasé* no âmbito das grandes cidades se conformaria, segundo o autor e suas inspirações na obra de Louis Dumont (1985) sobre a ideologia moderna, num estilo de vida entre outros, não podendo ser reduzida a uma fórmula que aplicaria indistintamente a todas as camadas sociais.

Na combinação do estudo etnográfico dos estilos de vida, das trajetórias sociais e dos itinerários urbanos entre as prostitutas, o estudo de suas redes sociais nas ruas e praças da região central de Florianópolis e da cidade como "espaço praticado" (DE CERTEAU, 1994), esta tese tem, assim, a particularidade de recolocar tais temas, agora, sob outras roupagens.

Particularmente, por meio das narrativas biográficas de minhas interlocutoras, procuro pensar em como as interações entre tais profissionais com a cidade, a partir de suas redes sociais, contribuem para a realização de suas "carreiras" (GOFFMAN, 1982) na profissão de prostitutas num contexto metropolitano.

Tendo como contraponto as reflexões sobre a personalidade *blasé* e o nascimento da metrópole contemporânea, procuro

compreender a forma como minhas interlocutoras de pesquisa relacionam-se através de certas táticas e astúcias (DE CERTEAU, 1994), não apenas com seus clientes, mas com as instituições e órgãos responsáveis pela instauração dos micro-dispositivos de poder (FOUCAULT, 1996), no uso do corpo e da sexualidade nas áreas onde trabalham.

Desse ângulo, os estudos do interacionismo simbólico americano em sua face mais contemporânea são aqui retomados como pontos essenciais deste estudo. No que concerne às áreas públicas, Howard Becker (1977:88), em sua teoria social do desvio, descreve a atitude *blasé*, apontada pelo pensamento simmeliano, como uma espécie de reserva do homem urbano, ou seja, “onde pode sentir que nada do que ocorre é de sua responsabilidade e que há profissionais, encarregados de fazer cumprir as leis, cuja tarefa é lidar com tudo que seja fora do comum”.

Um fenômeno que transcorre em determinados territórios urbanos, e não em todos indiscriminadamente, geralmente espaços tidos e visto como lugares de responsabilidade de *outros*, especialmente daqueles que fazem cumprir a lei.

É o caso, por exemplo, das formas de ocupação da cidade por minhas parceiras de pesquisa, dos lugares de exercício da profissão, muitas vezes caracterizados como lugares semi-públicos (MOLES & ROHMER, 1982, 139), nos quais sua presença é condicionada ao consumo de alimentos, serviços, ou pagamento de serviços (bares, boates, motéis).

É deste modo que, durante a construção da carreira de prostituta, as diferentes formas de praticar o espaço citadino são instigantes para a compreensão das distintas formas da memória individual, social e coletiva que se arranjam entre si, descrevendo a sua inserção profissional em determinadas áreas públicas da cidade de Florianópolis, em detrimento de outras. Assim também, como apontam para as diferenças em sua vida profissional entre essas áreas e aquelas por onde passar na aprendizagem de seu ofício.

Para o caso das cidades brasileiras e das marcas de uma moralidade relacionada às tradições de uma sociedade patriarcal, podemos pensar as carreiras das profissionais do sexo re-traçadas na tese (do *estar na rua, na correria*), como parte de um esforço interpretativo de uma grande metrópole moderno-contemporânea no Brasil, para além de um antagonismo simplista entre a rua e a casa (DAMATTA, 1997).

Assim, trata-se de refletir sobre os usos do corpo e da sexualidade femininas na sociedade brasileira a partir das articulações entre casa (espaço privado, familiar e doméstico) e rua (espaço público), e onde a prostituição ocuparia papel relevante de mediação entre essas duas regiões morais<sup>92</sup> (PARK, 1976).

Neste caso, trata-se aqui na tese de se pensar as práticas da prostituição no interior de determinadas redes sociais e territórios da região central de Florianópolis, em conformidade não apenas às regras associadas à realização do seu ofício na cidade, mas aos seus “interesses, gostos e temperamentos”.

Neste sentido, o trabalho de Nestor Perlongher (1987), que tem como foco a esquina da Av. São João com a Av. Ipiranga, em São Paulo, é referência, uma vez que o autor, ao abordar o tema da identidade e da territorialidade dos michês (e seus “negócios”), os situa no interior dos deslocamentos na ordem do desejo, e observa a sua correspondência com os deslocamentos destes atores sociais no espaço urbano<sup>93</sup>.

No caso, este estudo alinha-se aos avanços e contribuições da antropologia das sociedades complexas para o campo da antropologia urbana, na medida em que opto por uma antropologia *na* cidade mais do que uma antropologia *da* cidade.

Aderindo as reflexões de Gilberto Velho e Luiz Antônio Machado da Silva<sup>94</sup> (1977), esse trabalho, apesar de investir na compreensão da vida urbana de uma metrópole a partir das trajetórias sociais e dos itinerários urbanos de profissionais do sexo em algumas de suas redes sociais na região central da capital de Santa Catarina, não afirma, entretanto, ser este um fenômeno especial da metrópole contemporânea.

---

<sup>92</sup> Ver a propósito, Robert E. PARK, "A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano", in VELHO, O.G.(org.), *O fenômeno urbano*, Rio de Janeiro, Zahar.

<sup>93</sup> N. Perlonger (1987) adere ao projeto de uma “antropologia sexual” lançado por Peter Fry nos anos 80, o qual avalizou, posteriormente, uma série de pesquisas antropológicas sobre “minorias sexuais” no contexto das grandes metrópoles brasileiras.

<sup>94</sup> Ver a propósito G. Velho. & Silva, L. A. M. "A organização social do meio urbano" in *Anuário Antropológico* 1976. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1977.

### 2.3 - Da unidade à fragmentação: a carreira na prostituição e a coexistência de diferentes estilos e visões do trabalho na rua

Re-situando, portanto, o argumento da personalidade *blasé*, nos moldes de uma interpretação da diversidade/descontinuidade de estilos de vida e visões de mundo que abarcam o fenômeno da metrópole moderno-contemporânea, segundo a obra de G. Velho, *Projeto e metamorfose* (1994) e para o caso de minha tese, destaco a perspectiva de outros estudos da vida cidadina.

Refiro-me aos estudos da cidade segundo o arranjo de suas formas sensíveis, influenciada pelos trabalhos de Ana Luiza C. da Rocha (1994), Michel Maffesoli (2000), Pierre Sansot (1986), Abraham Moles e Rohmer (1982) e Eckert & Rocha (2000). Estes autores abordam o mundo urbano contemporâneo do ponto de vista de seus habitantes, e para os quais a exacerbação dos sentidos não conduz necessariamente a uma não-forma do ser social, mas sim, a uma de suas formas.

Segundo, M. Maffesoli (2000), a cidade moderno-contemporânea possibilita uma espécie de fruição estética singular onde a figura do indivíduo é, em determinados territórios, menos significativa do que a presença de uma comunidade de sentimentos. Neste sentido, a atitude *blasé* nas grandes metrópoles se torna um estilo de vida singular, onde “uma alma coletiva”, em detrimento da noção de indivíduo, sujeito ético-moral, se firma como uma “matriz fundamental que engloba e anima o conjunto da vida cotidiana” (MAFFESOLI, 2000; 113).

Assim, é no reconhecimento das interfaces entre continuidade/descontinuidade e homogeneidade/heterogeneidade de universos simbólicos, no âmbito das formas do ser social nas grandes metrópoles urbanas contemporâneas, que recoloco o tema das múltiplas formas de arranjos sociais que a carreira de prostituta adquire. E, no caso das redes sociais por mim pesquisadas em Florianópolis, segundo os distintos projetos de vida que as trajetórias sociais e os itinerários urbanos de minhas interlocutoras de pesquisa contemplam ao narrarem suas biografias nessa profissão. Um dos focos de interpretação de meu universo de pesquisa trata, portanto, da heterogeneidade de práticas sociais envolvendo a profissão de prostituta nas ruas centrais da capital.

O exercício da profissão “prostituta”, neste caso, passa a ser pensado no interior das redes sociais nas quais minhas interlocutoras de pesquisa aprendem seu ofício. Redes sociais (BOTH, 1976; LOMINTZ, 2001) que atuam como comunidades de sentimento (MAFFESOLI, 2000) e que tendem a enraizar estas mulheres a determinados territórios

da vida cidadina local em detrimento de outros lugares e de outras formas de “batalhar na rua”.

Comunidades, entretanto, heterogêneas e descontínuas que se formam a partir do universo das práticas sociais envolvendo a compra e venda do corpo e da sexualidade feminina nas ruas, estruturadas em torno de certas redes sociais diversas, segundo seus códigos sociais, sistemas de valores, hierarquias e formas de solidariedade, umas em relação às outras.

Da mesma forma, comunidades de sentimento tecidas em torno de territórios afetivos singulares, que conformam os seus laços com a região central da cidade na modalidade de um bairro, tal e qual seus moradores locais. Isto é, nos moldes da noção de *bairro* apresentada por M. De Certeau (1996: 40): “um espaço privado particularizado, pelo fato do uso quase cotidiano desse espaço”.

Apoiando-me no autor, o bairro, na prática cotidiana das profissionais do sexo, pode ser pensando como um espaço expressivo das formas como elas operam a continuidade entre os valores éticos e morais e os códigos sociais entre a casa e a rua na sua prática profissional.

Neste sentido, em particular, no espaço prático da prostituição e no seu processo de formação, o bairro passa a ser pensado como “um dispositivo prático” que tem por função garantir, no jogo dos corpos e da sexualidade em suas áreas públicas, uma “solução de continuidade entre aquilo que é mais íntimo (espaço privado da residência) e o que é mais desconhecido (o conjunto da cidade ou o resto do mundo)”.

Faz parte, assim, das artes de fazer (DE CERTEAU, 1996) a reinvenção das formas de apropriação no território do bairro e dos seus espaços praticados pelos moradores e *habitués* e de sua aceitação, para que seu trabalho transcorra com a normalidade social e culturalmente tolerada, senão aceitável, até mesmo incentivada. Nesta perspectiva, a da construção de territórios das práticas de trabalho das prostitutas no centro da cidade, o “estar ali” (GEERTZ, 2005) no Largo da Alfândega, especialmente, sugere para os moradores locais e aos *habitués* que transitam pelo local, um lugar de ficar, de descanso, uma parada entre um percurso e outro.

Por um lado, é durante o transcorrer do dia que as atividades da prostituição acontecem em meio ao movimento de pedestres, comércio ambulante, pedintes e pessoas descansando em seus bancos e à sombra das árvores, como parte expressiva destas formas sociais que acontecem

em certas regiões do bairro. Por outro lado, é, por exemplo, na Praça da Alfândega (ou Largo da Alfândega), durante o exercício do *métier*, que algumas mulheres recebem visitas de parentes, resolvem problemas familiares, afetivos, engendram relações, descontroem outras.

Sob esse ângulo, a construção social dos territórios de prostituição se consolidaria, por conseguinte, por tais comunidades de sentimento na região central de Florianópolis, a partir de uma modalidade de *estar lá* (GEERTZ, 2005), num diálogo descontraído com um “outro” desconhecido, segundo táticas e astúcias singulares às redes sociais onde transitam, e nas quais se perpetua uma memória coletiva dessas formas de trabalho na cidade.

Como situa M. De Certeau (1996: 43), os territórios de prostituição e suas formas de trabalho, em relação às formas de vida social no bairro onde se enraízam, conformam, assim, uma diferença entendida como uma distância que não separa, mas une e complementa, onde um não existe sem o outro, são complementares, numa relação polêmica, compreendidos não mais como opostos: o íntimo versus o desconhecido, o privado e o público<sup>95</sup>.

É ao longo do espaço praticado da “batalha na rua” onde o desejo toma uma feição singular (PERLONGHER, 1987), que as profissionais do sexo (no interior de suas redes sociais) elaboram uma distância que lhes autoriza a união dos códigos ético-morais e sexuais, inscritos no espaço doméstico (privado) àqueles das áreas públicas e assim, por sua vez, garantem o lugar do corpo feminino, sexualizado e erotizado da rua (público).

Tal como observado durante meu trabalho de campo e descrito por uma de minhas interlocutoras:

Estava de ônibus e na volta para casa resolvi passar no Largo... fazia quase sete horas que estava perambulando pelo centro. Cheguei e lá estava Nádia sentada num dos bancos, conversando com duas senhoras que eram iguais a ela... Não resisti e fui conversar, cheguei perto delas e brinquei dizendo que *eram todas iguais, que deviam ser irmãs...* E eram!!!! Nádia me apresentou, uma morava no morro e outra em Canasvieiras. Uma delas, bem simpática, me diz assim: “Aqui é a casa dela!” Perguntei pela Betina, Nádia me olha rindo e

---

<sup>95</sup> Ver a propósito Roberto DaMatta, *A casa e a rua* (1997).

diz: “Betina foi dá!” (Diário de campo, Julho de 2007).

Na tentativa de compreender este sentido do afetual (MAFFESOLI, 2000) atribuído às minhas parceiras é que proponho pensar tais territórios de prostituição a partir da construção de redes sociais atuando como comunidades de sentimento, e cujos usos diários, transgridem (DE CERTEAU, 1996) os limites impostos pelos dispositivos de poder, concebidos pelas políticas públicas municipais para o exercício desta profissão na cidade, assim como, contemplados nos planos urbanísticos previstos para esta área da vida urbana local.

Um fenômeno evidenciado durante minhas idas à campo, e ao longo de minhas observações participantes junto às minhas interlocutoras, quando muitas delas referiam-se aos *habitués* locais como seus “vizinhos da rua”.

#### **2.4 - A prostituição e os intensos processos urbanos de interação entre segmentos sociais diversos**

As técnicas do corpo, das posturas e dos gestos de tais comunidades de sentimento apóiam-se nas “redes de significados” (GEERTZ, 1989), que recortam tal comunidade em redes sociais, segundo determinadas crenças e valores compartilhados entre as profissionais do sexo.

Tais redes de significado acompanham as falas dos “passos perdidos” (DE CERTEAU, 1996) da prostituição em Florianópolis, ao longo de sua carreira profissional e das quais participam indivíduos de categorias sociais das mais diversas.

Interessa-me aqui, em particular, pensar a cidade desde o ponto de vista das narrativas biográficas de tais prostitutas, procurando ressaltar a forma como a cidade moderno-contemporânea participa de suas aprendizagens do ofício.

Ao mesmo tempo em que as práticas sexuais e dos corpos de minhas interlocutoras configuram a estética urbana de determinados territórios de vida coletiva na área central de Florianópolis, elas revelam suas formas específicas de reinventar a tradição da profissão de prostituta conforme suas experiências na cidade. Deste ângulo, a prostituição, em obediência a certas trilhas urbanas (tal qual um texto escrito) e no proveito da caminhada do anônimo, acaba por traduzir o seu bairro na forma de um “lugar” (DE CERTEAU, 1994).

As prostitutas assim como todas as profissões que constroem suas carreiras nas ruas de uma metrópole - diferentes dos urbanistas, dos agentes das ONG's e dos agentes dos poderes públicos locais - estão assim de tal maneira mergulhadas numa experiência urbana singular, que as incapacita de olhar o bairro como o espaço.

Nos termos de M. De Certeau (1994), o conhecimento que têm das ruas onde exercitam seu ofício “é tão cego quanto o dos amantes abraçados.” E assim, para o presente trabalho, me considero, portanto, em sintonia com esse autor (DE CERTEAU, 1994:23) que, como verdadeiros “poemas entrelaçados” onde “cada corpo é um elemento assinado por muitos outros, furta-se a legibilidade”.

São trilhas que enlaçam determinadas formas de prática de prostituição a determinados territórios de uma grande metrópole e conformam redes de escrituras “que se movem e se entrecruzam”, compondo uma história múltipla “sem autor nem espectador”.

## 2.5 - Trajetórias de “mulheres públicas”, carreira e profissão

Como território vivido (MOLES & ROMER, 1982) e espaço praticado (DE CERTEAU, 1996) é que me proponho a pensar, por exemplo, as experiências de uma de minhas interlocutoras de pesquisa, com 8 anos de exercício da profissão na *Conselheiro* (rua Conselheiro Mafra) e outras duas há mais de 12 anos, ambas atuando na *Alfândega* (praça da Alfândega), em Florianópolis.

É importante ressaltar que as duas últimas têm idades em torno de 42 e 55 anos, respectivamente. Como dimensão sensível das formas de *batalhar na rua*, para além da fragmentação de papéis que vivem as profissionais do sexo no exercício de seu ofício, é relevante para esse estudo pensar como esta comunidade de sentimentos configura uma unidade em torno do exercício das práticas sexuais e dos corpos em certas redes sociais de trabalho, rompendo com suas hierarquias internas.

Trata-se aqui de refletir, por um lado, sobre os jogos de sedução ou de *coqueteria*<sup>96</sup> que estas mulheres configuram nas áreas públicas nas

---

<sup>96</sup> Para o português a tradução seria paquera. Mas para fins epistemológicos prefiro adotar *coqueteria*, pois o sentido não se perde na tradução. Cf. G. Simmel (s/d:60) no seu ensaio La filosofia de la Coquetería: “Porque lo próprio y peculiar de la coquetería consiste em producir el agrado y el deseo por médio de una antítesis y síntesis típicas, ofreciéndose y negándose simultânea o sucesivamente, diciendo sí y no ‘como desde lejos’, por símbolos e insinuaciones,

interações com seus clientes, assim como a aventura<sup>97</sup> que tais jogos encerram.

Por outro, sobre as redes de solidariedade feminina que elas tecem entre si como integrantes na aventura de sua profissão numa grande metrópole<sup>98</sup>, numa espécie de aversão à figura do *blasé* quando pensado a partir da profissão de “prostituta” e da construção de sua carreira (GOFFMAN, 1982).

A metrópole contemporânea envolve, assim, mais do que a aprendizagem de uma ação calculada no uso do corpo e da sexualidade nas áreas públicas. Ela contempla a aprendizagem do ato de jogar o jogo das práticas corporais e sexuais na realização de seu trabalho no contexto dos imponderáveis e dos acasos que conformam as ruas e esquinas, tomando tais territórios como lugar de aventura.

Importante salientar que se trata de formas sociais que acompanham os ensinamentos do *métier* de prostituta com base em redes sociais de trabalho, que, enraizadas em determinados territórios da vida urbana, transcorrem diferencialmente, inclusive, segundo os momentos do “curso de vida” em que elas se situam<sup>99</sup>.

Neste sentido, minhas experiências em campo me conduziram a refletir sobre as feições diversas que a carreira de prostituta se apresentava nas narrativas biográficas de minhas parceiras de pesquisa, variando segundo as distintas localizações que minhas interlocutoras ocupavam no curso de suas vidas.

Ainda que não seja o tema e o objeto de minha pesquisa, constato, nos termos empregados por Myriam Lins de Barros<sup>100</sup> que as diferentes localizações de minhas interlocutoras no ciclo de vida interferem nas representações que as mesmas constroem de suas experiências na profissão.

dándose sin darse, o, para expresarnos en términos platónicos, mateniendo contrapuestas la posesión y la no posesión, aunque haciéndolas sentir ambas en um solo acto”.

<sup>97</sup> Cf. G. Simmel. Sobre la aventura (1988)

<sup>98</sup> A inspiração é o trabalho de Marie-Elisabeth Handmann e Janine Mossuz-Lavau, *La prostitution à Paris*. Paris, Éditions de La Martinière, 2005.

<sup>99</sup> Cf. Guita Debert, “(...) o estudo sobre o curso da vida vem se movimentando de uma tendência que divide o estudo do desenvolvimento humano em estágios descontínuos para um firme reconhecimento de qualquer ponto do curso da vida precisa ser analisado dinamicamente, como consequência das experiências passadas e das expectativas futuras, e de uma integração entre os limites do contexto social e cultural correspondente” In: DEBERT, Guita Grin; GOLDSTEIN, D. *Políticas do corpo e o curso da vida*. São Paulo: Mandarin, 2000, p. 218.

<sup>100</sup> A propósito ver o artigo de Myriam Moraes Lins de Barros: “Densidade da memória, trajetória e projeto de vida”, *Estudos Feministas*, 5 (1), 1997, pp. 140-147.

As problemáticas do ciclo de vida, do envelhecimento e da sedução apontam para os desafios de se pensar as transformações na prática da profissão em suas formas mais expressivas: o uso de roupas apertadas, de mini-saias, a opção por tamancos e sandálias de salto alto, o gosto por tons de rosa nos adereços e nas roupas, tal como as prostitutas que eram observadas nos espaços das ruas, durante meu trabalho de campo:

Fico por ali, logo localizo Nádia que está remexendo o brechó beneficente que movimenta o Largo esta manhã. Está lá atenta provando sandálias, escolhe, prova, conversa, depois vai às blusas, vestidos, saias. Coloca sobre o corpo, prova por cima da roupa saias curtas. Nádia usa hoje saia preta curta de babados, uma blusa tipo colete amarela e por cima uma jaqueta de moletom cor de rosa. Nos pés exhibe tamancos que acabara de comprar. Ela ainda não me viu... (Diário de campo, Junho de 2007)

Sobre o tema singular da sedução nas práticas sexuais de minhas interlocutoras, penso aqui nos estudos de C. Deschamps (2006) sobre a prostituição nos limites da cidade de Paris e as suas observações sobre os percalços de prostitutas idosas com os jogos de sedução.

Refiro-me aqui à “dependência da sedução”, ou do sentir-se desejada, que apareceu em determinadas circunstâncias em meu trabalho de campo, como forma fundamental do jogo social que conformam os diferentes estilos do exercício da prostituição na rua.

Um fenômeno que se evidencia ao se pensar essa profissão sob a ótica dos estudos de geração e dos ciclos de vida:

Depois nos sentamos próximos ao local onde estávamos ali na Alfândega mesmo. Durante a entrevista observei um jovem rapaz (mais ou menos 20 anos) mais a frente nos olhando e fazendo sinais, não entendi, mas pensei que ele estivesse por ali, querendo programa com alguma de nós, (estávamos em três naquele momento, eu, Márcia e Raquel). Márcia sai da entrevista (entusiasmada) me dizendo que o rapaz estava todo o tempo acenando e fazendo sinais pra ela, querendo um programa com ela. Estava animada, *o sentir-se desejada faz uma diferença nesta idade*, ela me confessa. Estava

realmente excitada, e o rapaz queria programa...  
(Diário de campo, Agosto de 2008)

Da mesma forma, a presença do orgiástico e do dionisíaco<sup>101</sup> como elemento basilar das aprendizagens da profissão de prostituta por um lado, em referência às festas, uso de bebidas e uso de drogas em relação à valorização de seu *métier* como parte de uma dramaturgia de novela e folhetim envolvendo amantes, riscos, perigos, aventura e sedução.

E por outro lado, como cenário possível de obtenção de mobilidade na “carreira” com a obtenção de dinheiro, de roupas e acessórios caros, de produtos de beleza no sentido do aperfeiçoamento de seus corpos para o trabalho, como neste depoimento de Márcia:

Eu tava com o Beto, mas com Beto, tanto com o policial que eu transei na Palhoça/SC, eu transei com todos de camisinha.... esse policial mesmo era um gato.... Meu Deus do céu!!!! Ele era muito bonito.... ele ia me pegar às seis horas da manhã, quando eu voltei e tava tomando banho da festa e ali a festa era grande, era vinho.... era tudo gratuito, ninguém pagava nada.... ninguém pagava nada, porque era só mostrar a carteira tava ali num motel da Palhoça.... tavam fumando maconha cheirando cocaína.... é que o crack ainda não existia aqui em Florianópolis e daí... depois de tudo, tudo isso... a gente se separou.... e depois o pessoal do mocotó pegaram ele aqui no Lyra em 22.... escuta só... pegaram ele em 22.... pegaram ele em briga de tráfico.... porque ele era muito lindo, tinha o olho bem azul, tinha o corpo muito lindo, ele era lindo, ele era lindo, lindo, lindo, lindo.... Meu Deus, eu nunca vi um homem pelado tão lindo igual aquele pra mim né.... ai como eu tava falando pra ti.... aí nós brigamos, a gente se separou, mas mesmo assim, ele ficou mandando cartinhas pra mim, bilhetinhos pra mim... e eu na Palhoça.... aí.... passou o tempo, passou o tempo.... (Diário de campo, Março de 2007)

---

<sup>101</sup> A propósito de tais expressões ver M. Maffesoli, *A sombra de Dionisios, contribuição para uma sociologia da orgia*. Rio de Janeiro, Editora Graal, 1978.

Assim como acontecia na profissão dos michês no trabalho com a prostituição, percebia que minhas parceiras de pesquisa obtinham, em alguns de seus contextos de sua vida profissional, o acesso a determinados bens e serviços significativos para a manutenção de seu ofício, tais como o consumo de roupas de *griffe*, jóias e perfumes, a frequência em certos restaurantes e motéis, etc.

Geralmente são mulheres oriundas de segmentos sociais mais carentes, que saem de cidades do interior ou da região metropolitana de Florianópolis. E a adesão a esta carreira profissional abarcaria, assim, um projeto de mobilidade social, aonde a “metamorfose” de suas trajetórias sociais (VELHO, 1994) vem associada com suas vidas de “cortesãs”<sup>102</sup>.

Penso que os diversos estilos de vida e visões de mundo que acomodam-se nas carreiras de minhas interlocutoras expressam, neste sentido, um laço estreito com o *desejo de consumo* de corpos e sexualidades que é pertença ao estilo de vida e visões de mundo do universo da prostituição na cidade de Florianópolis.

O desejo de consumo alia-se, assim, ao *desregramento* da carne (SENNET, 1988) no interior da comunidade urbana local, conduzindo a conformação de uma *persona* para a figura da prostituta, que passa, assim, a se legitimar num outro espaço social que não os territórios estigmatizados (GOFFMAN, 1982), marginais e marginalizados dos prostíbulos, dos bordéis ou dos “puteiros”.

Assim, nas grandes metrópoles moderno-contemporâneas, o *desejo de consumo* do prazer alia-se à esfera de sua produção pela via do trabalho, que abarca a prostituição feminina, oferecendo-se às práticas sexuais e corporais das prostitutas não apenas como espetáculo orgástico para a cidade, mas como *campo de possibilidades* (VELHO, 1994; 1981) para a obtenção de mobilidade e ascensão social de indivíduos de distintas camadas sociais.

Ouso dizer que as redes sociais (LOMNITZ, 2001) por mim investigadas, além de conformarem o universo da prostituição em Florianópolis, organizam os “desregramentos da carne” no interior da comunidade urbana local.

Por seu turno, o fazem segundo certas modalidades de arranjo de laços afetivos e sociais, envolvendo escolhas de determinados papéis sociais e de certos conjuntos de símbolos socialmente compartilhados

---

<sup>102</sup> Interessante ressaltar que C. Deschamps (2006) faz uma analogia, nesse caso, do acesso a bens e consumo por parte das prostitutas de hoje, com as cortesãs do século XIX.

para estas práticas nas áreas públicas, “num processo criativo ininterrupto”, havendo, entretanto, “alguns mais eficazes e duradouros do que outros”, conforme alerta Velho (1999:17).

Em termos de uma etnografia da duração (ECKERT e ROCHA, 2005), isto implica numa atenção especial aos jogos da memória e aos processos de negociação da realidade envolvendo a profissão de prostituta na vida urbana de Florianópolis. Sob a inspiração dos diferentes registros de estudos da antropologia social, trata-se de pensar o tema da dinâmica dos processos de transformação da moralidade, da honra e da família, para a composição dos códigos ético-morais das práticas sexuais e corporais e das subjetividades de gênero na formação da sociedade patriarcal brasileira, inaugurados por Gilberto Freyre (*Casa Grande & senzala; Sobrados e mocambos*, 1977).

Por outro lado, essa problemática traz à tona a importância de se retomar os estudos clássicos sobre as categorias de indivíduo e pessoa na estrutura da sociedade brasileira, nos moldes de Roberto Da Matta (*A casa e a rua; Carnavais, malandros e heróis*, 1997), Néstor Perlongher (*O negócio do michê*, 1987), Hélio Silva (*Travesti, a invenção do feminino*, 1993), Don Kullick (*Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*, 2008) entre outros. Ou a referência aos estudos acerca da história da sexualidade brasileira como os de R. Vainfas (*O trópico dos pecados*, 1997) e de Hélio Silva e Cristina Fiorentino (*A sociedade dos travestis: espelhos, papéis e interpretações*, 1996).

Além, obviamente de reflexões pontuais de muitos antropólogos e antropólogas sobre as figuras da puta, da cortesã, da mãe de família, da virgem ou da santa para a formação das práticas discursivas de gênero no mundo urbano contemporâneo, para o caso do Brasil, como os de Tarlei de Aragão (*Em nome da mãe*, 1983), Ovídio de Abreu (*Dona Beija: análise de um mito*, 1983), Marcos Benedetti (*Toda Feita: o corpo e o gênero das travestis*, 2000), Ana L. C da Rocha (*A reconstrução da identidade social de mulheres separadas em Porto Alegre/RS*, 1985).

Mais especificamente, uma produção localizada na cidade de Florianópolis que refletiu sobre as práticas, os papéis e os lugares na cidade das travestis, na dissertação de Marcelo Oliveira (*O lugar do travesti no Desterro*, 1997), e mais recentemente a também dissertação de Fernanda Cardozo (*Das Dimensões da Coragem: socialidades, conflitos e moralidades entre travestis em uma cidade no sul do Brasil*, 2009)

No corpo de tais orientações teóricas e conceituais, me arrisco a pensar as narrativas biográficas de minhas interlocutoras a partir de suas “carreiras” na profissão de prostitutas, assim como os serviços sexuais que prestam associadas a um processo de negociação de realidade, em que as práticas sexuais e corporais paradigmáticas de uma sociedade patriarcal e suas visões de mundo e estilos de vida são revistos, em especial, aos papéis associados à condição do gênero feminino na família.

Tais processos de negociação de realidade, nas formas como me foram sendo relatadas por minhas parceiras de pesquisa, comportam atos de transgressão, nos moldes adotados por Catherine Deschamps (2006) nos termos dos fundamentos morais de sexo e de gênero que regem a cultura sexual brasileira<sup>103</sup>.

Neste ponto, a cidade de Florianópolis é narrada por minhas interlocutoras como uma experiência corporal ou “carnal” singular, uma vez que se apresenta marcada pela ritmicidade dos processos dinâmicos que envolveram a formação de uma carreira na prostituição, das astúcias em lidar a feição clandestina da prestação de seus serviços, até as táticas empregadas por elas para a sua consolidação como “mulheres públicas”. As aprendizagens da “batalha da rua”, que abarca o comércio do sexo através dos tempos, se apresenta, muitas vezes, na forma como elas narram sua aprendizagem das formas de expressão da figura da prostituta (formas de andar, vestir, seduzir, conversar, sorrir, etc.), as quais representam importantes chaves de acesso à memória coletiva da prostituição na cidade de Florianópolis, num constante gesto de re-encantamento da vida metropolitana local. A tese se desdobra no sentido inverso da proposta de Richard Sennet, *Carne e pedra, corpo de cidade na civilização ocidental*. (2001). Em seu estudo sobre as relações entre a cidade do concreto (dos urbanistas) e a cidade da carne (dos homens). Em que o autor aprofunda o antagonismo, assim proponho a conciliação tensional de ambas as cidades na experiência vivida da prostituição.

Não por acaso, em suas narrativas biográficas, há referências ao uso de certos acessórios ou adereços no exercício da técnica corporal de seu ofício (um rabo de cavalo postiço, uma bota de salto, etc), fato que,

---

<sup>103</sup> Assim como os trabalhos de Marie-Elisabeth Hadmann, a referência ao estudo de C. Deschamps, *Le sexe et l'argent des trottoirs*.

em muitos momentos de suas carreiras, remetiam tais mulheres aos *bons tempos*<sup>104</sup> da prostituição.

*Bons tempos* de uma carreira de prestação de serviços sexuais que não se traduz, na maioria dos casos, em uma futura aposentadoria. Como será possível acompanhar no desenrolar do trabalho, se por um lado, o investimento numa trajetória individual na carreira de prostituta, ainda que projetada na juventude, permita uma transgressão das origens sócio-econômicas de minhas interlocutoras, por outro, a mudança de sua condição social se revela efêmera, quando vista na perspectiva da profissão ao longo do seu curso de vida.

Em contraste com as formas de trabalho regulares e regulamentadas pela cultura ocidental moderna, e que orientam as relações produtivas num grande centro urbano-industrial contemporâneo, é novamente no consumo da cidade, nas suas formas de viver, na comunidade de sentimentos que agrupam as profissionais do sexo no interior de certos espaços do vivido da prostituição nas ruas que se estabelecem as redes de solidariedade, consolidando-as como um fenômeno de apoio e segurança diante do risco que sua vida profissional lhes oferece.

## **2.6 - A aventura aliada ao cálculo de risco: nem vítimas, nem libertinas**

Importante assinalar que o universo de pesquisa aqui retratado se caracteriza por serem as minhas interlocutoras, em sua maioria, oriundas de cidades de pequeno e médio porte, situadas, tanto distantes, quanto próximas da capital.

Muito embora, decorrente de processos migratórios que resultaram na eleição da capital do Estado como local de trabalho, e ainda que os lugares de moradia estejam localizados no “continente” na região metropolitana<sup>105</sup>, estas mulheres situam seu *ganha-pão* no centro de Florianópolis.

Deste modo, em termos representacionais, são mulheres “de fora” e “da periferia” que ocupam e participam da vida urbana que se desenrola na região central de uma metrópole, como muitas outras

---

<sup>104</sup> O termo *bons tempos* remete a uma expressão nativa e vem associado aos excessos vividos ou os excedentes obtidos no exercício da profissão, como por exemplo: bastante dinheiro, clientela, muita diversão, festas, mas especialmente a sensação de sentirem ‘desejadas’.

<sup>105</sup> Santo Amaro, São José, Palhoça e alguns bairros mais distantes localizados no Norte da Ilha como, por exemplo, o Rio Vermelho.

categorias de trabalhadores urbanos: comerciários, bancários, lojistas, ambulantes, etc.

No exercício da profissão, a carreira de prostituta coloca para as mulheres o desafio da construção de espaços de “batalha” para si, tendo em vista a conquista de uma clientela, o que resulta de sua aderência a uma rede de prostituição que tem suas memórias referidas a certos estilos de prestação de serviços sexuais em determinados lugares e trajetos, no contexto das ruas de uma grande metrópole.

As distinções nas formas de transcorrer o comércio sexual são significativas, quando se observa que muitas prostitutas avaliavam as condições de seu trabalho nas ruas.

Na prática da profissão, elas estabelecem clivagens ético-morais entre os lugares perigosos e os seguros, em relação aos turnos do dia e da noite, entre seus moradores e *habitués* e aos seus ritmos de ocupação.

No território da rua se pode identificar o que Norbert Elias (2000: 23) denominou, na obra *Estabelecidos e outsiders* de “sociodinâmica da estigmatização” e de “figuração de um equilíbrio instável de poder”, expressões das quais me valho para pensar o caso deste comércio.

Em termos simmelianos, considero que a figura do “aventureiro” mescla-se a figura do *blasé*, uma vez que na prática da sedução, a carreira de prostituta ensina à “mulher pública” a maestria de reunir em suas ações cotidianas o cálculo racional do risco que sua profissão lhe exige.

Segundo N. Elias (1998: 19), no interior da sociedade, todo o indivíduo tem “uma certa latitude em seu poder de decisão”, como verifiquei nesta entrevista com Denise (28 anos e 9 de prostituição na *Conselheiro*).

J: Como é que é ficar aqui na rua.... que tipo de risco.... semana passada tu me falou que a rua acaba com a pessoa. Como é que é ficar na rua, no sol, na chuva, na poeira, no barulho....

D: É isso né.... não tem dia, sol, rua, fica na rua.... passa frio.... Tem que ficar aqui né? Daí acaba com a gente também né? A gente fica aqui.... transa com um.... transa com outro.... também risco assim que eu quero dizer.... a gente corre risco de pegar uma doença, estourar uma camisinha, do homem ter uma doença.... às vezes a gente sente dor no útero, nas parte de baixo... tudo isso né? Isso é um risco

: Tu já sofreu algum tipo de violência aqui na rua?

D: Assim que... de homem? Assim? Não....

J: Mas tu te cuida.... como é que tu faz.. diversidade.

D: Sim, a gente vai no ginecologista, faz preventivo...olha.... às vezes a mulher tem alguma infecçãozinha.... toma remédio... acho que isso acontece porque..... um homem tem o pau grande, outro homem tem o pau pequeno, é aquela coisa né? A gente faz muito programa chega no final do dia, dói, dói tudo. Então isso que acaba, acaba muito com a mulher.... com o corpo da mulher. O cansaço também, daí a gente chega aqui, de manhã cedo, e chega essas horas, ó.... hoje é um dia.... eu cheguei era nove horas sabe lá Deus como é que vai ser daqui para frente se não arrumar.... tem que pedir um passe emprestado, alguma coisa pra ir embora. Então tudo isso é um risco que tem que correr né.... tem que tá em casa, um monte de coisa pra fazer.... ai vem pra cá e perde um dia né?? E um dia perdido não tem... não tem volta né? É uma ilusão. Às vezes fica uma semana, duas até... sem ganhar!! Os outros acham que ainda é fácil... que é vida fácil, que é só chegar aqui e..... sobra dinheiro... (Entrevista em junho, 2007 na Rua Conselheiro Mafra)

O caso singular da aprendizagem dos segredos da profissão de prostituta e o risco calculado no exercício da prestação de seus serviços são mais agudos para as profissionais que não dispõem de uma moradia fixa e onde o trabalho envolvendo o comércio sexual é mediado pela procura de *um lugar para passar a noite*. Geralmente, esse grupo populacional circula por determinados pontos da cidade, muitas vezes portando sacolas de plástico em que guardam seus pertences (roupas, alguns poucos produtos de higiene, etc.).

O cliente e o programa, nesse caso, representam, além do pagamento pelos seus serviços sexuais, a possibilidade de um lugar para se abrigar, comer e recompor seu corpo para o retorno à vida. Se por um lado, este estilo de “batalhar na rua”, em termos simbólicos, representa uma transgressão dos fundamentos morais paradigmáticos da figura feminina da mãe-de-família, dona-de-casa, referida ao espaço doméstico, a prole e ao marido.

Por outro, esta forma de batalhar nas ruas, as re-inventa no interior das próprias relações prostitutas-clientes, atribuindo a elas outra rede de significados. Nas visões de mundo que comportam este estilo de comércio sexual, as questões de honra situam a figura masculina do cliente num lugar estratégico em relação às prostitutas, que têm sua moradia separada do local de trabalho (mulheres chefe-de-família geralmente atuando de forma autônoma):

Quando ela vê uma mulher atravessando o largo, Betina me diz já olhando pra trás: “espera um pouco que eu vou conversar com uma amiga”. Eu fiquei no mesmo lugar, sentada num dos bancos da Alfândega, e atenta observo as duas se abraçando e dando gargalhadas. Os homens se chegando e me olhando, espero mais um pouco e vou lá com elas. Elas estavam de pé no meio do Largo. Betina me apresenta para amiga e diz que sou bem legal. Ficamos ali, a amiga estava com uma sacola e Betina conta que tem que fazer que nem ela, largou o *velho* com quem estava porque ele *só queria transar com ela a noite toda*. A mulher disse que não agüentava mais, queria um homem que a respeitasse, que ele era louco, tomava Gardenal e que precisava de mulher porque era jovem só tinha 35 anos, e que por isso precisava *descarregar*. Que ela não agüentava mais estava com ele fazia cinco anos já. Ele lhe dava casa e comida. Mas que tinha saído e procurava um lugar pra ficar. Betina conta para a amiga que tinha passado a noite na casa do entregador de papel. E continua: Tudo bem durante o dia, pois ela ficava por ali, mas que precisava arranjar um lugar pra passar a noite. Este entregador de panfletos passou, Betina foi atrás dele e depois perguntei se dormia com ele. Betina disse que ele não saía com nenhuma mulher dali. Ia pegar as coisas dela na casa dele hoje mesmo. Então me dei conta que muitas mulheres ali não tinham onde dormir, (por isso que Nadia me disse com orgulho que sempre teve casa pra morar). As duas falam que estão sempre carregando sacolas com suas coisas. Elas iam atrás de um cara que trabalha com jornal, a amiga diz pra Betina que esse é um cara que respeita, tem cultura. Que se ela não quiser transar ele diz que tudo bem. A amiga

diz que não tem idade para transar toda hora e que precisa encontrar um bom homem. Conta que tinha uma casa, que tem sete filhos e é viúva. Mas que sua casa pegou fogo e desde então não tem onde morar, seus filhos ela distribuiu<sup>106</sup> entre os parentes, três para cada parte da família, a filha mais velha tem 25 anos é casada, é da Assembléia de Deus. Como sua mãe também. Elas procuravam um homem pra as sustentar, foram casadas, agora estão sozinhas, seus filhos crescidos. A amiga de Betina é viúva, sua casa pegou fogo. Conta que foi para um baile e esqueceu uma panela de pressão no fogão, a panela explodiu e tudo pegou fogo, quando chegou em casa, não tinha mais nada, parece que as crianças estavam em casa de parentes. Ela inclusive diz o nome e o número da casa, depois disso fica um pouco em cada lugar, não tem pra onde ir direito, agora abandonou o tal velho e não quer mais saber dele. Disse que tem AIDS e está tentando aposentadoria com a doutora Gláucia do GAPA, conhece todo mundo lá, falei que estava conversando com a Márcia, ela falou que conhecia, queria com o dinheiro da aposentadoria, tem 47 anos, se sustentar, alugar um quarto numa pensão e viver com isso, sem precisar de homem para sustentá-la. Ela propunha a Betina alugarem um quarto juntas, diziam que se davam bem. Entre uma conversa e outra falou que uma vez fez um programa com um rapaz que era de Joaçaba: “aqueles lados pra lá!”, que ele foi para o banheiro, tomar banho e enquanto isso, ela roubou a carteira dele, tinham quatro notas de cem reais, disse que comprou roupa, fez supermercado. Fez a festa com o dinheiro. Em algum momento ficou preocupada porque ele poderia voltar, mas ela disse que ele se gabou de ter moto, carro... que *o dinheiro não iria fazer falta pra ele*. (Diário de campo, Julho de 2007)

---

<sup>106</sup> A propósito ver FONSECA, C. Da circulação de crianças à adoção internacional: questões de pertencimento e posse. Cadernos Pagu (26), janeiro-junho de 2006: pp. 11-43

No caso acima descrito, o cliente na figura do “velho” (FONSECA, 1996) representa não apenas o cliente que paga pelo serviço prestado, mas aquele que pode lhe permitir, pelo momento em que se encontra do seu ciclo de vida (estabilidade de emprego, aposentadoria, etc.), usufruir de certos benefícios em troca de vantagens para a sua carreira de prostituta. Interessante salientar que em alguns casos, tais situações específicas promovem ações transgressoras de outra ordem, que não apenas simbólicas, nas relações entre a prostituta e seu cliente, como, por exemplo, pequenos roubos ou furtos dos clientes pela forma efêmera e fortuita da forma como o trabalho transcorre.

Seguindo-se o tema do distanciamento, do anonimato e seus laços estreitos com a sensação de gozo de liberdade no comércio sexual que transcorre nas áreas públicas de um grande centro urbano, há níveis distintos de diferenciação do “batalhar” nas ruas.

A diversidade cultural em termos tanto dos estilos de vida quanto das visões de mundo, que configuram os códigos das emoções e dos seus padrões de afetividade que ocorrem não simplesmente, conforme Ansay & Schoonbrodt (1989, 72), em razão da “concentração de lugares habitados e a densidade do tráfego humano que caracterizam a cidade” que levariam “a possibilidade do anonimato e a possibilidade de suas reais liberdades”, e ao encontro com o estrangeiro<sup>107</sup>.

Trata-se de se pensar as práticas de comércio sexual e suas modalidades distintas de prestação de serviços nos termos da presença de ideologias individualistas no campo social da prostituição, considerando-se a carreira de prostituta não apenas a uma ordem de valores holistas, mas que pode aderir aos processos de individuação nos moldes da construção social da pessoa moderna, dependendo do grau de fragmentação de domínios sociais a que encontram-se associadas as experiências de prostituição de rua.

Nestes moldes, o trabalho da prostituta e o sexo mercantil em seus diferentes estilos dialogariam, assim, com a noção de indivíduo e os processos de disseminação dos postulados do individualismo moderno no interior das grandes metrópoles contemporâneas, o que permite pensá-los desde o reconhecimento da coexistência de valores holistas e/ou individualistas, das noções de indivíduo e/ou pessoa, em suas implicações no caso dos conflitos ético-morais presentes no interior

---

<sup>107</sup> Cf. P. Sansot (1982: 18) o anonimato é “um mal moderno” das grandes cidades, ou seja, “angústia de não ser nada, de estar num não-lugar”.

desta categoria profissional nas suas relações com outras instituições tais como família, igreja, etc.

A intenção não é negligenciar as questões do controle social e do poder público na relação que as práticas do comércio sexual promovem com o outro (o desconhecido ou o estrangeiro), “seja no anonimato, seja no processo ritual e raro de reconhecimento” (MOLES & ROHMER, 1982:139).

Nem se trata de ignorar a dimensão das violências presentes neste meio social, com relação a sexualidade e a prostituição, mas de dimensioná-las no interior de estudos da prostituição, nas suas praticas cotidianas, na ritmicidade dos itinerários urbanos e das trajetórias sociais presentes nos relatos biográficos suas profissionais, conforme propõe C. Eckert e A. L.C da Rocha (2005) em seus estudos sobre a memória coletiva e formas de sociabilidade no mundo urbano contemporâneo.

Nos termos de G. Velho (1999), a prostituição pode aqui ser pensada a partir de certos estilos de vida internalizados, através de um “conjunto de símbolos socializados” referido ao espaço das ruas, por meio dos quais os indivíduos, em seus projetos individuais, organizam suas emoções e interagem com sistemas de acusação, manipulando estruturas de poder segundo certos códigos ético-morais, numa socialização contínua na profissão.

Este é o ponto em que a antropologia urbana se revela rica em suas contribuições, ao incentivar o desvendamento dos bastidores do comércio sexual na vida urbana de uma grande metrópole. Comportando distintos modos de vida, a prostituição revela a rua, não como espaço geométrico, vazio de significações, mas um teatro especial das ações humanas, podendo ser visto e lido segundo as suas motivações, as quais acabam, finalmente, por lhe dar um “valor sensível” (MOLES & ROHMER, 1982, 167).

Pois, conforme aponta Lefebvre (1999), a rua antes de ser espaço vigiado, é por referência o lugar do encontro. Os cafés, as lojas e o comércio, as praças e os bares animam a rua e fazem dela um “teatro ao ar livre”. Sendo assim, numa grande metrópole, a rua desponta como lugar em que as pessoas interagem mais intensivamente a partir das combinações de relações próximas e distantes, conforme anuncia Ulf Hannerz (1999), ao tratar do tema do auto-retrato<sup>108</sup>.

---

<sup>108</sup> In: HANNERZ, Ulf. Os limites de nosso auto-retrato. Antropologia urbana e globalização. *Mana* [online]. 1999, vol.5, n.1 [cited 2009-11-24], pp. 149-155. Available from: <<http://www.scielo.br/scielo.php?>

Refiro-me aqui à relevância de se pensar o comércio sexual nas ruas fora da perspectiva psicologizante da prostituição como fenômeno revelador de patologias individuais. Ou seja, como parte deste jogo social envolvendo a entrega, o mergulho em uma sexualidade interdita, proibida, numa relação efêmera com a cidade, com o erotismo (SIMMEL, S/D; 79), envolvendo, até certo ponto, o cálculo racional do risco, em conformidade com a disseminação dos postulados modernos no interior destas formas de comércio e consumo de práticas sexuais.

A prostituição não é um destino, ainda que algumas vezes, em campo, esta representação esteja associada a esta forma de trabalho nas ruas. Ela se conforma como um espaço social constituído por áreas de manobra e liberdade individual.

Sob esse aspecto, os estudos de narrativas biográficas e dos jogos da memória, tal como proposto por C. Eckert & A. L. C. da Rocha (2005), é interessante, uma vez que conduzem a uma reflexão sobre os meios pelos quais a carreira no comércio sexual entrelaça as dimensões, por um lado, da família e da casa e, por outro, do trabalho e da rua, criando, entre elas, uma continuidade temporal singular.

Ambas as dimensões sociais, articuladas entre si no interior de uma biografia e a partir da noção de projeto (VELHO, 1994), constroem, num processo contraditório e complexo.

Da mesma forma, é por meio da ritmicidade dos jogos da memória que as formas de vida social na rua promovem, com seus clientes e/ou com suas colegas de profissão, uma feição coletiva, transcendendo a dimensão pessoal, tanto em seus aspectos afetivos e emocionais quanto em seus padrões morais e sexuais.

É, portanto, na condição de trabalhadoras das áreas públicas do espaço urbano<sup>109</sup> (DE CERTEAU, 1994) e na tessitura entre o tempo vivido e o tempo pensado (ECKERT & ROCHA, 2005) na profissão, que as prostitutas re-inventam os códigos simbólicos associados a um comportamento dito como desviante (BECKER, 1977).

Ressalte-se o fato de que a cidade, em sua feição moderno-contemporânea, ter permitido, no caso de algumas de minhas parceiras de pesquisa, um deslizamento de papéis sociais diferenciais, isto é, o da

---

<sup>109</sup> Aqui, faço uma relação com a noção de caminhar com De Certeau (1994), quando menciona que os caminhantes da cidade não percebem os mapas que realizam em suas andanças, ao mesmo tempo em que desenham trajetórias no espaço urbano.

prostituta, da amiga, da amante e da mãe-de-família, todos envolvendo o cruzamento de distintas fronteiras simbólicas<sup>110</sup>.

Desse modo, vale a pena uma reflexão em torno das experiências na prostituição que demarquem determinadas fronteiras explicativas, simbólicas e políticas (VELHO, 1999; 16). Uma reflexão em torno das práticas comerciais do sexo pode ser alimentada, por conta das experiências comuns que a prostituição feminina de rua, em confronto com outras formas de práticas sexuais associadas ao casamento, como a união estável de um casal ou mesmo a prostituição em bordéis, pode significar em termos da continuidade temporal, ou não, de certas tradições e valores sócio-culturais veiculados por questões étnicas, religiosas, etc.

A partilha de uma situação de clandestinidade e risco, conforme nos aponta G. Velho (1998) em seus estudos sobre usuários de drogas em camadas médias urbanas no Rio de Janeiro, não se revela necessariamente uma experiência urbana passível de configurar uma comunidade de sentimentos (MAFFESOLI, 2000).

Pode-se cotejar, a partir destas considerações, que para além da apropriação identitária espacial e das pertenças às micro exclusões, torna-se relevante pensar na forma como, nos relatos biográficos das profissionais do sexo, transcorrem as trajetórias sociais e os itinerários urbanos que orientam seus projetos numa atividade dentro do comércio de práticas sexuais na rua.

A inspiração para esta reflexão são os estudos de Eckert e Rocha (2005, 30) na cidade de Porto Alegre, que me levam a pensar na biografia de cada uma de minhas parceiras de pesquisa como expressando a história das situações que elas enfrentaram em seus territórios de trabalho. Sendo assim, é na compreensão da memória cotidiana de tais espaços que se pretende atingir a interpretação da prática de comércio sexual nas ruas de Florianópolis, num processo de "reinvenção de suas tradições urbanas".

A cidade do comércio de práticas sexuais tem, assim, um mapa singular, configurado no entrelaçamento de tempos vividos e pensados em torno das experiências com a prestação de serviços sexuais em seus territórios, apesar das remoções e das destruições de seus antigos espaços de enraizamento.

---

<sup>110</sup> Para Lefebvre (1999), o espaço na cidade se anuncia e constrói desde aí uma performance do lugar. O espaço cola sua história àqueles que se submetem ao lugar.

Aprender a profissão de prostituta se traduz, portanto, na apreensão de um *ethos* e de uma visão de mundo, segundo as modalidades das artes de fazer e das artes de saber do comércio sexual que acontece ali, na rua. Sempre atenta, para não cair numa abordagem simplista da vida social de uma ocupação que traz as marcas de subjetividades singulares em relação às práticas corporais e sexuais, que envolvem no exercício da profissão o jogo de mobilidades múltiplas, social e residencial, e que reúnem clientes e prostitutas, especialmente, diante da transformação em seus espaços de trabalho.

Por seu turno, do ponto de vista de uma memória coletiva, o estudo de ambas as mobilidades (social e residencial), para o caso específico da prostituição feminina da e na rua, permitem compreender a complexa divisão social do trabalho numa grande metrópole. Principalmente a rua, testemunho dos jogos da memória dessa categoria ocupacional e cujas histórias, apesar de silenciadas, estão a elas referidas, (ECKERT & ROCHA, 2005, 88).

Re-interpretando, para o caso desta tese, as reflexões de Norbert Elias (1993) sobre o tempo, as práticas sexuais e dos corpos, por mais que aponte para a criação individual, se constroem a partir do patrimônio do saber, nos moldes de uma padronização de conhecimentos adquiridos nos espaços das ruas (lida aqui como uma forma de experiência comum), para dali migrar para a duração dos contratos que regem as relações entre cliente e prostituta nas alcovas.

## **2.7 - A prostituição e suas teses**

Neste particular, é importante situar a discussão acerca da tentativa de legitimidade da profissionalização<sup>111</sup> das trabalhadoras do sexo que circundam os limites da cidade.

Isto porque se torna interessante pensar, em especial, o tema das representações da prestação de serviços sexuais nas ruas da cidade moderna, para além das discursividades psicologizantes que apresentam a figura da prostituta como vítima<sup>112</sup> da dominação masculina, aberração moral ou personagem clandestino, atribuindo-se ao dinheiro da prostituição uma marca de esterilidade (tal qual o ato sexual que dela

---

<sup>111</sup> Embora sejam categorias profissionais que aparecem numa dimensão analítica diferente de outras categorias como de operários, camponeses ou mesmo carvoeiros.

<sup>112</sup> Tema que será apresentado melhor explorado no capítulo sexto desta tese.

deriva em relação às questões do capital), da mais-valia, do lucro e do acúmulo<sup>113</sup>.

A partir desse ângulo, ressalta-se o conteúdo moral que orienta as relações que a ideologia do progresso e/ou a ideologia produtivista mantêm com as rendas e os dividendos gerados pelo comércio sexual - classificado como um ato ilegal (proxenetismo) -, vistos, geralmente, como elementos contaminadores das regras morais do processo produtivo.

Entretanto, o tempo do trabalho de uma profissional do sexo não pode ser pensando no tempo ritmado pela fábrica, por exemplo. O tempo da atividade de uma prostituta que “batalha nas ruas” acontece a partir de outra lógica. Especialmente, em função do tempo de sua atividade ser ordenado pelo ritmo dos ambientes cósmicos e sociais que transcorrem no universo da rua (o dia, a noite, a chuva, o sol, o frio, o vento, assim como os feriados, festas, acidentes, etc.), geralmente sujeito a imprevistos e imponderações.

Além destes fatos associados ao ambiente de trabalho, o exercício da profissão tem o corpo como sede de sua realização. Não se trata de um corpo qualquer, mas de um corpo cujo trabalho se representa partir do ‘prazer’, nos termos de N. Perlongher (1987) do “desejo”.

Se, no trabalho do operário, por um lado, o corpo se traduz no valor do tempo que ele emprega para produzir um produto, alienando-se numa forma de produção que descarta o prazer, no sexo mercantil, o valor-trabalho se situa no corpo que deve produzir prazer e gozo. Por outro lado, a prostituta, assim como o operário, tem o corpo como seu único instrumento de trabalho.

Como mencionado no início do capítulo, a cidade moderna é, de acordo com a Escola de Chicago, um lugar que atende as mais variadas demandas e expectativas de trabalho, sendo sua feição urbano-industrial reconhecida pela alta divisão e especialização do trabalho e de suas formas de produção.

E, segundo aponta R. Park (1967; 41), na cidade “qualquer vocação, mesmo a de mendigo, tende a assumir o caráter de profissão”. Todavia, para o autor, o que faz de uma vocação uma profissão, nos termos de uma carreira, é a presença da disciplina e das associações que reúnem os profissionais no sentido de promover não apenas a sua

---

<sup>113</sup> A propósito o artigo de Catherine Deschamps, « L' argent t le sens du secret. » No dossiê *Chantier/ prostitution : un métier impossible ?*, publicado na *Vacarme* 46, 2009 (<http://www.vacarme.org/article1714.html>, consulta 19.12.2009)

especialização, mas a racionalização de sua ocupação, traduzindo-se no domínio de uma técnica consciente e específica.

Numa linha de reflexão distinta, mas complementar ao que intento aqui ressaltar, M. Weber (*A cidade e o mercado*, 1976) e G. Simmel (*A filosofia do dinheiro*, 1988), ao apontarem, cada um a sua maneira, para as relações entre a cidade moderna, o mercado e o dinheiro, ajudam a compreender que quando a esfera do trabalho envolve o comércio sexual, e isto associado a forte carga simbólica que o valor econômico assume nas trocas sociais, reveste esta profissão de um valor “monetário”.

Sendo assim, a prostituição pode ser pensada como um fenômeno urbano-industrial, referido não apenas à alta divisão social do trabalho, mas à organização econômica da cidade, revelando-o como expressão singular. A expressão “cliente”, que foi empregada em diversas ocasiões de minha estadia em campo por minhas interlocutoras, pode ser reveladora da importância de se atribuir ao sexo praticado por elas uma feição de relação de produção no interior de um mercado de bens e consumo no qual atuam como profissionais, e não apenas de mercadoria: *Estou esperando um cliente... Meu cliente não veio, tenho alguns clientes fixos. Ou ainda, o movimento está fraco, ainda é metade do mês. No começo de mês o movimento é sempre maior! Hoje tá muito ruim, ainda não fiz nada...*

Sem dúvida, reconhece-se, cada vez mais, que a prostituição como forma de jogo social característico do fenômeno urbano tem se transfigurado ao longo das formas de sexualidade ocidentais, não podendo ser abordada de forma redutora, seja sociologicamente, seja historicamente.

Num estado abolicionista como o Brasil, as relações de trabalho de uma profissional do sexo estão sujeitas à violência policial, à marginalidade, à exploração de um proxeneta, à violência sexual, ao assédio sexual e moral, ao estigma que pode ser de ordem física, ligado ao corpo, de ordem moral, ligado ao caráter individual e, por fim, aos relacionados à origem, ou seja, à linhagem do indivíduo (GOFFMAN, 1988).

A. Piscitelli (2005) pondera a partir do texto de Laura Agustín (2005) sobre o uso do termo prostituição, visto a variedade de serviços sexuais oferecidos:

A lista é imensa, abarcando os desempenhados em bordéis, boates, sauna, disco, linhas telefônicas eróticas, sexo virtual através da

internet, casas de massagem, serviços de acompanhantes, agências matrimoniais, hotéis, motéis, cinemas e revistas pornôs, filmes e vídeos, serviços de dominação / submissão/sado masoquismo, prostituição na rua.

Deste modo, considera que o termo prostituição não dá conta desta diversidade e “pode ocultar” a noção de mercado que existe nesta procura por ‘serviços sexuais’.

Como a expressão sexo mercantil aponta, refiro-me aqui aos seus laços com a lógica de mercado, o que implica considerar a atividade sexual como um serviço prestado em troca de um valor financeiro. No caso da prostituição e de sua diversidade de práticas de sexo mercantil, trata-se de um universo de trabalho em que se mistura o dinheiro e o prazer.

Nos termos empregados por minhas parceiras de pesquisa, trata-se mais do que uma vocação ou destino, mas de uma profissão: *Sou uma profissional!* Uma afirmação que geralmente era acompanhada do relato dos seus horários de trabalho, os dias de folga, o valor cobrado pelos serviços prestados, as condições de sua realização, além das exigências quanto às regras e o local onde desempenhariam suas funções, inserindo suas atividades num lugar de ocupação na cidade onde trabalhavam.

Contrário à representação que elas possuem de seu trabalho nas ruas, o Brasil é um estado abolicionista, não regulamentarista, no qual as prostitutas não possuem os direitos trabalhistas como no exercício de qualquer outra profissão. Em contrapartida, penaliza tanto o proxenetismo, quanto aquele que explora esta atividade. Ou seja, só é abolicionista<sup>114</sup> (defesa da abolição da prostituição) porque tolera a prostituição, desde que atenda a estas especificidades. O Brasil, assim como outros países abolicionistas, tais como Itália, Espanha, Grécia e França, tolera a prostituição, muito embora proíba o proxenetismo. Diferente dos países proibicionistas, como a Suécia, onde a prostituição não é ilegal, mas o cliente pode ser penalizado (HANDMAN 2006).

No âmbito dos movimentos sociais e de seus projetos para o comércio sexual, se observa no espaço brasileiro, nas últimas décadas, uma história de conquistas, que caminha ao lado de uma emancipação política e de garantia dos direitos civis por parte dos prestadores de

---

<sup>114</sup> Este termo significa abolição de uma lei (dicionário Larousse). Embora no capítulo sexto tratarei mais especificamente deste tema

serviços sexuais. Uma conquista declarada é a visibilidade da categoria profissional proposta pela Rede Brasileira de Prostitutas, criada em 1987, no sentido de atender a defesa da categoria<sup>115</sup>.

O que pode ser pensado a partir dos processos de disseminação dos postulados do individualismo moderno no interior do campo social do comércio sexual, provavelmente em razão do capital cultural e simbólico (BOURDIEU, 2007) de que são portadoras as profissionais militantes envolvidas. Uma das intenções da rede é o desafio da reconstrução ético-moral da figura da prostituição e das práticas de sexo mercantil dela derivadas, consideradas como legítimas.

A luta transcorre no campo das mídias, no sentido de eliminar as categorias de acusação atribuídas ao sexo mercantil, na tentativa de reverter as imagens da criminalidade, da clandestinidade ou da ilegalidade, com que é tratado e, geralmente, veiculado nas notícias policiais.

Por outro lado, inicia-se globalmente um processo de pensar a pluralidade de práticas de prostituição e seus respectivos processos de produção de subjetividades para além das discursividades da dominação masculina, com a qual foi marcada pelos discursos feministas. A partir de um feminismo pragmático, discute-se uma nomenclatura “prostituta” (prostituta, puta, profissional do sexo, trabalhadoras sexuais) no sentido de colocar as práticas do comércio sexual num espaço de reflexão mais amplo, na busca de seu sentido emancipatório e vinculando-o ao debate em torno da defesa dos direitos humanos e da sociedade civil.

Este debate atinge a problemática singular dos serviços sexuais associada ao espaço da rua, ou seja, às áreas públicas das modernas cidades-contemporâneas, bem como, da inadaptação do sistema jurídico e legal brasileiro à agenda política da categoria. Por conta da atuação dos movimentos sociais, esta categoria foi incluída na CBO<sup>116</sup> (Classificação Brasileira de Ocupações), como já mencionado, a qual relaciona esta atividade a um outro lugar de legitimidade. Nesta

---

<sup>115</sup> Para uma rápida pontuação dos movimentos na escala do tempo, em 1987 foi criada a Rede Brasileira de Prostitutas, busca o reconhecimento da profissão. Por outro lado tem-se a atuação de um expoente público, em 2002 o Ministério da Saúde numa parceria com a Rede Brasileira de Prostitutas lança uma campanha e finalmente adota a nomenclatura de Profissional do Sexo com o slogan: “sem vergonha garota você tem profissão!” que incluía botton, agenda, adesivos. Também o projeto de lei do deputado Fernando Gabeira participou da iniciativa de alterar o código penal.

<sup>116</sup> Cujo código da ocupação é 5198 e título de Profissional do sexo: Garota de programa, Garoto de programa, Meretriz, Messalina, Michê, Mulher da vida, Prostituta, Trabalhador do sexo.

classificação encontram-se especificidades da profissão como a descrição da atividade, formação e experiência, condições gerais de exercício e recursos de trabalho.

Na agenda política e social emancipatória dos movimentos sociais, trata-se de sustentar o debate da prostituição como parte de uma política inclusiva para o trabalho sexual<sup>117</sup>. Um debate em torno da reivindicação de direitos que, se obtidos, irão repercutir não apenas nas formas de prestação de serviços sexuais na rua, baseada na transmissão de certos segredos da profissão em face da condição fora-da-lei, mas nas suas relações profissionais com os seus clientes, no que tange aos seus direitos como consumidor<sup>118</sup>.

A atribuição de capacidades emancipatórias à prática da prostituição pelos movimentos sociais, em especial, aquelas oriundas dos serviços sexuais prestados desde o trabalho na rua, carrega um carga simbólica singular, uma vez que traz consigo um debate ético-moral profundo sobre a cultura sexual das sociedades onde tais movimentos atuam.

No caso do Brasil, as ideologias políticas que enfatizam a noção de indivíduo como unidade social significativa se faz presente em vários espaços de lutas afirmativas para o caso das minorias, apesar de que, em graus distintos de complexidade. O que revela que as lutas emancipatórias para o comércio sexual nas grandes metrópoles, hoje, se configura como campo de disputas para projetos sociais e políticos heterogêneos, articulando uma pluralidade de tradições culturais, ainda que visem uma única categoria de ocupação: a prostituição feminina.

---

<sup>117</sup> A propósito a DASPU (das putas) da ONG DAVIDA coordenada por Gabriela Leite, que também é responsável por autobiografias como “Eu, mulher da vida”(1992), mais recentemente “Filha, Mãe, Avó e Puta” (2009). Outro relato autobiográfico que ganhou os noticiários foi da adolescente de camadas médias, conhecida como Bruna Surfistinha em seu livro relata o cotidiano de uma garota de programa: “Doce Veneno de Escorpião: diário de uma garota de programa” (2005).

<sup>118</sup> É inegável o fato de que estas mulheres com as quais tive contato navegam no silêncio de sua prática, situam-se desse modo no limbo de uma atividade ainda não reconhecida, fazem programas em locais que beiram a clandestinidade, muitos invariavelmente fechados pela vigilância sanitária, escondidas das autoridades, de alguma vizinha, de parentes que regulam uma moral que as condena, e, portanto, expostas as agressões, violências, doenças, dores e maus-tratos.

## 2.8 - A cidade e as memórias da prostituição: as aprendizagens do ofício na rua

Diante dos distintos estilos de prestação de serviços sexuais na rua há aqueles em que o comércio sexual transcorre de forma mais regular e sistemática, com base numa clientela fixa e numa rede social de profissionais mais sedentárias.

Num contraste, outros estilos têm por referência uma rede social mais itinerante e nômade, que explora as interações sociais fortuitas e efêmeras com os clientes.

Nestas ocasiões, trata-se de vencer a condição de anonimato nas ruas, empregando-se algumas das aprendizagens dos segredos mais fundamentais, apreendidos em sua profissão e ao longo de sua carreira.

Obviamente, este fenômeno não é algo que transcorre apenas no comércio sexual das ruas de uma grande metrópole, pois, segundo A. Moles & Rohmer (1982:139), as grandes cidades são habitadas por “estratégias do desconhecido urbano”, as quais reagem os seus habitantes, lançando mão de algumas táticas para evitar o confronto de olhar com o desconhecido, isto é, no sentido de aprender a “conduzir sua esfera veicular (ou esfera do olhar), para evitar o outro, na rua residencial, seja na rua do centro, ou seja, no limite na multidão”.

Como apresentarei mais tarde, na batalha das e nas ruas, as prostitutas se valem de determinadas táticas e astúcias, algumas comuns, outras específicas às formas de sociabilidade e itinerários por elas acionadas nas áreas públicas, para serem identificadas em meio à multidão por seus clientes.

E sob a influência dos estudos de M. De Certeau (1996), penso que tais táticas configuram certas “artes de fazer” do ofício cujo princípio é a re-invenção da grande metrópole como “espaço praticado” de um comércio sexual, e que pode ser pensado a partir da memória do cotidiano que tais práticas de serviços sexuais expressam no teatro da vida urbana.

A formação numa carreira de prestação de serviços sexuais nas ruas impõe, por exemplo, na esfera “veicular” do olhar, a apreensão competente não apenas de um *habitus* (MAUSS, 1974; BOURDIEU, 1983), mas de certas táticas e astúcias inteligentes de re-invenção dos usos do corpo, dos gestos, posturas e das expressões faciais, nas áreas públicas onde este comércio acontece.

Em especial esta aprendizagem tem forte carga dramática para as profissionais cujos familiares desconhecem seu trabalho, conforme

pontuou Ivone, prostituta na Rua Conselheiro Mafra, uma de minhas parceiras de pesquisa:

Porque não é um local de passagem, não tem muito comércio, é mais reservado, em outras esquinas mais próximas da *praça XV*, passam sempre muitos conhecidos, parentes e uma ou outra “vizinha fofoqueira” (Diário de campo, Novembro de 2006).

Misturar-se a multidão, para dela se destacar, se reveste, assim, mas artes de fazer (DE CERTEAU, 1996) desta prática e nas formas de habitar suas áreas públicas, num desafio a ser apreendido.

Assim, camufladas astuciosamente pelo anonimato, as prostitutas aprendem seu ofício num misto de aventura e de risco calculado em que o ato de explorar a sensação da liberdade do estar nas ruas, esquinas e praças, desde suas infinitas possibilidades de escolha e de julgamento.

A maestria em jogar o jogo do social que abarca o trabalho de prestação de serviços no interior de distintas ordens do comércio sexual tem, nesse caso, importância para o bom desempenho na carreira, se pensarmos nos efeitos do ciclo de vida na profissão e no abandono na qual se encontram frente às políticas públicas de assistência ao trabalhador.

O que remete também, a pensarmos sobre as questões do ciclo de vida e suas repercussões no comércio de práticas sexuais. Como bem salienta N. Elias (1993), se é bem verdade que a humanidade dispõe de uma “margem de autonomia e de um certo poder decisório, no interior de uma natureza”, por outra, “o curso externo da natureza sempre tem a última palavra”.

No que se refere ao tema do anonimato e dos fluxos dos habitantes nas metrópoles contemporâneas<sup>119</sup>, vale apontar, neste momento, o quanto a estratégia do desconhecido, que vigora nos grandes centros urbano-industriais e se impõe sob forma distinta aos seus habitantes em sua tentativa de *evitar o outro*, e mesmo não vê-lo, abre espaços para os microdispositivos de poder e vigilância

---

<sup>119</sup> O anonimato é um dos aspectos da sociedade apenas encontrados na cidade. O que remete a U. Hannerz: “A antropologia urbana deve focar-se em coisas que “não são tão facilmente encontradas em outro lugar que não a cidade”. In: HANNERZ, Ulf. Os limites de nosso autorretrato. Antropologia urbana e globalização. *Mana* [online]. 1999, vol.5, n.1 [cited 2009-11-24], pp. 149-155. Available from: <<http://www.scielo.br/scielo.php>>

(FOUCAULT, *Vigiar e Punir, Microfísica do Poder*; 1996; SENNET, *O declínio do homem público*, 1988).

Segundo os filósofos Ansay & Schoonbrodt (1989:75), nas grandes cidades opera um “quadrilátero”, a separação do normal do patológico, o louco do razoável, cujas linhas de divisão se apóiam, tanto nas formas das práticas policiais quanto na organização do espaço.

Neste sentido, a prática da prostituição, legal ou ilegalmente, revela o paradoxo urbano do “ar que liberta e da prisão que ordena os corpos e suas sexualidades”, em que se estabelece através de estratégias finas ou grosseiras: “o teatro do horror ou um pontilhado da repressão discreta”.

Assim, a etnografia da prostituição como integrando os espaços praticados de uma grande metrópole, como proponho aqui, tem por intenção contribuir para uma reflexão em torno do fenômeno da prestação de serviços sexuais, não mais atrelada aos estudos das estratégias verticais de vigilância e controle moral das áreas públicas pelos poderes locais.

Faço referência aqui às práticas de controle moral dos espaços de prostituição, talvez mais finos e sutis, do que as regras de conduta, de seus sistemas de valores e dos seus princípios éticos de trabalho, distribuídos horizontalmente no interior das redes das profissionais, as quais formam uma espécie de deontologia<sup>120</sup> da profissão, segundo estilos diferentes de se dar o comércio sexual no mundo urbano contemporâneo.

---

<sup>120</sup> Refiro-me aqui as relações entre os princípios que regem a prática intersubjetiva do comércio sexual e o conjunto dos contratos sociais e coletivos que regem o seu comércio, nas ruas de uma grande metrópole, nos moldes de organização produtiva, atribuindo-lhe um caráter institucional. Nos termos de George H. Mead, autor da obra *Espiritu, persona y sociedad*. México: Paidós, 1993, e que inspirou inúmeros estudiosos da “escola” de Chicago, o qual remete-se às “pretensões normativas estruturalmente inscritas na relação de reconhecimento recíproco” entre cliente e prostituta e entre as profissionais do sexo entre si.

**PARTE II**

**MÃES DE FAMÍLIA, ESPOSAS, PROSTITUTAS E AVÓS NA  
METRÓPOLE CONTEMPORÂNEA**

## CAPITULO III

## A ILHA DA MAGIA NO CENÁRIO DO COMÉRCIO SEXUAL: UM ESPAÇO DE INVESTIGAÇÃO ANTROPOLÓGICO

*É... eu comecei na praça, daí proibiram!  
Tiraram a mulherada...  
(Nadia, junho, 2007)*

### 3.1 - Introdução

Segundo Loïc Wacquant (2007, 2008), sujeitas a discursividades infinitas, inúmeras áreas das grandes metrópoles contemporâneas, tais como os guetos negros nos EUA e os *banlieue ouvrière*, vivem, hoje, um novo regime de marginalidade, denominado pelo autor de “marginalidade avançada”<sup>121</sup>. A cidade moderno-contemporânea pós-industrial aparece, nesse caso, marcada por uma dinâmica sócio-cultural com propriedades espaciais distintas de épocas anteriores, produzindo, no seu ventre, uma marginalidade concentrada em lugares isolados e circunscritos, “lugares de perdição”, diferindo de épocas anteriores, quando os “espaços penalizados” (PETONNET, 1988) referiam-se ao conjunto dos bairros operários<sup>122</sup>.

As teorias do pós-fordismo e suas interpretações, sem querer aprofundar sugerem que as formas de trabalho nas modernas sociedades complexas se reconfiguram no interior do capitalismo, dando origem a uma reorganização das empresas, dos fluxos econômicos, dos empregos e das pessoas no espaço das grandes metrópoles urbano-industriais.

Desse modo, sabe-se que a lógica do mercado e do comércio sexual numa metrópole sujeita a “erosão” das interações sociais diante da crise do capitalismo moderno e das suas formas de trabalho formal, regular e ilegal, se firma diferentemente para a “economia social” da comunidade de destino dos profissionais do sexo. Para o sexo mercantil, os efeitos da estigmatização territorial, derivado dos novos arranjos das relações entre capital e trabalho, sempre se fizeram presente no plano das políticas públicas, ainda que sob formas sociais distintas, visando

<sup>121</sup> Cf. L. Wacquant, La stigmatisation territoriale à l'âge de la marginalité avancée. *FERMENTUM* Mérida - Venezuela - ISSN 0798-3069 - ano 17 - Nº 48 - janeiro - ABRIL - 2007 - 15-29

<sup>122</sup> Cf. C. PÉTONNET, C. *Espace habités. Ethnologie des banlieues*. Paris: Galilée, 1982.

sempre a renovação, a remodelação e, mais recentemente, a gentrificação<sup>123</sup> dos ditos bairros sociais, “degradados” onde o seus mercados de bens e serviços se enraízam.

Nessa tese, observo o fenômeno da prostituição e seus “lugares de perdição” sob o ponto de vista de sua lógica de ocupação territorial através e no tempo, na tentativa de pensar uma etnografia da duração das práticas de sexo mercantil na cidade de Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina.

De Certeau (1996), em seus estudos sobre as práticas culturais dos habitantes de um grande centro urbano a partir de seus bairros, nos revela a importância de refletir sobre os laços que unem seus habitantes a seus territórios de vida, considerando tais territórios, estigmatizados ou não, penalizados ou não, como uma das possibilidades da re-encenação do estar-junto-com (MAFFESOLI, 1987), num cotidiano eternamente re-inventado.

Inspirado nessa premissa, este capítulo trata dos laços imemoriais do comércio sexual a de certos lugares no espaço urbano de Florianópolis. Observando o campo social da prostituição como fator que, ao unir o espaço público e o privado, ao permitir a privatização do público e vice-versa, nos conduz a pensar nos “bairros penalizados” onde trabalham os profissionais do sexo, tanto como porta de entrada, quanto de saída para a re-invenção destas formas de vida social, a do bairro, nas grandes metrópoles contemporâneas<sup>124</sup>. Territórios que devem ser pensados a partir dos vínculos orgânicos que reúnem os prestadores de serviços sexuais junto ao seu mercado de trabalho: “um espaço privado particularizado, pelo fato do uso quase cotidiano desse espaço” (DE CERTEAU, 1996, 41).

Na seqüência, apresento as territorialidades das práticas de comércio sexual na região central de Florianópolis e áreas vizinhas, na tentativa de pensá-las como um lugar, espaço por excelência de relação social / cultural com um outro, um espaço do relacional, no qual as práticas de deslocamento, de percursos e de itinerários de rua de seus habitantes não são atos desprovidos de intenções, motivações e expectativas.

---

<sup>123</sup> Sobre gentrificação ver a propósito: C. B. Zachariensen, 2006.

<sup>124</sup> Cf. M. De Certeau, a verdadeira pergunta, no caso, seria: Quais são as táticas e astúcias usadas pelos cidadãos para subverter algumas dessas ordens que segundo ele é “uma das condições de possibilidades da vida cotidiana no espaço urbano, que molda de maneira decisiva a noção de bairro”. (DE CERTEAU, 1996:40)

Neste sentido, considero a área central da cidade como um território onde se inscrevem determinadas redes de relações sociais de diferentes ordens que, servindo-se de uma espécie de código social compartilhado, tornam possíveis a sua apropriação por seus habitantes usuais.

No caso do campo social da prostituição em Florianópolis, o bairro do Centro pode ser pensado como um espaço para a aprendizagem dessa forma de trabalho, que induz aqueles que prestam serviços sexuais a certos comportamentos práticos nas áreas públicas, mediante os quais devem ajustar-se. Caso contrário, as transgressões ocasionadas através de uma possível quebra de contrato de trabalho (entre elas e os seus clientes ou seus/suas colegas de profissão) podem vir a ser objeto de recriminações e discriminações, demarcando fronteiras simbólicas no interior de suas comunidades de pertença.

Em particular, a presença da fofoca (FONSECA, 2000) e de intrigas revela-se um eficaz instrumento de controle social dos padrões de comportamento moral no interior das redes de trabalho, por se tornar um veículo em que se criam os limites éticos-morais de conduta na profissão.

Também, a fofoca é uma prática até certo ponto velada, marcada e configurada na distância relacional, que os separa, e a proximidade de relação de vizinhança, que os une em categorias de acusação (VELHO, 1999), tais como, piranha, corno, ladrão, alcoólatra, e aidética delimitam fronteiras simbólicas no interior das redes sociais que configuram o comércio sexual nas ruas, atuando e funcionando como uma espécie de contrato de boas maneiras, de uma coerção que permite que todos vivam bem no coletivo (DE CERTEAU, 1996).

(....) segui pela Conselheiro a procura de novas mulheres e atenta para entradas, portinholas, placas. Um pouco obsessiva talvez. Como não poderia esperar para chegar em casa e escrever estes detalhes que já me atordoavam, entro na primeira lanchonete que vejo, estava louca para comer algo bem salgado. Agarrei um pacote de salgadinhos e me sentei numa mesa bem no canto, estava cansada de ser vista, pensei que ali poderia ser meu reduto de escrita, quem sabe me esconder nestas pequenas lanchonetes, espalhadas pela Conselheiro ou no entorno dela. De fato esta fica na Francisco Tolentino, aliás, há um bar nesta rua,

não consegui ver se está aberto, depois verifico e vejo mulheres na porta. O bar do Portuga está funcionando a todo vapor, passei lá antes de começar o campo hoje. Tinha som alto, alguns homens conversando e uma mulher sentada voltada para o interior. Algumas pessoas ainda me olham.... Será que são minhas roupas? Como me tornar invisível? Em especial neste campo onde o fato de ser mulher já é um atrativo. (Diário de campo, Março de 2007)

Seguindo ainda o pensamento de G. Velho (1981), um “sistema de acusação” como esse expressaria formas de manipulação do poder e de organização das emoções no âmbito das áreas públicas de uma grande cidade, regulando a prestação de serviços sexuais nos moldes das regras de civilidade (ELIAS, 1993) em vigor em uma dada comunidade urbana. Sob este enfoque, pode-se afirmar, então, que as práticas de serviços sexuais nas ruas de certos bairros das grandes metrópoles contemporâneas podem ser lidas e interpretadas como um fenômeno que expressa algumas formas de sociabilidade em tais territórios, inscritas que são numa gramática social do lugar.

Ao se pensar a região central da cidade de Florianópolis para além da vigilância velada, que é ativada entre os profissionais do sexo no caso de uma transgressão dos códigos locais de condutas e seus padrões de comportamento (e que a etnografia pode revelar), se torna evidente os esforços históricos dos poderes públicos locais de instaurar em seus territórios um controle moral e simbólico da circulação urbana, assim como, da dinâmica sensorial que a animação das ruas e de seus cantos e recantos evocam em seus habitantes:

Agora um homem senta-se no banco ao lado da mulher que estava sozinha, ela não olha pra ele. Ele se levanta, caminha em minha direção, mas desvia, pois não dou consentimento com os olhos. É um senhor, caminha devagar porque tem algum tipo de paralisia. Usa calças compridas de cor verde água bem passada, assim como a camisa branca. Olho ao redor e são várias as pessoas que ali estão. O centro nestes dias mais vazios, ou não sei, se é este lugar um espaço de estar, caminha-se, senta-se, apóia-se em alguma parede de loja, senta-se na escada de uma loja qualquer que hoje

está fechada. Levanto a cabeça do caderno e quando vejo lá vai a moça que estava a pouco sentada sozinha, sai pela Conselheiro com um homem que tinha a pouco se sentado ao meu lado, ele se levantou e se apoiou na porta fechada do Mercado Público. Não vi os dois conversando, apenas saindo juntos para a Conselheiro, não saíram juntos lado a lado, ela sai alguns passos atrás dele. Quando saiu com este senhor ela já não estava mais sozinha, uma colega havia se juntado a ela, está agora está ali enrolando os cabelos com os dedos tranqüilamente. Aquela que antes descansava no colo da amiga agora está sentada no mesmo banco conversando com um rapaz jovem, ficam ali bastante tempo, parecem velhos amigos. Ao meu lado outro senhor, passa, me olha, fica de pé alguns minutos, senta-se, anda de um lado pra outro e vai embora. Fico apreensiva de não saber o que fazer se for abordada por algum deles. Ao mesmo tempo me coloco nesta situação de risco. Pois que minha presença ali os intriga. Felizmente para quebrar este gelo de tensão que se instala, chega um rapaz moreno, magro, uns 20 e poucos anos sem camisa gritando: “pobrezinha” para os pombos, fica correndo atrás deles gritando: “Cupim, olha o cupim!!!!” diversas vezes. Todos olham pra ele que continua gritando e correndo pelo Largo da Alfândega. A mulher do churrasco que usa a pochete e outro que está ao seu lado gritam com ele para que ele pare. Enquanto isso ele segura um pombo morto e diz “pobrezinho, mostra pra todos que estão por ali, segura e grita: “Pobrezinha.....” depois diz que vai colocá-la no lixo. Em seguida sai andando normalmente como se nada tivesse acontecido.

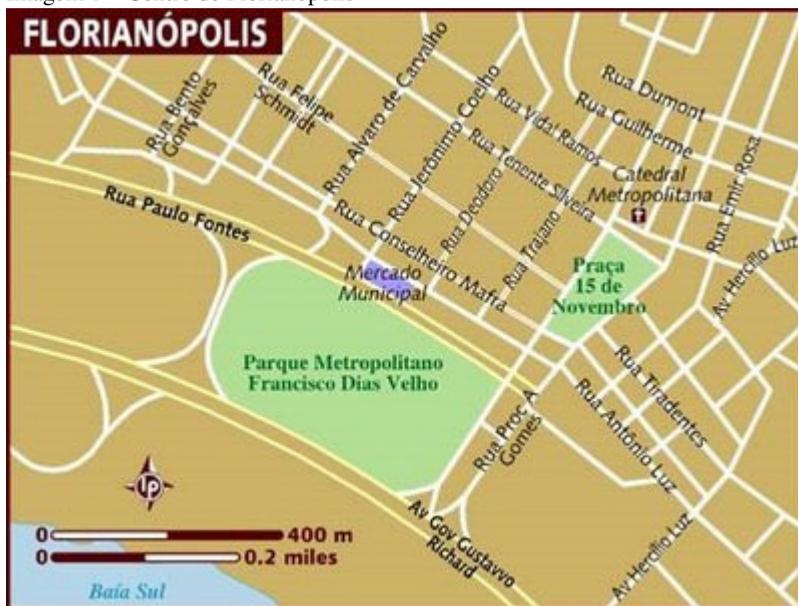
Ao mesmo tempo, nada interrompe os homens que continuam a circular na saída do mercado. Andam, sentam, se encostam, olham fixamente. Me angustio, mas sinto também que não posso sair, também tenho que marcar meu lugar ali. Então insisto por mais dramático que seja. Difícil não ter alguém para comentar ou apoiar. Bom, a única que está sozinha, ainda, conversa com o

rapaz. Todas as outras que estavam ali estão em programa, algumas já voltam arrumando o cabelo a procura do próximo. Ali um ponto de táxi, alguns taxistas conversam encostado numa mureta logo na entrada do mercado. Não falam com outras pessoas além de seu grupo de taxistas. Como se não estivessem ali.

O cheiro do churrasco invade o lugar conforme o vento sopra, mulheres arrumam os cabelos. Vejo poucas crianças, algumas passam de mãos dadas com adultos, indo ou vindo do terminal rodoviário que fica ao lado. Um carro da RBS TV entra no Largo, é um momento em que todos param para olhar o que acontece, ele fica ali ligado e parado. As pessoas que estão dentro do carro no ar condicionado se protegem do escaldante calor que faz naquela hora da tarde. Fiquei mais um pouco, e percebo que uma moça negra com cabelos longos de tranças e um vestido também longo muito bonito, de um tom de rosa que vibra na luz da tarde. Ela estava ali há um tempo junto com outra que carregava um bebê de colo, achei que estavam se protegendo do sol. Mas quando olho está indo pela Conselheiro com o senhor manco que a pouco estava por aqui. Um cliente? Olhei mais descaradamente e vi que também seguiam pela Conselheiro o jovem que a tempo conversava com a moça no banco. Estava muito curiosa, pois não sabia onde estavam acontecendo os programas, conheço dois dormitórios, mas eles ficam quase no final da Conselheiro, tinha certeza de que havia outro por aqui mais perto. Então que num impulso, os segui, e me dei conta de que eu estava também sendo observada e, portanto, não poderia mais ficar ali, hoje não mais. Disfarcei segui pelo vão do mercado e consegui ver onde eles estavam entrando, num dormitório que ainda não conhecia, chama-se Dormitório Cruzeiro, consegui ainda ver a barra da calça verde água daquele senhor que fazia tempo rodeava por ali. Caminhei esbaforida mais alguns metros, estava transpirando muito, era quase cinco horas da tarde e meu dia já estava recheado de coisas pra escrever, pensar e pensar. Enquanto vivia esta angústia, observei uma mulher

negra por ali, caminhava tranqüilamente pela rua próxima ao dormitório, era alta, um pouco gorda, usava roupas curtas e estava por ali.... naquele jogo de oferecer e não oferecer. Me dei conta de que o universo é maior do que pensava. (Diário de campo, Março de 2007)

Imagem 1 – Centro de Florianópolis<sup>125</sup>



A praça XV de Novembro e suas ruas vizinhas, seguindo seus itinerários até o Largo da Alfândega, na região central de Florianópolis, é, portanto, um desses espaços onde a noção de civilização e a “boa sociedade” (ELIAS, *A civilização dos costumes*) remete, no caso de uma cidade brasileira, a um grau variado de questões que vão desde a complexificação urbana de seus territórios, às transformações nas regras do saber-viver da comunidade urbana local, às transformações dos seus hábitos religiosos e dos seus costumes profanos, às formas de convívio entre homens e mulheres, adultos e crianças, jovens e velhos, etc.

<sup>125</sup> In: [viagenslacoste.blogspot.com/2009\\_03\\_01\\_archive..](http://viagenslacoste.blogspot.com/2009_03_01_archive..)

Um espaço que pode ser pensado como sendo “as portas da cidade”, com suas ruas habitadas ao mesmo tempo, pela liberdade da palavra e pela linguagem da liberdade de cujas “situações verbais” (SANSOT, 1979) o comércio sexual se nutre, ao longo do tempo, numa verdadeira gramática de duplo sentido, ora confiada ao subentendido, ao não dito, ao silêncio e às frases inacabadas, aos trocadilhos, ao jogo das palavras, ora ao pudor, à vergonha e ao decoro (MARTINS, 1999).

É 23 de março (sexta-feira), feriado. Aniversário da cidade. Decidi passar à tarde para ver o que era o centro num feriado. Ruas esvaziadas, farto espaço para estacionamento. Lojas fechadas. Mas há um movimento, um menor fluxo de pessoas que caminham e que ocupam a cidade, independente do feriado ou do comércio regulado que não funciona. Mas, há uma outra negociação aqui no largo da alfândega que pertence ao mesmo território que o mercado público, o qual não pára por conta do feriado das comemorações da cidade.

Há três vendedores de “churrasquinho de gato”, como são conhecidos. São oferecidos e se instalam na porta do mercado com as instalações do poder público, apóiam suas caixas de isopor, seus panos de limpeza, copos de plástico, guardanapos nas mesas de concreto, nas pequenas muretas, nos bancos. O cheiro e a fumaça tomam conta do lugar. A multidão dos dias comuns como sexta-feira dá visibilidade a um outro tipo de público, aqueles que estão lá todos os dias. Hoje não sou e não consigo me guardar do anonimato dos outros dias, sou notada imediatamente. As mulheres que se encostam aos bancos, a vendedora do churrasquinho, e mesmo os clientes das profissionais do sexo reparam minha presença ali.

Sei que estou num lugar de prostituição, mas mesmo assim insisto e me sento em um dos bancos com o caderno de notas na mão e me ponho a escrever como uma defesa ali. Homens passam caminhando bem devagar, parece que precisam no tempo de cada passada o olhar do cenário para identificá-lo. Observo um homem negro, alto, uns 40 anos que passa duas vezes ao meu lado e me olha, penso em Simmel na filosofia da coqueteria, ele me olha com o rabo dos olhos, o corpo voltado

para frente e a cabeça virada para tentar entender o que faço ali, se estou disponível. Como não retribuo o olhar ele se vai, e o perco atrás de um prédio. (Diário de campo, Março de 2007).

<http://www.ihgsc.org.br>



Imagem 2 – Mercado Público

Invariavelmente configurador da circulação urbana local, a região central a que me refiro, e que se constituiu no meu universo de pesquisa, tem relevância cultural e simbólica fundamental na memória coletiva do comércio sexual de Florianópolis. E se revelou ao longo da minha prática de etnografia de rua, como um território de trabalho essencial à prestação de serviços de minhas parceiras de pesquisa.

A adesão simpática do comércio sexual a tais territórios marca as suas trajetórias sociais a tal ponto que, através de seus percursos é possível pensar a estética urbana em conformidade com o fenômeno da memória coletiva do comércio sexual das modernas sociedades urbano-industriais (ECKERT & ROCHA, 2005: 83).

### 3.2 - O mercado e os terminais rodoviários

Florianópolis foi uma antiga cidade portuária. Seu porto foi atuante até a década de 60, quando foi extinto após franca decadência. Eram dois portos que acessavam a capital. Um próximo à Alfândega e outro que desembarcava próximo a praça da catedral:

Se no princípio, a praça abria-se para o mar. Através da praia fronteira onde atracavam as pequenas embarcações que abasteciam a póvoa, após isto em 1851, através de ato governamental, construiu-se o primeiro mercado publico no local onde o comércio se fazia mais intenso. Durante quarenta e cinco anos o mercado fechou a praça deste lado, embora o acesso ao mar se mantivesse pelo trapiche fronteiro à rua do palácio (VAZ, 1991, 35).

O espaço que antes era o porto, hoje abriga o atual terminal rodoviário da cidade. E nos seus limites com a praça XV de Novembro, o largo da Alfândega e a rua Conselheiro Mafra, encontra-se um circuito relevante do comércio sexual na área central metropolitana, apontado por minhas interlocutoras, para a memória coletiva da prostituição feminina na Ilha de Santa Catarina.



Refiro-me aqui a um espaço específico, que se localiza entre o atual terminal rodoviária e o Mercado Público Municipal, no interior do qual se desenrolam inúmeros micro-eventos, (MOLES & RHOMER, 1982)

Imagem 3 – Anos 30 (carlosdamiao.zip.net/images/mercaod.JPG)



Imagem 4 – Anos 60 (carlosdamiao.zip.net/images/mercaod.JPG)

O Mercado Público, como na maioria das cidades litorâneas, está situado próximo ao antigo prédio da Alfândega, onde se encontram inúmeros produtos e serviços à venda para um público diversificado, que vai dos habitantes locais a turistas, muitos dos quais, estrangeiros.

Os pombos estão por toda a parte no largo e na saída do mercado, mas muito próximos dos lugares em que são assados os churrasquinhos de gato, pois que aqueles que comem também oferecem comida a eles. De todos os três que fazem esse serviço aqui na Alfândega (me parece conhecida por todos), a senhora me chama mais a atenção, é baixa, gordinha, sempre de bermuda com uma pochete, anda de um lado para outro, servindo carnes, espetinhos e bebidas que saem de um isopor colocado sobre uma mesa de cimento, mesa da própria praça. Está sempre rindo alto, conversando e sobre os ombros uma toalha que usa para secar o rosto, limpar as mãos. Uma moça que já avistei por ali várias vezes é digamos sua companheira de trabalho, subalterna. É careca, não tem dentes, tem toda a pele branca manchada de picadas de mosquitos, muito magra, parece ter uns 30 anos, envelhecida. Vem até minha direção e estende um copo branco de plástico cheio de gelo e pede água. Digo que é com gás, ela diz “Não faz mal!” Agradece e sai. Nesse momento visitando a praça três turistas, falam em inglês o mais velho explicando a região do mercado para o casal mais jovem. Enquanto isso o grupo da praça mais

animado é o que rodeia o churrasquinho da senhora com a toalha, eles riem, falam alto, se xingam, vez ou outra, saem correndo uns atrás dos outros simulando uma briga.

Ao mesmo tempo no outro lado da praça, três mulheres estão sentadas no banco redondo bem na saída do mercado, uma inclusive descansa deitada no colo de uma colega. Um rapaz se apóia na esquina da Conselheiro, a terceira se levanta e vai com conversar com ele, alguns minutos mais eles saem juntos pela Conselheiro, ela é a mais jovens das três no banco. Num outro banco redondo a minha frente outra mulher que parece uma profissional do sexo senta-se. Tem os cabelos louros pintados, a raiz preta aparece, usa um *soutien* preto que aparece na alça da blusa verde-limão colada, está de mini-saia jeans e uma sandália alta com a plataforma de madeira. Ela fica ali sentada no banco protegendo-se do sol sozinha, não fala com ninguém, não conversa, está séria.

No churrasco animado a senhora continua a andar de um lado para outro, está sempre de pé a secar o rosto com a toalha, enquanto responde sobre o paradeiro de alguém: “Fulano???? Tá preso!!!”

Pensando sobre o meu lugar aqui. É muito desconfortável estar na rua sob a mira dos passantes, está quente, a fumaça dos três churrascos às vezes cobre a visão de quem passa. É um lugar sujo, muita poeira, papéis de bala, palitos de picolé, plásticos, sujeira de pombos por todo lado... o pior é quando o vento traz para os olhos esta poeira. Passo a mão no braço e está cheio de poeira, estou pouco tempo aqui, nem duas horas.... imagina passar ali o dia todo. Ao mesmo tempo tenho a impressão de que todos aqui se conhecem, ao menos de vista. (Diário de campo, Março de 2007)

Florianópolis, antiga Desterro, foi organizada em uma colina com a construção da capela de Nossa Senhora do Desterro (VAZ, 1991) e ali, em torno da igreja, onde atualmente se localiza a catedral da cidade, eram organizadas as atividades religiosas e coletivas da cidade, que mais tarde deu lugar a praça central e seus contornos paisagísticos:

A praça colonial litorânea tornou-se o primeiro espaço público claramente definido como abrigo das atividades coletivas da póvoa. Constituiu-se, pelas suas qualidades de porto de abastecimento, no pólo inicial do povoamento desta região. Reforçado posteriormente por funções militares (VAZ, 1991, 24).

Geralmente, é nas cercanias do mercado público que ocorrem as passeatas, as manifestações culturais, religiosas, políticas (VAZ, 1991). É, portanto, um local de encontro, de passagem, muito próximo ao terminal rodoviário interestadual, assim como, passagem para o terminal rodoviário Rita Maria.

Todas as regiões descritas acima concentravam, na época de minha pesquisa de campo, a maior população de profissionais do sexo de Florianópolis. No que tange a prostituição feminina, uma das redes sociais de trabalhadoras com que manteve contato prestava seus serviços durante o dia, geralmente encostadas no mercado público, no prédio da antiga Alfândega, ou ainda, em alguns antigos sobrados reformados, situados na rua Conselheiro Mafra.

Algumas delas têm horário para chegar e sair. Outras sem tanta disciplina chegam e saem sem percebemos. As mais discretas atendem seus clientes apenas sob o toque do celular, enquanto outras ainda os procuram pela multidão. Há, ainda, as que preferem data e horário para o encontro.

Num total de 15 mulheres por ocasião da pesquisa, minhas parceiras de pesquisa apresentavam uma trajetória social marcada por processos de exclusão e estigmatização no interior de suas famílias e cidades de origem, sendo que, algumas viveram fortes experiências de abuso sexual e violência doméstica. Algumas viúvas, separadas, outras vítimas de maridos violentos. Um fato que se destaca em suas narrativas biográficas sobre sua prática profissional é que o deslocamento para capital, longe dos olhos e dos ouvidos e a língua dos vizinhos<sup>126</sup>, lhes permitiu desempenhar diferentes papéis sociais, de mães de família a avós, ocupando, algumas delas, a condição de “arrimo de família”.

Diferentemente da figura mitológica de Eros, da mulher fatal, nefasta, vulgar e desregrada, do simbolismo da vagina dentada,

---

<sup>126</sup> Em alusão ao artigo de Souza, Medeiros & Alberini “Os olhos, os ouvidos e a língua dos vizinhos”, publicado no livro *Vergonha e decoro na vida metropolitana de São Paulo*, organizado por José de Souza Martins, São Paulo Editora Hucitec, 1999, pp 63-72

devoradora de homens, personagem obsessional produzido pelo patrimônio do imaginário ocidental judaico-cristão para o feminino e associado ao prazer e ao gozo, na realidade, tratam-se de senhoras, donas de casa e vizinhas atenciosas. Mulheres que costumam cozinhar para seus filhos e netos, que vão à missa de domingo; crentes e fiéis, que batizam seus filhos e netos, comemorando todas as datas festivas (Páscoa, Natal, etc.) do calendário religioso católico e da agenda de comemorações profanas do carnaval ao dia das mães e da criança, etc.

Em seus itinerários urbanos marcados por sua profissão no comércio sexual, muitas começaram a atividade na praça XV de Novembro, antigo reduto do sexo mercantil na memória coletiva da comunidade urbana local. Como trabalho e profissão, sua atuação no comércio sexual lhes permitiu construir suas moradias, sustentar e educar filhos e netos, adquirir os bens de consumo que dão a sua vida doméstica e familiar o conforto e a estabilidade.

No caso o espaço diurno da prostituição feminina no Largo da Alfândega, na rua Conselheiro Mafra e na praça XV de Novembro, se vale da feição populosa e popular dessa região da área central da cidade, de intenso comércio e grande movimento de pedestres, possibilitando o encontro entre a Praça da Alfândega e o Mercado Público e suas imediações, ali apresenta-se um campo singular, onde o artifício, a audácia e a experiência em lidar com as regras de quebra de decoro nas áreas públicas é desafiadora.

Segundo Edson Miagusko & Lúcia M. P. Ferreira (1999:29), o estudo dos padrões de decoro com pessoas desconhecidas demonstra a existência de normas e regras que regulam os arranjos da vida social para as áreas públicas das grandes metrópoles, e não mais com os próximos. Sendo assim, o campo social da prostituição de rua, embora associado ao prazer desmedido, do hedonismo desregrado e da orgia, submete-se ao “poder da vergonha”, o que faz da expressão “mulheres-sem-vergonha”, para as prostitutas, um grande equívoco<sup>127</sup>.

No caso do comércio sexual feminino nas ruas, a etnografia de rua me permitiu compreender as regras de decoro entre minhas interlocutoras funcionando como um código de conduta na intenção de conquista de clientes. Na ambigüidade do anonimato<sup>128</sup> é preciso, ao

---

<sup>127</sup> Refiro-me aqui ao artigo “Circunstâncias e coadjuvantes na interação social: o poder da vergonha”, publicado no livro *Vergonha e decoro na vida metropolitana de São Paulo*, organizado por José de Souza Martins, São Paulo Editora Hucitec, 1999, pp 63-72

<sup>128</sup> A referência aqui é o artigo de Lílian Alves Sampaio e Patrícia Dias de Rossi, “A condição de estranho nas relações cotidianas”, publicado no livro *Vergonha e decoro na vida*

mesmo tempo, aprender a se comportar adequadamente de acordo com as formas de interação que transcorrem no ambiente das ruas, de suas calçadas e bancos.

Estava conversando com Zeila, uma mulher dos seus 50 anos que aguardava um cliente, ela me explicava quem eram as mulheres do local e eis que uma garota que nunca tinha visto por ali, chega por volta do meio dia com uma bolsa e fica parada próximo ao nosso banco. Zeila olha e me diz: "essa é nova aqui, nunca a vi por aqui". Eu pergunto, será que é? Não sei, a observo, ela olha para os lados, procura alguém e tal... Zeila continua a inquirir a jovem mulher com os olhos e se inquieta com sua presença, muito mais jovem que ela... é então que toma coragem e pergunta à garota se ela está por ali fazendo programa. A jovem se indigna dizendo que era casada (mostra aliança) e que marcou o local com o marido para irem almoçar. Fica um pouco chocada e diz que não é da cidade. Zeila então pede desculpas, fala que quer apenas ajudar. Exagera e diz que vários homens já a olham e que provavelmente ela será abordada se ficar ali, parada. (Diário de campo, Junho de 2007.)

Ao mesmo tempo, local de trabalho e rua, e tendo em vista a fluidez e turbulência de seus territórios, a prestação de serviço sexual pode ser perturbada pela quebra de decoro a todo o momento pelos envolvidos na interação (gritarias, discussões, gesticulações excessivas, brigas, etc.), dependendo do local e hora em que ocorrem. Momento em que os gracejos, as piadas, os jogos verbais entre as prostitutas, clientes e entre as colegas de trabalho podem aproximar os olhos e os ouvidos dos outros (SAMPAIO & DE ROSSI, 1999:47).

Portanto, para o caso do sexo mercantil, a rua pode ser a "rua da casa" (da intimidade dos jogos de prazer) ou simplesmente a rua (da impessoalidade, da exploração), sendo as tensões e as ansiedades no trânsito dos códigos ético-morais entre ambas as esferas de tais arranjos sociais um fenômeno singular das artes desse ofício.

Tendo em vista as condições de trabalho difíceis, sob a pressão das convenções e preconceitos sociais, o jogo social das práticas corporais, das roupas, dos perfumes, da maquiagem bem como as formas de convite aos seus potenciais clientes e suas conquistas fortuitas, descolando-se de um mundo onde à mulher está reservada a casa, o casamento, os filhos legítimos.

No âmbito de suas práticas de trabalho na rua, a observação direta, junto as minhas interlocutoras<sup>129</sup>, de seus “pontos” permitiu constatar o uso das esquinas, calçadas e bancos quase como de um espaço de escritório, onde seus “programas”<sup>130</sup> são agendados, negociados e acertados (algumas com encontros marcados de segunda à sexta, outras com horários mais flexíveis).

Da mesma forma, a etnografia de rua me possibilitou verificar a intensidade das trocas sociais envolvendo as diferentes categorias de profissionais do sexo na região por mim estudada, como michês, homossexuais, travestis e prostitutas, em decorrência da delimitação de fronteiras simbólicas para o exercício de seu trabalho nas ruas<sup>131</sup>.

Por outro lado, me permitiu pensar as formas de atendimento de minhas parceiras de pesquisa aos seus clientes, que acontece, geralmente, em dormitórios localizados próximo aos pontos de trabalho das mulheres. Algumas atuando por conta própria, outras agenciadas por um cafetão, segundo as diferentes etapas de suas trajetórias sociais na profissão, e que, geralmente, se deve a preservação da sua segurança contra possíveis clientes violentos, ou mesmo, contra outras prostitutas em disputas pelo ponto de trabalho.

No interior dos territórios do comércio sexual e de seu “campo de força” (junto aos órgãos de policiamento e seus colegas de profissão), e dentro de certos limites e condições de manobra, pode-se constatar que há uma plasticidade nos arranjos sociais das identidades públicas das

---

<sup>129</sup> A expressão *ponto* designa a unidade mínima territorial em uma área pública onde o profissional do sexo exerce o seu trabalho.

<sup>130</sup> A expressão “programa” designa a unidade elementar da atividade da prostituta, funcionando como medida de seu trabalho nas ruas e dos lucros e dividendos que lhe auferem considerando certos contratos e acordos prévios sobre a modalidade de prestações de serviços disponíveis aos seus clientes. Segundo, Freitas (1985:30) eles podem ser de 3 ordens: as *práticas*, ou conteúdo do serviço que será prestado; o *preço* deste serviço, e o *tempo* disponível pela prostituta. (FREITAS 1985, p. 30)

<sup>131</sup> Segundo Marcelo Souza (1995:84) a durabilidade das práticas de serviços sexuais em determinados espaços em detrimento de outros sugere que a identidade sócio-espacial do comércio sexual refere-se identidade dos profissionais “na verdade não apenas com o espaço físico, concreto, mas com o território, e por tabela, com o poder controlador desse território.

prostitutas de rua em Florianópolis, segundo suas redes sociais distintas. Uma vez construídas segundo seus territórios deslizantes (MAFFESOLI, 1987), envolvendo as ruas, os pequenos hotéis e pensões, assim como as casas de massagem, agências de garotas de programa, casas noturnas, boates, bares e os apartamentos *prive*.

Os conceitos de “pedaço” e “mancha” utilizados pelo antropólogo José G. Magnani (2002) têm sido apontados como relevantes para o estudo do fenômeno da prostituição no contexto metropolitano. Segundo o autor (MAGNANI, 2000: 32), o conceito de “pedaço” “designa aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público”, cuja principal característica é a forma de sociabilidade que se estabelece entre seu grupo de frequentadores, “mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade”. Se o “pedaço” aponta no território das grandes metrópoles, sujeitas ao tema do anonimato, do impessoal e do desconhecido, para um espaço territorial na rua, demarcado por redes sociais de interações mais estreitas e próximas, o conceito de “mancha” irá tensionar essa experiência urbana de permanência e de regularidade no sentido contrário.

Isto é, marcando sua atenção nas práticas do lazer nos territórios da vida urbana, o autor propõe o conceito de “mancha” (MAGNANI, 1998) como uma forma de pensar os meios de ocupação dos espaços citadinos, orientados mais para a fruição de um conjunto de equipamentos voltados para o lazer, que competem e se completam entre si, mas unem os interesses dos habitantes das metrópoles contemporâneas.

Para o caso da prostituição de rua em Florianópolis, Rodrigo A. L. da Silva & Celso S. A. Neto (*Meretrizes: a geografia da prostituição em Florianópolis*<sup>132</sup>) apontam a área central como comportando “diferentes *pedaços* dentro do território da prostituição”, segundo os “diversos *pontos*”, “acabam às vezes encontrados em esquinas, outras vezes em praças”.

Em suas observações, os autores referem-se aos diferentes “pedaços” que conformam a rua Conselheiro Mafra e a praça da Alfândega em termos do comércio sexual local, sendo que, ao longo

---

<sup>132</sup> Sobre o assunto, ver o estudo de Rodrigo Amaral Leite da Silva e Celso Senna Alves Neto, *Meretrizes: A geografia da Prostituição em Florianópolis*, acessível pelo site consultado em 04 de janeiro de 2010, [http://egal2009.easyplanners.info/area05/5539\\_Silva\\_Rodrigo\\_Amaral\\_Leite\\_da.pdf](http://egal2009.easyplanners.info/area05/5539_Silva_Rodrigo_Amaral_Leite_da.pdf)

destes locais, se pode encontrar a prostituição de travestis, de prostitutas e de garotos de programa. Os autores também se referem às “manchas do prazer” (em alusão ao termo original de J.G.Magnani 2000, “manchas de lazer”) englobando, para o caso de seus estudos, as “casas de massagem” de Florianópolis.

No caso desta tese, o reconhecimento dessas modalidades de referências identitárias para os territórios da área central se fez presente. Todavia, quero demarcar o trajeto espaço-temporal que a prostituição de rua estabelece entre ambas as dimensões, não apenas no que se refere a certos circuitos e seus trajetos (em suas vinculações com pontos e referências espaciais de ancoragem do trabalho de prostituição de rua), mas aos itinerários urbanos consolidados no interior de uma biografia na profissão e onde a dimensão temporal da trajetória social na carreira, tanto quanto da história cultural da prostituição na cidade, se faz significativa.

Para M. De Certeau (1996), a cidade é poetizada pelo sujeito (usuário) quando ele desmonta, cotidianamente, as correntes do aparelho urbano, pensada pelos arquitetos e urbanistas, e impõe a sua própria ordem. É um sujeito ativo nos caminhos que elege para acomodar a sua cidade ao seu jeito de ser. A eleição dos pontos ou a preferência por certos equipamentos em que o comércio sexual acontece não se dá por acaso, especialmente entre as categorias profissionais que prestam serviços sexuais a partir de seus laços com os clientes nas ruas. Tais eleições e preferências, ainda que sejam acompanhadas de disputas de poder entre as profissionais do sexo para a posse de determinados territórios de “batalha”, acompanham as biografias destas categorias de trabalhadores nas aprendizagens do seu ofício e no interior de suas experiências urbanas com o comércio sexual.

A carreira da prostituição de rua se dá dentro de um campo de possibilidades (VELHO, 1999), onde o indivíduo elege determinados itinerários para seu uso ou prazer, se reconhecendo em certos hotéis ou bares, cujos donos conhecem há anos, ou em determinadas boates, cercadas por certas ambiências de casas comerciais, cujos donos e fregueses lhe são conhecidos, ou, ainda, em certas praças e bancos, onde a vizinhança de moradores e frequentadores os reconhece - o taxista, o vendedor de amendoim, o varredor de rua, os mendigos, entre outros ocupantes da cidade.

Por um lado, a mescla de uma caminhada de contemplação, “de sonho que se faz no bairro” e, por outro, “a caminhada de necessidade”

(DE CERTEAU, 1996), a do trabalho, da produção de “pedaços e manchas” no interior de uma cartografia do comércio sexual na região central da Ilha de Santa Catarina, apontada para a presença de um território habitado pelo entrelaçamento de camadas de tempos.

Os tempos vividos na prática do sexo mercantil e os tempos pensados pelas estratégias dos poderes locais que entrelaçados permitem no espaço das ruas a acomodação dos conflitos entre as práticas corporais associadas à esfera pública do trabalho e vinculadas a esfera privada do prazer, inserindo-se a prostituição como mais uma das formas de vida social essencial a manutenção da própria vida metropolitana.

Tanto quanto o trabalho dos operários nas fábricas, das donas de casas em suas moradas, dos estivadores no porto, das professoras nas escolas, dos capitalistas nos bancos, dos comerciantes em suas lojas, dos advogados em seus escritórios, dos médicos e enfermeiras em hospitais, etc.

Sob este ângulo, as mulheres que protagonizam os relatos e histórias desta tese são protagonistas de práticas corporais e sexuais tributárias da memória do comércio sexual em Florianópolis, de alguns de seus “monumentos” na área central e a certos territórios-mito<sup>133</sup>, patrimônio de sua comunidade urbana, os quais serão enfocados a seguir, como veículos da memória coletiva do sexo mercantil na capital e pontos de ancoragem de suas narrativas biográficas na profissão.

Aqui, aproximo esta tese aos estudos de etnografia da duração, proposto por C. Eckert e A. L. C. da Rocha (2005), uma vez que as ruas, as praças, os percursos e os lugares da cidade que serão descritos a seguir foram/são afetados por temporalidades diversas da prostituição de rua, sobrepostas em camadas, a partir do acúmulo das ações dos seus profissionais e trabalhadores sobre estes espaços e dos reflexos de tais arranjos de práticas sexuais e práticas corporais em suas subjetividades.

Lugares singulares para o destino da comunidade urbana de Florianópolis, depositários de uma fama complexa e diversa de práticas sociais recorrentes através do tempo, que foram atingidos por grandes intervenções nos últimos anos (reformas, modernização, higienização,

---

<sup>133</sup> Penso aqui no que afirma M. Maffesoli (1987) para o caso de espaços que tem a capacidade de impregnar uma permanência de socialidade, de um estar-junto-com de uma comunidade de sentimentos, Um espaço que não é glorificado, mas que faz também parte do que é conceitualmente a cidade, é, portanto, um fenômeno ligado ao urbano.

revitalização, etc.) e que serão pensados a partir de um esforço em visitar as feições do tempo em seus territórios de vida.

### **3.3 - Praça XV de Novembro, largo da Alfândega, rua Conselheiro Mafra**

Outro território de destaque para a memória coletiva do comércio sexual na região central de Florianópolis é o circuito formado por três de seus espaços, os quais se destacaram durante a realização de inúmeras incursões de campo na cidade, conduzidas por minhas interlocutoras durante minha etnografia de rua. Estas regiões compõem o que é reconhecido oficialmente como o núcleo da região central da cidade de Florianópolis, mais especificamente a região da praça XV de Novembro, onde que se encontra no miolo das casas comerciais e bancárias da capital (CORADINI, 1995,11). As regiões próximas à praça XV e a catedral seriam dessa maneira uma das regiões de chegada ao Desterro por este lugar.

Para melhor visualizar a distribuição dos espaços de prostituição e suas manchas na cidade, apresento nas próximas páginas três cartografias: 1: 'Comércio sexual no centro da capital catarinense', seguido da cartografia 2: 'Fluxo temporal do comércio sexual', e a cartografia 3: 'Fluxo do comércio sexual', no centro da cidade analisada. Com detalhes que serão abordados ao longo do capítulo.







A região cartografada passou por um processo recente de revitalização urbana no uso de seus ambientes, com algumas implicações para as práticas do sexo mercantil em seus territórios.



Imagem 5 – rua Conselheiro Mafra<sup>134</sup>



Imagem 6 – rua Conselheiro Mafra.

Entretanto, o território da praça XV de Novembro também pode ser analisado pelo viés de uma memória do cotidiano das práticas sexuais mercantis, suas formas de sociabilidade e itinerários urbanos no contexto metropolitano das grandes cidades brasileiras. Um território significativo, desde os anos 60 do século XX, época em que funcionavam inúmeros bares gays<sup>135</sup>, como abordado as cartografias, pode-se pensar, mais recentemente, a viscosidade dos laços sociais que unem às atividades de comércio sexual que acontecem, nos dias de hoje, um território ocupado tradicionalmente por michês.

Como observados nas cartografias, é na tentativa de compreender a genealogia do sexo mercantil no antigo largo da Alfândega que recorri aos trabalhos desenvolvidos em outras vizinhanças<sup>136</sup>, e que trazem à tona dados etnográficos e históricos que colaboraram na elaboração das cartografias, os quais revelam que a atual

<sup>134</sup> Imagens 5 e 6 In: Domingos Fossari (arquibrasil.wordpress.com)

<sup>135</sup> A propósito, ver Cordova, L.F.N., 2006.

<sup>136</sup> Sobre o tema da pluralidade do comércio sexual na área central de Florianópolis, produzidas no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, importante ressaltar os trabalhos de M. A. Silva, *Se manque! Uma etnografia do carnaval no pedaço GLS da Ilha de Santa Catarina*, dissertação de Mestrado, 2008, de M. Oliveira, *O lugar do travesti no Desterro, 1997*, de A. P. Vencato, *Fervendo com as drag queens. Corporalidade e Performance de drag queens em territórios gays da Ilha de Santa Catarina*, dissertação de Mestrado, 2002. No interior do Programa de Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas, uma das referências é a tese de doutorado de Luis F. Córdoba. *Trajetórias de homossexuais na Ilha de Santa Catarina*.

praça XV é um território singular, associado à memória coletiva das práticas sexuais em áreas públicas da Ilha de Santa Catarina.

Este lugar da vida urbana local reunido a outros territórios vizinhos, tais como o largo da Alfândega, o Mercado Público, parte do aterro até a rodoviária Rita Maria, assim como a rua Conselheiro Mafra e suas transversais, revela-se por sua feição de “mancha” (MAGNANI, 2000) no que tange às práticas do sexo mercantil. Segundo o autor, as manchas no tecido social das práticas espaciais dos habitantes das grandes metrópoles são “áreas contíguas do espaço urbano dotadas de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam – cada qual com sua especificidade, competindo ou complementando – uma atividade ou prática predominante” (MAGNANI, 2000, 40).



Imagem 7 - praça XV de Novembro, 1940 (<http://bp2.blogger.com>)

É importante ressaltar que, nos anos 60, esse território já era mencionado nos itinerários das práticas sexuais mercantis a praça XV sendo conhecido como o “circuito da lama” (CORDOVA, 2006), justamente por concentrar um número razoável de bares gays e lésbicos na região central da cidade de Florianópolis, numa clara tentativa de depreciação dos seus territórios pela singularidade das formas de sociabilidade que enraizavam, permitindo a circulação de pessoas “de várias procedências” numa mesma região da metrópole, como Renata e Ivone.



Imagem 8 – praça XV de Novembro, 1940 (<http://lhgs.org.br>)

Na praça XV, ao caminharmos, Renata me diz que ficava por ali caminhando e caminhando para achar um programa. Que ali apanhou por duas vezes, quando era ainda nova no lugar: “Apanhei na cara por duas vezes!”, perguntei por que: “Porque era nova na praça”. Disse que na praça não Ou ainda com Ivone:

Tem mais prostituição, a Ângela<sup>137</sup> proibiu, tirou os hippies e as mulheres dali, que as mulheres foram para o Kobrasol, mas que os homens ainda fazem michê. (Diário de campo, Junho de 2007).

Ivone me diz que começou na praça XV, mas que depois da Ângela (prefeita) teve que sair de lá, e pararam ali, na Conselheiro, as duas (ela e Denise) concordaram, porque não é um local de passagem, não tem muito comércio, é mais reservado, em outras esquinas mais próximas da praça XV passam sempre muitos conhecidos, parentes e uma outra “vizinha fofoqueira”. (Diário de campo, Novembro de 2006)

Em particular, a praça XV e o largo da Alfândega são os territórios de referência de minhas parceiras de pesquisa. Lugares de prestação de serviços sexuais que reúne, ainda, as áreas onde se situam os dormitórios, lanchonetes e bares, tudo isso fazendo parte do circuito<sup>138</sup> da prostituição feminina.

<sup>137</sup> Aqui faz referência a Ângela Amim, prefeita que coordenou estas interações urbanas.

<sup>138</sup> Magnani (2000).



Lugar “malfalado” e animado por toda a sorte de experiências com o estrangeiro, apesar dos espaços comuns de convivalidade do homem e das mulheres já estarem sendo submetidos a uma nova pauta:

<http://www.ihgsc.org.br>



Imagem 10– Mercado Público

a do decoro e dos “bons costumes”, dos contratos sociais. A região do antigo porto de Florianópolis nos revela a fotografia do lugar em 1910, era um território marcado pela presença de micro-eventos (MOLES & ROMER, 1982), mais característicos de uma cidade inda com as marcas paradigmáticas da organização social do espaço urbano colonial e de suas formas de sociabilidade, numa valorização das trocas sociais nas áreas públicas da cidade, ao mesmo tempo em que oferecia acolhimento àqueles que chegavam à capital por meio de navios. A disciplina doméstica da casa higiênica, a proteção à infância e a regulamentação das práticas sexuais estavam distantes do território do cais do porto, repleto de cortiços, armazéns, botequins, quitandas, casas de rendez-vous, de tolerância, de pensões, etc.<sup>139</sup>.

Por meio de registros visuais, podemos observar que o território dos trapiches, como na ambiência do terminal rodoviário Rita Maria, construído no mesmo local mais tarde (a partir de um aterramento da orla), contemplava um espaço de mercado de rua, de concentração de

<sup>139</sup> A última tentativa de construção de um porto comercial em Florianópolis foi feita na década de 1950 pelo Departamento Nacional de Portos e Vias Navegáveis (DNPN). O projeto previa a construção das instalações portuárias na enseada da Praia da Armação, do lado continental, hoje município de Governador Celso Ramos. Atualmente, os transatlânticos que fazem escala na Ilha de Santa Catarina ficam fundeados ao largo da Praia de Canasvieiras. O desembarque dos passageiros é feito pelos *tenders* do próprio navio até o trapiche na referida praia. A respeito, consultar o site [www.portogente.com.br](http://www.portogente.com.br)

transporte, de circulação de produtos e pessoas, predominantemente masculinas, do espetáculo de suas formas de trocas sociais e das virtudes e fraquezas da carne<sup>140</sup>.

É somente mais tarde na instauração da cidade republicana, de suas preocupações com os “bons costumes” e o “decoro” (que ultrapassavam os limites da vida privada<sup>141</sup>) que a cidade prepara-se para a vida social da família burguesa e do seu desfile nas áreas públicas das grandes metrópoles<sup>142</sup>, no lugar da promiscuidade dos laços sociais, que a cidade adquire a conformação da família patriarcal e patrimonial a favor do cidadão domesticado e disciplinado “a serviço da nação” (COSTA, 1979: 33).

<http://www.ihgsc.org.br>



Imagem 11 –  
Mercado Público

<sup>140</sup> Ver a respeito o estudo de Ivonete Pereira, *As decaídas: prostituição em Florianópolis (1900-1940)*, Dissertação em História. UFSC. 1996.

<sup>141</sup> Um processo que M. Foucault (*Microfísica do poder*, 1996) descreve, do qual deriva, segundo o autor, o nascimento da clínica e da medicina social, em sua feição moderna, lugar de concentração de misérias e dores. Ou, segundo do anonimato do sofrimento, nos termos de P. Áries (*O homem diante da morte* 1990), segundo os processos de contração da sociabilidade públicas, dos quais decorrem os sentimento de infância e de família (*A história social da família e da infância*, 1981), em seu sentido estritamente “moderno”. Jurandir Costa Freire em seu estudo, *Ordem médica e norma familiar* (1979) sobre as repercussões da visão higienista e suas políticas modernizadoras da cidade para o caso do Rio de Janeiro do século. XIX, com vistas a ajustar o antigo comportamento social das famílias brancas das elites locais, adaptadas ao um sistema social patriarcal e patrimonial vigente no período colonial à novas exigências da nova ordem social para a vida urbana das grandes metrópoles.

<sup>142</sup> A expressão “desfile da burguesia” vem associada a idéia da cidade como espetáculo de suas formas de sociabilidade, às reformas urbanas e a criação de passeios públicos e de praças, do advento da iluminação pública, etc. A respeito, ver os estudos de S. Pesavento, *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano : Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*, Editora da Universidade/UFRGS, 1999, 350 p.

É possível perceber nas imagens apresentadas, a presença da viscosidade dos laços sociais que a territorialidade dos trapiches e das áreas do mercado ao seu redor constrói neste espaço da cidade.

Fica evidente a presença fortuita de mulheres na ambiência dos trapiches, locais em que as moças de família não circulavam. A sua presença em tais territórios poderia significar a inclusão delas na categoria social de mulheres “decaídas” (PEREIRA, 1996), caracterizadas por suas pautas de conduta e pelos papéis sociais a elas atribuídos.

Certamente, a atividade da prostituição depende de alguns imperativos, como a localização num determinado território. Isso remonta a problemática da oferta e da procura pelos serviços sexuais no interior de determinadas áreas do comércio da cidade, onde o prazer, o corpo e a sexualidade possam ser obtidos em troca de dinheiro. Portos, rodoviárias e terminais de ônibus são, notavelmente, lugares economicamente viáveis que facilitam suas negociações, logo, o comércio sexual (SÉCHET, 2007). Além de tais condições, é necessário que existam habitações em suas proximidades, locais usados para o evento sexual, como dormitórios e pequenos hotéis de passagem (ou *hotel de viração*).

A presença da atividade no cais, nos trapiches e portos, onde ocorre a circulação de marinheiros, portuários e estivadores, é um dos fatores tidos como centrais para a presença do comércio sexual na área, uma vez que os bordéis, botequins e cafés ofereciam a estes trabalhadores locais para descanso, divertimento e prazer, incluindo a prática de serviços sexuais, também observado por Martins (2003).

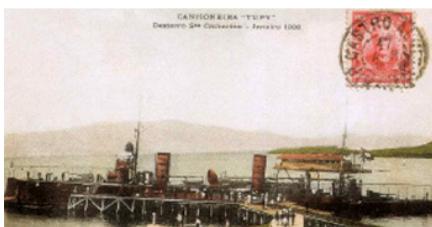


Imagem 12 – Rita Maria<sup>143</sup>)

Importante observar, como informam alguns estudos (PEREIRA, 1996; CORDOVA, 2006; FERRARI, 2008; VAZ, 1991),

<sup>143</sup> In: [www.carpes.com.br/Simao/historia\\_simao.htm](http://www.carpes.com.br/Simao/historia_simao.htm)

que esta região de Florianópolis era habitada, preponderantemente, por populações mais pobres e simples da comunidade urbana local (muitos negros e mulatos), reunindo meretrizes, pescadores, lavadeiras, serviçais de toda a sorte e até biscateiros que tinham por ofício realizar os trabalhos braçais de transporte de mercadorias, água e compras para as famílias da elite local, além do transporte de animais e de carroças<sup>144</sup>.

<http://www.ihgc.org.br>



Uma vez que as condições de vida e trabalho dos “subalternos” nestes territórios eram precárias, com o tempo, muitos destes lugares sofreram intervenções (PEREIRA, 1996, FERRARI, 2008).

Imagem 13 – Igreja Matriz<sup>145</sup>

Os motivos se relacionavam ao fato destes locais serem identificados como os principais focos das epidemias na cidade e por que o estilo de vida das personagens que aí se enraizavam (afrodescendentes, índios, mendigos, imigrantes, os *bon-vivants*, idosos, pobres, bodegueiros, meretrizes, biscateiros, etc.) era visto como uma ameaça às famílias das classes mais abastadas que moravam nos casarões próximos a praça XV de Novembro (RODRIGUES, 2005).

Segundo Da Matta (*Carnavais, malandros e heróis*, 1979; *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*, 1997), na sociedade brasileira, as imagens nobres da figura feminina são as de mãe e de noiva, personagens referidos à esfera doméstica, aos cuidados da casa, do marido e dos filhos, contrastando com a representação do poder sexual e da sedução da mulher como *puta* ou *piranha*.

Sob este aspecto, o campo social da prostituição na conformação da memória coletiva da comunidade urbanas da Ilha de Santa Catarina, reflete temas sobre as dimensões da casa e da família na formação da sociedade brasileira pelos estudos das oposições da casa e da rua e das ambigüidades do universo social brasileiro, como no caso

<sup>144</sup> A respeito, ver o estudo de Rodrigo Amaral Leite da Silva e Celso Senna Alves Neto, *Meretrizes: A geografia da Prostituição em Florianópolis*, acessível no site [http://egal2009.easyplanners.info/area05/5539\\_Silva\\_Rodrigo\\_Amaral\\_Leite\\_da.pdf](http://egal2009.easyplanners.info/area05/5539_Silva_Rodrigo_Amaral_Leite_da.pdf), consultado em 04 de janeiro de 2010.

<sup>145</sup> In: (imagenshistoricas.blogspot.com)

da feminização do mundo público, dominado pelo masculino, durante o ritual do carnaval, realizados por Roberto Da Matta (1997).

Gilberto Freire pontuava, em seu célebre estudo sobre os mocambos e os sobrados, que sair nas ruas e praças nas cidades brasileiras de meados do século XIX traduzia-se numa verdadeira aventura. Uma aventura ainda maior para as “grandes senhoras”, as “íaiás” (“propriedade do homem rico”) (FREIRE, 1977:154).

Assim, nas relações entre a casa e a rua, as “Donas Brites, as Donas Genebras, as Donas Franciscas, as Donas Teresas, as Donas Marias” eram reservadas à vida no sobrado, na varanda e no caramanchão, onde as sinhás-moças apenas conheciam as carícias dos sagüis, “na ausência de mãos fortes de varão que agradassem as suas”. Isso se contrapunha às escravas negras e às mulatas, que percorriam os “bancos das pontes” e as “gameleiras do cais”, namorando os velhotes e falando da vida alheia (FREIRE, 1977: 33-39).

Para o caso das relações entre os sexos, ao mesmo tempo em que o autor se refere ao “ciúme sexual” masculino em relação à mulher senhoril, ele menciona a presença expressiva das “mulheres de janela”, ou das “mulheres públicas”, principal temor dos pais das “famílias legítimas”, “sem contar com a prostituição clandestina de escravas” (FREIRE, 1977:158-160).

Para essas mulheres, diferentemente da vida nas varandas, nos alpendres, nos caramanchões e nos sobrados, lhes eram destinadas as “casas de passes ou zungus”, lugares da “escória”. Era para lá que iam o “roceiro rico, o filho de fazendeiro, do senhor de engenho, ou rapaz de fortuna da cidade”.

No que tange ao trabalho sexuado da memória coletiva que esse capítulo se propõe, ou seja, as trajetórias de mulheres “públicas”, relacionadas menos a esfera doméstica, familiar e privada, é fundamental a referência aos estudos histórico-culturais de Azevedo (1981; 1986) sobre os modelos tradicionais de namoro e casamento<sup>146</sup> e a preservação dos valores de uma sociedade patriarcal no contexto das metrópoles brasileiras, agora, nas primeiras décadas do século XX<sup>147</sup>.

---

<sup>146</sup> A propósito ver o clássico livro do autor *As regras do namoro à antiga*. São Paulo: Ática, 1986, assim como o livro em que escreve com Antonio Motta, *O Cotidiano e seus Ritos: praia, namoro e Ciclos da*. A referência aqui, em especial, é o artigo *Namoro à antiga*. In: *Família, Psicologia e Sociedade*. G. Velho & FIGUEIRA, Sérvulo e VELHO, Gilberto (Coords.) Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1981.

<sup>147</sup> Não se trata de enveredar pelos estudos da história das mulheres na linha dos trabalhos de Michelle Perrot.

Segundo o autor, namorar pelo simples fato de namorar não era bem visto. Principalmente no caso das mulheres, que caso fizessem isso, ficavam mal vistas pela sociedade<sup>148</sup>. O autor menciona a importância da existência de certos espaços públicos que favoreciam o flerte, entre eles as ruas e as praças mais importantes, locais onde acontecia “um primeiro comércio de olhares aparentemente casuais, de sorrisos e gestos significativos” (AZEVEDO, 1981, p. 227).

Também mencionado em Rodrigues (2005, 78, 79), quando comenta sobre o flerte na praça XV de Novembro e arredores:

Aos domingos, feriados e dias de festa, à noite, no espaço entre a esquina da Felipe Schmidt e a Praça XV, e dali até a esquina da Deodoro, as meninas solteiras do primeiro time, aos pares, circulavam numa caminhada, indo da primeira esquina pela direita e voltando pela segunda, à esquerda, até o mesmo local. Enquanto isso os homens faziam uma fila, lado a lado, na calçada e outra no meio da rua olhando a mulherada passar, esperando ou querendo flertar com algum simplesmente só olhando e comentando as qualidades de cada uma, sempre belamente produzidas. Muitos namoros que se tornaram casamentos começaram ali.

O segundo time circulava pela calçada do Palácio do Governo – hoje Museu Cruz e Souza – até a esquina da rua Conselheiro Mafra. O terceiro time circulava pela calçada da Praça XV. Assim todo o povo solteiro participava e curtia o espetáculo. Naturalmente cada um dentro daquilo que lhe cabia e podia ser.

Orientando-se a vida “moderna” da cidade republicana, em suas preocupações com o disciplinamento moral dos corpos e dos sexos nas áreas públicas e a corrupção dos costumes – a mestiçagem como herança do passado colonial -, além dos espaços das praças e das ruas, novos espaços de sociabilidade (tais como o teatro, as matinês, as sorveterias e os cafés), numa convivialidade com os antigos espaços

---

<sup>148</sup> Segundo T. de Azevedo, “Havia, assim, inúmeros comportamentos e artifícios que eram acionados pelas moças, em função do decoro e do recato das relações entre os sexos, para chamar a atenção para o sexo oposto, tais como “as expressões faciais e corpóreas, o penteado, o ritmo, e o estilo da marcha, da postura, do sentar-se assim como os elementos artificiais acrescentados – a pintura facial, o vestuário, os perfumes” (AZEVEDO, 1981, p. 225)

frequêntados pelas famílias abastadas, tais como as igrejas, locais onde a “moça de família” podia frequêntar sozinha, e onde muitas vezes, se encontrava com seu pretendente<sup>149</sup>.

Em *Ordem e Progresso*, Gilberto Freire (1990, 90-95) aponta para novas formas de convivência social nas modernas cidades republicanas e para suas pretensões de igualitarismo em relação à “população de cor”, livre, e aos homens brancos instruídos, civilizados, europeizados e endinheirados, e com para as repercussões no comércio sexual nas metrópoles, muitas vezes dividido entre o “meretrício de alto bordo” e o “baixo meretrício”.

O primeiro, dotado de prestígio e onde a prestação de serviços sexuais atendia às sutilezas e ao refinamento de uma clientela de gosto europeu (o burguês aristocrata). O segundo, destinado à simplicidade dos operários, dos marinheiros, do cidadão comum e da “gente de cor”. Um exemplo destes lugares de “má-fama”, que é referência na memória coletiva do comércio sexual, foi, e ainda é, a rua Conselheiro Mafra, que mantém seu destino de espaço da diversidade sociocultural, diferente do destino tomado pelo trapiche do Miramar, destruído nos anos 70, em prol da ideologia do progresso<sup>150</sup>.



Imagem 14 – Trapiche Miramar<sup>151</sup>

<sup>149</sup> Ver a respeito, artigo de A.L.C. da Rocha. Uma história de amor à antiga através da troca de cartões postais. *ILUMINURAS*, Vol. 9, No 2 (2008), <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/9326>.

<sup>150</sup> Sobre o assunto, consultar o estudo de Marilange Nonnenmacher, *Memórias da má fama: rua Conselheiro Mafra* (1970-1998). UFSC, 1999. 46 f. Trabalho de conclusão de Curso (graduação) - Universidade do Estado de Santa Catarina. ISBN (Enc.)

<sup>151</sup> As imagens 16 e 17 foram retiradas no: [www.pmf.sc.gov.br/arquivo\\_historico/miramar.php](http://www.pmf.sc.gov.br/arquivo_historico/miramar.php)



Imagem 15 – Área Portuária

Tais territórios da vida coletiva serão objeto de processos de higienização e instrumentos de modelização da família, através dos inúmeros aterros da antiga região portuária, originando, finalmente, a sua desativação e a construção de pontes unindo a ilha ao continente<sup>152</sup>.

A ponte Hercílio Luz foi construída nos anos 20 do século XX. Foi o primeiro acesso que ligou a ilha ao continente. Até então, o abastecimento da cidade era organizado pelos dois portos e por pequenas embarcações, mas isso mantinha a ilha isolada em relação ao restante do estado.

Todas estas reformas urbanas implicaram em inúmeros processos de re-invenção da antiga vida urbana, a qual era marcada pela presença de mendigos, prostitutas, loucos, vagabundos, proxenetas, ciganos e capoeiristas, tratados, nos primórdios da cidade republicana, como “antinorma” e casos-limite de “crimes contra a saúde”.

Segundo G. Freire (1977:41), as cidades brasileiras do séc. XIX, com todas as deficiências de higiene, e apesar do “lirismo da vida

---

<sup>152</sup> Jurandir Costa Freire em seu estudo, *Ordem médica e norma familiar* (1979) sobre as repercussões da visão higienista e de da ciência médica e suas políticas modernizadoras da cidade para o caso do Rio de Janeiro do século. XIX, com vistas a ajustar o antigo comportamento social das famílias brancas das elites locais, adaptadas ao um sistema social patriarcal e patrimonial vigente no período colonial à novas exigências da nova ordem social para a vida urbana das grandes metrópoles.

rural”, eram superiores à vida nas fazendas, nos engenhos e nas povoações do interior, sempre atingidas por doenças devastadoras.

Por exemplo, nas primeiras décadas do século XX, em Florianópolis, a associação dos prostíbulos e prostitutas à sífilis e à tuberculose representava uma verdadeira estratégia de controle moral sobre o comércio de práticas sexuais<sup>153</sup>. Uma situação que se transfigura em outras formas de bio-poder, com a consolidação do Estado nacional moderno. Tratava-se de, como parte das políticas públicas locais, “regulamentar o meretrício” em Florianópolis, sendo as prostitutas obrigadas, de tempos em tempos, a comparecer ao DASP (Depto. de Saúde Pública), com suas carteiras de saúde, para a realização de exames médicos.

Conforme aponta Maryana Ferrari (2008), uma das táticas empregadas pelas profissionais, negras e brancas, para driblar a vigilância dos poderes públicos e de suas autoridades era a mudança periódica e constante de endereço. Sendo assim, elas trabalhavam em pensões (como o famoso “sobrado da Mariquinha” ou a “pensão da Elisa”), ou eram abrigadas por cafetinas, geralmente mulheres “decaídas” e de “vida airada”, mulheres mais velhas que haviam abandonado a profissão.

Trata-se de um importante momento no qual os territórios de prostituição na área central passam a apresentar uma mobilidade e uma flexibilidade na marcação de seus espaços de comércio, devido ao uso das táticas e astúcias pelos profissionais do sexo no seu enfrentamento com os poder públicos locais.

Muitas dessas mulheres “fora-da-lei” oriundas das camadas mais empobrecidas da sociedade, contrariando a tese da cidade vigiada, sede do controle social e moral de práticas corporais e sexuais, circulavam livremente pelos bares e restaurantes da cidade, na companhia de seus amigos e amásios<sup>154</sup>.

No cômputo desta tese, o estudo de Ivonete Pereira (2004) é, assim, exemplar, pois traz à tona as estratégias singulares das autoridades de Florianópolis ( diferente do Rio de Janeiro) para o combate à prostituição feminina.

---

<sup>153</sup> Cf o estudo de FERRARI, Maryana Cunha., *Entre a cruz e as delícias: Prostituição, imaginário e cotidiano em Florianópolis (1960 a 1980)*. Disponível no site, consultado em 02 de janeiro de 2010, [http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/M/Maryana\\_Cunha\\_Ferrari\\_40.pdf](http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/M/Maryana_Cunha_Ferrari_40.pdf).

<sup>154</sup> Cf o estudo de PEREIRA, I. *As decaídas”: prostituição em Florianópolis (1900-1940)*. Florianópolis, Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, 2004,139 p.

Uma dessas estratégias defendia a “higienização das meretrizes”, uma vez que elas tinham uma importante “função social”: a de atender as demandas de serviços sexuais dos jovens (certamente das famílias mais abastadas), e porque as “moças de família” não poderiam ser corrompidas pela libido masculina. Dessa forma, os prostíbulos e as prostitutas (leia-se, as mulheres pobres) seriam igualmente importantes para a iniciação sexual dos jovens das famílias mais abastadas. Outra estratégia pretendia a recuperação das “decaídas”, apregoando a sua regeneração moral, reconduzindo-as para a representação hegemônica do feminino, da esposa e da mãe de família. Tratava-se, certamente, de um processo “civilizatório” das camadas pobres pela via da sua inclusão numa nova norma familiar.

Quanto às casas de prostituição, por exemplo, no contexto nacional na década de 1940, cria-se um decreto de lei que proibia as casas de prostituição na capital, sendo que, aqueles que contrariassem as novas regras de conduta e comportamento seriam advertidos publicamente. “Visando uma cidade limpa e organizada, as autoridades desejavam eliminar sinônimos de atraso e imoralidade” (FERRARI, 2008, 16).

Foi desse modo que as casas de tolerância foram banidas da cidade - ainda provinciana e com vistas ao progresso, que era antônimo dessas práticas. Aqui, novamente, encontramos referência nos estudos de Maryana Ferrari (2008: 4), mostrando que, nos anos 60, as casas de prostituição que se encontravam no centro da cidade e arredores foram coagidas pelos poderes públicos municipais e “por meio da imposição de força física”, a se instalarem em um local de pouco acesso, que, na época, não era habitado por ‘casas de família’. O local eleito para abrigar as casas de má fama e as mulheres de vida fácil foi um bairro da cidade vizinha de São José. Assim, foi na ‘Vila Palmira’, que entre os anos de 1960 e 1980, se concentraram as atividades de prostituição da região. Na Vila Palmira, Márcia morou por sete anos:

Aí meu irmão disse assim: “Vai lá comprar escondido do pai remédio para chato que eu peguei na Vila Palmira”. Aí eu guardei aquilo comigo! Vila Palmira, boate.... Ele disse: “Peguei de uma mulher na boate tu vai escondida!” Fui lá e comprei, não sabia o que era chato, fiquei na minha e só marquei na minha cabeça, eu tinha 13 anos...

Vim com o dono daquela boate grande em Biguaçu/SC, eu era amigada com o dono da boate... Ele me trouxe ali na frente do Comper (supermercado) para eu trabalhar de cozinheira para uns 50 homens, não queria me pagar nada e queria que eu ficasse com ele ali, trabalhando para ele de graça!! Eu disse: Não! Já estava gostando do dinheiro, porque o que enche o olho da gente é o dinheiro, todo o dia tu comprar o que tu quiseres. Aí eu disse para ele que queria ir para a tal Vila Palmira. Ele me disse: “Mas é uma zona!”. “É uma boate com muita gente, lá tem muita coisa, lá eles matam, eles fumam maconha tu ainda tá nova, queres ficar comigo?” Eu disse: “Não, quero ir para a Vila Palmira!” Cheguei na Vila Palmira, tinha umas vinte casas, ele foi me mostrando, eu disse lá em cima, aquela amarela. Cheguei lá, a mulher tinha trocado a fralda na minha bunda!!! Ela era empregada no hotel da minha tia que me criou, e trocou fralda em mim e freqüentava lá em Lages da minha sogra que mandava fazer trabalho para trazer mulher para de casa, para dar bastante movimento, esses negócios. Eu me dei bem, cheguei ali e já peguei no bar e na boate. (Extrato de entrevista, 2007)

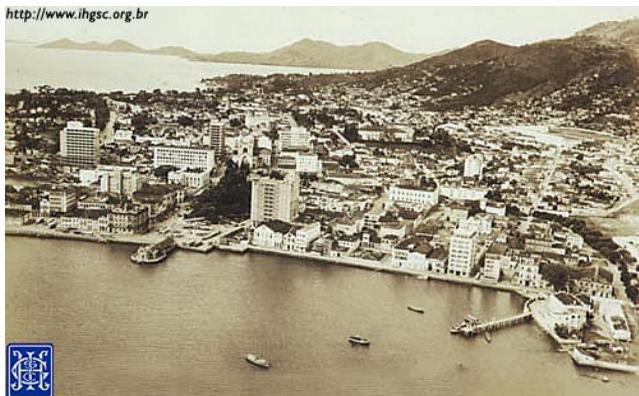


Imagem 16 – Trapiche do Miramar

A cidade alterava-se e com o progresso seus governantes limpavam, higienizavam, mas principalmente alteravam os seus contornos.



Imagem 17 – Porto de Florianópolis

A imagem 16 mostra o trapiche do Miramar, que mantinha sua conexão com a Praça XV de Novembro. Na imagem 17 localizava-se o antigo porto de Florianópolis situado ao lado esquerdo do trapiche Miramar, entrada oficial para a ilha e território que foi extinto da paisagem urbana local após a implantação do aterro hidráulico da Baía Sul. Onde foi erguido, mais tarde, o terminal rodoviário Rita Maria.

### 3.4 - A ponte Hercílio Luz e suas cabeceiras

Na década de 20, a construção da ponte Hercílio Luz<sup>155</sup> desencadeou um processo singular de nomadismo, ainda que de forma paulatina, do sexo mercantil em direção a outras áreas da cidade, localizadas nos altos da rua Conselheiro Mafra e próximas à cabeceira da ponte.



Imagem 18 – Florianópolis ainda sem aterro

A imagem acima mostra a cidade ainda sem o aterro, que teve o seu contorno geográfico alterado para a construção da ponte Hercílio Luz, inaugurada em 1926, ligando a capital de Santa Catarina à parte continental da cidade Florianópolis. Também nos anos 30 a criação das rodovias, que ligavam o interior a capital - a BR-101 (ligando o litoral) e a BR-470 seguindo-se a pavimentação de várias rodovias estaduais.

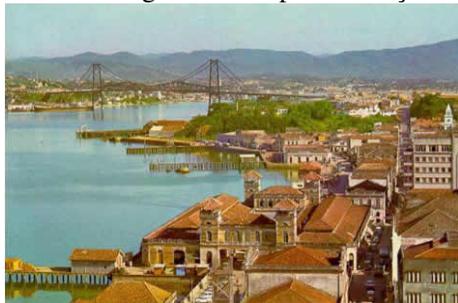


Imagem 19 – Ponte Hercílio Luz, anos 70 In: [www.sunrisemusics.com](http://www.sunrisemusics.com)

<sup>155</sup> A Ponte Hercílio Luz é um cartão postal da cidade. Trata-se de uma obra projetada pelos engenheiros H.D.Robinson e D.B.Steinman, de Nova Iorque, foi construída entre novembro de 1922 e janeiro de 1926, pela empresa Byington e Sundstron. Inaugurada em 13.05.1926 e desativada em 1982 O tombamento registrado em 4 de agosto de 1992. (In: <http://www.ihgsc.org.br/home.htm>)

Nos anos 50, período do pós-guerra, com um intenso processo de migrações rurais e urbanas, de industrialização e de urbanização das grandes capitais brasileiras, em Florianópolis, inicia-se a ampliação dos serviços de transporte, bem como, da construção de avenidas. Nos anos que se seguiram houve, ainda, as obras de aterramento da Baía Sul e Norte, fatores que desencadearam um forte processo migratório para a capital e a abertura de inúmeros pontos comerciais e de prestação de serviços na região central<sup>156</sup>.

No que diz respeito aos relacionamentos amorosos, essas décadas foram marcadas pelo movimento de emancipação feminina, fatores que trouxeram à cidade moderno-contemporânea significativas alterações nas relações amorosas entre homens e mulheres, com repercussões para a prática do sexo mercantil nas grandes metrópoles, como: o aumento do sexo pré-matrimonial, a vida sexual mais livre e uma maior exigência ao prazer nas relações sexuais.



Imagem 20 – Florianópolis antes de 1925 (<http://www.ihgsc.org.br/destaque3.htm>)

A imagem mostra Florianópolis, antes de 1925. À direita, no meio da baía, a Ilha do Carvão, desaparecida com o aterro da baía sul em 1972, servindo como apoio à construção da Ponte Colombo Salles, mais à esquerda, a Fábrica de Prego e de Gelo da Firma Hoepcke, com seu trapiche.

As décadas de 60 e 70 são, portanto, determinantes para a cidade em relação às transformações da área portuária de Florianópolis e de suas regiões vizinhas. De acordo com Fantin (2000), trata-se de um momento singular para a vida urbana da Ilha de Santa Catarina, período de uma intensa migração para a cidade, “os de fora” desencadeando intensas transformações, que resultaram em inúmeras tensões com a antiga experiência urbana que os “estabelecidos” (ELIAS, N. & SCOTSON, J. 2000) vinham construindo com os seus territórios.

---

<sup>156</sup> FERRARI, 2008.

Do ponto de vista das políticas urbanas, na época, as discursividades dos técnicos e especialistas giravam em torno do Plano Diretor da cidade, opondo a “cidade província” da “cidade metrópole” e apresentando Florianópolis a partir do drama da chegada dos “estrangeiros” e do sentimento de perda da cidade pelos os “nativos”. Um momento singular, no qual se revisitam antigas experiências urbanas e, com elas, reavivam-se “diferentes percepções da cidade, que estão no seio da relação entre o nativo versus estrangeiros, nutrindo e acirrando o conflito entre os autênticos ilhéus e *os de fora*” (FANTIN, 2000, 46):

Os indícios mais evidentes da modernização expressos na arquitetura e no espaço urbano do Centro Histórico surgiram marcados em sua paisagem pelo intenso trabalho da construção civil. Eram a verticalização das edificações, a ocupação de todos os vazios, o avanço sobre o mar e as encostas, a construção de grandes obras de infra-estrutura e transportes, etc. Também transpareceram mudanças nas atividades que a população exercia nesta área: o seu adensamento, a perda do sentido paroquial nas relações sociais, a especialização em atividades comerciais, de serviços e gestão pública e o deslocamento da função residencial para fora do Centro Histórico. (VAZ, 1992; 48)

Assim, no caso desta tese, no momento singular em que a sensação de “angústia do atraso” se expressa no corpo coletivo da comunidade urbana local, coincide com o processo migratório de algumas de minhas interlocutoras para Florianópolis, na busca de melhores condições de vida e de trabalho.

Ainda que o tema da migração não seja nem objeto, nem tema dessa tese, foi durante o processo de trabalho de campo com minhas parceiras de pesquisa que me dei conta da relevância de refletir sobre a ritmicidade das experiências do comércio sexual em Florianópolis, para o caso dos estudos de tais camadas sociais ditas e vistas como “sem família” e de seus espaços de segregação higienizados<sup>157</sup>.

---

<sup>157</sup> A propósito ver SOIHET, R. 1989. *Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres ordem urbana. 1890-1920*. Rio de Janeiro, Forense-universitária, 394 p. e PEDRO, J.M. 1994. *Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe*. Florianópolis, Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, 210 p. e, ainda, CHALHOUB, S. 2001. *Trabalho, lar*

Na saída do mercado, mulheres encostadas nas esquinas usam roupas curtas e apertadas sempre atentas aos possíveis clientes que passam na tarde do feriado. O barulho neste lugar e nesse momento é de pouca intensidade, há poucos carros circulando.

A cidade também se prepara para a procissão de Nosso Senhor dos Passos. Estão por toda à parte no centro da cidade um suporte roxo que indica o caminho onde será a procissão. É um estandarte com roxo e dourado, indicando a data da procissão, dia 24 e 25, tem também a imagem de Jesus cristo. (Diário de campo, Março de 2007)

Um fenômeno que ainda ecoa nas experiências concretas da prestação de serviços sexuais de minhas interlocutoras, observadas por mim nas ruas da cidade, revelando nas suas trajetórias sociais uma reverberação dessa energia moral que a política familiar moderna disseminou no campo social da prostituição de Florianópolis em outras épocas.

Uma dinâmica sociocultural que invade a cena do sexo mercantil e de suas formas de trabalho, afetada pelos processos de disseminação dos postulados do individualismo moderno e das transformações nas relações familiares, assim como, a universalização de seus valores para a formação da comunidade urbana local.

## Capítulo IV

### **Redes sociais e a rua como acontecimento: lugares, fluxos e itinerários**

*Então como a gente é a primeira na praça,  
é nova eles pagavam. Até hoje a mulher  
que não é rodada vale mais. Daí o cara  
me chamou pra fazer programa, me  
pagou eu peguei e fui!*  
(Denise, junho de 2007)

#### **4.1 - Introdução**

A prostituição feminina de rua pode ser entendida como uma categoria de trabalho que usa, para o exercício da sua atividade, o espaço das ruas nas grandes cidades, assim como os catadores de papel, os engraxates, os ambulantes e os mendigos entre outros. Todas essas categorias, no exercício de sua atividade, invariavelmente, ocupam as ruas, as esquinas, as praças, as saídas de metrô, de ônibus, dos trens, das portas de igrejas, dos restaurantes, enfim, circulam pela cidade ofertando os seus serviços e/ou produtos. Tratam-se, assim, de atividades, como aqui já foi mencionado, que nas grandes metrópoles ganham o caráter de profissão (PARK, 1976).

No exercício do trabalho da prestação de serviços sexuais em espaços públicos, fechados ou abertos, ao longo da carreira nas ruas da cidade, as “profissionais” precisam astuciosamente construir sua clientela entre os frequentadores de tais locais. Isso lhes exige a aprendizagem de algumas táticas de ocupação territorial, as quais envolvem a competição com outras categorias de trabalhadores que atuam no setor, ou até mesmo, de outros setores, mas que obtêm seu sustento nos espaços públicos.

Como muitas das ocupações mencionadas, as prostitutas formam um grupo ocupacional que atua num ramo de serviços considerados não convencionais, uma vez que o produto de seu trabalho está constantemente sujeito a sanções sociais de todo o tipo. Tais sanções têm por objetivo dirigir a oferta e a procura dos produtos ou serviços oferecidos pelas prostitutas. Mesmo considerando-se os “atravessadores” (cafetões, donos de boates, etc.), e a extrema diferenciação dos produtos oferecidos pelo comércio sexual, pode-se afirmar que o que esta forma de trabalho tem em comum com as outras

“não-convencionais” é o fato de elas serem muito mais casual que outras profissões urbanas, que usufruem o status do trabalho regular e formal.

Nesse sentido, para que a prostituição se configure como uma ocupação do setor de serviços, ela depende de uma organização interna dos trabalhadores (homens e mulheres), suficientemente forte, para que o contato direto e pessoal deles com seus clientes e o serviço prestado, geralmente casual e fruto de negociações comerciais e financeiras, se transforme em laços de trabalho estáveis e duráveis.

Sofrendo com o impacto das formas mais convencionais de se rotular o trabalho nas ruas e em casas noturnas, geralmente associadas ao crime, à ilegalidade e a irregularidade, a prostituição pode ser classificada nos termos de H. Becker (2008) como uma das profissões “outsiders”. É neste sentido que o sucesso de uma carreira, nesse gênero de trabalho, depende de determinados arranjos no interior deste grupo ocupacional, em termos de redes sociais formadas por colegas do *métier*, e onde os mais antigos na “batalha” destacam-se por iniciar o noviço/a no curso da experiência imediata com a profissão. No caso do meu trabalho de campo, a prostituta mais experiente é aquela que detém o conhecimento dos “segredos” da profissão, das facilidades do “ponto”, obtendo os melhores preços para os seus programas e usufruindo de uma clientela mais estável. É ali, na rua, o lugar/palco dessas negociações, dependendo de certa desenvoltura no exercício da atividade e, portanto, “de uma técnica consciente e específica de levá-la a termo” (PARK, 1976, 41).

É por isso que o estudo das redes sociais (LOMNITZ, 2001; BOTH, 1976; FOOTE-WHYTE, 2005), para a compreensão da experiência do comércio sexual em Florianópolis, torna-se um pertinente aliado nesta tese. Através do estudo de redes sociais é possível compreender o sexo mercantil conformado num complexo sistema de práticas e segundo diferentes visões de mundo. No interior das redes sociais e das cadeias relacionais que constituem o comércio sexual, a prática da prostituição abarca dilemas morais na forma como as diversas profissionais negociam com os imperativos morais herdados pela sociedade patriarcal. A prostituição como categoria de trabalho contempla uma diversidade de estruturas sociais que envolvem o recrutamento de profissionais e de clientes, com base nas relações de vizinhança, de parentesco e de amizade.

Um fenômeno que, conforme explicita H. Hannerz (1983), não é se dá com a mesma intensidade em todas as redes sociais aqui

pesquisadas, sugerindo, portanto, uma diferenciação interna entre elas, segundo, em alguns casos, a conjunção de parentes, vizinhos e amigos, como no caso da prostituição envolvendo casas noturnas.

Obviamente, esta tese em particular trata de mulheres pertencentes às classes trabalhadoras urbanas, o que, neste caso, significa pensar suas carreiras no comércio sexual associadas às redes sociais que sustentam a mobilidade social e geográfica destas camadas sociais e suas migrações para as grandes cidades, na procura de melhores condições de vida, como podemos observar no estudo clássico, *A caminho da cidade*, de E. Durham (1973).

Por outro lado, como será revelado adiante, as redes de prostituição pesquisadas sofrem uma flutuação constante, de acordo com os múltiplos papéis sociais que as prostitutas desempenham no seu interior (donas de boates, cafetinas, etc.) e as variações mercadológicas dos serviços prestados ao mercado do comércio sexual no contexto metropolitano (abertura de novas casas noturnas, fechamento de dormitórios, etc.).

No âmbito das ruas, assim como nas casas noturnas, a experiência da prostituição passa pela inserção do prestador de serviços sexuais em uma rede de relações hierárquicas que vão dos intermediários (os motoristas de táxi são referências constantes nos testemunhos de campo) aos “patrões”, até, finalmente, chegar aos seus clientes.

Internamente, as redes sociais se organizam de modo informal, levando em consideração desde as negociações do lugar para a atividade, as hierarquias, a ordenação dos papéis, a manutenção dos lugares sociais, a mobilidade, a estrutura social, os diversos estilos de uma mesma atividade, e chegando à composição das parcerias sociais que se formam (e se dissolvem) ao longo da sua atuação na cidade.

Como um importante instrumento de reflexão, a rede social do comércio sexual feminino em Florianópolis permite que se pense a cidade nos termos de H. Hannerz (1983, 252), como a “rede das redes”, na medida em que o contexto metropolitano se revela como importante intermediário para a consecução da profissão de prostituta, dos seus serviços e do seu rendimento na carreira.

Um estudo que tem por inspiração relevantes pesquisas na área da Antropologia urbana, tais como a estrutura social e mobilidade observada no bairro de Connerville brilhantemente destacado na pesquisa de W. Foote-Whyte (2005). Ou da interdependência dos papéis

sociais e de gênero na família e as relações sociais que ela mantém com o mundo exterior, observados nas famílias inglesas em E. Both (1976). E por fim, não menos importante, as redes sociais como parte dos mecanismos de articulação entre o setor informal e o setor formal urbano e das redes de intercâmbio no contexto da marginalidade, entre o formal e o informal nas sociedades contemporâneas da América Latina por L. Lomnitz (2001).

As redes sociais apresentadas a seguir foram construídas a partir dos procedimentos de trabalho de campo e com base na realização da etnografia de rua (ECKERT & ROCHA, 2001), sendo descritas com base em determinadas orientações culturais que seus membros integrantes constroem com suas unidades territoriais de trabalho.

Neste sentido, os temas da densidade e da mobilidade dos contatos entre minhas parceiras de pesquisa no aprendizado da profissão, assim como os graus de segregação de sua profissão no contexto metropolitano e suas experiências com as pressões normativas dos empreendedores morais, advindas dos poderes públicos locais em distintas épocas, foram relevantes para pensar a prática do sexo mercantil por mulheres de classes trabalhadoras urbanas do centro de Florianópolis, a partir de três redes sociais.

O comércio sexual por mim pesquisado não apresenta uma densidade de laços sociais homogêneos, uma vez que se distingue, internamente, conforme certas categorias de redes sociais egocentradas. Duas redes aqui descritas pertencem às ruas da cidade, representadas por Denise e Nadia, as quais detêm, no fluxo da rede, uma posição de centralidade. A outra é a rede social formada em torno da organização<sup>158</sup>

---

<sup>158</sup> No centro da cidade de Florianópolis outras duas instituições atuam em projetos com as profissionais do sexo: a ONG Estrela Guia e o Instituto Arco-Íris. A primeira foi importante nesta pesquisa no acesso inicial as profissionais do sexo das ruas da cidade. Com esta ONG, realizei algumas saídas de campo para entrega de preservativos com voluntários e também auxiliiei em pesquisa e mapeamento. Esta ONG é organizada por ex-profissionais do sexo e ocupa a sede da ONG ADEH (organizada pelas travestis). Situam-se no centro da cidade, numa das salas do “antigo Hotel Royal” próximo a praça XV de Novembro. A Estrela Guia desenvolve projetos ligados à prevenção da DST/HIV Aids e a cidadania das profissionais do sexo. Possuem financiamentos do Ministério da Saúde e da Secretaria da Saúde do Estado de Santa Catarina. Suas atividades de campo são organizadas algumas vezes por semana com as seguintes voluntárias e ou funcionárias: Keila, Kátia e Lúcia, sendo as duas primeiras travestis. Elas conhecem boa parte das mulheres que atuam nas ruas da cidade e nas boates, inclusive os gerentes dos hotéis e boates, mas desconhecem as atividades das outras ONG’s, aqui especificamente o GAPA e seus integrantes/voluntários. Suas atividades não se limitam apenas a entrega de preservativos, mas dão conselhos jurídicos, psicológicos, resolvem problemas nos dormitórios. Um deles o qual presenciei foram reclamações de algumas prostitutas afirmando

não-governamental GAPA<sup>159</sup> (Grupo de Apoio e Prevenção a AIDS), onde Márcia, na ocasião de meu trabalho de campo, detinha um importante papel no fluxo comunicativo.

Em termos morfológicos, as redes sociais aqui apresentadas estão sujeitas a cruzamentos, a partir de laços recíprocos que se estabelecem entre as prostitutas que atuam na rua e as que estão vinculadas ao GAPA ao longo de sua carreira na profissão e variáveis segundo determinadas modalidades de interações. Desse modo, as prostitutas com quem tive contato em minha etnografia de rua situam-se em pontos singulares na estrutura das relações sociais que tecem o comércio sexual na cidade de Florianópolis, deslocando-se por seus limites, tão longe quanto sua malha lhe permitir, com a finalidade de prestação de seus serviços.

Apesar de redes egocêntricas, segundo ancoragens individuais, no seu interior compartilhei com minhas interlocutoras diferentes estilos de vida, visão de mundo e códigos ético-morais, e que pontuam a prática do ofício da prostituição.

Fora dos laços que unem o ego (Nádia, Denise e Márcia) e seus próximos, é no *mundo da prostituição* no centro da cidade, segundo as relações laterais (e suas zonas de segunda e terceira ordem que marcam o distanciamento de ego<sup>160</sup>) no interior das redes sociais que reúnem as profissionais do sexo, que estas mulheres se conhecem: circulando pelo centro da cidade a procura de clientes, cruzando as escadas dos quatro dormitórios<sup>161</sup> de programas existentes na área central onde trabalham, ou no acesso aos serviços das ONG's que atuam em seus territórios de trabalho, etc.

---

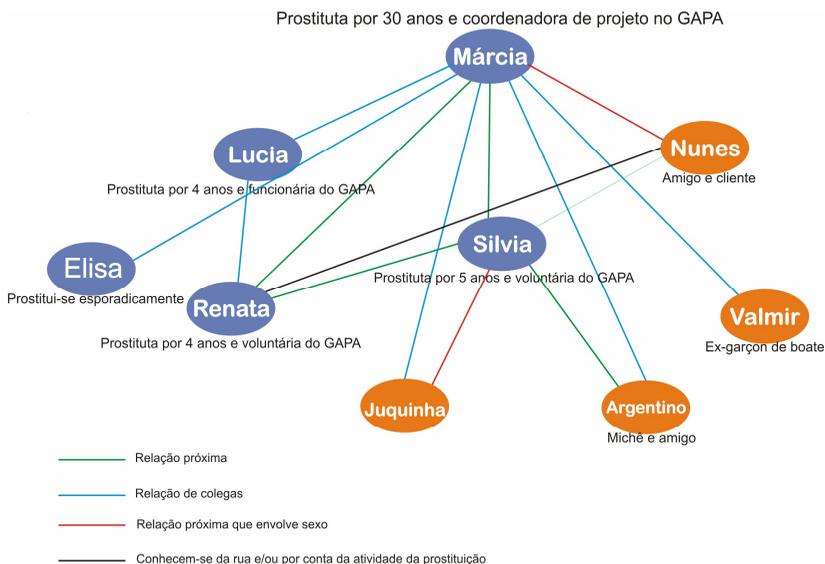
que determinados dormitórios estavam cobrando pelos preservativos, fato que causou certo mal-estar na ONG, visto que eles recebem gratuitamente uma razoável quantia por semana. Com a ONG Arco Íris meu contato nesta pesquisa de doutorado não aconteceu, diferente da pesquisa realizada com a BEMFAM (nos anos de 2002 e de 2003) quando o contato era estreito.

<sup>159</sup> A ONG GAPA é localizada no alto de Rua Felipe Schmidt no centro de Florianópolis. Esta na capital há 26 anos.

<sup>160</sup> Conforme H. Hannerz (1983:227-229), pode-se observar uma rede a partir de seu centro ou das distintas zonas que marcam as ordens de afastamento de seus membros do seu centro e das relações laterais que se estabelecem entre eles, segundo seus fluxos comunicacionais.

<sup>161</sup> No início do campo eram quatro os dormitórios para programas no centro (três na Conselheiro e um na esquina da Francisco Tolentino, ele não tem placa e é conhecido como dormitório do Pedrinho), mas em 2007, um deles, situado no final da Conselheiro foi fechado. Este fato alterou a conformação da paisagem de prostituição diurna naquela região, levando a migração das profissionais do sexo para outros locais, embora ainda na Conselheiro, mas mais próximas do grupo de prostitutas da Alfândega, o que gerou certa tensão e a quebra de uma rede social encabeçada por Denise.

## 4.2 - “As putas velhas”, o mito das cortesãs



A primeira rede que apresento tem como âncora Márcia<sup>162</sup>, 54 anos, que centralizava na ocasião da pesquisa, através de sua atuação na ONG GAPA, um grande repertório de informações sobre o comércio sexual em Florianópolis, mantendo laços estreitos com colegas de profissão. Márcia tem o Ensino Fundamental incompleto, é branca, católica, mas atualmente frequenta a *seicho-no-ie*<sup>163</sup>. Nasceu em Biguaçu/SC, mas cresceu na cidade de Lages/SC.

<sup>162</sup> Márcia, dentre a rede aqui desenhada é a interlocutora com a qual manteve um contato mais estreito ao longo de todo trabalho de campo. Ela acompanhou minhas angústias, conquistas, dúvidas ao longo da pesquisa e mesmo depois, ela liga para contar as últimas novidades de seus colegas.

<sup>163</sup> É uma filosofia e ou religião de origem japonesa: “É um ensinamento de amor que prega que o ser humano é filho de Deus, que o mundo da matéria é projeção da mente e, também, nos revela qual é a nossa verdadeira natureza. É uma filosofia que transcende o sectarismo religioso, pois acredita que todas as religiões são luzes de salvação que emanam de um único Deus”. In: <http://www.sni.org.br/oque.asp> acessado em 11 janeiro de 2009.



Imagem 21 – GAPA Arquivo pessoal, 2009.

Como Márcia possui uma importante posição no GAPA, a densidade de sua rede está referida ao “controle social” por meio de ações preventivas de DST’s, promovidas por esta instituição, sobre as práticas de comércio sexual na cidade.

A partir desta posição na instituição, a qual passou a ocupar, paulatinamente, Márcia obteve expressivo poder no interior dos limites das redes de profissionais do sexo que eram atingidos por suas ações.

Márcia trabalhava voluntariamente<sup>164</sup> no GAPA, de segunda à sexta-feira, das 10 às 19h, concentrando responsabilidades diversas, tais como, distribuir preservativos, controlando sua doação entre os seus usuários, atendimento ao telefone, recepção, encaminhamento de consultas médicas, orientação de exames de HIV, serviços de secretária para a advogada e a psicóloga da instituição, além de atuar no apoio emocional aos recém chegados e de ser responsável pela organização do grupo “Desperta Mulher”, dedicado às mulheres soropositivas, que se reuniam semanalmente na sede para atividades como biodança, conversas, festejar aniversários e compartilhar experiências. Em suas palavras: “Celebramos a vida!”.

Conformam a rede social de Márcia: Nunes, 40 anos, Ensino Fundamental completo, branco, nascido em Porto Alegre/RS, mas que cresceu em Florianópolis e, segundo ele, sem definição religiosa; Renata, 42 anos, Ensino Fundamental completo, branca, espírita, nascida em Florianópolis, que depois migrou com a família de origem para Porto Alegre/RS, indo para Caxias do Sul/RS e retornando em sua adolescência para a cidade onde nasceu; Lúcia, 36 anos, Ensino Fundamental completo, branca, católica não praticante (em suas palavras, “só vai a enterros e velórios”) e que nasceu e cresceu em

<sup>164</sup> Ela é aposentada do INSS. Aposentou-se como cozinheira na última boate em que trabalhou. Estes detalhes serão esclarecidos próximos capítulos.

Florianópolis; Silvia, 40 anos, Superior incompleto, católica não praticante, negra, que nasceu e cresceu em Caxias do Sul/RS; e, finalmente, Valmir, 55 anos, Fundamental incompleto, branco, católico não praticante, que também nasceu e cresceu em Florianópolis, mas hoje mora na cidade de Santos/SP.

Não mantive contato estreito com Nunes, que durante toda a minha pesquisa preferiu ficar distante da pesquisa. Fomos apresentados formalmente e quando nos encontrávamos, sempre na sede da ONG<sup>165</sup>, nos cumprimentávamos amigavelmente. Situação semelhante com Lúcia, embora com ela conversasse mais frequentemente, pois ela era funcionária da ONG GAPA. Apesar de não ter formalmente conversado com Lúcia e Nunes numa situação de entrevista, Márcia, durante todo o trabalho de campo, me mantinha informada de todas as mudanças de sorte na vida de ambos, o que prova os laços estreito que os uniam.

A rede social que tem Márcia como ego tem a característica de conformar-se de pessoas, cujas trajetórias sociais de prestação de serviços sexuais estão marcadas pela entrada no mundo das drogas. Sob esse retrospecto, acumulam um mesmo status, o de serem todos soropositivos, compartilhando, desta forma, uma condição outra de “outsiders” quanto à moralidade convencional. Além deste fator em comum, as mulheres pertencentes à rede social de Márcia pertencem a uma determinada geração de prostitutas, que iniciam sua trajetória social na região metropolitana em boates e casas noturnas e, depois, alteram seus itinerários em direção ao centro da cidade.

Márcia, diante dos seus colegas, é a mais antiga dentre eles a atuar no GAPA e a mais experiente na profissão de prostituta (30 anos), o que lhe garante um lugar de respeito e poder, além da posição geracional que lhe atribui um lugar importante na circulação de informações sobre o comércio sexual e seus saberes e fazeres em relação aos demais membros de sua rede social.

Ambas as posições sociais (ex-prostituta e voluntária de ONG) lhe dão status e prestígio e, por derivação, a qualificam como guardiã de uma memória social e coletiva da substituição de casas noturnas em Florianópolis, lhe auferindo competência para dar entrevistas, palestras no rádio, cursos e em seminários promovidos pelo GAPA, bem como lhe autorizam o contato com as pesquisas para trabalhos acadêmicos.

---

<sup>165</sup> Eu chegava na ONG por volta de 10 horas da manhã, era o horário que Márcia certamente estava lá. Raramente fiquei no GAPA sem a presença de Márcia.

Em termos das propriedades das interações entre os membros da rede de Márcia, a frequência, a duração e o conteúdo dos laços internos têm estreita dependência com as ações do GAPA, sendo a intensidade das relações pautadas por razões tanto de ordem simbólica, quanto instrumental, e as quais vão desde a facilidade para conseguir medicamentos, preservativos, cestas básicas, serviços de advogados, psicólogos; até as razões afetivas, de solidariedade, companheirismo e ajuda mútua, como no caso de doenças advindas do uso de drogas ou não e o caso das DST's. Na época em que estava fazendo o trabalho de campo, sempre encontrava Márcia com seus colegas (exceto Valmir, que é um contato esporádico, pois mora em outra cidade) em razão de seus laços tecidos em torno do GAPA. Assim, viam-se quase todos os dias, trocando telefonemas ao longo da semana, marcando churrascos aos fins de semana, etc.

Márcia, invariavelmente, envolve-se com os problemas de seus colegas. Geralmente é a ela que eles recorrem, não apenas por ser a mais velha do grupo, mas principalmente por ser alguém confiável, fornecendo conselhos a todos sobre a profissão: como acumular dinheiro, como distribuir os gastos ao longo do mês, os cuidados com a saúde, com a prática do sexo seguro, etc:

Márcia reclama do amigo Nunes que sempre está enrolado com dinheiro. Disse que não sabe se organizar com o que ganha, que ele, Silvia e Renata gastam tudo o que ganham no dia seguinte. Mas que ela sabe se organizar e sempre tem dinheiro para fazer suas coisas, pagar suas contas e andar de ônibus. Falou ainda que a Silvia foi na casa dela almoçar no domingo, que não tinha nem um centavo para comer. Disse que ainda vai me levar na casa dela. (Diário de campo, Junho de 2007)

Após o empréstimo (que fica, automaticamente, do conhecimento de todos), Márcia vive um dilema que passa a fazer parte dos assuntos entre o grupo: se o valor emprestado vai retornar, ou não; se o credor fez o que disse que faria com o dinheiro; se gastou tudo em drogas<sup>166</sup>. Mas, contudo, o possível “não pagamento” da dívida coloca o

---

<sup>166</sup> O possível retorno ao uso de drogas (álcool, cocaína e / ou crack) é uma das causas de tensão nesta rede. Márcia é ex-dependente química e ex-alcoólatra, não faz mais uso (exceto

outro (aquele que deve) numa situação delicada na rede, pois se por acaso ele não pagar no período combinado, deixa de comparecer a ONG (local de sociabilidade) e, assim, não mais participa dos encontros e das conversas:

Márcia conta pra todos (Sílvia, Elisa e Renata) na saleta que emprestou dinheiro pro Nunes e que ele tinha dado o cartão pra ela fazer o saque e já tirar o dinheiro dela. O Argentino veio e disse que o Nunes pediu pra ela não fazer o saque que ele mesmo iria fazer. Por isso Márcia está desconfiada de que ele não vai pagá-la este mês. Que no mês que morou com ela, ele fez muitas dívidas na venda, e que agora ela tem que pagar tudo sozinha e por isso ela tá pedindo pra ele pagar a metade das despesas lá. Conta tudo para a amiga Elisa que fica espantada. Márcia emenda que o Argentino não tem onde morar, fala dos vários lugares onde ele já passou e termina: “ele é louco”. (Diário de campo, Junho de 2007)

Márcia desqualifica, assim, o intermediário entre ela e Nunes, colocando Nunes e Argentino numa situação de vulnerabilidade na rede e forçando-o a pagar sua dívida. Da mesma forma, Márcia frequentemente demarcava seus limites morais em relação ao uso de drogas, (especialmente “em frente a crianças”), a relações extraconjugais e até mesmo se dizia chocada com os novos arranjos conjugais<sup>167</sup>.

A rede de Márcia pode ser entendida nos moldes de uma malha estreita: as pessoas se conhecem, se encontram regularmente, embora estas pessoas tenham contatos para fora da rede (o que a configura como uma rede). Uma rede de contatos organizados a partir da família nuclear, como Sílvia com o marido e a sogra, Renata com o filho, o marido e a mãe (ela não fala com o pai há seis anos) e Lúcia com o filho e a mãe. No caso de Nunes, Márcia conhece seus familiares (o tio, a tia e outros parentes).

---

maconha, que para ela é terapêutica), embora esteja sempre atenta para uma possível recaída dos seus amigos, pois, segundo ela, conhece os sinais de uma recaída.

<sup>167</sup> Márcia conta que o ex-marido de sua filha havia se casado novamente e que a atual esposa estava esperando um filho dele. Márcia mostra-se espantada com esse novo arranjo, e menciona: “Esse mundo tá virado!”

Márcia empresta dinheiro aos seus colegas, mas, ao mesmo tempo em que dá conselhos, dá uma especial atenção às suas práticas sexuais, uma vez que todos são soropositivos.

Os cuidados com o corpo e a saúde, com o uso da medicação, e a atenção à ordem dos afetos e das emoções pessoais da cada um, tornam Márcia uma liderança no interior de sua rede social. Neste caso, a rede social de Márcia, está mais marcada por uma valorização significativa dos laços de reciprocidade e de solidariedade, do que por conflitos e disputas, sendo, através deles, que ela obtém uma posição hierárquica de prestígio entre os demais.

As estratégias de Márcia na profissão são referidas como exemplares para os seus colegas, no que se refere à aquisição de benefícios ao longo de sua carreira. Ela conseguiu se aposentar, reivindicando a condição do trabalho formal de cozinheira na última boate em que trabalhou na Palhoça, apesar de lá ter ocupado um cargo de prestígio, o de “amante do dono da boate”, e de ter exercido a função de gerente do estabelecimento. Diferente dos demais colegas, Márcia se apresenta como tendo uma carreira vitoriosa, pois conseguiu que seu trabalho fosse reconhecido e que “assinasse” sua carteira de trabalho. Por isso, recebe um salário mínimo por mês, manifestando o orgulho em manter as contas em dia e de ter sempre créditos em seu celular.

A centralidade de Márcia é evidente, quando se observa ser ela a confidente de todos. Entre seus confidentes estão Renata e Silvia, as quais mantinham entre si uma relação bastante próxima, fato que não ocorria com os demais. Valmir, Nunes, Elisa e Lúcia tinham Márcia como confidente, entretanto, estes não mantinham o mesmo grau de intimidade entre si, nem com as demais colegas. Em relação a Valmir, por exemplo, que tem uma especial atenção de Márcia, pois ela costuma “facilitar” suas consultas com a advogada do GAPA, seu contato é esporádico. Através de Valmir, Márcia conheceu o “Argentino”, que algumas vezes ela chegou a albergar em sua casa. Segundo a direção dos laços de Márcia com os demais, fica evidente que o fluxo comunicacional é mais estreito entre Márcia, Sílvia e Nunes.

Conheci Sílvia durante minhas visitas ao GAPA para encontrar Márcia, quando ela ocupava, temporariamente, o seu lugar na recepção. Durante o meu trabalho de campo para esta tese, Sílvia freqüentava diariamente a instituição, momentos em que conversávamos sobre sua vida e trajetória na profissão. Algumas vezes almoçávamos juntas, em outras, tomávamos um café na tarde. Silvia tem uma trajetória diferente

dos demais de sua rede social. Estudou magistério e o cursou o científico. Fez, também, uma parte do curso de História, sendo que, durante a faculdade havia trabalhado num escritório de advocacia em Caxias do Sul/RS, certamente, mediado pela profissão de seu pai, contador bem sucedido na cidade.

Silva inicia sua carreira na prostituição depois de uma mudança de sorte em seu destino. Migrando de Caxias do Sul para Florianópolis, após algumas experiências de trabalho, procura as boates da rua Conselheiro Mafra, onde se insere no comércio sexual da cidade. Sílvia veio de Caxias do Sul para trabalhar numa pousada/restaurante em Canasvieiras, onde forneciam alojamento e salário. Terminada a temporada, ela não tinha para onde ir e veio para Alfândega, onde se juntou com as demais colegas que atuavam por ali.

Frequêntando a rede dessas mulheres é que ela soube da boate da Cleusa, ali trabalhou como prostituta por cinco anos e seguiu o destino de sua mãe também profissional do sexo. Também foi na Alfândega que conheceu seu marido/namorado. Como ela conta, “mesmo trabalhando na boate durante o dia, eu ia pra a Alfândega para tomar uns 'traguinhos', era muito calor!” Ela também “fazia programas”. Só depois que Sílvia “pegou o bar<sup>168</sup>”, onde era responsável pelo controle das bebidas e das outras prostitutas.

Sílvia neste ponto aproximava sua trajetória social ao estilo adotado por Márcia em sua carreira no interior da prestação de serviço sexuais em boates e casas noturnas.

Na época da realização da pesquisa, Silvia e Márcia formavam uma díade. Eram confidentes e muito próximas, se viam todos os dias, inclusive, durante os finais de semana, saíam juntas, faziam churrasco e, apesar dos fluxos, a orientação de poder incidia sobre o lugar de Márcia no centro de sua rede social. Foi Márcia que a ajudou em sua mudança para uma nova casa e também colaborou na solução de problemas burocráticos de documentação, para que ela visitasse seu marido na prisão (preso por assalto à mão armada e transferido para a Penitenciária, no bairro da Trindade/Florianópolis).

Apesar dos laços diretos que uniam Márcia e Silvia, algumas vezes a relação entre elas se tornava tensa, em razão das diferenças de estilo de vida e visões de mundo e onde o controle social da rede se

---

<sup>168</sup> São responsáveis pela organização e venda das bebidas na casa, não são obrigadas a fazer programas, segundo Sílvia, era um cargo de confiança, portanto importante ali na hierarquia da boate.

apresentava em disputa. Em geral, esses momentos se originavam do embaralhamento das fronteiras culturais que dividiam e ordenavam, no interior da rede, o mundo da prostituição (da rua) e o da casa (familiar).

Os desregramentos, em geral envolvendo o mundo da infância, eram uma das maiores preocupações de Márcia no controle social das formas das relações sociais que o grupo promovia em suas vidas pessoais. O retorno aos maus hábitos e costumes da profissão e a sua expansão para as relações familiares, envolvendo, principalmente as drogas, ocupava boa parte das tensões entre Márcia e seus próximos na rede social.

Márcia, impregnada pelo prestígio de ter superado os vícios e os maus costumes de sua profissão, tem por meta dignificar esse ofício, procurando resgatá-lo moralmente. Vale-se, para isso, das experiências negativas vividas no mundo das drogas e no universo da prostituição, maximizando sua gravidade no interior das suas relações mais próximas, sob o risco da personagem da “mulher perdida” despontar em cena:

Márcia conta que outro dia foi até as casinhas (da ONG GAPA) onde Sílvia está morando e que lá tá tudo perdido... *É bebida, é maconha na frente das crianças*, e que a Sílvia se perdeu lá. Conta que foi lá outro dia e disse que estavam fumando na frente das crianças e por isso ela deu uma bronca e disse que chamaria a polícia se aquilo acontecesse de novo e então levou todos pro quarto e lá fumou também, mas os repreendeu por fumarem na frente das crianças que moram por ali. (Diário de campo, Julho de 2007)

Os papéis sociais vividos pelas prostitutas (a prostituta, a cortesã, a amante, a gerente), apesar de apontar para sua libertação do modelo mítico dominante do feminino, a virgem-mãe, não podem reduzir o aspecto da maternidade como o único sagrado relacionado ao feminino. O submundo das drogas oferece, para Márcia e sua rede social, um potencial conflitivo, por oposição, até certo ponto, ao mundo glamouroso que o trabalho no comércio sexual poderia promover.

Nesse sentido, as drogas devem ser interpretadas a partir da experiência na carreira da prostituta, em especial, como fenômeno integrante das experiências essencialmente “modernas” do trabalho nas boates. Uma experiência que pode destruir, tanto quanto pode fazer a

prostituta ir até os limites de seu ofício, enfrentando o que for preciso para dela retornar com mais conhecimento sobre seu *métier*:

Silvia achou 140 reais no dia dos namorados... chamou Márcia, Nunes e Juquinha para comemorar, foram pra um bar, Silvia então deu 10,00 para cada amigo, mas queriam ir para outro lugar. Márcia os convidou para irem a sua casa, lá chegando foram assar um peixe e uma carne.... Márcia percebeu que iam comprar cocaína quando Juquinha disse que desceria pra comprar carvão, ela então foi pra o banheiro e viu que eles cheiravam nas costas da mão escondidos dela, porque sabiam que ela não iria gostar. Então Silvia e Juquinha “começaram a se arretar, se beijar e tal”. Ela então mandou parar a festa, disse que na casa dela não iria acontecer uma coisa dessas, que o marido dela (Silvia) iria sair em poucas semanas e que ela deveria se comportar, que na casa dela não é lugar pra isso. Arrumou os colchões colocou cada um em seu lugar, separou *meninos e meninas* e disse: *que se eles quisessem transar que fossem alugar um quarto por aí...* (Diário de Campo, Junho de 2007)

É nesse sentido que a figura da cortesã aparece como ponto singular na estrutura das relações sociais de Márcia e suas colegas de profissão. Em contraponto ao mito da mulher perdida, a profissão de prostituta traz consigo outras regalias, que não apenas o recebimento do dinheiro e de presentes em troca do serviço prestados. O trabalho da cortesã moderna, com a condição de poder escolher com quem e para quem prestar os serviços, exige que ela seja agente de sua própria libido. Sua profissão não pode lhe reduzir a liberdade e a autonomia que ela exerce sobre seu desejo. O mundo das drogas, desse modo, é o lado que guarda o aspecto mais degradado e dessacralizado do feminino neste contexto:

Márcia disse que Sílvia caiu de novo na coca e no *crack*, que ela andou transando com o Juquinha... que seu marido voltou pra casa por uma semana e ela anda vendendo balinhas na rodoviária para sobreviver. Tá mal vestida, descabelada e diz que tem AIDS para as pessoas terem pena dela e a ajudarem comprando as balinhas... Logo depois passei pelo sinal da rodoviária e lá estava Sílvia,

como Márcia havia me dito, magra, descabelada, com cara de suja, diferente da Sílvia que encontrava no GAPA. Comprei suas balinhas... (Diário de campo, Julho de 2007)

É desse ângulo que se pode ver Márcia atuando a partir de um centro no interior de sua rede social. Um fenômeno decorrente de sua participação na ONG e de tudo que ela representava, na ocasião, para seus colegas de profissão. Obviamente que a proximidade das demais em relação à Márcia desencadeava frequentemente situações de tensão, sendo que, algumas vezes, surgiam relações laterais no sentido de neutralizar o controle social por ela exercido. Era o caso dos laços que uniam Márcia à Renata e esta às demais no interior da rede.

Conheci Renata<sup>169</sup> no GAPA, onde passava suas tardes. Era tímida, aparentava uns trinta e poucos anos, (tinha 42), reservada, falava pouco, pele branca, cabelos ondulados e curtos até o ombro, 1,70m, magra, falava baixo e sempre ouvia as colegas em suas aventuras de fim de semana. Renata tem um filho de 12 anos, fruto de uma antiga relação, e reclamava constantemente da violência do marido para suas colegas, especialmente Márcia, que considera sua melhor amiga. Renata era alcoólatra e ex-dependente química, foi prostituta no centro de Florianópolis por quatro anos, época em que também foi moradora de rua. Através de Renata conheci lugares de prostituição que foram eliminados da paisagem urbana da cidade como o conhecido

---

<sup>169</sup> Chego na terça no horário marcado. Rosana estava me esperando na recepção. A moça que a substituiria me olha e diz: “É essa?” (Kety uma negra bem gorda que é temida por vários ali no GAPA), Renata confirma, pega a chave da sala da psicóloga e então vamos. Ela está pálida e meio nervosa. A sala tem uma mesa com uma grande cadeira de um lado e duas de outro, uma poltrona imponente e uma outra mais simples. Pergunto qual ela prefere. Ela então escolhe a grande poltrona, pega um bloco de papel coloridinho com flores, me faz algumas perguntas, meu nome, que curso faço e o meu telefone, caso precise falar comigo se não puder vir em alguma outra entrevista marcada. Explico o meu projeto, falo de tudo. Iniciamos a conversa, passei os dados solicitados e ela ficou aflita quando liguei o gravador, teve vários brancos ao longo da nossa conversa e percebi que fez um grande esforço para tentar contar sua história de maneira linear. Ela queria contar de sua vida no centro, dos momentos de drogas e da prostituição, quando falei que trabalhava na verdade com cidade, ela tentou, então, me contar sobre sua vida desde o início, em muitos momentos tentei ajudá-la, em outros me calei e deixei-a imersa na sua angústia aparente. No final quando desliguei o gravador, ela estava com muito frio, fazia frio neste dia. Ela então me conta que assistiu partes do filme da “*Cristiane F. 13 anos drogada e prostituída*” para se inspirar, que a própria Cristiane (protagonista do filme) começa a narrativa contando sobre o apartamento em que vivia com sua mãe (Diário de campo, Junho de 2007).

“dormitório do Gonzaga”, em cujo porão dormia e se protegia da polícia.



Imagem 22 – Antigo Dormitório Gonzaga  
Arquivo pessoal, 2009

Por seu intermédio, conheci o famoso sobrado na “Conselheiro”, onde ela fazia programas e que hoje tem, no seu subsolo, uma tradicional loja de conserto de sombrinhas e guarda-chuvas.



Imagem 23 – Antigo dormitório de programa  
Arquivo pessoal, 2007

Renata conseguia seus clientes na praça XV, na Conselheiro Mafra e na Felipe Schimdt. Segundo ela, na *Conselheiro* era mais difícil, por que tinha “as mais velhas”. Então ficavam na praça XV, “que eram os lugares que mais davam dinheiro”:

No trajeto da rua Felipe Schimdt, logo após o GAPA, perto da Lojas Americanas, Renata faz perguntas sobre o meu trabalho, em que ponto está, quando vou terminar, digo que esta parte do campo, vai até o fim do ano e que é muito importante no meu trabalho, quando coeto os dados. Depois me

fala que a Márcia a convenceu a falar, disse que a faria bem, pois resgataria a Sofia<sup>170</sup> de dentro dela. A Sofia é mais corajosa, atuante e determinada e que ela precisava da Sofia para tomar decisões de novo em sua vida. Ela então acha que se falasse na Sofia ela voltaria... (Diário de Campo, Junho de 2007).

Apesar do contato de Renata e Márcia estar restrito, na ocasião da pesquisa de doutorado, ao espaço do GAPPA, a frequência dos contatos telefônicos entre elas é intensa, uma proximidade que lhe possibilitou ajudá-la quando ocorreu o assassinato do seu marido por policiais e na época do retorno de seu filho à sua casa.

Diferente da timidez que marca dos laços de Renata com suas colegas, Elisa revela uma exuberância no trato com as colegas. Elisa tem 48 anos, é casada e tem um neto de 9 anos. Seu figurino impressiona. Magra e “adorando o verão”, Elisa geralmente veste saias curtas, saltos altos, blusas justas e usa unhas longas e pintadas de cores fortes (geralmente marrom escuro). Seu senso de humor, suas piadas sobre sexo e sua gargalhada são sua marca registrada. Elisa freqüente, no interior do GAPPA e à tarde (pois pela manhã tem os afazeres domésticos), o grupo “Desperta Mulher”, coordenado por Márcia:

Ficamos eu, Márcia e Sílvia depois do almoço na recepção, percebo que é local de maior descontração do GAPPA... Conversam entre elas sobre uma amiga, que depois venho a conhecer, é Elisa. Elisa também é voluntária do GAPPA e segundo Sílvia: “adora *dar*”. Contam que ela estava passando mal num Posto de Saúde da Agrônômica (Bairro de Florianópolis) e que ela abraçava o médico em pleno ataque epilético, “o doutor João!!!” Elas davam muitas risadas, o episódio parecia ser bem engraçado. Esta amiga chega no momento em que estão contando o ocorrido. Ela sabe que estavam falando dela, e acha divertido quando Márcia comenta: “Tu não morre tão cedo Elisa, estávamos contando o que

---

<sup>170</sup> Chama de Sofia o "seu outro lado", que segundo ela: “É mais corajosa!” O nome é de uma parente (já falecida) que veio de um antepassado dos avós, que vieram da Alemanha. Acha o nome forte, precisa resgatar a Sofia de novo, ela dizia.

aconteceu contigo lá no posto da Agronômica!” Ela dá risada e vai entrando e encontra um lugar para sentar atrás da recepção, diz que estava derretendo. É uma mulher magra, bonita para os seus 48 anos, usa mini-saia jeans curta, uma camisa branca cavada, (modelo física) escrito em letra prateada: PAZ, salto alto tipo plataforma, pés e mãos pintados de vermelho. Tem os cabelos curtos, uma bolsinha combinando com o resto da roupa, muito simpática e falante, cada vez que dava uma risada tocava na minha perna ou no meu braço. Ela está no GAPA às tardes. (Diário de campo, maio de 2007)

Em relação aos modos de conformação dos laços no interior da rede social de Márcia e suas colegas, os esforços para o resgate moral da figura da prostituta e do seu papel no mundo moderno é algo que as une. Os aspectos mais negativos da profissão, como as DST's e o uso das drogas, conformam a agenda dos encontros entre elas, orientando suas estratégias pessoais, sociais e culturais.

A agenda política dessas mulheres, devido a sua condição de soropositivas, as diferenciava de outras redes sociais no interior do GAPA, em termos das constelações de papéis normatizados (e normatizáveis) para as mulheres em carreiras de prostitutas e o mito da “mulher perdida”, em oposição à figura da cortesã, único lugar de exercício da sexualidade feminina livremente exercida:

Comentei com Sílvia que ela estava muito nervosa quando falamos pelo telefone da última vez. Ela então me conta que tinha acabado de discutir com Kety. E me mostra o motivo da discussão, um jornal com uma reportagem do GAPA e uma foto em que estavam Márcia, Elisa (que conheci a tarde), Lúcia, Sílvia e Dona Hilda ao centro. Conta que o mesmo editor quer fazer uma reportagem com elas sobre a comemoração do dia 05 de maio, Dia Nacional da Mulher Portadora do HIV. Ela animada, foi contar para a Kety a notícia, achando que todos iriam gostar e concordar. Ela então diz que Kety brigou: “Você só quer aparecer, é um absurdo querer aparecer no jornal, tu ainda é nova e bonita e pode arrumar um namorado se quiser...”

Silvia responde: “que não estava querendo aparecer, mas queria sim mostrar para todo mundo a doença, que as pessoas não podem mais se esconder e que além do mais se ela tivesse outro namorado ele seria o primeiro a saber de sua doença!!!” “onde já se viu????” Silvia me conta furiosa, ela falar pra mim.... Indignada com a desconfiança da colega. (Diário de Campo, março, de 2007).

Márcia, Elisa e Renata frequentemente trocam confidências, dão conselhos umas às outras, reclamam da vida e dão boas risadas. Numa das situações, observo que Elisa conta para as demais que uma vez transou com um cara, pois estava sem dinheiro e precisava comprar o material escolar do filho. Estava saindo do trabalho no shopping, quando um homem que dirigia um carro na saída do estacionamento fez um “sinal”. Foram para um motel, transaram e ao final ele deu um dinheiro para ela, na negociação dos valores a serem pagos pelos serviços prestados, Elisa conta que negociou e pediu mais, podendo, assim, comprar todo material do filho, incluindo o uniforme.

Interessante observar que, no GAPA, os laços que unem Márcia à Silvia, Renata e Elisa diferenciam-se quando todas se encontram reunidas, tornando evidentes os vínculos laterais que unem Elisa à Silvia em relação aos outros menos aceitáveis no interior da rede social. As trocas sociais entre as duas últimas tende sempre a tencionar os limites da organização social entre elas, no interior dos laços que mantêm no interior da instituição:

A conversa na recepção em que estava eu, Márcia, Renata, Elisa e Silvia é interrompida por um homem que procurava o preservativo “extragrande”, Márcia diz que não tem e acrescenta que faz tempo que não é enviada, não sabe bem o porquê.... o homem sai. Elas se olham e então que Silvia começa a falar da última experiência da visita íntima com seu marido. Já tinha visto sua tatuagem no seu braço direito, mas hoje ali sentada e mais atenta a identifico melhor, é um coração vermelho com uma flecha que atravessa um cupido e ao meio escrito em preto o nome dele. Diz que não conseguiu usar a camisinha pequena com ele, “tinha que ser a extra” (extra grande), ela conta:

“menina eu tinha que segurar ali, (fala da camisinha feminina fazendo gesto de como fez na hora) senão entrava tudo!!!!” “um baita negão.... também.... ele calça número 46 né.....”, Elisa que acabara de chegar diz: “Barbaridade!!!!”. Se gabando complementa: “Um baita negão, um metro e noventa com cento e trinta quilos de puro músculo....”. “Ele me pega no colo e me leva no alto só com um braço.... Meu Deus do céu....”.. “Mas barbaridade, me apaixonei de novo.....” risadas... “porque antes eu não tava apaixonada....” A amiga Elisa tenta consolá-la “sabe o que quê é, vocês estão separados né.... então fica mais difícil mesmo e aí quando se vêem...” (Diário de campo, Março de 2007)

Nas mais variadas situações observadas durante o campo, a posição de poder e prestígio de Márcia no interior da rede social tende a dar o tom às formas de trocas sociais entre suas colegas de trabalho, mantendo as conversações entre elas sobre os detalhes do dia-a-dia na profissão, suas piadas e seus incidentes no estreito limite da distinção, do pudor e do recato exigido pelos papéis sociais que desempenham na instituição:

Elisa fala que sente dores no corpo quando não transa.... é verdade? Falo, ela: “é.... dói tudo guria.....” que quê eu vou fazer dói tudo.....” Continua dizendo que gosta muito de transar e que se não transa começa a sentir muitas dores. Silvia fala de uma amiga que tem problemas com lubrificação, o assunto altera-se para o tema da lubrificação. Elisa então comenta que uma amiga foi ao médico, disse que sentia dores em tudo: “Ai doutor, me dói aqui, me dói ali, na barriga, não sei o quê....” O médico disse: isso é pura falta de transar, é muito hormônio....” elas riem muito. Elisa reclama que o marido dela não quer transar com ela “um rapaz bonito, mas burro, só quer trabalhar!!” Márcia sabiamente acrescenta que “antigamente a mulher não podia ser lubrificada, tinha que ser seca!”, todas concordam. (Diário de campo, Março de 2007)

Numa posição próxima a de Renata, em relação à centralidade que ocupa Márcia na rede, está a meiga e prestativa Lúcia, 36 anos, morena, magra, pela muito branca e com o rosto marcado pela acne, cabelos longos castanho-escuros sempre presos, sendo a responsável pelos serviços gerais no GAPA (serve cafezinho, sucos, faz almoço, cuida da limpeza e lava a louça):

Lúcia (que estava dentro do GAPA) vem até recepção apressada, parece que com falta de ar, se abana freneticamente senta ao meu lado e coloca o ventilador bem em sua frente aumentando inclusive a potência.

Pergunta para a Sílvia sobre Márcia, Sílvia diz que não sabe dela, mas se eu quiser, ela pode ligar. Enquanto isso Lúcia procura na pochete que carrega sempre junto a si, uns papeizinhos em que anota coisas pra fazer para ver se há alguma anotação de que Márcia não virá hoje..... (Diário de campo, Março de 2007).

Lúcia é ex-dependente química, foi prostituta numa boate conhecida do Estreito por cinco anos e mora na casa da mãe com seu filho de oito anos. Lúcia tem sérios problemas de memória em razão de um quadro de meningite, mas na versão de Márcia, esta condição é resultado de seu antigo passado na profissão: “de tanto pó que ela cheirou!”

Lúcia estava sempre perguntando à Márcia alguma coisa, seja porque usaram seu celular ou porque está na fissura por um cigarro, raramente mantém contato as outras colegas (Sílvia, Renata e Elisa), a não ser quando necessário:

(...) Lúcia fica perguntando insistentemente se a Márcia queria café ou água. “Oh Márcia tu queres que eu te traga café ou água?” “Oh Márcia..... Café ou água.....”. Parecia alheia a conversa das duas que tentavam se entender, ao mesmo tempo as duas (Márcia e Sílvia) também ignoravam a demanda de Lúcia. Finalmente Lúcia teve sua resposta: café. Márcia depois de liberar as duas, me cumprimenta e entrega três volumes que estão sendo distribuídos no largo da Alfândega bem na saída do terminal de ônibus

para a comemoração do Dia Internacional da Mulher. (Diário de campo, Março de 2007)

Orbitando em torno de Márcia, Lúcia está sempre trabalhando e andando de um lado para o outro, com um pano, uma vassoura e a pochete que carrega consigo e onde encontra-se um bloco, onde anota as coisas mais importantes, para não esquecer:

Lucia aparece na recepção com cara de triste e olhando desesperada para Márcia e diz: “tô na fissura...” Márcia pergunta: “De quê?” Então que Lucia responde com uma voz arrastada: “de cigarro Márcia .... aí eu não tenho dinheiro pra comprar e tô na fissura.....” Silvia e Renata dizem pra comprar num quiosque que tem ao lado, ela responde que a moça não vende mais. Conta que já faz tempo que ela parou de vender cigarros: “Que aqui tem muito mala ruim!” Márcia oferece um pouco de cascas de laranja com açúcar que ela faz. Tem um pote debaixo da recepção e oferece a todas nós, eu já comi horrores, é uma delícia. Ela não aceita, diz que seu estômago tá queimando já... (Diário de campo, Março de 2007)

Apesar de criticá-la (“Lúcia é muito avoada, não faz o serviço direito, não limpa os banheiros!”), a adoção de Márcia por Lúcia entre as demais colegas é evidente, quase numa espécie de missão educativa, principalmente na forma como maneja com sua família suas experiências na profissão. Na ocasião da pesquisa, Lúcia mentia para sua mãe que dormia na casa de colegas que conhecera através do GAPA, quando na verdade estava na casa de um ex-namorado, traficante, que a havia colocado na cadeia por duas vezes.

Com ares de “amor bandido”, a experiência de Lúcia com o traficante desperta lembranças nas colegas, de suas antigas experiências amorosas. Entretanto, no presente, tais jogos da memória, que ela promove, acabam por criar clivagens entre ela e suas colegas, em relação aos valores e aos modos de pensar a serem adotados na profissão, em suas novas condições sociais como membros do GAPA, e que Márcia, nesse momento de sua vida, representa para todas:

Lúcia lembra que uma vez foi visitá-lo na cadeia e ao cadastrar-se para a visita íntima, outra mulher estava cadastrada para a visita como esposa. Lembrou inclusive do nome da mulher (ela que tem problemas com memória...). Disse que não esquece o nome completo da mulher que era a amante de seu namorado... (Diário de campo, março de 2007)

Os laços que unem Márcia e suas colegas ao mundo masculino do comércio sexual, no GAPA, se estabelecem a partir de sua condição distinta de soropositividade e seus vínculos com o submundo da droga e das boates (ou hotéis de viração). É o caso de Nunes e Valmir. Nunes é um homem de uns 40 anos, aposentado por invalidez, alto, magro, branco, olhos claros, cabelos pretos mal cortados e barba, sem dentes na frente. Usa muletas para caminhar, por conta de uma toxoplasmose contraída na infância. Poderia ser bonito, se sua aparência fosse mais cuidada.

Valmir, 57 anos, nascido na cidade de Florianópolis, católico praticante, neto de pescador, vendia seus peixes no Mercado Público e chegou a trabalhar com avô no mercado, mas decidiu ir embora para “procurar serviço”. Com mais três colegas, vai trabalhar na cidade portuária de Santos/SP:

Eu dei sorte, eu sai daqui no dia 19 de janeiro de 1966, cheguei lá dia 20 de janeiro, dia vinte e um já tava trabalhando na copa de um restaurante, fomos arriscar, eu tinha 16 anos... (Extrato de entrevista, março de 2007)

Nunes nasceu em Porto Alegre/RS, mas foi em Florianópolis/SC que ele fez sua vida, construindo uma casa num terreno da família na Barra da Lagoa (bairro de Florianópolis), onde trabalha como artesão e pescador, e um local que Márcia vai com freqüência. Nunes conhece a rede social das prostitutas que atuam na “Conselheiro”, tendo mantido relações sexuais com algumas delas. Como Lúcia, Nunes, é dependente químico em tratamento e conta com o apoio de Márcia em suas recaídas. É companhia freqüente de Márcia. Estão sempre juntos e dormem um na casa do outro. Se ajudam e são confidentes:

“Meteram um pedaço de pau na minha janela!!!!”  
Márcia não diz nada. Ele andando de um lado para

outro dizendo que qualquer dia vai comprar uma arma e matar umas pessoas, “porque nesta terra só tem viado!”, Márcia me olha e diz que foi o tio dele que fez isto, “só pode ser!”. Ele reclama e reclama, Márcia olha pra ele muito paciente e diz “calma!!! Não vai sujar tua mão de sangue, eles não valem isso!!!”, “muita calma! Deus sabe o que faz!” Fiquei impressionada como ela lembrava a Nunes ali desesperado, sem dinheiro pra nada, de Deus. Ele então, começou a reclamar de tudo. Do ônibus que deixava tudo trancado, que brigou com o cobrador falando que se pegava tuberculose nos ônibus, que as pessoas não tinham bom senso! Que todas as pessoas lhe passavam a perna, que a dentista a quem tinha pago para fazer a sua ponte, tinha fugido com seu dinheiro, ninguém prestava!!!! Falou que o programa de reabilitação da casa do GAPA não funcionava e que eles não faziam nada direito lá... Conta também que já tentou dar um curso no GAPA de artesanato, mas a presidente não deixou. Reclamou muito da vida. (Diário de Campo, abril de 2007)

A intimidade de Márcia e Nunes cria, entre as demais colegas, um ponto forte de solidariedade. Os laços que uniam ambos conformavam uma relação de camaradagem, a partir de uma forte clivagem hierárquica entre Márcia e Nunes, onde o dinheiro, como moeda de troca entre eles, tem um valor simbólico determinante na dependência dele em relação a ela:

Márcia também conta que Nunes a chamou na semana passada para conversar. Pediu que ela cuidasse de seu dinheiro, pois vai se internar e Márcia então ficará responsável por guardar seu dinheiro. Foram até o banco e ela aprendeu tudo. Ela me contou que ele “está perdido na cachaça!” (Diário de Campo, Julho de 2007).

Em determinados momentos de meu trabalho de campo, cheguei a desconfiar que os laços que os uniam iam além da amizade e do companheirismo e, quando indagada sobre o assunto, Márcia alegava a situação de risco e insegurança em que vivia no Morro do Mocotó, por

ser uma mulher vivendo sozinha, sem um companheiro, fato que a obrigava a aparecer junto a uma figura masculina, para impor respeito aos demais.

Assim, segundo ela, pedia a Nunes que cuidasse da casa e em troca lhe oferecia abrigo. Foi nessa mesma condição que seu conhecido, o “Argentino”, também cuidou de sua casa. Só que, neste caso, ele “aprontou” (“Levou mulheres lá pra dentro!”), motivo pelo qual ela o cortou de sua rede social.

Em termos de laços laterais, Nunes, que era amigo de Argentino, foi o responsável por sua introdução na rede social, onde Márcia detém a centralidade dos laços. Uma figura que ocupou, por breves momentos, um lugar no GAPA<sup>171</sup>, assim como, no interior da estrutura das relações sociais que uniam Márcia e suas colegas ao outro lado do comércio sexual: o mundo masculino das drogas, dos clientes e dos amantes de prostitutas. Nessa etapa da vida de minhas parceiras de pesquisa, o empréstimo de dinheiro implicava num importante ponto de novas aprendizagens entre as profissionais do sexo, especialmente no plano dos laços de solidariedade entre elas, em oposição à antiga competição pelos clientes e o conflito pelo “ponto”.

Assim, os pequenos favores, o apoio mútuo, a solidariedade e as trocas afetivas diante da precariedade das condições de vida e das dificuldades com a doença na rede social de Márcia eram um denominador importante para a manutenção dos laços entre seus/suas colegas.

O envolvimento de Nunes com a rede social de Márcia se dá em condições próximas as de Valmir. Trabalhando na zona portuária de Santos, primeiro como cozinheiro (“como ajudante de cozinha, depois fui cozinheiro, trabalhei uns tempos na copa de restaurante né!”) e depois como garçom, torna-se amante de uma profissional do sexo e envolve-se com o mundo das drogas e dos “hotéis de viração” (“muita mulher, de todo tipo, do Brasil todo, e muita aqui de Santa Catarina.

---

<sup>171</sup> A confecção do almoço é sempre um motivo de discussões na ONG GAPA. Como a ONG vive de doações, o almoço é sempre uma dúvida e ou preocupação, basicamente todos almoçam ali e Luciana é a responsável pela feitura da comida, como suas opções são sempre escassas e segundo os outros ali, ela não cozinha bem, o cardápio eleito por ela é macarrão com sardinha quase todos os dias o que frequentemente leva a inúmeras reclamações do cardápio repetido. Hoje, Argentino trouxe uns siris que Nunes mandou, estavam todos animados com o prato diferente. Márcia me convidou para almoçar, inclusive o Argentino tinha saído para comprar uma coca que regaria o almoço. (Diário de campo, Março de 2007)

Inclusive, Santos é muito habitado por catarinense tanto homem quanto mulher. Era uma zorra total...”).

Valmir mantém laços eventuais e pouco densos com a rede social de Márcia, encontrando suas colegas quando vai ao GAPA. Márcia é a pessoa que intermedia suas relações com a advogada da instituição. Apesar dos laços esporádicos, Valmir e Márcia se vêem quando ele está em Florianópolis visitando a família. Em Santos, onde mora com os filhos, Valmir vive com uma profissional do sexo, com quem se casou depois de terminar com um casamento de dezenove anos.

Tornou-se usuário de drogas (cocaína) ao longo de sua inserção profissional como garçom nas boates. Valmir revela sua aproximação com o comércio sexual da zona portuária da cidade de Santos ao contar as intimidades da vida dos garçons com as profissionais do sexo, os cafetões, donos de hotéis de viração e de boates.

Naquela época que eu trabalhava ali, tinham.... hoje não existe mais tanto.... Tinham uns dez ou doze hotel de viração.... hotel de viração que a gente fala é hotel de puta pegar homem. Que a mulher entra com o freguês, máximo é duas horas, às vezes até menos, é só entrar fazer o programa e sair, sabe como é que é? (Extrato de entrevista, março de 2007)

Em sua inserção na rede social do comércio sexual de Santos, Valmir fala do desempenho de seu papel no interior do universo da prostituição feminina, como a figura masculina do redentor da “mulher perdida”, que a retira da situação de pecado, através dos “laços matrimoniais”. O “casamento” da “perdida” com o seu herói redentor lhe permite atuar na condição da figura masculina que reintegra a prostituta à sua antiga condição feminina, inscrita no modelo mítico dominante do feminino da mãe-esposa. Completa-se o ciclo, quando Valmir relata o nascimento de sua filha e onde a maternidade desponta como o último momento de recondução da figura feminina da “puta” a um todo sacralizado:

Me amasiei com uma prostituta... Inclusive ela é aqui do Rio Grande do Sul... eu tirei ela da zona, e com ela vivia maritalmente também. Ela ganhou uma filha minha, e com ela também não deu certo. Fiquei casado com essa mulher quatro anos. Aí o

negócio foi pra justiça por causa da menina, eu mesmo solteiro consegui ganhar a guarda da menina... Aí eu trouxe pra minha mãe cuidar dela. Por causa dessa menina eu voltei pra cá e continuei tocando a minha vida. Sim, cheguei a ser dono de um restaurante, o restaurante tinha o meu nome, não deu certo, restaurante faliu... e em 1989 peguei uma toxoplasmose... (Extrato de entrevista, março de 2007)

Interessante observar que os laços que unem essa rede social são tecidos no interior das estruturas sociais estáveis que o GAPA promove entre seus membros e onde, apesar da mobilidade de seus integrantes, a coordenação de conjunto passa pela figura central de Márcia. No interior das formas dos laços que se tecem entre ela e seus/suas colegas, chamo a atenção para a sua visão singular dos riscos e dos benefícios dos papéis libertários que a figura da cortesã oferece para a condição feminina da prostituta, na forma como ela pode dispor do controle de sua libido e na expressão de sua sexualidade.

No tocante a conexidade da rede de Márcia em relação com as demais redes que seguem - Nádia (Alfândega) e Denise (Conselheiro) – penso que existem vínculos esparsos entre elas e que são pouco densos os contatos entre as profissionais.

Nos termos de Both (1976, 76), a conexidade entre elas pode “indicar a extensão” em que as pessoas conhecidas no comércio sexual local se conhecem e se encontram umas com as outras, independente do trabalho que nele executam.

Assim, esta conexidade passa por Nádia (da Alfândega). Márcia a conhece da ONG GAPA, pois Nádia freqüenta, esporadicamente, o grupo “Desperta Mulher”, coordenado por Márcia. Seu conhecimento se limita à família nuclear de Nádia (filhos e netos), onde mora, ou onde já morou. A recíproca de Nádia para com Márcia não é similar, Nádia sabe pouco da vida de Márcia. Sabe, basicamente, que ela foi uma “profissional”, que agora trabalha no GAPA e mora no Morro do Mocotó. Não são íntimas e seus encontros são superficiais: ou na ONG GAPA ou rapidamente na Alfândega. Além da família nuclear de Nádia, Márcia desconhece sua rede na Alfândega.

Finalmente, quanto à rede social de Denise (Conselheiro), Márcia conhece por conta de fazer parte do seu trajeto até a ONG GAPA. Não as conhece pessoalmente, pois a rede social de Denise

pouco frequenta o GAPA e quando vão, é para pegar preservativos. Além disso, o namoro de Nunes (melhor amigo de Márcia) com uma das profissionais da “Conselheiro” (já falecida) aproximou-a da rede social de prostitutas que atuam nessa parte da área central de Florianópolis.



início na praça XV, nesta região ela mostra-se calma e silenciosa, uma vez que o trânsito de veículos é interdito em quase toda a extensão da rua, oferecendo lugar ao trânsito de pedestres.



Imagem 25 – rua Conselheiro Mafra (arquivo pessoal, 2007)

Trata-se de uma rua conforme imagem ao lado, cujo traçado é plano e composta de prédios que seguem uma configuração arquitetônica, e embora reformados guardam as marcas dos sobrados construídos no final do século XIX.

Esta rua termina na Igreja de Nossa Senhora do Parto, revitalizada após uma longa reforma. É na rua Conselheiro Mafra que se situa a maior concentração de edificações tombadas do Centro Histórico de Florianópolis e, desde 2002, um dos sobrados que abriga um órgão administrativo da Prefeitura Municipal.

Como mencionado, os sobrados<sup>172</sup> que contornam a rua (quase ao seu final) abrigam um comércio distinto em sua oferta de serviços. Lá está o ‘Hospital do Fogão’, que oferece fogões para todas as artes, como fogões à lenha, e peças de reposição, além de trabalharem com consertos. Nessa parte da rua também está a molduraria mais antiga da cidade, agora com novo visual grafitado, que é visto em suas paredes.

Também existem pequenos restaurantes de comida caseira a preços mais acessíveis do que os de outras partes do centro. Podem ser observadas as distribuidoras de materiais, as lojas de assistência técnica para eletrodomésticos, os botecos, alguns dormitórios mais em conta, as sapatarias, os cabeleireiros, as lojas de armarinhos (zíper, tesoura, linhas), de móveis, de equipamentos e, também, as lojas dos dois times de futebol que são rivais na cidade<sup>173</sup>.

<sup>172</sup> Os sobrados abrigavam os proprietários dos comércios na parte superior.

<sup>173</sup> O Figueirense e o Avaí são times rivais da capital e possuem lojas que vendem artigos para os seus torcedores.

É interessante destacar, também, a localização histórica e geográfica dessa rua no contexto da cidade, uma vez que ela situa-se muito próxima ao terminal rodoviário, local de embarque e desembarque na capital. Isso faz com que esse território de passagem mantenha a mesma função que ele apresentava anteriormente, quando a porta de entrada e saída da cidade era o cais e o trapiche<sup>174</sup>. Esse território oferece algo que pode ser considerado como o primeiro acolhimento da cidade para aqueles que chegam à capital de ônibus. Para tanto, dispõe de pequenos hotéis, lanchonetes, botecos, comércio de roupas, calçados, lojas de serviços e mulheres. Ao final da rua, as casas de prostituição e as “whisquerias”, como se diz na cidade, também estão alojadas nas esquinas da rua Conselheiro Mafra, onde ocupam seu espaço há quase sessenta anos.

Em tais territórios, encontravam-se, na ocasião do trabalho de campo para o doutorado, Denise e suas colegas de profissão, no atuantes comércio no sexual e enquadradas no que se poderia denominar de categoria de profissionais que têm a rua como seu local de trabalho e .que estão sujeitas às pressões normativas presentes em tais espaços públicos. No quadro geral das profissionais que atuam na “Conselheiro”, Denise ocupa um lugar central. Ela tem 28 anos, é negra do tipo “gordinha”. Nasceu em Rio do Sul/SC e chegou a Florianópolis com 17 anos.

Denise estudou até a 5ª série e como ela mesmo faz questão de frisar, “cumpre suas obrigações na Umbanda”, destacando-se por exercer o controle normativo do comércio sexual local, na distribuição regular da prestação de serviços sexuais no “ponto”

Denise configura uma díade com Ivone, 42 anos, alta, 1,75m, magra de cabelos ondulados e na altura dos ombros, que estudou até a 6ª série, é católica, nascida na cidade de Santo Amaro da Imperatriz (Grande Florianópolis) e moradora da Palhoça/SC (também na Grande Florianópolis).

Conheci Denise e sua colega de trabalho na esquina da “Conselheiro” com a rua Bento Gonçalves, em frente a uma esquina com uma loja de fogões. Curiosamente, a esquina está em processo de demolição. As ruínas da cidade levam sua memória. Elas posicionam-se

---

<sup>174</sup> “É, portanto, no coração de tempos superpostos que devemos nos colocar para compreendermos o fenômeno da destruição como processo de construção perpetua do teatro da vida urbana no Brasil.” (ECKERT & ROCHA, 2005: 25)

em frente a um bar, pois na parte de cima do estabelecimento encontra-se um “dormitório de passagem” para encontros rápidos e fortuitos. Denise e sua colega o chamam simplesmente de “sobrado” e é um dos mais antigos da rua, próximo às boates que fizeram a fama da rua, como mostra a imagem na página seguinte



Em razão da alta temperatura e do calor do sol, as garotas ficam na sombra sentadas sobre um aramado que protege a leitura do gás. O bar está lotado, acho que é o único estabelecimento da rua em que quase não há cadeiras para sentar. Cheio de homens que discutem e conversam em voz alta. O calor impressiona e poucos são os que arriscam caminhar no sol. O barulho da rua é de vozes, da música de algumas lojas e dos carros nas transversais. É uma rua calma, tranqüila semelhante a uma cidade de pequeno porte, me espanta saber que estou no centro da cidade. (Diário de campo, Março de 2007)

Imagem 26 – rua Conselheiro Mafra (Arquivo pessoal, 2007).

Dentro da rede social denominada por elas “das mulheres da Conselheiro”, Denise e Ivone foram as parcerias mais regulares. Estavam lá, juntas, de segunda à sexta, das nove horas da manhã até a tarde (aproximadamente 15 horas), e aos sábados até ao meio-dia. O tempo de trabalho de ambas, à tarde, varia dependendo da necessidade. Para ambas, o tempo de duração na “batalha da rua” está em relação direta com a necessidade do montante necessário, em dinheiro, para pagar as suas contas pessoais. Quando a situação não se faz necessária, costumam largar o trabalho e ir para casa ou ao comércio, para pagar contas ou fazer compras.

Em relação à propriedade dos laços que as unem Denise e Ivone, é evidente o compartilhamento entre ambas de um rígido controle normativo do seu “ponto”, demarcando suas fronteiras na esquina da Conselheiro Mafra com a Bento Gonçalves. A intensidade, frequência e duração de suas atividades no “ponto” são estratégias fundamentais de

sua prática de comércio sexual, definindo-se, ao redor delas, inúmeras táticas de defesa de seu “ponto” em relação às demais colegas de trabalho e de suas respectivas redes sociais de prostituição.

No interior da rede social que tem Denise como centro (Ego), a discriminação dos papéis é evidente, aparecendo sua figura como a detentora de um saber que se traduz em poder diante das demais que eventualmente ali circulam: “Só eu fico aqui, enquanto eu tô aqui, ninguém mais pode ficar, depois que eu saio tudo bem, mas enquanto eu tô aqui!”.

Da mesma forma, é na solidez dos laços de apoio e solidariedade que unem a díade Denise e Ivone diante dos riscos e perigos, que a rede social obtém as melhores condições para o exercício de seu ofício na rua, tendo em vista as exigências de grau elevado entre as parceiras de trabalho. Sem a ação de um intermediário ou patrão para organizar suas relações com os clientes, a rede social de Denise se vale, assim, de estreitos códigos de ocupação do “ponto”, como garantia de estabilidade para seu trabalho.

Ao visitar a esquina da “Conselheiro” em 2002 para a pesquisa de prevenção às DST's em Florianópolis, notei que haviam, no território que hoje se organiza em torno da figura de Denise, mais ou menos dez mulheres dispostas em pequenos agrupamentos. Apesar das normas públicas acionadas para esta parte da cidade, a maioria dessas mulheres ficava por ali conversando, fumando e bebendo, geralmente em pé, encostadas nas paredes dos sobrados, chamando a clientela para os programas. Quando o cansaço aumentava, algumas ficavam de cócoras nos cantos dos prédios. Na ocasião, reclamavam em uníssono do baixo movimento do comércio sexual na região e, por derivação, dos baixos rendimentos de seu trabalho.

A coesão no interior dessa rede social de profissionais, na época, representava, para alguns moradores locais, lojistas e comerciantes, um problema, pois era comum “as meninas” mexerem com os homens que por ali passavam, além do fato de que “bebiam e usavam drogas em plena luz do dia!”.

Denise se estabeleceu no “ponto” sob a tutela de sua cunhada (numa clara alusão à direção dos fluxos dos papéis na família e das redes de parentesco no sistema de organização das relações de trabalho no comércio sexual de rua), que a conduziu, em sua carreira na profissão, ao status de “dona da quadra” com todo o seu cortejo de privilégios:

Hoje sua postura é outra, é falante, mais dona de si, desinibida, além de que fica menos tempo no ponto (em 2002 ela ficava das 8 da manhã até às 17 horas). Pergunto o que mudou desde então, comento que ela era mais tímida, ela diz que agora *sou dona da quadra*. É ela quem manda ali e que ninguém pode ocupá-lo ou ficar por na quadra sem antes falar com ela e sua colega Ivone: Cheguei com uma cunhada minha, mulher de um irmão meu que já é morta (de HIV) e ela me trouxe pra cá. Mas as mulheres não deixavam eu ficar. Nem era aqui na esquina. Era mais lá embaixo (da Conselheiro Mafra). Daí ela não deixavam ficar, mas como ela já era respeitada ela me botou na quadra, daí eu fiquei.... Aqui é meu ponto né... aqui não fica mais mulher nenhuma, a não ser as que já tão aqui. (Diário de campo, Julho de 2007)

Em contraste com os “tempos antigos” de sua madrinha<sup>175</sup>, Ivone e Denise obedecem a um rígido código de comportamento no “ponto”, onde se destaca a prescrição no uso de roupas discretas, distante dos padrões provocantes de outras colegas suas, onde as roupas justas, os decotes, as saias curtas e a maquiagem exagerada acompanham a “caça” ao cliente.

Ao pensar na cadeia de relações de trabalho que transcorria no comércio sexual da “Conselheiro”, introduzo aqui uma referência à figura da Diva. É onde a figura feminina da prostituta se destaca pelo estilo diferenciado de trabalho com seu corpo, sua sexualidade e sua libido, distanciando-se das demais formas banais de prestação de serviços sexuais.

Segundo destaca Denise, não se deve “apurar na hora do programa”, nem “forçar quando eles passam”, pelo contrário, em sua concepção, a prostituta tem que deixar que o cliente a procure, pois “o homem que procura mulher na rua, tem que sentir que a mulher gosta dele...”

---

<sup>175</sup> Chamo de *madrinha* a personagem que sempre está presente nas narrativas no início das trajetórias de prostituição destas mulheres. São aquelas *que as colocaram no ponto* e, portanto, garantem ali sua permanência, na medida em que as apresentam às outras prostitutas, inserindo-as numa rede de suporte na rua, assim como as ensinam as artes da profissão. Geralmente são parentes, vizinhas.

A figura da Diva alude, assim, à visão da prostituição de rua como uma espécie de arte diferenciada dos demais sistemas de práticas do comércio sexual, que têm a rua como palco. Ao afirmar seu próprio valor diante das demais, a prostituta Diva afirma seu valor diferenciado das demais colegas, tornando a arte da prostituição exercida pelas outras como uma “arte menor”.

Para uma profissional do sexo Diva não há assuntos pequenos demais, uma vez que todos eles acabam por incidir sob a forma de validação de sua arte, a da prostituição, que assim, precisa ser feita tal qual ela a concebeu. Para ela não há uma forma certa de comércio sexual, apenas há a sua arte especial de prestação de serviços sexuais em relação às outras.



Imagem 27 – rua Conselheiro Mafra – Dormitório Sobrado (Arquivo pessoal, 2007).

Entretanto ambas, Denise e Ivone, iniciaram sua carreira de prostituição na Praça XV de Novembro, ainda que Ivone seja mais velha

que Denise e pertença a velha geração de profissionais que atuavam no local. Assim, ainda que Ivone conquiste um lugar de destaque diante de Denise, em razão da antiguidade, é esta última quem manda ali, uma vez que, em seu ponto de vista, *“Ivone é muito medrosa, mando mais que ela!”*. Ivone tem três filhos que moram com ela e, assim como Denise, todos estão cientes do seu ramo de atividade, uma das razões pela qual preferem a discrição “da Conselheiro” à movimentação popular da massa no largo da Alfândega.

Em inúmeras visitas ao local de trabalho de Denise, encontrei suas colegas de trabalho, que ela denominava de “as prostitutas ocasionais da Conselheiro” e que, “de vez em quando”, prestam serviços no “ponto” e atuam no comércio sexual local para “fazer um dinheirinho”, quando precisam, evidentemente, sob o aval de Denise, que dirige o setor.

Entretanto, Denise e Ivone batalham em regime de parceria há quase uma década no mesmo lugar - em frente ao dormitório Sobrado. Ali, elas convivem a partir de um estatuto informal (FOOTE-WHYTE, 2005) da atividade que regula a prática da prostituição, especialmente, na confiança acordada de manter o mesmo valor pelo programa por ambas. Uma negociação que começa no valor de R\$ 30,00.

A atuação na condição de Diva, em contraste com as mulheres da Alfândega, pode ser pensada em relação às possibilidades que ambas criam de um ganho superior por seus serviços a partir de um “preço mínimo”. Isso implica na perícia<sup>176</sup>, por parte delas, em agregarem valor ao seu programa, além da criarem laços de fidelidade com seus clientes. Segundo o valor de mercado de sua “arte”, o ganho superior ao valor<sup>177</sup> da tabela promove certo prestígio aos serviços da prostituta na sua rede social e, portanto, no “ponto”, fato que lhe garante uma margem de manobra para manter o seu preço no mercado, mas principalmente seu lugar na hierarquia.

No plano dos comportamentos não institucionalizados, o compartilhamento de experiências na carreira de Denise e Ivone já dura uma década (como mencionado), sendo marcado, no plano de seu conteúdo relacional, por uma cumplicidade de trabalho entre ambas.

---

<sup>176</sup> Denise fala que é sempre simpática com o cliente: “Posso estar amargurada por dentro, queimando, mas sempre os recebo com um sorriso, sou simpática, converso com eles”..

<sup>177</sup> O valor mínimo do programa cobrado ali na Conselheiro por Denise e Ivone é de R\$ 30,00. De acordo com Denise alguns clientes sempre dão mais, especialmente os mais antigos, isso depende do atendimento no quarto: “Tem cliente que me dá R\$ 50,00, tem cliente que me dá R\$ 80,00, isso varia, mas é sempre mais que R\$ 30,00!!”.

Uma parceria que envolve, em termos dos códigos éticos-morais, o respeito acordado entre elas a certos princípios de distinção em seus serviços durante a realização dos programas com seus clientes.

Eu uso o meu melhor sabonete, meu melhor *shampoo*, meu melhor condicionador, passo meu melhor perfume, uso minha melhor roupa de baixo, estou sempre limpa e cheirosa, vou ao médico, desculpe não posso baixar meu preço! Se você quiser mais barato, vai lá na Alfândega! E continua: Estou sempre com as unhas feitas, (mostra o rosa dos pés e das mãos), então meu preço é esse! (Diário de campo, julho de 2009)

Portanto, a astúcia para implementar tais táticas diante do cliente tem por fundamento a relação de confiança mútua entre as parceiras de trabalho no interior de uma mesma rede social, as quais compartilham um mesmo “ponto”.

Isto no que se refere ao sentido vertical do fluxo das relações sociais, em obediência ao controle normativo da “dona da quadra” tanto quanto lateral (horizontal) entre as colegas de trabalho. Na rede social de Denise os critérios são estreitos e rígidos, até mesmo em relação ao acesso das profissionais às bebidas e ao uso de drogas, passando pela obrigatoriedade do preservativo e considerando as regras morais típicas do calendário católico, de respeito aos dias de feriado, aos dias santos e aos sábados e domingos. Outra norma acordada trata de “programas” fora do “ponto” (em carros, casas de clientes, festas e motéis) e da obediência à regra das profissionais não terem cafetão (“agentes”) para colocá-las no comércio sexual local.

Trata-se do agenciamento de ações e relações que fortalecem o “ponto” como lugar de trabalho, em contraste com os “dormitórios”, fato que, além de garantir o valor cobrado pelo serviço, promove o usufruto do status de “boa profissional” entre suas colegas de profissão:

Segundo Denise e sua colega de batalha, as mulheres que se prostituem em horários irregulares, nos fins de semana e a noite, o fazem porque são obrigadas por seus cafetões. Aliás para Denise ser *cafetinada* por um homem desqualifica uma mulher ali na rua, a coloca num lugar social de vulnerabilidade frente as colegas e a sua

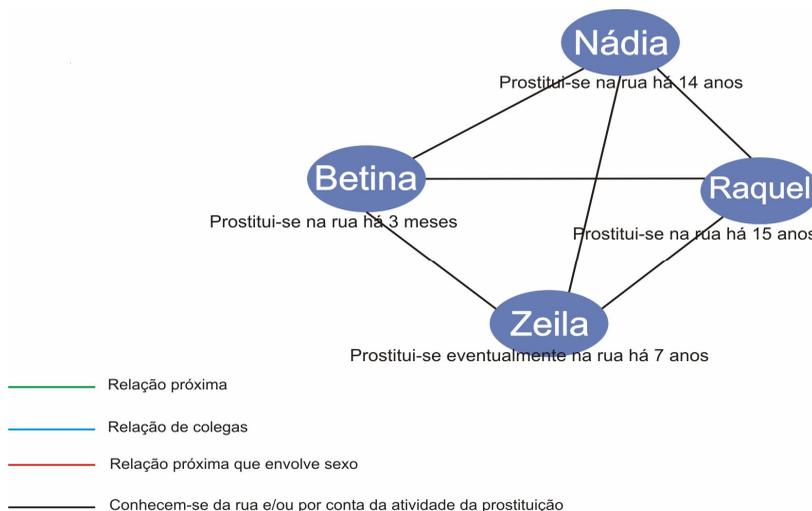
integridade física. Visto que elas precisam realizar mais programas, às vezes a preço mais baixo que o cobrado por suas colegas, e o pior e com *qualquer um*. Assim, seu preço diminui pela obrigatoriedade de levar algum dinheiro para o marido / namorado<sup>178</sup>. Por outro lado também a expõe a riscos maiores, do que aquelas que podem escolher com quem não fazer o programa, mas especialmente, quando fazer. (Diário de campo, setembro de 2007)

No consenso normativo da rede social de Denise e suas colegas de trabalho, a prostituição de rua revela-se como uma associação voluntária de mulheres trabalhadoras, referida a um sistema territorial de trabalho e segundo certas regras de organização de suas relações sociais de prestação de serviços. Diferenciam-se das demais, pois, apesar da mobilidade do trabalho na rua, acreditam que têm algo a perder se a sua “arte” se corromper no simples consumo sistemático e rotineiro de seus serviços pelos clientes. Este é o caso das mulheres que se prostituem aos fins de semana na “Conselheiro” por “não ter nada a perder”.

---

<sup>178</sup> Na gíria da prostituição muitas vezes o namorado ou o marido são os cafetões. além de não pagar pelos programas, ela ainda lhe dá dinheiro.

#### 4.4 - As putas<sup>179</sup>, as caçadoras da Alfândega



Seguindo a rua Conselheiro Mafra em direção ao centro da cidade<sup>180</sup>, o movimento de pedestres aumenta, assim como, o barulho e a altura dos imóveis. A horizontalidade imposta pelos sobrados, na sua parte mais antiga, se desfaz e não muito longe, cruzamos com o Mercado Público e com o largo da Alfândega.



Imagem 28 – a Conselheiro Mafra esquina com largo da Alfândega (arquivo pessoal, 2009)

<sup>179</sup> Organizei as redes das mulheres da *Alfândega* e da *Conselheiro* ordenadas em formato horizontal e ocupando a centralidade do desenho da rede social. Material assim organizado, inicialmente por um aspecto físico / espacial, em seguida porque elas conectam-se em termos das atividades desempenhadas pelas ONG's observadas (GAPA e Estrela Guia).

<sup>180</sup> Aqui tomo como referência a praça XV de Novembro.

Foi nos limites desse agitado território da vida urbana de Florianópolis, que também pertence ao centro histórico da capital, que conheci a rede social de Nádia e de suas colegas, denominada por muitas das profissionais que atuam nas ruas como as “mulheres do largo”

Num primeiro olhar mais desavisado, nota-se o movimento de pessoas em torno do Mercado Público e ao lado da Alfândega. Os grupamentos formados por Nádia e suas colegas de trabalho adotam forma semelhante a qualquer outra modalidade de sociabilidade feminina convencional nas esquinas, bares e praças de uma grande cidade; não se diferenciam de outras pessoas que param por ali para descansar das andanças na cidade, sentadas nos bancos do “largo”.

O número de mulheres profissionais do sexo no largo da Alfândega é expressivamente superior àquele que encontrei, durante o trabalho de campo, na “Conselheiro”. Ao mesmo tempo, a população feminina é mais flutuante: em torno de 10 a 15 mulheres na baixa estação<sup>181</sup>.



Imagem 29 – Mercado Público e largo da Alfândega (Arquivo pessoal, 2008)

Geralmente, sua população tende a aumentar expressivamente durante a alta temporada (verão, férias, feriados, etc), quando o fluxo de interações sociais aumenta em razão do turismo, o que leva a pensar que o turismo sexual esta dentro da agenda de consumo cultural da cidade,

---

<sup>181</sup> Isto quer dizer entre Abril e Novembro.

como uma das atividades associadas à diversão e ao ócio (SÉCHET, 2007).

Aproveitando o fluxo das redes sociais que se montam e desmontam no “largo”, elas permanecem sentadas nos bancos dispostos ao longo do espaço, aguardando por seus clientes fixos. As mais novas, a procura da formação de uma clientela, disputam o “ponto” com as mais antigas e mais velhas, num esforço para tornar duradoura toda uma rede de relações sociais envolvendo a prestação de serviços sexuais.

O largo da Alfândega pode ser considerado uma “mancha” na perspectiva de Magnani (2000: 40), pois permite a circulação de pessoas “de várias procedências”. É na condição de áreas contíguas do espaço urbano “dotadas de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam”, que competem entre si, ou se complementam, de fraca densidade de laços sociais e que as profissionais delas se aproveitam para o exercício de seu ofício.

A rede social do largo da Alfândega se organiza em torno de Nádia (55 anos) e de suas colegas de trabalho. Nádia nasceu em São Miguel do Oeste/SC, filha de pais agricultores, veio para Florianópolis após o falecimento do pai. Estudou até a 4ª série, é branca, católica não praticante, embora goste de enfatizar: “fui batizada, fiz primeira comunhão e me crismei”.

Ela é viúva, mas deixou o segundo marido e trouxe consigo os filhos. No começo, trabalhou como faxineira em vários lugares da Ilha e do Continente, descreveu uma série de casas em que morou e as situações de trabalho que conviveu até que decidiu “batalhar na rua”, abraçando como carreira profissional.

Atuando numa malha de relações sociais no “largo” e explorando as finalidades multidimensionais de suas interações nesse território, Nádia conhece todos os *habitués* da praça XV de Novembro e por todos eles é conhecida, do pipoqueiro ao dono do bar, do entregador de panfletos e passando pelo recepcionista do dormitório em que faz os programas e deixa suas sacolas durante o dia.

No controle normativo do tráfico das práticas sexuais que ali transcorrem, Nádia é capaz de relatar a biografia de muitos deles, assim como, de suas colegas de trabalho que atuam no ponto: de onde vieram, quantos filhos tem, ou porque *estão ali*.

A posse territorial de Nádia sobre o “ponto” se dá pela caminhada constante, numa espécie de guarda ao seu “ponto” e de

defesa de sua clientela. Depois de Raquel<sup>182</sup>, 42 anos, sua parceira de profissão, ela é uma das mais antigas no largo da Alfândega, tendo começado a trabalhar no “ponto” há mais de 15 anos. Raquel tem 42 anos, pele branca, cabelos longos e negros, sempre presos (ou num rabo de cavalo ou num coque), é separada e mora com os filhos e uma neta que cria.

Raquel chega cedo ao largo da Alfândega, por volta das 9 horas da manhã, e fica até, no máximo, às 14h. Trabalha apenas de segunda à sexta, mas também não trabalha nas quintas, pois diz que não rende nada. Não trabalha sábados, domingos ou feriados religiosos, pois fica em casa com a família (que não sabe de suas atividades).

Ao redor de Nádia, forma-se uma rede de relações sociais estáveis, relativamente organizadas, de profissionais que atuam no comércio sexual local. Entre elas, além de Raquel, Zeila, 44 anos, nasceu em São José /SC (Grande Florianópolis) e Betina, 40 anos, natural de Florianópolis, todas as três mulheres, brancas, católicas e com ensino fundamental incompleto.

Nádia destaca-se das demais por seu engajamento nas ações de prevenção das DST's da ONG Estrela Guia e, das quais participei algumas vezes, durante o trabalho de campo do doutorado junto aos dormitórios, boates e às mulheres que atuam nas ruas.

Enquanto Antônia conversa com o porteiro do dormitório, eu distribuo gel para as mulheres ali. Também ofereço pra uma senhora que carrega sacolas, a chamam de Nádia (eu já a conhecia da Alfândega), ela me parece muito gentil, tem um sorriso acolhedor, me pede preservativo feminino, vasculho a sacola e dou dois, a mulher a seu lado, que tinha acabado de fazer um programa diz que não adianta dar pra ela, que ela não sabe usar... (Diário de campo, abril de 2007)

Nádia está sempre na Alfândega, de domingo a domingo, de sol a sol. A batalha nas ruas não prevê interrupções nos finais de semana,

---

<sup>182</sup> Raquel foi o contato mais difícil. Ela é reservada, muito séria e a mais ocupada, deveria pegá-la entre um cliente e outro. Também a vi poucas vezes conversando com outras mulheres ali da praça, a não ser sua colega de ponto. Por intermédio da ONG Estrela Guia poderia ter tido um acesso, mas não encontram com Raquel, visto que seu horário de trabalho não coincide com as saídas de campo desta ONG, que geralmente acontecem depois das 15h.

nem em feriados ou dias santos, ou até mesmo no dia das mães<sup>183</sup>. Ela chega todos os dias por volta das onze da manhã (exceto aos domingos), sem hora pra voltar, apesar de morar com os filhos (Márcia diz que são os netos que ela cria). Nádia está inserida no comércio sexual em tempo integral, dispensando até mesmo a família, para dar conta de sua clientela fixa e que ela formou à muito custo no “largo”: “Ah domingo, domingo eu chego só depois do meio dia .... e aí.. é todo domingo!!! Ficar em casa nada. Vim aqui pro centro e peguei cento e vinte reais.”



Imagem 30 – Vão do Mercado Público (Arquivo pessoal, 2008).

Algumas vezes, durante as noites em que trabalha no largo da Alfândega, Nádia dorme nos dormitórios onde faz programas. Outras vezes, gosta de dançar e beber cerveja com seu namorado.

Em razão do seu estilo de vida e visão de mundo acerca de sua profissão e das suas estratégias de manutenção do “ponto”, que lhe exigem uma vigilância e presença constantes, Nádia está sempre mudando de casa em razão de conflitos em que seus familiares (filhos e netos) se envolvem.

Nas estruturas de poder que ordenam o fluxo das relações no interior dessa rede social, a colega mais próxima de Nádia é novamente, Raquel. Com ela divide o “ponto”, que fica perto do vão central do Mercado Público, bem no fluxo do trânsito de pessoas que por ali

<sup>183</sup> Em suas palavras, “Era dias das Mães eu fui lá, lá no Rio Vermelho na minha filha, levei dois bolos... meu filho levou de carro, ele tem carro: Vamos lá mãe, vamos lá pela Lagoa! Daí cheguei em casa tava meio garoando, era cinco horas. Oh mãe fica aí na casa, não vai pro centro hoje. Ta bom, não vou. Mas eu sabia que tinha um cliente meu que eu tinha marcado.”

circulam. Raquel denomina de “bagunça” o território onde elas costumam ficar à espera de clientes, ou no controle da hora marcada para irem fazer seus programas fora do centro, na casa de clientes.

A rede social de Nádia e suas companheiras, no interior do fluxo do comércio sexual do “largo”, por vezes faz emergir o imaginário da puta “com respeito”, figura feminina que consola e aconchega, companhia, distração e alegria, para rapidamente dar lugar a figura da mulher decaída, cuja ação predatória da libido e da sexualidade, no espaço das ruas, coloca o homem simples no lugar da presa a ser caçada.

Entretanto, o “namorado” de Nádia está sempre no bar em frente ao “ponto”, tomando cerveja e acompanhando o fluxo de sua clientela. Nádia comenta que ele é muito ciumento, mas na verdade a estrutura dos laços que os une tem as características daqueles que associam a puta ao seu cafetão<sup>184</sup>, pois é na condição de “namorado da puta” (LEITE, 1992), que ele tem suas contas paga por ela em troca de proteção e de certa estabilidade de vínculos afetivos e trocas sexuais entre ambos.

Nádia conhece todas as mulheres que batalham ali, por ser uma das mais antigas. Inclusive aponta a motivação da sua escolha pela prostituição como ofício: a história da colega Raquel, a história daquela que batalha no bar.

Contudo, o estilo de prostituição que desempenha evidencia que Nádia é respeitada pelas demais colegas que atuam no “largo”, as quais ela tem por hábito ajudar em momentos difíceis. Suas intervenções nos dramas familiares das suas parceiras de trabalho, com seus filhos, nas situações de violência doméstica, com clientes, namorados e cafetões, nas doenças e na gravidez indesejada, entre outras, fazem com que Nádia ocupe uma posição de poder em sua rede social. Poder que ela costuma exercer de forma pluralista, distribuindo seus benefícios entre as demais, ao invés de concentrá-los em sua pessoa.

Interessante ressaltar que Nádia é bastante respeitada pelas demais e que, durante o meu trabalho de campo, nunca presenciei ou ouvi relatos de violência ou coação envolvendo ela e as demais redes sociais que atuam no território onde ela tem seu “ponto”.

---

<sup>184</sup> Na hierarquia da prostituição “ter um cafetão” coloca a prostituta num lugar de baixo prestígio diante das outras colegas de *métier*. As mulheres que têm um cafetão trabalham mais que as outras que não têm. Como é preciso faturar mais, elas não têm horário regrado, se arriscam mais na rua. Isto significa fazer programas por um preço menor, em qualquer lugar, com qualquer um.

Nádia conta que quando começou na praça XV, o fez sozinha, sem usufruir do privilégio de ser colocada no “ponto” por uma madrinha.

Entretanto, o longo de sua carreira, Nádia desenvolveu um conjunto de táticas para obter benefícios em troca de sua atuação estrutural nas ONG’s (especialmente do GAPA) que circulam no centro. Por conta destes contatos, Nádia tem acesso às cestas básicas, medicamentos para si e seus netos, consultas médicas, um número maior de preservativos femininos, gel, etc. Por outro lado, está amplamente inserida numa larga rede de solidariedade, unindo as profissionais do sexo na área central de Florianópolis, como na última casa em que morou, a qual foi conseguida através de contatos na ONG GAPA.

Os valores cobrados pelas profissionais do sexo que atuam no “largo” varia em função do tipo de serviço por elas prestado (boquete, punheta, sexo vaginal, etc.) e seus valores de mercado, não envolvendo, entretanto, nenhum acordo entre as redes sociais ali presentes. Mas, das “mulheres do largo”, sabe-se que os serviços mais caros são os de Nadir e Raquel. Nestes, a negociação começa em vinte reais, fato que coloca sua rede social numa posição de destaque entre as demais, gerando, no fluxo de suas relações com as outras profissionais, tensões e conflitos de diversas ordens.

Raquel é muito discreta, fala baixo, é atenciosa, aparenta limpeza e cuidado, é devota de Nossa Senhora Aparecida. Não usa maquiagem, batom ou qualquer bijuteria. Sua clientela é a maior entre todas as outras prostitutas no “largo”. Por isso comenta que, as “outras ali têm inveja dela porque fatura alto”. Também não tolera bagunça, bebedeira ou cliente mal educado. Com Martina, sua relação é de amizade. Insistiu que Martina conversasse com a gente porque “Não tinha nada a ver responder as perguntas!”.

Raquel tem clientes fixos de 15 anos e conta que o mais antigo era um viúvo, funcionário de uma empresa estatal, mas que agora casou e ela não o vê mais. Não faz mais programas fora dos dormitórios. Antes ela ia para os motéis, mas hoje tem medo, pois “nunca se sabe!”.

Nos programas, ela não tira o *soutien*, e diz que a maioria dos seus clientes são aposentados e querem “punheta”. A negociação do valor do seu programa começa em vinte reais, uma vez que, no “largo”, o usuário dos serviços sente-se livre para barganhar um menor preço pelo programa, pois ele não é “tabelado”, como foi visto no arranjo entre Denise e Ivone da “Conselheiro”.

Para Nádia, o pagamento mínimo é de vinte reais por um serviço, mas o cliente pode oferecer mais, a partir do que for oferecido no quarto. Se for bem tratado pela profissional na execução de seu ofício, se gostou do serviço, este valor ganho pode aumentar.

Este é um fenômeno de negociação de papéis e funções sociais, reunindo as profissionais a seus clientes, de difícil compreensão, pois quando perguntava a Nadir quanto era o programa ela me dizia: “Ah, tem cliente que me dá R\$ 50,00, outro me dá R\$ 80,00”. Mais adiante no campo, percebi que a negociação é a partir de um valor fixado.

No sentido dado por Foote-Whyte (2005) em relação a prestígio, preciso esta noção a determinadas mulheres na interação entre estas redes, algumas ali possuem maior prestígio pelas parceiras de *métier*, como no comentário de Nádia, quando perguntei onde estava Raquel: “Uh!!! Ela sai muito.... Tem cliente todo dia...”. Demorei a perceber quem era Raquel e também para reconhecê-la na praça.

Mais tarde, após conhecê-las, aprendi que entre Raquel e Nádia, nessa rede da Alfândega, havia uma diferença na postura do “ser prostituta”. Elas batalham no mesmo espaço e possuem basicamente a mesma trajetória (ambas começaram na praça XV), mas hoje, mesmo compartilhando o mesmo lugar, estão em regiões morais distintas.

Foi no “tempo de ficar ali” que observei algumas micro-regiões morais, calcificadas no espaço da praça, e que distinguiam Nádia versus Raquel. E num conflito silencioso de negociação da atividade, ao seguir uma espécie de “estatuto da profissão” (MATHIEU, 2007), em que umas são mais profissionais que outras, que percebi que determinadas mulheres possuíam um desempenho do ofício que lhes permitia angariar certa autoridade perante as colegas. Uma autoridade a partir da antiguidade no lugar, da manutenção de uma clientela fixa, ou ainda (somando estas duas), uma discricção na prática, que resultava numa posição diferente frente às demais colegas do *métier* que ela reúne em torno de si.

Portanto, estas pontuações insinuam que, na Alfândega encontra-se uma hierarquia mais difusa de controle do espaço, diferente do encontrado entre as mulheres da “Conselheiro”, e que este controle passa pelo crivo de Nádia e de Raquel.

No que se refere às normas de comportamento que estruturam o fluxo das relações sociais no interior da rede, Nádia assume mais riscos do que Raquel. Ela tem um namorado/cafetão, não possui restrição de

horários e é ali ,na Alfândega, que se acomoda no destino de ser prostituta.

Embora, na opinião de outras redes sociais de profissionais que freqüentam o “largo”, Nádia não siga a cartilha da boa prostituta, ela angaria entre as colegas um reconhecimento em razão de sua antiguidade – geracional – (também pela sua simpatia e cordialidade no trato com as demais), criando-se, assim, entre a sua rede social e as demais, um arranjo paralelo de hierarquias horizontais e verticais (LOMNITZ, 2001) entre elas.

Aparentemente o trabalho das profissionais do sexo na “Alfândega” parece se dar de forma aleatória e isolada, o estudo da rede social que tem Nadia como Ego revela bem ao contrário, com mulheres atuando em parcerias tal qual Raquel e Martina ou de Raquel e Nádia, sempre na modalidade diádica. Visto sob o ângulo exterior às redes as quais pertencem, como nos informam Nadia<sup>185</sup>, Betina, Zeila<sup>186</sup>, isto é, sobre as demais “outsiders” se dissemina o valor da competição acirrada na disputa pelo cliente.

Como elas repetem frequentemente, “é cada uma por si”, ficando por vezes a impressão de que é o cliente que tem o poder de barganhar o preço cobrado, dependendo dele a queda no valor dos serviços prestados. A competição do “livre mercado”, segundo afirmam, é que determina o preço do serviço. Além dessa lógica de mercado, a rede das profissionais de Nádia afirma que quanto maior for a oferta de programas, menor é o valor atribuído ao serviço prestado pelas profissionais, sendo fundamental, no caso, oferecer um trabalho diferenciado das demais colegas de profissão para “pegar” o cliente.

Descrito como uma espécie de “estado de natureza”, o comércio sexual no “largo” acirraria, assim, imagem da competição entre as profissionais a partir da idéia darwinista da seleção das espécies, vigorando, no fundo, a idéia, de que sobrevive o mais apto, o melhor da espécie; de que vença o melhor! Um bordão que é empregado internamente pelas profissionais que atuam nas redes sociais de

---

<sup>185</sup> Nádia me falou que sua negociação começa em R\$ 20,00. Ela faz programas fora dos dormitórios, vai até a casa de clientes. Não faz programas com homens muito sujos.

<sup>186</sup> Zeila tem clientes fixos, não disse com quem não fazia programas, mas criticou Betina por ter saído com um bêbado como no seguinte extrato de campo: “Zeila pergunta onde ela (Betina) está digo que ela saiu com um rapaz de braço dado, e acho que eles foram pra o Cruzeiro, fazer um programa. Ela se indigna diz que o tal rapaz estava caindo de bêbado e que vai enrolar a Betina e de novo repete ‘todo mundo faz ela de boba, todo mundo a enrola por ali!’”

prostituição do “largo” e explorado pelas demais que estão afastadas deste território de disputas. A rotatividade do comércio sexual na Alfândega é apontada, por aquelas que não atuam nesse território, como resultado de que ali “na Alfândega tem um monte de mulher, mas só mulher feia.”

Entretanto, desfazendo-se mitos, no estudo da rede social de Nádia em particular, observando a rotina de Raquel, verifiquei que o contato com os clientes é sempre feito com certa antecedência, através do uso disseminado do celular entre elas. Interpelada por mim sobre como ela (Raquel) fazia os contatos com os clientes antes do celular, ou na sua ausência, ela responde: “é tudo por sinal, usa a cabeça e também não andamos juntos”. Ela se refere ao fato de que, na “Alfândega” ela senta sempre com a colega, Martina, num lugar mais afastado do vão do Mercado. Quando ocupam uma das mesas de quatro pessoas, as duas sentam-se, “voltadas com o tronco para frente”, conversando, mas

sempre segurando o celular e a bolsa.

Martina, colega de Raquel, me diz que prefere ficar naquele espaço discretamente, porque não “era da bebida”, numa clara alusão às outras “outsiders” que batalham no vão do mercado e que às vezes, costumam



Imagem 31 – Bancos do largo da Alfândega (Arquivo pessoal, 2008)

dançar e beber cerveja ali mesmo. Muito significativo é o fato que Martina ressalta, de que mantém uma relação cordial com todas ali, segundo ela “respeita todas que batalham ali”, ratificando as propriedades normativas dos códigos ético-morais de solidariedade, instituídos por Nádia no interior de sua rede social.

No entanto, são outros os arranjos que unem, no interior da rede social de Nádia e Raquel, os laços sociais laterais entre Zeila e Betina e, também, entre Betina e Nádia.

Zeila tem 44 anos, é branca, católica, a mais bonita de todas, sempre muito arrumada, com brincos e roupas que combinam. É divorciada, mas foi casada por dezessete anos. Foi com seu ex-marido que aprendeu a administrar seu dinheiro. Mora na cidade de São José (Grande Florianópolis) e tem um filho e um neto de 8 anos, ambos morando em Blumenau/SC.

Costuma confrontar os códigos de conduta da rede social onde atua no comércio sexual. Diante das demais colegas, e o rótulo de que no “largo” “só tem mulher feia” Zeila marca presença, o que tende a intimidar as demais, em particular Betina.

Obviamente, nem Raquel nem Nádia sentem-se intimidadas pela colega, tendo em vista a própria divisão de poder que as reúne no sistema organizacional do trabalho do comércio sexual da “Alfândega”.

Zeila, por seu turno, sempre aproveita a oportunidade para falar mal das “mulheres da Alfândega” que sustentam os maridos, vistos por ela como “exploradores”, numa clara provocação à condição de Betina e de Nádia.

Nas disputas de poder pela centralidade, Zeila explora os seus contatos laterais, advogando que sejam elas, as profissionais, a explorar seus clientes, num claro confronto com o controle normativo pactuado no interior de sua rede social. Exemplos disso é a disputa com Nádia e Raquel, o status e prestígio obtido através da antiguidade no “ponto” e suas experiências na carreira, ao afirmar que o “velho” com quem está há mais de oito anos, já havia passado tudo para o seu nome e quando ele morrer poderá, então, usufruir de outra condição de vida.

Foi com Zeila que me atritei durante meu trabalho de campo e que denominei, jocosamente para mim, de *affaire* da Alfândega. Zeila constantemente me ameaçava através de recados que chegavam aos meus ouvidos de forma indireta, seguindo o fluxo democrático dos fuxicos, fofocas e mexericos das “mulheres do largo”, em razão dos contatos laterais que elas mantêm entre si.

O recado era sempre o mesmo: Cuide-se “umas e outras aí querem te pegar”. Circulando nas zonas mais periféricas da rede social ancorada na figura de Nádia, e na dupla formada por ela e Raquel, Zeila pouca interação mantinha com ambas, adquirindo poder nas franjas dessas redes, como no caso das neófitas, eu e Betina.

Uma situação de hostilidade que evidenciava, entretanto, o grau de flutuação das cadeias relacionais no interior das redes sociais de

prostituição denominadas de “mulheres do largo” e a formação de seus territórios sociais no comércio sexual.

Nas constelações de papéis forjados na batalha da rua, Betina e eu éramos consideradas, até certo ponto, “peixe fora d’água” por algumas “outsiders” que ali realizavam seu trabalho.

Eu, uma mulher de classe média, com curso superior, “bem de vida”, gastando o meu tempo num trabalho, até certo ponto, fútil, pois o seu produto em nada mudaria a vida para elas; e Betina, “menina mimada” que por brigas infantis com a família de origem e o namorado, e alegando “não ter onde morar”, decide, sem ter muitas razões, “cair na vida” e ocupar o espaço de trabalho das demais mulheres no “largo”.

Betina, sem se dar conta, desafia o consenso normativo do comércio sexual e os fundamentos da profissão. Sem a solidez do apoio de uma madrinha, sem domínio algum dos repertórios de comportamento e dos papéis institucionalizados nas redes sociais, e sem contar com o auxílio da malha de relações de parentesco que apontam para o comércio sexual como uma espécie de “tradição familiar” para o gênero feminino (mãe, sogra, cunhada, irmã, etc), Betina não dispõe de experiências a serem mobilizadas para a carreira de prostituta.

Conheci Betina quase recém chegada ao “largo”: pele manchada pelo sol, olhos claros, uma figura totalmente despojada diante da imponência de Zeila. Não usa batom, brincos ou qualquer adereço. Sua roupa é surrada e usava sandálias marrons empoeiradas, com meias. Ela tem mau hálito. A fala é mansa e ela é muito tímida. É separada e mãe de uma filha. Betina entra no comércio sexual após 18 anos de casamento.

Na batalha da rua não carrega nada consigo, tendo apenas os bolsos das calças para guardar suas coisas. Diante das colegas, Betina aparenta ser alguém que vive em condições de vida precárias (apesar de ouvir histórias que dizem o contrário). No trato com seus clientes (na época muito poucos) não costuma usar o celular. Numa situação fragilizada em relação às colegas de trabalho, Betina angariou a simpatia de Nádia que tenta desempenhar a função de madrinha, atenta aos ritos de iniciação da neófita na carreira de prostituta, Despojada de experiências sociais na aprendizagem do ofício, Nádia se esforça para ensiná-la “a combinar o serviço e cobrar antes.”

Longe de Nádia, Betina costuma permanecer sozinha no “ponto” a procura de seus poucos clientes. Uma carreira difícil, de iniciação tardia, conduzida pela expressão usual de “não ter onde

morar”, resultado dos conflitos com seus pais. Betina nunca havia trabalhado na vida, sempre viveu “dentro de casa”. Para ela, a prostituição de rua foi uma escolha possível numa trajetória social no interior da cidade de Florianópolis, onde nasceu e se criou. Longe da casa dos pais, casamento desfeito e com uma filha na época de meu trabalho de campo, Betina vivia um conturbado romance com seu namorado, e assim, “escapava do namorado” indo para a casa dos clientes “até se arranjar”<sup>187</sup>

Betina, neste sentido, se afasta das experiências de vida de suas colegas de trabalho no interior da rede social de Nádia, as quais costumam ter mais liberdade e autonomia no exercício da profissão. Ainda que tenham seus namorados, gigolôs e cafetões, criando, entre eles e as “mulheres do largo”, constantes áreas de atrito, a flutuação das redes, por suas formas e propriedades (em razão da densidade e intensidade rarefeita no espaço da “Alfândega”), não lhes permite um total controle da prestação de serviço das profissionais.

Assim, por sua condição social “diferenciada”, Betina (a possibilidade de ter a casa paterna como uma forma de escapar da rua) não consegue angariar a cumplicidade das demais, à exceção de Nádia. Segundo Zeila, ao se valer da expressão “não ter onde morar”, Betina vulgariza a condição precária de vida de suas colegas de trabalho, sendo, por isso, hostilizada pelas demais<sup>188</sup>.

Para complexificar o fluxo das relações sociais em torno de Betina, a condição de vítima que ela transpõe, para o caso de “amor bandido” entre ela e seu namorado, era fator de irritação entre suas parceiras de trabalho:

---

<sup>187</sup> Betina entendia esta situação como provisória.

<sup>188</sup> O “*Não ter onde morar!*” É outra proposição definidora que percorre toda a rede social (de Márcia, GAPA; Denise, Conselheiro e Nádia, Alfândega), o fato de ter uma casa (independente se é cedida como no caso de Silvia e - por certo período - Nádia ou mesmo alugada ou com a mãe como no caso de Lúcia) as localizam hierarquicamente numa boa posição, pois que aquelas que não têm onde morar (nem um suporte familiar) informam as suas colegas que não são competentes em organizar o dinheiro que ganham, ou mesmo pouco hábeis na manutenção de suas relações, portanto se colocam num lugar frágil na hierarquia da prostituição. Foram muitas as narrativas que demarcam o prestígio da propriedade de uma casa: “minha casa é uma casa de boneca!” ou “tenho a geladeira cheia e como do bom e do melhor!” (Zeila, Alfândega); “(...) Daí comprei uma casa lá... nunca fiquei sem casa...” (Nádia, Alfândega); “Com o dinheiro construí a minha casa, meus filhos moram comigo....” (Raquel, Alfândega); “Às vezes eu olho pra trás assim e vejo tudo que eu tenho dentro da minha casa e ah... eu tenho bastante conforto, tenho tudo....” (Denise, Conselheiro); “Quero fazer uma casinha boa ali no Mocotó, fazer uma casinha decente, por que a minha...” (Márcia, GAPA).

Nisso estávamos ali as três conversando passa o namorado de Betina que vem olhando pra ela.... ela fica nervosa, ele então dá um tapa na bunda dela, ela fica mais vermelha, quando ele volta, cochicha (nós ouvimos) que vai estar em casa a noite. Ela fica nervosa e ri bastante, na verdade rimos as três. As sacolas dela estavam com o *cara do folheto*, um senhor que entrega folheto no centro da cidade, parece que ele não dorme com nenhuma ali da *Praça*. Que ele gosta dela, mas ela não gosta dele e segundo a própria: “A gente sempre gosta de quem não gosta da gente!” Tinha dormido na casa dele e ia lá pegar as coisas. (Diário de Campo, junho de 2007)

Zeila me confia que as outras dali não gostam de Betina, tendo atribuído a ela o apelido de múmia<sup>189</sup>, afinal, para todas, ela tinha uma opção, tinha para onde ir<sup>190</sup>, mas o que ela queria mesmo era “ficar na rua.” Ela própria havia lhe oferecido uma peça de sua casa para morar (ela construiu uma quitinete atrás de sua casa para alugar), mas Betina recusou. A adoção de Betina por Nádia era, certamente, a garantia de sua segurança entre as demais mulheres que atuavam no “largo”. Nos últimos dias de campo, passando à noite pelo “ponto”, encontrei Betina<sup>191</sup> que estava feliz, pois tinha feito alguns programas e carregava para casa um pacote de pão.

A rede social de Nádia e Raquel possui uma conexão (BOTH, 1976, 76) com a rede de Denise e Ivone (Conselheiro). Nádia, Ivone e Denise se conhecem por conta do exercício da prostituição de rua, compõem-se como uma rede de malha frouxa, portanto, entrelaçadas em outras redes (de clientes conhecidos da rua). Ainda, ambas as redes têm, nos poucos dormitórios do centro, um denominador comum: os preços cobrados podem ser diferentes, mas os programas são realizados praticamente nos mesmos lugares. Como mencionado em

---

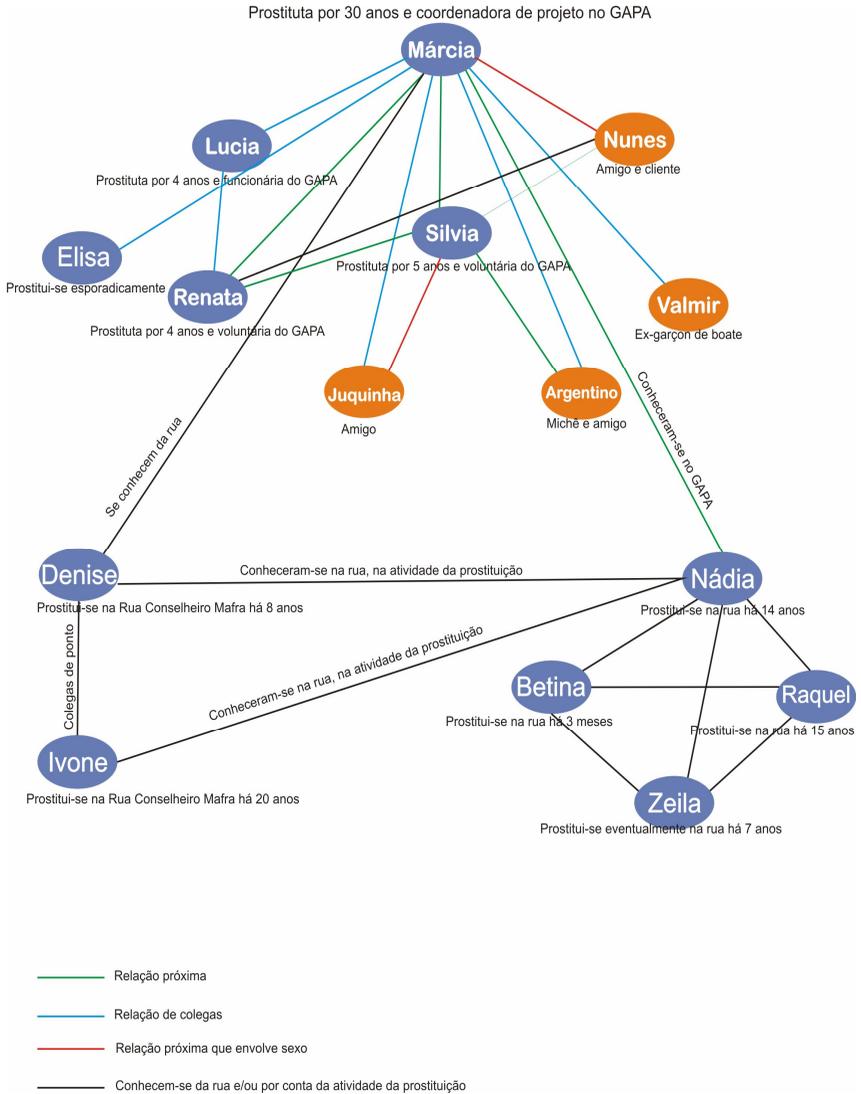
<sup>189</sup> Múmia, porque sempre ficava em pé parada com os braços cruzados. Não conversava com ninguém, não tentava se *enturmar* com as outras ali

<sup>190</sup> Segundo Zeila, as outras a acusavam de ter casa e comida (*a casa de seus pais com um quarto só para ela!!!*), que a família tinha condições de sustentá-la, seu pai tinha uma boa profissão, era taxista no centro da cidade, e, portanto, ela não “teria motivos” para ficar ali. Também porque ela cobrava um preço muito baixo, o que era um problema para as outras.

<sup>191</sup> A última informação que tive de Betina foi por meio de Nádia (dezembro de 2009), que disse: “Betina tá batalhando lá na rodoviária”.

Araújo (2006, 13): “A vida de um grupo de mulheres que vivem da prostituição se interliga, de muitas formas, com a vida da cidade – ou, de modo mais, específico, com a região da cidade em que exercem seu ofício”.

Conforme procuro revelar ao longo deste capítulo, a prostituição não abarca, assim, uma pré-disposição psicológica para a “carreira desviante” (BECKER, 2008). Ao contrário, revela a relação de um dado indivíduo com esta modalidade de trabalho ao longo das experiências sucessivas no contexto das grandes metrópoles contemporâneas, fruto de sua inserção nas redes sociais de profissionais do sexo que nela existem, das interações sociais que dela decorrem e, por meio das quais, aprendem seus saberes e fazeres (DE CERTEAU, 2000). Finalmente a rede social completa na página seguinte.



**PARTE III**

**PRÁTICAS SEXUAIS E CORPORAIS NA METRÓPOLE  
CONTEMPORÂNEA**

## CAPÍTULO V

### A VIDA DANDO GIROS TRAJETÓRIAS SOCIAIS, ITINERÁRIOS URBANOS E CENAS DA VIDA COTIDIANA

*Eu comecei na Alfândega, mas daí eu vim  
vindo, vim vindo e tô aqui (na Conselheiro) faz oito  
anos, já....*

(Denise, Maio de 2007)

#### 5.1 - Introdução

Início este capítulo com reflexões mais amplas em torno das trajetórias sociais e dos itinerários urbanos das minhas três principais interlocutoras de pesquisa, no que tange suas carreiras na profissão de prostituta. São elas: Márcia, Denise e Nádia. Relatos paradigmáticos de muitas outras histórias ouvidas durante o trabalho de campo, enquanto acompanhava o dia-a-dia do comércio de rua na área central de Florianópolis.

Como já referido no capítulo anterior, o comércio sexual na Ilha de Santa Catarina concentra-se, ainda nos dias de hoje, próximo às portas da cidade, ou nas suas vizinhanças. A dimensão urbana da prostituição e a figura da prostituta podem ensinar muito ao antropólogo sobre a estética de uma cidade. O centro de Florianópolis é um desses bairros que carregam histórias de prostitutas, encarnando suas virtudes e defeitos.

E a figura da prostituta encontra-se neste cenário urbano com suas casas de “rendez-vous”, antigos cabarés sofisticados assimilados às funções sociais dos homens afortunados e notáveis da cidade (com seus jogos de cartas, licores, diamantes e perfumes). Assim, passamos a uma outra face mais simples e humilde deste cenário, em quartos de prostíbulos ordinários, nas “casinhas” de porta e janela, ambientes coloridos e ruidosos, em que não se pode negar que a figura da prostituta e o universo da prostituição na área central da Ilha de Santa Catarina, revela o esforço de homens e mulheres comuns pela conquista da cidade.

P. Sansot (1988:216-217), em um ensaio sobre o “encontro com a prostituta” nas ruas de uma grande metrópole, nos convoca a pensar as associações, no plano do imaginário, entre a cidade e a figura da

prostituta, entre “penetrar a cidade” e “penetrar o corpo da prostituta”. Para o autor, a topologia do encontro de Eros com a cidade e suas entradas (portos, rodoviárias, estações de trem e metrô, etc.) não se dá ao acaso. É através dos bairros, onde se encontra o comércio sexual, que o estrangeiro (turista, imigrante, migrante, etc.) chega até a cidade, à conquista do corpo das mulheres públicas. É sua primeira forma de conquista da cidade, pois adentrar no corpo das prostitutas é, assim, adentrar na cidade como se ela fosse “a grande vagina do mundo” (SANSOT, 1988:220).

No encontro do homem comum com a cidade, através da figura da prostituta, o ato sexual tem uma dimensão ambígua, ao mesmo tempo em que marca um território, também lhe permite ultrapassar suas fronteiras. Ou seja, para o autor, é na boate, nos *night clubs*, nos motéis e, finalmente, no quarto da prostituta, junto ao seu corpo, que o homem comum angustiado, e por vezes aterrorizado, recém chegado a uma grande metrópole, costuma ganhar segurança e confiança para vencer o seu medo da “cidade grande”.

Assim, os bairros em que a figura da prostituta se revela personagem central são as regiões onde o estrangeiro poderá deslizar para o interior das grandes cidades, sem que essa possa se defender contra a invasão de suas fronteiras.

Nas modernas sociedades complexas, tidas como ambiente do anonimato e do desconhecido e caracterizadas pelo movimento da multidão nas ruas, a aproximação com a figurada da prostituta coloca o homem simples, um homem do povo à deriva, em contato com o mundo do poder e dos negócios.

Permite-o a penetrar no interior de uma cidade, aproximando seus extremos. No imaginário da cidade moderna como de uma “selva de pedra”, a figura da prostituta se revela de carne, sangue e ossos. Vivendo num meio sujo e impuro, ela pode curar, é uma “santa oculta”. Ela pode redimir os pecadores de suas penas e sofrimentos.

Por outro lado, ela é a mulher “devoradora de homens”, cínica, frívola, a vadia. Quanto mais os poderes encarceram o comércio sexual, restringindo-o a determinadas zonas da cidade, mais ela aparece em todos os lugares, separada do resto da cidade. A personagem da prostituta se torna, para a cidade, uma obsessão. A figura da prostituta como uma injúria e uma acusação se esconde, assim, no corpo de cada mulher à espera de ser revelada e acusada.

Gilberto Velho (1999), ao discutir os conceitos de “projeto de vida” e “campo de possibilidades”, insiste que não é possível se pensar um projeto individual “puro”, sem uma referência ao outro ou ao social. Esse capítulo se pauta, assim, por uma descrição densa das experiências socioculturais, dos códigos éticos-morais e das interações sociais interpretadas por minhas interlocutoras de pesquisa, quando convidadas a refletir sobre sua biografia no comércio de prestação de serviços sexuais nas ruas de Florianópolis.

A prestação de serviços sexuais e seu campo social esta associada a outras formas de trabalho nas modernas sociedades urbano-industriais, a outras relações de compra e venda de mercadorias e trocas comerciais e financeiras. A figura da prostituta como algo que se compra e vende e cujos serviços sexuais se trocam por dinheiro é, assim, pensada nas relações que a cidade - aberta em seu centro, em seu ventre - estabelece com as mercadorias que ela produz, as quais passam de símbolos a objetos simbolizados e, prostituindo-se, encontram-se disponíveis para as mais variadas posses, passando de mãos em mãos (SANSOT, 1988: 224-225).

Neste sentido, é necessário pensar a cidade de Florianópolis para além dos seus monumentos e de seus bairros charmosos. Os bairros degradados e seus habitantes, geralmente homens e mulheres simples “do povo”, classificados por seus prazeres e vícios, seus amores e paixões, boas e más ações, remetem, assim, à idéia da “selva de pedra” das paixões humanas, devolvendo à cidade democrática as diferenças que são mascaradas, muitas vezes, por seus discursos homogeneizadores.

Sendo assim, ao tratar das biografias de mulheres na prostituição, filio-me aqui às reflexões que A. L. C da Rocha (1995:113) sobre a presença arcaica do orgiástico no coração das cidades tropicais, como parte integrante da configuração da memória de seu corpo coletivo e dos vínculos societais que elas engendram, e não como “sobrevivência cultural” do hedonismo pagão ou do cristianismo mestiço, associados às origens patriarcais e coloniais.<sup>192</sup> Desse ângulo, a prostituição na área central de Florianópolis revela a expressão simbólica dos arranjos sociais que ali foram sendo depositados por sua comunidade urbana,

---

<sup>192</sup> A referência aqui é o artigo de minha orientadora, *A irracionalidade do belo e a estética urbana no Brasil*, publicado em *Territórios do cotidiano, uma introdução a novos olhares e experiências* e organizado por Z. Mesquita e C. R. Brandão, Porto Alegre/Santa Cruz do Sul, Ed. Da UFRGS/Ed UNISC, 1995, 11-133.

atribuindo-lhe uma feição especial, segundo os diferentes estilos de prestação de serviços sexuais que ali se enraizaram.

Os espaços de prostituição e suas formas de trabalho são, assim, espaços humanizados, criados segundo dispositivos específicos, associados às práticas do sexo mercantil ao longo do tempo nas cidades brasileiras e tendo como origem a pertença ao trajeto das sexualidades nas sociedades ocidentais.

As histórias ouvidas durante o trabalho de campo me auxiliaram, neste ponto, a dimensionar o lugar da memória coletiva e das suas redes sociais de transmissão de seus saberes e fazeres na ordenação da experiência de trabalho na prostituição. Práticas sexuais e corporais que se manifestam em estilos distintos, segundo as nuances de suas formas, os valores e os ritmos de se atuar no comércio sexual e de suas modulações estéticas, que fazem com que algumas profissionais compartilhem, entre si, o sentimento de pertença a uma modalidade de trabalho dentre outras à sua disposição<sup>193</sup>.

## 5.2 - Márcia e os sonhos de uma cortesã, o circuito das boates

Conheci Márcia como membro atuante do Grupo de Apoio à Prevenção da AIDS, GAPA, no início de uma pesquisa que coordenei sobre doenças sexualmente transmissíveis e que desenvolvia em 2002. Cabelos loiros e ondulados na altura dos ombros, 1,65m de altura e usando óculos. Ela se veste de maneira informal e prefere vestidos de modelo comprido e muito coloridos, e adereços artesanais num estilo despojado, *hippie*. Carrega sempre uma bolsa pequena transpassada no ombro, na diagonal, que, em certas ocasiões, substitui por uma pochete, onde carrega o celular, a carteira, e os passes de ônibus.

Márcia tem 54 anos e construiu sua carreira, como profissional do sexo, em boates e prostíbulos durante quase 30 anos. Diferente de seus outros colegas de profissão, vinculados a rede social do GAPA, em Florianópolis, ela não mantinha laços estreitos com sua família de

---

<sup>193</sup> A inspiração é a tese de doutorado de ALC da Rocha, *Le sanctuaire du désordre, l'art du savoir-vivre des tendres barbares sous les Tristes Tropiques*, tese de doutorado, Paris V, Sorbonne, Université René Descartes, 1994, e na qual a autora a partir dos conceitos de pernalidade étnica e de comportamento estético de A. Leroi-Gouhran, *Le geste et la parole*, Paris, Albin-Michel, trata da 'harmonia de formas e timos que configuram o corpo coletivo « mestiço » do Brasil colônia' e do qual se origina um estilo dotado do valor próprio que impregnará a totalidade das formas de vida social no país, em especial as lendas e histórias onde persevera o simbolismo da abundância, do hedonismo, do orgiástico, do excesso.

origem, não participando de seus rituais ou festas. No início de nossos contatos, ela foi sempre muito calada e tímida. Mas, ao mesmo tempo, revelava um grande envolvimento com as atividades da ONG e estava sempre disponível para as nossas demandas. Márcia foi muito prestativa durante o trabalho de contato com as outras profissionais do sexo, muitas das quais, que conhecera na batalha das ruas.

Na instituição, ela estava sempre por perto ajudando as pessoas que apareciam por lá, espaço ao qual se dedicava já havia alguns anos. Estava sempre envolvida em uma série de atividades, dentre elas, os cursos de artesanato. Com ela mantive um contato regular ao longo da pesquisa e, depois de sete meses, já conversávamos regularmente com razoável intimidade e cumplicidade. Ao retornar ao campo para minha tese de doutorado, após quase três anos do término da pesquisa, reencontrei Márcia, agora numa outra posição. Ela havia conquistado um lugar de maior prestígio e por vários motivos, não apenas em função da antiguidade de atuação dentro da instituição, mas porque havia demonstrado, ao longo dos anos, uma grande capacidade de articulação política.

Márcia mora em casa que lhe é própria e a divide com um grande amigo e companheiro de todas as horas, Nunes, que costuma freqüentar sua casa quase que diariamente, é o companheiro mais presente. Possui uma casa locada num terreno que pertence a sua família de origem, num bairro popular no Norte da Ilha, e com a qual mantém relações marcadas por abusos e violências. Sofreu tanto com agressões físicas, como também teve sua casa constantemente sujeita a arrombamentos e depredações.

Por esses motivos, Nunes passa mais tempo com Márcia do que com seus familiares. O laço que une ambos é bastante sólido, sendo que, muitas vezes, Márcia comentava ser, essa situação, cômoda, afinal, tinha alguém para cuidar da sua casa quando ela não estava, considerando que não acha, o morro onde mora, seguro, em razão do tráfico de drogas que ocorre no Morro do Mocotó, que fica próximo ao local de sua residência.

A comodidade alia-se a economia de ter alguém com quem dividir os gastos domésticos de luz, água e da “venda”, além de ajudá-la a consertar um muro que, na ocasião da pesquisa, ainda não havia terminado de construir. Na descrição dos laços que os uniam, Márcia admitia que, as vezes, prestava serviços sexuais ao amigo, afinal, segundo ela, ele fazia uso regular das profissionais do sexo 'da

Conselheiro' e pagava por isso. Sendo ela uma profissional, poderia muito bem lhe oferecer este serviço e receber também por ele.

Assim, ao entrar na instituição percebi que algumas modificações tinham ocorrido. Por exemplo, a sala de recepção que antes era um local escuro e vazio, semelhante a um depósito, com caixas estocadas num canto, tapete puído e sujo com a poeira da rua, agora dava lugar a um balcão de recepcionista, daqueles que somente a cabeça da pessoa fica visível. Esse era o lugar das conversas informais, dos bate-papos íntimos, um espaço que estimulava o compartilhamento dos pequenos segredos.

As pessoas que ali se instalavam ficavam distantes dos olhos e dos ouvidos de quem passava, e, também, dos próprios membros e ativistas da ONG. Ao chegar, reconheci imediatamente Márcia atrás da mesa da recepção, atenta ao movimento de quem entrava e saía da instituição, que era intenso e constante. Tempos depois me contou que a aproximação mais intensa e estreita com o GAPA aconteceu quando descobriu que era soropositiva.

Portanto, Márcia tinha assumido um papel relevante tanto de liderança no campo social do comércio sexual de Florianópolis, quanto para a ONG/GAPA, pelo contato que possuía com toda uma rede de profissionais do sexo, as quais também eram, como ela, portadoras do vírus HIV. Ela era a responsável pela adesão ao tratamento através de uma rede de solidariedade, a qual era responsável por alimentar dentro dos programas e ações da instituição. Márcia se apresenta como alguém que tem muitas histórias para contar *mesmo que hoje a situação seja bem diferente, com as mulheres conhecendo seus direitos!* (Extrato de entrevista de Márcia).

Com ela realizei onze entrevistas, todas gravadas, dentro e fora da ONG/GAPA, e visitei, também, seu antigo local de trabalho, onde atuou como profissional por mais de sete anos. Na época, o GAPA firmava-se como um importante espaço de sociabilidade de Márcia,<sup>194</sup>.

Márcia nasceu em Lages/SC, mas veio ainda criança, com sua família de origem, para a região metropolitana de Florianópolis, quando o pai, funcionário do DNER, foi transferido, para trabalhar no término das rodovias que ligavam a capital ao interior do estado. Na história

---

<sup>194</sup> Em visita seguinte, iniciei uma série de entrevistas com esta interlocutora, momento em que ela inicia sua narrativa de trajetória de vida, que se sucedem em aproximadamente 11 entrevistas formalmente gravadas dentro e fora da ONG/GAPA, quando visitamos um antigo local em que se substituiu por sete anos.

familiar, conta ela, que o seu pai, instalado, morando com mulher e filhos e numa situação de vida razoável, se apaixonou por uma prostituta. O desfecho dramático do caso foi a separação dos pais. A mãe, na tentativa de sobreviver, acaba distribuindo (FONSECA, 2006) ela e os irmãos entre os parentes:

Meu falecido pai, nós somos de Lages/SC. Mas meu pai trabalhava no DNER e ele veio fazer a estrada de Biguaçu/SC. Então eu era gêmea. Então nasci ali e meu pai arrumou uma profissional do sexo se juntou com ela e deixou minha mãe com sete filhos. Nós então fomos todos doados, um para cada tio. Quando eu soube da verdade eu tinha sete anos, eu me lembro. Minha irmã que é gêmea foi criada por um tio, eu fui criada com um outro. Até treze anos eu fiquei em Lages, na casa do meu tio, aí eles começaram a se aproveitar de mim, me batendo muito, me batendo, me batendo. De repente isso hoje, o que eu estava falando para você do problema nas minhas juntas, às cinco horas da manhã, a gente tinha que levantar, às sete horas já tinha que estar na rua vendendo flor, vendendo verduras, entregando leite, buscando vaca. (Extrato de entrevista, 2007.)

Passa um tempo e Márcia, já separada dos irmãos e da irmã gêmea, retorna a cidade de Lages/SC, indo morar com uma tia paterna, proprietária de um hotel, onde permanece dos 7 aos 13 anos de idade. Um momento de sua vida que Márcia relata como sendo penoso e sofrido, pois tinha que acordar às cinco horas da manhã para vender flores e leite no centro de Lages e, depois, retornar para ajudar sua tia com os afazeres do hotel, sendo que as punições e as surras eram uma constante:

Fui criada assim no serviço mesmo, se eu não fizesse, eu apanhava, tanto que eu apanhei. Ainda ontem eu estava lembrando, Meu Deus, será porque foi tanto que eu apanhei? Porque eles mandavam eu colocar minhas mãozinhas e batiam e batiam. Até os treze anos eu agüentei esta família, são meus tios mesmo, aí depois de treze anos meu pai me trouxe para Florianópolis, ele morava na Costeira do Pirajubaé, mas e a

madrasta malvada? Ela não nos aceitava. Ai ela não me aceitou, tinha um colégio aqui na Sagrada família de freiras, meu pai me colocou ali, falou com a freira e me colocou ali. E ali o que aconteceu comigo? (Extrato de entrevista, 2007.)

Com a união de seu pai com sua amante, Márcia volta à casa paterna. Mas sua adaptação à nova situação se torna difícil. Para resolver a situação do conflito doméstico entre a filha e a nova esposa, seu pai a encaminha para um colégio interno de freiras.

Segundo ela, como uma adolescente curiosa sobre a vida na cidade grande, da qual ouvira apenas falar na infância, ela foge na primeira semana para conhecer o mar. Este é o momento que Márcia relata sua iniciação nas praticas sexuais. Durante sua fuga para o mar, Márcia encontra um rapaz que lhe oferece cerveja. Ela aceita o convite e eles passam a beber. Ela apenas lembra ter acordado numa casa de praia no outro dia, com o corpo ensangüentado. Sem saber o que aconteceu, retorna ao internato:

Eu era inocente, naquele tempo a gente era inocente com treze anos, não era a idade de hoje. E bem inocente, eu queria muito conhecer a praia, eu lembro que eu tinha um vestido rosa de manga comprida, botei aquele vestido e fui naquela praia do Estreito. E cheguei naquela praia do Estreito, lembro daquele rapaz de cabelo crespo me olhava, me olhava e me chamou e me deu bebida, era cerveja. Quando eu dei conta, já era outro dia, estava toda suja de sangue para lá da praia de Canasvieiras, não tinha nada. Me acordei sozinha, fui estuprada, tinha um banheiro, tudo isso eu me lembro... tomei banho. (Extrato de entrevista, 2007.)

Ciente do ocorrido, a responsável pelo internato decide, com a autorização de seu pai, encaminhá-la para a casa de uma irmã em Curitiba, para Márcia trabalhar como empregada doméstica. Nova referência a outra iniciação sexual, na nova moradia, Márcia cumpre o destino de muitas “empregadinhas”, sendo estuprada pelo filho da patroa:

Quando cheguei ao colégio, a freira tava louca comigo e eu contei para ela. E sabe o que ela fez comigo? Me mandou para Curitiba para trabalhar

de doméstica na casa da irmã dela, chego lá e dentro de uma semana, sou estuprada de novo, o filho dela. Eu dormia fora da casa. Ele arrebentou a porta bêbado e me estuprou, de novo. Daí eu fugi. Fui embora para Lages de novo. (Extrato de entrevista, 2007.)

Ao longo de sua vida de trabalho no comércio sexual, Márcia casou-se duas vezes e teve três filhos: duas filhas do primeiro casamento, quando ainda morava em Lages; e um filho do segundo casamento, já morando na cidade de São José, próximo a Florianópolis.

Seu primeiro casamento ocorre quando ela retorna a casa paterna em Lages, após as duas experiências de violência sexual. Aos 18 anos, através da rede social de seu irmão, Márcia conhece seu futuro marido que trabalhava como guarda municipal e com ele tem duas filhas:

Cheguei em Lages/SC comecei a trabalhar com uma prima de doméstica e aí arrumei um casamento, onde nasceram Iara e Janaína. São duas filhas que eu tenho, uma de 35 e outra de 33. Só que esse meu casamento não deu certo, durou só seis anos. Bêbado, bêbado, bebia, bebia, bebia. Aquele tempo era boate, era puta, não era mulher, era puta... Eu casei com 18, fiquei com ele até 24 anos. Com 24 anos a gente se separou. E como ele gostava tanto de mulher... Meu irmão ia a Lages buscar mulher pegava meu marido e levava para a boate, passava quatro, cinco dias e não sabia se eu tinha o que comer dentro de casa ou se eu não tinha. Só que ele enchia aquela Kombi de mulher e ia... era uma espécie de tráfico de mulher. Ai o meu marido ia para ganhar um dinheiro, mas uma lata de leite para as filhas dele ele nunca deu. Ainda se achava, se achava o bom. Ele era guarda de trânsito naquela época, ele trabalhava no escritório do Cine Tamoio lá em Lages/SC hoje Marajoara. (Extrato de entrevista, 2007.)

A “vida dando giros”, e enquanto seu marido circulava pelas boates com mulheres, Márcia passava dificuldades em casa com suas duas filhas. Com o marido, a cada dia, mais ausente de suas funções de provedor, Márcia pede a separação após seis anos de um casamento:

Ficava quatro, cinco dias e não via que lá dentro da minha casa o pão de cada dia para mim comer. E eu ficava e eu sofria muito, eu vendia perfume, eu era vendedora da Cristian Grey naquela época, rodava Lages todinha...Quer dizer, ele ganhava bem, mas tudo que ganhava era para a putaria, falar bem no brasileiro, na putaria mesmo, botava tudo fora! Ai, eu não agüentei mais, ai sai. (Extrato de entrevista, 2007.)

É, assim, na condição de mulher casada, que Márcia adere ao mundo da prostituição e inicia sua trajetória individual na carreira. O contato com a família do ex-marido, em Lages/SC, assim como, com um de seus irmãos, com quem retoma o contato após a separação na infância, introduz Márcia no mundo das casas noturnas e das boates aonde ela é aos poucos inserida. A referência ao “tráfico de mulheres” insinua a presença de redes de prostituição, onde as mulheres eram agenciadas por alguns homens responsáveis por contatá-las, para logo depois, inseri-las no comércio sexual, obtendo, assim, lucros e dividendos.

Eu não tinha estudo, eu não tinha nada. Pensei, vou procurar uma vida mais fácil para mim também! Se é fácil ganhar dinheiro, também vou ganhar e já que ele me trocou! Aí eu peguei minhas duas filhas e entreguei para minha sogra e disse a senhora cuida delas, mas eu volto, pode cuidar, que eu venho dar assistência para elas. (Extrato de entrevista, 2007.)

Seguindo as normas familiares, ela deixa suas filhas sob a guarda da sogra e migra para a cidade de Guarapuava, onde seu irmão era proprietário de uma boate. Lá, aproveita-se da ausência dele e consegue uma vaga no local:

Eu saí da minha casa e eu fui pra Guarapuava/PR... Fui para a boate de meu irmão em Guarapuava/ PR.... Cheguei lá pedi um quarto, perguntaram quem eu era, eu disse:” Eu sou uma mulher daquelas que convidaram em Lages pra vir pra cá.... (Extrato de entrevista, 2007.)

Segundo relata, sua sogra, "macumbeira conhecida em Lages", conhecia perfeitamente o “ballet” das mulheres, contribuindo, inclusive,

para seu incremento, pois recebia muitas visitas de donos de boates e “fazia trabalhos” para o aumento da clientela destes estabelecimentos. Envolvidos nestas atividades, também estavam seu marido e irmão, que faziam o chamado “ballet”, que é uma espécie de circulação de mulheres entre as casas de prostituição. Esta circulação é necessária, tendo em vista que as mulheres novas são essenciais moedas de troca para manutenção da boa frequência dessas boates. Mulheres novas e jovens são sempre mais atrativas para os clientes. Portanto, a rotatividade é uma necessidade na sobrevivência destas casas.

Márcia então, quase sem querer - num acaso<sup>195</sup> -, é iniciada neste universo, mas sempre atenta para saber quem e aonde precisavam de “mulher”, como funcionava, quem eram os donos das boates e onde estavam localizadas estas casas. Inserida numa rede social onde o trabalho de prostituição aparecia como uma opção entre outras, decide ganhar dinheiro através da prestação de serviços sexuais. Assim, aos poucos ela constrói mentalmente uma espécie de mapa da prostituição no estado:

A primeira boate foi na boate do meu irmão, em Guarapuava/PR mesmo, enquanto que ele tava no hospital porque eles telefonaram pra Lages/SC, em Lages eu atendi, e eles pensaram que era minha irmã... mas como o meu marido, e o meu irmão, iam a Lages/SC com uma Kombi buscar mulher, tirava o pão de cada dia da minha boca e das minhas filhas, carregava o meu marido junto pro puteiro, falo bem mesmo puteiro...

Então fiquei lá em Guarapuava/PR, até que descobriram que eu era irmã do dono da boate, me tiraram na mesma hora de dentro, me trouxeram de carro até Curitiba/PR onde estava este meu irmão e pediram para dizer que eu não tinha ficado na boate, eu fiquei 15 dias na boate. Ganhei um monte de dinheiro, nunca tinha visto tanto dinheiro na minha vida! Mas eu não sabia nada, eu aprendi lá. (Extrato de entrevista, 2007.)

Portanto, Márcia se reconhecia neste universo, sendo rapidamente inserida na rede social localizada em torno da boate pela amante do irmão. Ela é a figura feminina responsável, concretamente,

---

<sup>195</sup> A propósito ver Peirano (1995).

por iniciar Márcia nas artes da prostituição (como fazer, o que beber, como, quanto e quando cobrar). Como ela mesma afirma: *eu não sabia nada, aprendi tudo lá*.

Importante assinalar que, no caso de Márcia e da maioria de minhas interlocutoras de pesquisa, as aprendizagens das artes do ofício nos moldes de suas redes sociais envolvem, direta ou indiretamente, parentes por afinidade (cunhada, sogra), ou por laços de sangue (irmã, irmão, mãe ou pai), ainda que elas atribuam o saber-fazer da prostituição à sua experiência face-a-face com seus primeiros clientes, segundo suas demandas/ensinamentos de prestação de serviços sexuais. O primeiro “programa” de Márcia é relatado como sendo lucrativo. Ela acorda pela manhã *nua e com muito dinheiro embaixo de seu travesseiro*: “A primeira vez eu não lembro, porque eu estava bêbada, sei que ele transou comigo por que eu estava nua e com um monte de dinheiro embaixo do meu travesseiro!”

O campo social da prostituição feminina e toda a sua complexa rede de trabalho conforma a experiência urbana de Márcia, construindo sua identidade feminina de prostituta no universo dinâmico e relacional que une, em diversos níveis e dimensões, sua condição de “mulher pública” ao universo da casa. Um fenômeno que se fará presente na biografia da maioria de minhas parceiras de pesquisa, obviamente, com matizes e nuances específicos de suas trajetórias individuais no campo social da prostituição:

Essa minha cunhada que era amante dele (o irmão), aí ela me ensinou, falou como era, que era a noite e era só para dançar e para beber. Ela disse se tu quiser beber guaraná, tu podes beber guaraná! Se tu quiser beber bebida tu podes beber, até que eu caí no *whisky*. Na primeira noite eu tomei um litro de *whisky*. Peguei aqueles de Laranjeiras do Sul/PR, aqueles da grana mesmo, usava só facão e revólver, um de cada lado. Eu nunca esqueço, ele perguntou para mim o que quê eu bebia, eu disse que tomava guaraná, ele disse assim: “Putá, vagabunda, toma é *whisky*, bota na mesa um litro de *whisky* aí porque ela vai tomar!” antigamente as profissionais tinham que fazer o que os homens queriam, hoje em dia não! (Extrato de entrevista, 2007.)

A entrada de Márcia na profissão revela, entretanto, escolhas no

interior de um campo de possibilidades, num processo intenso de negociação da realidade, envolvendo uso de drogas, bebidas, violência, abusos, brutalidade. É por onde orbitam os efeitos nocivos da “criminalização” do mundo da prostituição e a ilusão aparente da “grana fácil”, em oposição ao “trabalho pesado”.

(...) Meu irmão me mandou me dar dinheiro pra eu ir pra casa do meu pai aqui em Florianópolis.. eu não quis vir.... eu peguei o dinheiro dele eu queria ir pra uma casa que eu ouvia falar que era lá em São Francisco do Sul/SC, numa boate, que eu esqueci o nome dele... lá no centro espírita da minha sogra, que as mulheres iam lá, e ele (o irmão) também ia lá.... pra fazer trabalho pra chamar mulher, cachaça este negócio todo. (Extrato de entrevista, 2007.)

Em vários momentos de sua narrativa biográfica se torna evidente a ponderação de Márcia a respeito de seus objetivos em relação a profissão. Num primeiro momento, segundo seu relato, seu pai abandona sua mãe, ela e seus irmãos e irmãs para casar-se com uma profissional. Em seguida, seu marido (e sua família de origem) a introduzem no mundo da prostituição. Para depois, na figura de vítima deste universo (na condição de esposa e mãe) se aproxima de seu irmão, uma vez que ambos (seu marido e seu irmão consanguíneo) “traficam” mulheres para o comércio sexual.

Em cada um dos casos envolvendo uma figura masculina (pai, marido, irmão) temos uma figura feminina mediando sua entrada no campo social da prostituição.

A figura feminina da cunhada e o desempenho de Márcia na profissão é decisiva para a sua inserção na rede social de trabalho de comércio sexual, além daquela aprendida com o cliente, seja na boate (em termos das regras do decoro envolvendo as artes de sedução), seja na alcova (nas artes do sexo mercantil)

Segundo relata Márcia, o álcool, a dança e a música eram componentes das regras sociais e dos códigos ético-morais que envolviam a aquisição da competência nas artes da prostituição e no seu desempenho na vida noturna.

Neste sentido, pode-se observar, no relato biográfico, de Márcia um esforço para ajustar sua antiga visão de mundo aos novos padrões de

comportamento e conduta, com a passagem do papel social de mãe e esposa para o de prostituta, objetivando conciliá-las em termos de seus códigos éticos e morais. Na ótica de G. Velho (1999), sua trajetória individual no campo social do comércio sexual ganha consistência a partir das opções disponíveis que seu universo social lhe oferece, tanto no mundo familiar quanto no mundo do trabalho:

Vim para São Francisco do Sul/SC. Lá onde eu tinha ouvido falar, uma vez lá em Lages numa boate em São Francisco, que o homem andava atrás de mulher. Minha sogra tinha muitos filhos então era sempre muita gente, tinha muito conhecimento. Ai eu fui para uma outra boate. Então era assim, elas pegavam tudo quanto era gente, né... E as morenas pegavam muito no pé naquela época. Eu parava na porta. Tinha dia que fazia dez programa, quinze programa. E eu parava muito na porta! Naquele tempo eu era assim.... eu era nova não tinha a experiência que eu tenho hoje em dia, entende-se? Eu sei que hoje em dia.... Naquela época eu era uma abestada, uma boba, uma tola. É tudo ilusão, né? Mas a gente tinha os clientes, os fregueses, aqueles ali que chegavam. Era marcada hora e não podia ta com ninguém não... o bicho pegava! (Extrato de entrevista, 2007.)

Embora imagine ser o trabalho da prostituta um mero desregramento da carne, o que Márcia apresenta em sua narrativa biográfica é a aprendizagem cuidadosa das regras sociais que conformam o universo social das prestadoras de serviços sexuais em casas de prostituição e boates. Pouco à pouco, ela vai aprendendo todos os tipos de comportamento apropriado a elas, “especificando algumas ações como “certas” e proibindo outras como “erradas” (BECKER, 1977; 53).

Como neófito, Márcia permanece anônima, em Guarapuava/PR, trabalhando na boate do irmão e sendo assistida por sua cunhada, sem que ela e toda a sua rede saibam a sua verdadeira identidade. Empolgada com os ganhos no trabalho e decidida a seguir com esta carreira, parte em rumo à outra cidade, onde, ainda na casa da sogra, ouviu dizer precisarem de mulheres.

Novamente, a referência a outra figura feminina, a da sogra e de suas relações com cafetões, donos de boates e casas de programas, por meio de seus poderes religiosos como mãe de santo, arrecadando mulheres para o ramo da prostituição, para atender as demandas de seus clientes.

Márcia nos relata, então, que ao sair da boate do irmão naquela noite, vai diretamente para a rodoviária, onde compra uma passagem para São Francisco do Sul/SC, e onde o anonimato e a condição de estrangeira lhe permitia consolidar um projeto de vida e de trabalho no universo do sexo mercantil.

É no novo local de trabalho que ela recebe o nome de batismo na profissão – Márcia – que passa a usar ao longo de sua carreira, e usado aqui na tese com seu consentimento e solicitação.

É importante ressaltar que se trata de um ritual de agregação, de batismo na prostituição, algo que acontece no interior do círculo de mulheres que, na ocasião, trabalhavam na casa, com a presença da figura masculina protetora do dono da boate, que ao escolher seu nome, segundo conta, lhe dá um “banho de champagne”.

Num tom romântico, revela os significados estratégicos da morte da figura da mãe e da esposa, e do seu renascimento na figura da prostituta, como fundamental para acomodar sua trajetória de vida no interior de uma profissão marcada pelo estigma e pelo preconceito. O processo de “trocar de nome” ou ter um “nome de batalha” concilia, na mesma e única pessoa, papéis sociais distintos: a profissão no sexo mercantil, que transcorre nas áreas públicas; e as suas atividades no âmbito da vida familiar. Separam-se, assim, em tempos e espaços diferenciados, segundo códigos ético-morais que demarcam social e culturalmente suas fronteiras simbólicas de prostituta.

Na sua escala de valores, o codinome “Márcia” lhe permite negociar consigo, e com os outros, a sua identidade social de prostituta, separando-se de seu outro “eu”, quando se refere a si mesma, como mãe, esposa, ou, com o passar do tempo, avó. A troca de nome aparece no relato biográfico como uma tática (DE CERTEAU, 2000) inteligente de manipulação dos efeitos morais da prática do sexo mercantil em outras esferas de sua vida social. Revelando uma multiplicidade de referências para a construção de sua identidade individual, trata-se, para Márcia, de não poluir/contaminar as outras dimensões de sua vida, numa espécie de preservação de si diante da exposição que o desempenho na carreira lhe

exige. De forma astuciosa, ela engendra uma forma de não levar a rua para dentro de sua casa.

A partir de São Francisco do Sul/SC, acumulam-se relatos de boates e histórias, num desenrolar coerente no interior de um tempo pensado que, pouco a pouco, vai atribuindo sentido aos diversos instantes de sua experiência profissional no interior de uma trajetória de vida na “batalha”:

A gente chegava, batia na porta, eles olham a mulher primeiro, se ela é bonita. Porque eu estou com 54 anos, mas eu já fui uma gata (diz rindo), hoje eu estou gorda, mas antigamente, eu tinha o meu corpinho, bonitinho, era bonita. Aí eles olhavam, no caso deles, da prostituição, a mulher é quem bebe, a mulher tem que beber, beber bastante, para dar bastante lucro para a casa. Aí eu vim e fiquei acho que em São Francisco do Sul/SC, uns três anos. (Extrato de entrevista, 2007.)

Nas suas escolhas e decisões sobre as boates onde deveria procurar emprego, Márcia sempre se refere à outra figura feminina: sua ex-sogra. Através dela e do conhecimento que tinha dos locais mais famosos no ramo da prostituição, é que Márcia escuta falar, pela primeira vez, na “Vila Palmira”, em Florianópolis, lugar que vem posteriormente a conhecer através de um amante.

Na narrativa, Márcia fornece um dado relevante sobre sua nova condição social de “amante do dono da boate”, fato que revela a aprendizagem das hierarquias de prestígio e de poder no interior da profissão, e que lhe será útil, mais tarde, em sua carreira de prostituta:

Eu conheci esse Gentílio, eu conheci esse rapaz...., ele veio fazer uns apartamentos em frente ao Comper (supermercado), e me pegou como amiga pra trabalhar de empregada pra ele. Mas eu ali já vendo.... Eu vou cozinhar? Pra quarenta e poucos homens sem ganhar nada?? Só pra ficar igual uma dona de casa aturando desaforo. Eu não!! Eu vou é pra uma tal de Vila Palmira!!

Vim com o dono daquela boate grande em Biguaçu/SC, eu era amigada com o dono da boate... esqueci o nome... o nome dele é Gentil.

Ele me trouxe ali na frente do Comper para eu trabalhar de cozinheira para uns 40 homens, não queria me pagar nada e queria que eu ficasse com ele ali, trabalhando para ele de graça. Eu disse: Não! Já estava gostando do dinheiro, porque o que enche o olho da gente é o dinheiro, todo o dia tu compra o que tu quiser. Aí eu disse para ele que queria ir para a tal Vila Palmira Ele me disse: “Mas é uma zona!”. “É uma boate com muita gente, lá tem muita coisa, lá eles matam, eles fumam maconha, tu ainda ta nova, queres ficar comigo?” Eu disse: “Não, quero ir para a Vila Palmira!” (Extrato de entrevista, 2007.)

A Vila Palmira parece indicar o fim de um ciclo, onde Márcia consegue fechar um “destino de vida”. No relato há referência ao reencontro com as mulheres que cuidaram dela quando na tenra infância.

O campo social da prostituição e a Vila Palmira atingem um grau de narrativa para suas escolhas na carreira:

Ceguei na Vila Palmira, tinha umas vinte casas, ele foi me mostrando, eu disse, quero aquela lá em cima, aquela amarela!!! Cheguei lá, a mulher me conhecia de Lages! Ela era empregada no hotel da minha tia que me criou e trocou as minhas fraldas... Ela também freqüentava em Lages a casa de minha sogra que mandava fazer trabalha para trazer mulher para a casa, para dar bastante movimento, esses negócios. Eu me dei bem, cheguei ali e já peguei no bar e na boate!! (Extrato de entrevista, 2007.)

Márcia vai atentamente tecendo uma complexa rede social de mulheres trabalhadoras urbanas que atuam em outras atividades (babás, empregadas domésticas, faxineiras, etc.), além daquelas associadas ao sexo-mercantil e cujos destinos na prostituição unem-se “misteriosamente” a sua trajetória individual. As “casas” às quais Márcia se refere são, na realidade, casas de programa, boates, assim denominadas porque são nelas que as profissionais moram e trabalham, reunindo a um só tempo o local de residência e o de atividade profissional:

Era tudo zona velha, era onde que tinha os casarões.... que era igual motel não tem? A gente fugia da dona da casa a gente ganhava mais por que daí não precisava beber, aí a gente vinha fazer ponto... Tinha dia que eu fazia até doze programas.... Já tive aborto assim de ta transando quando vê o homem tira o pinto e o aborto preso no saco do homem... é meus abortos eram espontâneos assim.... Isso que eu tomava comprimido!! E tu vê que o tempo que eu fiquei tudo, que eu transei com todo mundo, era naquela época, era tudo sem camisinha. Eu peguei duas gonorréias só... mas eu me tratava ali embaixo do Gapa.... é mudou tudo mesmo, tudo novo... (Extrato de entrevista, 2007.)

A rotina de trabalho na profissão envolvia não apenas o turno da noite, em referência ao atendimento ao cliente, mas aumentava durante o dia, com a realização dos serviços de manutenção e limpeza da casa de prostituição, serviços domésticos que as “mulheres de programa” eram incumbidas de realizar. Um trabalho que a “dona”, ou a “velha”, controlava com rigor a sua execução e que revela uma hierarquia no desempenho das funções e dos papéis entre as mulheres que ali trabalhavam. No relato de Márcia, a referência ao compartilhamento de roupas e adereços entre as mulheres da “casa” pontua certo grau de solidariedade entre elas diante dos conflitos pela conquista de clientes, principalmente, dos mais abonados que freqüentavam o local:

Um dia normal numa boate.... de manhã principalmente as mulheres dormem, elas dormem.... a gente dormia. Eu me lembro quando eu tava na Palhoça/SC, eu ia dormir sete oito horas da manhã, quando eu não tomava Hipofagim, cuidava do bar, eu ia dormir as três horas da tarde.... dormia até as dez horas da noite quando eu levantava, as onze horas eu pegava na boate. Eu era louca, louca mesmo, eu vivia... eu não tava nem aí... aí como eu tava falando pra ti.. A gente já ia dormir de manhã.... o almoço tava pronto... aí a gente almoçava... ia lavar louça.... cada uma tinha uma tarefa pra fazer.... limpar seus quartos, vê a roupa já pra de noite.... ou pegava

outra não era aquela, pegava a outra não era aquela... Ah nós ficávamos assim tudo junto assim ficava escolhendo uma emprestava pra outra... era assim, uns godesão aquela época. Aqueles estampados, aqueles godesão... Bem certinho assim no corpo. Era muito bonita as roupas. A roupa da boate eram vestidos compridos, igual essa saia que eu tô hoje assim.... eu voltei no meu tempo. A gente usava calça muito justa. No tempo da calça justa. (Extrato de entrevista, 2007.)

A escolha pela Vila Palmira, situada na região metropolitana de Florianópolis, não se dá ao acaso. Pelo contrário, a escolha se fundamenta nas indicações das colegas de profissão, que têm o local de trabalho em alta conta, oferecendo boas condições para o exercício da profissão, ou seja, uma “zona” de prestígio dentro da profissão cultuada, dentro da lenda urbana, por ser um território de grandes oportunidades e realizações na carreira.

Entretanto, em um passeio pela Vila Palmira, durante o trabalho de campo, Márcia se refere a esse território-mito através das histórias ouvidas de Dona Nair, uma antiga prostituta do lugar, que ela conheceu na época em que trabalhava nas “casinhas”. Ela aponta, assim, diferentes graus de profissionalismo entre a antiga Vila Palmira e aquela que conheceu nos anos 70.

Segundo os relatos de Dona Nair, tratava-se de uma região de prostituição onde o comércio sexual era brutal, distante das “modernas” relações de trabalho que unem a prostituta aos seus clientes, envolvendo contratos e acertos sobre os programas e seus preços. A violência parece ser excluída da feição “moderna” das formas de prestação de serviço sexuais, onde a noção de indivíduo e as concepções de autonomia e de liberdade dos sujeitos envolvidos na transação passariam a atuar:

Esse tempo eu não peguei, quem pegou esse tempo foi a Nair a que eu morei, a dona da casa... que ela contava pra nós...

(...) Eles (os marinheiros) vinham, eles vinham igual uns bichos assim... eles queriam comer a mulher de graça, beber de graça... tudo, tudo eles não pagavam nada, eles quebravam tudo. E... quando chegava, quando atracavam os navios, as mulheres já ficavam tudo.... tudo com medo....

porque era..... eles eram parecem uns animal, eles não eram ser humano... eles eram igual a bicho... Entendesse? Desde aquela época assim eles forçavam as mulher a fazer o que não queria. Porque assim quando a mulher ia no quarto... Por exemplo, assim no meu tempo, já sempre acertava antes e cobrava antes... não tem? Se a mulher ia fazer sexo anal, se ia fazer oral... naquele tempo era chupar né? Chupa e dá o cú bem, bem, fala bem o brasileiro mesmo.... Hoje é sexo anal, é sexo oral... e muitas vezes dava muita briga, dava muita confusão. (Extrato de entrevista, 2007.)

Márcia trabalha por aproximadamente sete anos em algumas das casas da Vila Palmira, quando decide casar-se com um de seus clientes, um taxista e gigolô, Pedro, bastante conhecido na região. O sonho de restaurar seu antigo estilo de vida e visão de mundo (“E eu que sai daqui vestida de branco. Não daqui. Eu sai ali de Barreiros ali. Casei naquela igreja ali!”), onde os papéis de esposa e mãe de família lhe conduzem a uma nova tentativa de casamento, desta vez, com um taxista bastante conhecido na “zona”, “famoso” e desejado por muitas das mulheres que trabalhavam nas “casinhas”. Como havia se casado apenas na umbanda (seu pai não autorizou o seu primeiro casamento), Márcia realiza seu sonho casando-se na igreja que havia na Vila Palmira:

E eu quando vim parar na boate aqui, eu vim desde lá de baixo olhando as casas tudo e eu quis ficar aqui nessa casa... E eu me dei bem porque ela já me conhecia de Lages/SC .... foi aqui eu arrumei um casamento. Mas só que o casamento não deu....não durou muito tempo não... só deu um filho.... não deu mais certo e eu continuei a minha vida pro lado de lá.... Eu casei aqui, porque eu gostava dessa igreja. Eu morava na boate, mas eu sempre vinha... Na missa!!! Eu até tenho que vir aqui procurar minha certidão de casamento religiosa. Eu tenho que ver onde é que eles tão atendendo aí tudo, porque eu quero pegar a minha certidão... porque agora enquanto um não morrer ninguém pode ir na igreja comungar né?  
(...) a gente queria ser feliz! A gente fazia um monte de planos, um monte de projetos... e o amor

né? Ele era o gigolô mais bonito que tinha na zona! O cabelo dele batia aqui sim, no tempo do Roberto Carlos! (apontando pras costas). Então a gente resolveu casar. A mãe dele não veio no casamento... ela disse que já não ia dar certo.... porque não ia dar certo... porque eu era puta. A gente ficou seis anos... (Extrato de entrevista, 2007).

Casando-se na igreja, “de branco”, com muitos planos de “ser feliz”, de se reunir as suas filhas e de ter mais filhos, este parece ser um instante significativo no relato biográfico de Márcia sobre sua carreira na profissão. O resultando disto é uma mudança de local de moradia e de estilo de vida no interior da profissão. Entretanto, como nem tudo é um “conto de fadas”, novas “surpresas” aparecem, pois suas filhas do antigo casamento não se adaptam ao padrasto e nem ele tampouco às enteadas:

Daí eu trouxe minhas duas filhas de Lages/SC não tem? Aí ele começou a bater nas minhas duas filhas de Lages/SC, aí eu disse assim: “Se você me usou só pra ter um filho então a tua mãe vai agora criar o menino, porque eu tenho que criar essas minhas duas filhas”. Começaram a me chamar de vagabunda, me chamavam de tudo quanto é coisa, bebia, bebia aqueles porres....não deu mesmo pra agüentar...

Ah bêbada!!! No tempo do *whisky*, eu tomava litros e litros de *whisky* e foi indo. Daí casei ali na Vila Palmira, arrumei um marido e casei. Tive um filho, sai fora dali. Aí, morava em Barreiros. Um marido cachaceiro, maconheiro, cachaceiro. (Extrato de entrevista, 2007.)

A violência doméstica passa a ser uma constata, tomando conta do cotidiano familiar de Márcia, tornado a convivência, no interior da casa, insuportável. Nos limites da vida familiar, pouco a pouco, sua “nova” identidade social e individual passa a ser, cada vez mais, “contaminada” por seu “passado” no comércio sexual (onde conhecera seu marido). O relato de Márcia sobre um acontecimento na esfera pública, onde sua profissão é reconhecida por um ex-cliente fora dos seus limites ético-morais, as “casinhas” e/ou boates, e em presença de

seu marido, num dia de retorno para a casa, no ônibus, aparece como uma situação limite, desencadeadora de sua separação:

Faz 27 anos que isso aconteceu. Eu era casada na umbanda com um e no padre com outro. Esse que é o pai do meu filho, mora ali. Pedro, foi um dos gigolôs da vila Palmira. É. Esse que foi meu marido... eu tirei ele de gigolô, daí nos casamos..., onde que a gente morou ali na rua do Iama ali.... aí que um dia me surpreendi nós entramos dentro do ônibus daí um cara assim: “Tirasse essa vagabunda lá da zona é?” aí daquele dia ele começou a beber, beber, beber, beber e só....

Quando ele chegava em casa ele trabalhava de noite de táxi... uma vez fiquei com tanta raiva dele que peguei a cabeça dele dentro do bacio e dei descarga com merda e tudo, porque eu não agüentava mais. Entrei em depressão, entrei em estado de pânico. Entrei em tudo porque eu não agüentava mais. Eu arrumava uma mesa para ele e chegava e caía com a cabeça na mesa. Daí o pau pagava e pegava mesmo porque eu não tinha medo não e pegava mesmo. Ai foi indo... ai ele começou a bater nas minhas duas filhas, tive que levar as minhas filhas de volta, me separar e voltar para a putaria de novo, para boate de novo. Para eu poder conseguir para sustentar minhas duas filhas. (Extrato de entrevista, 2007.)

Novamente, a casa da sogra é a referência para os cuidados com o filho de sua união com Pedro, uma vez que suas filhas do casamento anterior já haviam retornado a casa da avó paterna. Reinicia-se, assim, outro ciclo na sua vida profissional, desta vez, segundo relata, não mais à Vila Palmira. Agora é a cidade de Palhoça/SC e suas boates que se apresentam como uma possibilidade de re-investimento na carreira:

Voltei para Palhoça/SC. Em Palhoça/SC eu morei na Neusa, morei na Cachoeira. Nas boates é.... mas eu trabalhava de cozinheira. Ai consegui assinar minha carteira, na boate lá do posto fiscal... Ah na boate lá na Palhoça/SC fiquei 10 anos lá. Eu trabalhava o dia todo e a noite até

umas três, quatro horas da madrugada. Fumava, bebia. Oito horas da manhã, já estava de pé, tomada banho já estava na cozinha, fazendo café. E não era pouca nesta boate, eram umas sessenta mulheres. A gente fazia comida naqueles fogões que eram inteiros, trabalhava pra caramba. Mas eu sempre, toda a vida, ficava sempre na boate, nessa boate até que me ajudou na minha aposentadoria... Aí saí daquela boate lá do posto fiscal e vim para outra do posto, depois me amiguei com o dono da boate da palhoça, do lado do posto a Caçapa, boate Caçapa fiquei 10 anos com ele, foi ele que me passou o vírus do HIV, fiquei 10 anos com ele. Eu trabalhava de atendente, bebida, as mulheres, tudo. (Márcia, extrato de entrevista, 2007.)

Novas chances de vida, novos clientes, outras possibilidades de refundar sua profissão em outros mercados onde o comércio sexual lhe traria mais benefícios e lucros. Na nova boate, Márcia exercita suas aprendizagens das distintas hierarquias, que conformam o universo feminino da prostituição, e atinge o status e o prestígio entre as suas colegas de trabalho como “amante do dono”.

Amante sem regalias para atuar livremente no comércio sexual que ocorria na boate. Condição esta, que Márcia burlava com astúcia, ao manter casos isolados com alguns dos clientes que por ali passavam. Por seu turno, ao dono da boate tudo era permitido, até mesmo manter “casos” esporádicos com as outras profissionais que trabalhavam no local, geralmente com as “novatas”. Ocupando essa nova posição no interior da carreira, Márcia passa a desempenhar outras funções como as de cozinheira, de camareira, “uma faz tudo do local”, mas com poderes razoáveis, pois passa a controlar até mesmo o contato do estabelecimento com a polícia, seja a trabalho, seja como clientes:

Aí começou show de *striptease* na Palhoça/SC e tudo e o outro começou a ficar com as mulheres que faziam o show de *striptease*, coisurada... Tava com o Beto..com o policial que eu transei na Palhoça/SC, eu transei com todos de camisinha.... Esse policial mesmo era um gatão.... Meu Deus do céu!!!! Ele era muito bonito.... Ele ia me pegar às seis horas da manhã, quando eu voltei que tava tomando banho da festa e ali a festa era grande,

era vinho.... Era tudo gratuito, ninguém pagava nada. Ninguém pagava nada, porque era só mostrar a carteira tava ali num motel da Palhoça/SC, fumando maconha, cheirando cocaína que o crack ainda não existia aqui em Florianópolis. Depois de tudo, tudo isso... a gente se separou.... e depois o pessoal do mocotó pegaram ele aqui no Lyra 22.... Pegaram ele em briga de tráfico..... Ele era muito lindo, tinha o olho bem azul, tinha o corpo muito lindo, ele era lindo, ele era lindo, lindo, lindo, lindo!!! Meu Deus, eu nunca vi um homem pelado tão lindo igual aquele... Aí como eu tava falando pra ti... aí nós brigamos, a gente se separou, mas mesmo assim, ele ficou mandando cartinhas pra mim, bilhetinhos pra mim... e eu na Palhoça. (Márcia, extrato de entrevista, 2007)

A referência ao comércio de drogas pela mão da própria polícia e dos seus usuários na boate foi, progressivamente, introduzindo Márcia num mundo social até então desconhecido, onde o policial se reúne ao traficante na exploração do comércio sexual e onde a figura feminina ocupa papel de submissão. Márcia, tendo que lidar com tais personagens, desenvolve táticas para manter-se “limpa” e para manter a boate funcionando dentro destas coalizões de forças, para as quais nunca fora apresentada:

Nunca consegui me levar pra cadeia.... nunca consegui.... mas tu sabes o que ele fazia para conseguir na boate? Ele ia lá, tinha uma menina lá, o nome dela era Romilda. Quando ela chegava ela já vinha me olhando assim, ah Márcia (eles me chamavam de Márcia) esse homem ele me obriga a ir de quatro por que só eu... porque ele não pega outra mulher.... Transava! Ela contava pra mim. Ele levava ela pra dentro do quarto e lá ela chupava tirava da boca colocava no ânus, tirava do anus colocava na vagina. Fazia tudo isso... e ameaçava por que ela tinha um cara que vendia maconha, era traficante, de levar preso não tem? Ela e ele. E ela era obrigada a se sujeitar a isso. Dalí ela conseguiu arrumar um casamento, eu falei mesmo pra ela: ”arruma um casamento, menina, sai daqui, pra ele não pegar mais no teu

pé e nem no meu, nem no meu pé também”. Porque ele não tinha hora pra chegar, ele chegava lá com trinta, tudo maquinado entendesse? Botava os pés na minha porta, eu mal tinha ido dormir. Eu acordava meio banza da cabeça. Trabalhei a noite toda, poxa! Quando era no tempo do som mecânico, era disco, era fita e conjunto e eu que tinha que dar conta de tudo, mesmo do porteiro lá da frente que vendia lá cocaína lá na frente, escondido. (Márcia, extrato de entrevista, 2007.)

Para Márcia, manter a condição de “amante do chefe” fazia parte do campo de possibilidades envolvendo o universo social da prostituição e da delimitação, no seu interior, de uma carreira. Nesse sentido, manobrava, com certa astúcia, a lógica social que marcava a conjugalidade estabelecida entre algumas profissionais e os donos das boates onde trabalham:

Eu era a gerente, eu mandava em tudo... só que eu tinha o meu horário certo, e teve um tempo que a gente tinha até a lanchonete junto, por que eu cuidava da lanchonete quando ele ficou doente, eu cuidava da lanchonete, mas ele não me explicava a doença dele... ele dizia que era do coração. Mas do coração ninguém andava armado. Quem sofre do coração não entra numa boate, pois ele vê briga e vê confusão, vê polícia. (Márcia, extrato de entrevista, 2007.)

No relato de Márcia transparece o lugar de poder que a figura da amante ocupa na rede social envolvendo o sexo mercantil nas boates, uma vez que esta conjugalidade lhe permite, simbolicamente, ocupar o lugar da “esposa” do dono do comércio local, no exercício da autoridade e do prestígio junto as suas ex-colegas de trabalho:

Trabalhar no bar, para chamar o cliente, antes era frequê, hoje é cliente, para chamar a atenção do cliente, para marcar programa, para eles verem que tem mulher nova na casa. O negócio deles era chegar mulher nova, mulher bonita, mulher de presença. (Márcia, extrato de entrevista, 2007.)

Márcia refere-se com frequência ao tema da rotatividade de mulheres, insinuando, até mesmo, o “tráfico de mulheres” para a manutenção do comércio sexual das boates. O fluxo e refluxo de

mulheres para o atendimento do sexo mercantil aparece, muitas vezes, em referência a liquidez da mercadoria em jogo no âmbito de tais territórios: a prostituta e seus serviços. O que reforça a idéia de que a figura da prostituta remete as cidades modernas não como espaços fortificados, ou cidades de muros, mas como espaço veicular.

Da mesma forma, o fluxo e refluxo de profissionais se contrapõe ao senso comum, onde o trabalho da prostituta está associado a uma visão moralista de mulheres perdidas e decaídas e, principalmente, sozinhas e desprotegidas, sujeitas às vicissitudes da frágil condição feminina numa “selva de pedra”.

A alta rotatividade das mulheres nas boates é um fenômeno apontado por outras colegas de trabalho de Márcia que, em sua formação, tiveram a experiência de trabalho em boates geralmente associada à demanda dos clientes por novidades (“carne fresca”) e de que estes locais oferecessem atrações, ou mulheres, que não tivessem sido “muito usadas” pelos clientes e *habitués* mais assíduos.

Como uma forma de ascender na carreira, a conjugalidade mantida com os donos de boates geralmente baseia-se num pacto de fidelidade unilateral, da mulher para com o homem, tendo-o, unicamente, como protetor e provedor. As mulheres não podem mais atuar no ramo, fazendo programas, enquanto o “seu” homem, que geralmente é casado, faz sexo com outras mulheres da mesma boate. Além disso, essa conjugalidade faz com que a mulher passe a trabalhar nas lidas “domésticas”, no antigo local onde antes atuava na prestação de serviços sexuais. Dentre suas atribuições, acrescentam-se o atendimento aos clientes, o atendimento no bar, cuidando das garotas e, até mesmo, negociando com a polícia “enrolando-os”, quando necessário.

Ressalte-se que estes serviços não são remunerados, criando-se assim laços de dependência fortes que as unem aos seus amantes, em troca de novos desempenhos na carreira. Também M. Gaspar (1985, 12), que analisou a prostituição em camadas médias, acrescenta que no universo da prostituição a condição de amante leva a inúmeras trocas: “a parceira oferecendo, por vezes, uma série de serviços domésticos e favores sexuais com exclusividade a um único parceiro”.

Entretanto, apesar de todas as regras e pactos firmados pela “tradição da casa”, Márcia rompia, inúmeras vezes, com tais normas de comportamento, ainda que fora do contexto da boate, resultando disto situações de risco para ambos, geralmente envolvendo agressões físicas

num ambiente em que armas e drogas circulavam livremente. Era, então, quando o “bicho pegava”:

Passou o tempo, passou o tempo, passou o tempo e aí vieram falar pra mim que o Célio, tava num bacanal, lá no meu quarto vermelho que alugava para o pessoal fazer, eu fui pra Lages, e ele encheu a cara e fez um bacanal lá com travesti, veado, lésbica, homem... Sei que tinha quase dez. E ele tinha eu, a mulher dele, mais outra *amiga* que ele tinha, fora o resto que ele comia. Ele não usava camisinha, porque ele não aceitava. Ele não aceitava camisinha..Aí um dia ele disse assim pra mim: “Oh, eu chamo a minha mulher de Márcia!” Ele tinha tanto convívio comigo, que ele chegava de noite quando ele ia transar ele chamava a mulher dele de Márcia. Aí o bicho pegava, né? Bicho pegava, porque ela sabia que a Márcia era eu, era a gerente e ela jamais não imaginava que eu tinha um caso com ele. E também quando eu fiquei com ele eu não sabia que ele tinha mulher e que tinha filho.... porque se eu soubesse eu não tinha ficado, eu tinha ficado trabalhando com ele, mas não tinha ficado com ele direto e se eu quisesse ir a luta eu tinha ficado com a metade daquilo lá pra mim, porque eu tive até aborto dele e tudo, dele me bater. Dele me bater... Ele gostava de levantar as asinhas, mas eu, volta e meia, pegava um revolver, também me empinava, porque tinha arma, ele deixava arma na gerencia, ele deixava arma na cabeceira da minha cama..... nunca tive medo, não tenho medo! (Márcia, extrato de entrevista, 2007.)

Ela atribui a essa relação de conjugalidade, de “amante de dono de boate”, a qual durou mais de dez anos, a origem da sua condição atual de portadora do vírus HIV:

Eu abri meus olhos cedo, eu tinha que sair. Ai eu fiz o exame lá no HU (Hospital Universitário)... eu já tinha três, quando eu fiz o quarto deu positivo. Aí chamei ele, ele não transava só comigo, ele tinha a mulher dele, tinha outra amiga, e tinha mais as mulheres novas que

chegavam ele comia tudo de madrugada, viado, peguei ele com viado, era travesti...

(...) Ele falou para mim assim, “Não tenho nada disso aí não, e não vou fazer nada de exame e pode ir embora daqui, amanhã pode ir embora daqui!”. Eu disse: “Ah é? Então ta bom, então tu vai ver o bicho na tua frente, pois é eu te chamei, eu te contei, eu falei para ti, eu não tenho medo de você, não tenho medo do teu revólver, do outro teu revolver, não tenho medo do outro que tu tem dentro do carro. E eu não tenho nenhum, mas eu não tenho medo!” Falei para ele!

Aí comprei um terreno para mim lá para trás, fiz uma meia água grande, levei tudo que era meu, eu tinha uma casa montada, tinha dois apartamentos montados, levei tudo que era meu, um pouco eu vendi, um pouco eu troquei, um pouco eu troquei por droga, um pouco eu botei fora, eu queria me destruir e contar para todo mundo que eu estava com o vírus do HIV. Acabar com aquela boate, a minha raiva. Ontem ainda estava naquele curso, estava ouvindo que a raiva que dá, aquele rancor, a gente não sabe de onde vem, vem da própria doença, do álcool, do próprio câncer que está se instalando no corpo da pessoa. (Márcia, extrato de entrevista, 2007.)

Entretanto, as relações de Márcia com universo das drogas estão presentes como campo de possibilidades, ao se observar os vários instantes da sua narrativa biográfica em que elas aparecem, pontuando o cenário de suas ações na carreira de prostituta. Um passado que se inicia em Lages/SC, com o uso da maconha e do álcool na infância, na casa da tia, passando mais tarde ao uso de drogas químicas injetáveis, quando de sua passagem pela Vila Palmira e que aprofunda quando esta atinge o posto de amante do chefe, na boate de Palhoça/SC:

Eu conheci maconha com 12 anos lá em Lages/SC, primeira vez. Daí depois aqui na Vila Palmira que eu.... que eu.... vim a o primeiro dia que eu fumei o primeiro baseado. Isso aí eu aprendi muito com os próprios gigolôs, com as próprias prostitutas. Como na minha época lá da Vila Palmira que caiu e me apliquei nas veias que

eu vim a usar o Algafam e o Catovich. Eu tinha transa, eu ia lá dentro transava com ele (um de seus clientes) e ele me dava os Catovich tudo pra mim, em caixas, ai eu levava e a gente se reunia em vinte e uma agulha pra todo mundo. Mas eu não peguei o HIV assim, nem peguei o HIV das tatuagens, e nem peguei o HIV quando eu fui profissional, porque eu tenho meus três atestados lá que tão guardado lá em casa, que eu posso provar!! (Márcia, extrato de entrevista, 2007.)

Um estilo de prestação de serviços sexuais que, muito embora, mais sujeito ao sedentarismo por conta de locais fechado (boates, bares), é diferente do nomadismo que impõe a rua, porém, não menos predatório ao corpo da prostituta:

O dia cada uma fazia o que tinha que fazer. Depois começou a vir a droga né, o Algafam o Catovich. Aí a gente começou a se aplicar, entende-se? Se aplicar nas veias, a gente pegava uma agulha pra vinte pessoas!!! Fazia roda, roda redonda e naquela roda cada um se a aplicava, se aplicava. Ficava muito doida, era três dias e três noites de maluquice.... Hoje em dia não tem mais droga hoje... hoje em dia não tem mais droga... (Márcia, extrato de entrevista, 2007.)

O que transparece nas falas de Márcia, sobre seus deslocamentos de papéis e funções no interior de sua carreira nos espaços das boates, é a possibilidade que tais lugares oferecem para a obtenção de status e prestígio na profissão e, aos quais, não teria acesso se não fosse pelo uso da sedução para galgar tais postos de destaque, como por exemplo, a de “amante do dono da boate”, usufruindo de seus benefícios para o melhor e o pior de sua profissão:

Ai eu cuidava da boate, da mulherada toda, da polícia. A polícia me incomodava um monte! E eu bebia um monte, eu cheirava, eu fumava, eu fazia tudo, eu fumava maconha, eu usava tudo quanto é tipo de drogas, boleta, Hipofagin, eu ficava dois, três dias, sem dormir às vezes. Fui picadeira, tomei pico, só que é só seguinte, isso tudo que eu

fiz, transei sem camisinha, fiz sexo oral, fiz sexo anal, fiz tudo, só que eu não adquiri o vírus no tempo que eu transava com todos os homens. Aqui em baixo (DASP<sup>196</sup>) naquela época a gente já se cuidava, a gente já fazia os exames, o tratamento. Eu peguei duas gonorréias, mas eu tratei. (Márcia, extrato de entrevista, 2007.)

É através do exercício de poder que Márcia obtém regalias com um dos grandes traficantes que freqüentava sua boate, mantendo com ele uma tórrida paixão, regada com o uso regular de drogas fornecidas por ele para os clientes da boate, na qual ela ocupava o cargo de “gerente”. Márcia relata seu primeiro contato com Beto, o fornecedor de drogas da boate e sua paixão fulminante por ele, numa espécie de “amor bandido”:

Eu tava com uma peruca, tava com um rabo de peruca... bem arrumadona. Aí ele veio assim, tipo assim, puxou meu rabo e disse: “Tu não é da polícia?” E Eu: “Não querido, simplesmente eu sou da boate, sou gerente da boate...”. E eu não sabia que ele era um.... era um traficante... ele falou assim, vocês todos vão sair daqui de dentro agora, porque vai ficar só eu e ela aqui. Ali eu olhei, tinha um quilo de maconha, ali tinha arma, e eu olhei pra ele, eu me apaixonei por ele. Só que eu naquela época eu já trabalhava com camisinha, eu já ia no posto buscar camisinha pras mulher lá na Palhoça/SC, já pegava camisinha. Quando não tinha, a gente comprava na farmácia. Já trabalhava com camisinha. Transei com ele sim, transei de camisinha. Eu me apaixonei. Foi o único homem da minha vida que eu posso dizer até hoje, o Beto, que eu me apaixonei... foi o único. Ele era um traficante, era ladrão, ele era tudo. Mas foi o homem que me fez mais feliz na minha vida porque com ele eu me senti uma mulher, eu senti tesão. Eu senti uma mulher, de todos aqueles homens que eu peguei, homens que eu tive, foi o único homem que eu me senti mulher, porque ele me tratou como uma mulher, como uma dama, ele não era nada daquilo que ele representava ali na

---

<sup>196</sup>Departamento de Saúde Pública era localizado no andar térreo, onde é hoje a ONG/GAPA.

frente. Ah ele me tratava nos braços. Me botava nos braços dele, ele me botava deitada, ele ficava passando a mão no meu cabelo, ele não me forçava nada, ele não me forçava usar cocaína, ele não me forçava a usar droga, eu que era olhuda, pedia maconha pra ele. “Pode me dá?” Ele me dava.... “Eu quero, eu quero, eu quero!”, “Eu quero tanto, eu quero, eu quero e eu quero!”. (Márcia, extrato de entrevista, 2007.)

Nessa perspectiva, é muito interessante a análise de Catherine Deschamps (2006), que aponta para a importância dos ganhos indiretos que o comércio sexual reserva para as suas profissionais, não apenas pelo poder autorizado pelo dinheiro, mas pelo estilo de vida que ele encerra como conquista da vida urbana. Algo que, guardando as devidas proporções, remete à figura mitológica das cortesãs do século XIX, das roupas de marca, dos bons restaurantes, das comidas refinadas e das bijuterias e, por que não dizer, das drogas.

No caso de Márcia e de suas companheiras, o microcosmo das boates concentra a complexidade das relações sociais de uma grande metrópole, suas alegrias e suas misérias. O microcosmo social das boates se apresenta como lugar de “mercado” em sua força material tanto quanto simbólica. Um espaço aberto ao mundo, marcado pelo fluxo das trocas sociais múltiplas e plurais, onde a prestação de serviços sexuais se associa ao comércio de outros prazeres desregrados, resultado de um circuito de boates, bairros e cidades, os quais, perfeitamente reconhecidos pelas profissionais com mais tempo de trabalho na profissão. Gaspar (1985) também faz estas observações em seu trabalho de campo com as garotas de programa do Bairro de Copacabana na cidade do Rio de Janeiro/RJ, quando não conseguia encontrar mais do que algumas vezes as garotas, para dar continuidade às entrevistas, visto que as mesmas se deslocavam com frequência.

Márcia retirou-se da prostituição por duas vezes, em todas elas, em função de seu casamento com clientes. Ela alega razões afetivas para o seu afastamento da profissão, confirmando o que M. Gaspar (1985) aponta em seus estudos sobre garotas de programa. O afastamento dessas mulheres do seu ambiente de trabalho transcorre, principalmente, com base nos rendimentos do parceiro e na sua possibilidade de sustentar o casal e a prole. O afastamento da profissão, entretanto, não afasta a carga simbólica atribuída à antiga profissão, registrada nos

corpos dessas mulheres pelo imaginário masculino de uma sociedade patriarcal.

O abandono do trabalho de prestação de serviços sexuais encontra-se ancorado numa “rede de razões simbólicas e materiais” (GASPAR, 1985), que dificultam a substituição deste ofício por outro. Uma destas razões são as representações simbólicas associadas à figura da ex-prostituta como mulher, ou contaminada, por seu passado na profissão. A entrada no casamento se faz “pela porta dos fundos”, uma vez que sua poluição moral esta gravada em sua pele, interiorizada em sua carne, afastando-a das virtudes maritais (a figura da donzela, da castidade).

Afora as razões simbólicas, a profissão tem suas vantagens, segundo narra Márcia e muitas de suas colegas, pois a remuneração das atividades no comércio, como balconista, ou de empregada doméstica em casas de família, é inferior à remuneração que produzem num mês, só com seus programas.

Em determinadas passagens de sua narrativa biográfica, Márcia, inúmeras vezes, alude aos devaneios do amor cortês, sensível e atormentado (e de inspiração literária), ao nutrir a idéia do casamento com o “homem perfeito” (*Arruma casamento menina...* Márcia, extrato de entrevista, 2007.), que a fará reverter, finalmente, a carga simbólica negativa associada ao seu destino de pecado, e para quem poderá, finalmente, dedicar sua vida, resolvendo, com isso, os dilemas dos preconceitos sociais que a atormentam (*a gente só queria ser feliz.... a gente fez um monte de planos!!!* Márcia, extrato de entrevista, 2007.).

Como não pensar, aqui, na persistência da idéia romântica das formas burguesas de prostituição em sua visão de mundo da prostituição? Uma visão ao mesmo tempo pragmática, mas que se entrelaçava com a idéia de um estilo de ser e estar prostituta, mais próximo da “*maison close*” e em oposição àquela do “*trottoir*”, e onde a figura da “amante”, para os sonhadores de cidades, alude às imagens do luxo, dos perfumes e das jóias (*Lá eu me dei bem!* - Márcia, extrato de entrevista, 2007).

Nos últimos anos de sua carreira em boates, a descoberta por Márcia de sua condição soropositiva traz alterações radicais em seu projeto de vida. Momento em que se afasta do seu local de trabalho e “caí na rua”:

Então como eu estava falando para ti, quando eu vim a descobrir, aí eu caí na rua. Era sim. Eu caí na rua, caí com os caminhoneiros. Era no posto

dos caminhoneiros, ali eu amanhecia, anoitecia, ia para casa, descalça, andava na rua, pedia dinheiro, bebia. Eu bebia. Eu cheguei e me meti com as bichas lá e pronto. Quem manda lá no posto são os travestis e como eu era amiga deles. É, da boate, e eles procuravam mais mulher no posto para tirar movimento da boate. Eu me lembro de um roda de cerveja com os caminhoneiros que a mulher que alugou a boate chegava a me chamar para eu ir lá trabalhar para dentro trabalhar com ela na boate, para eu ficar com ela, que se eu quisesse eu poderia ficar com ela lá... (Márcia, extrato de entrevista, 2007.)

Num processo agudo de isolamento, ela compra “um barraco atrás da boate” e passa a beber e a fazer uso regular de drogas:

A pior droga que tem é o álcool, de todas as drogas, a pior é o álcool. Porque eu cheguei num ponto, de começar a dar ataque e quebrar tudo, uma briga porque eu queria mais. Para ver como o álcool é prejudicial a saúde, uma profissional, como para uma família, como para uma casa. Então é uma coisa que faz mais mal que uma própria doença, já é uma doença. Mas eu consegui sair de tudo, consegui sair. (Márcia, extrato de entrevista, 2007.)

Algum tempo depois, num processo de ostracismo, ela decide retomar sua vida, mudando de local de moradia e comprando outro “barraco” no Morro do Mocotó, próximo ao centro de Florianópolis, onde permanece até os dias de hoje:

Quando eu fui morar no Mocotó, eu saí e vendi tudo na Palhoça/SC, botei tudo fora na Palhoça/SC, tudo que eu tinha eu dei. No Mocotó eu comprei um pedacinho por R\$ 200,00 com um banheiro dentro, droga e droga... cocaína, maconha, bebida, o pior é que eu conheci um traficante que se apaixonou por mim e quase... eu levei uma sorte muito grande...ele ta na cadeia hoje, graças a Deus, tudo o que eu prometi para Deus, eu cumpri. (Márcia, extrato de entrevista, 2007.)

Em seu relato, o abandono das drogas se dá devido ao retorno a um sistema de valores do qual, segundo Márcia, ela se distanciara. Ela comenta que o fato ocorrera quando, convalescendo em razão da doença contraída e num apelo a sua formação religiosa, faz uma promessa: largar todas as drogas para passar a dedicar-se a outras pessoas que estão vivendo a mesma situação que ela. A partir daí, numa espécie de missão, Márcia passa a se envolver numa luta contra a discriminação de portadores do vírus HIV:

Eu sou católica, então tudo que eu prometi para Deus eu cumpri. Quando me deu overdose de cocaína eu prometi que nunca mais eu ia cheirar e nunca mais eu cheirei. Cigarro eu deixei, o álcool eu deixei, a cerveja eu deixei. Agora a única coisa que eu não consegui deixar foi a maconha. Eu tenho que chegar em casa todo dia eu tenho que fumar. Mas é dentro da minha casa, eu nunca fumei na frente de criança, eu fumo dentro da minha casa, sou obrigada a chegar em casa é aquela coisa, chego em casa o meu baseadinho pronto, eu sento, ou às vezes tomo o meu banho primeiro, aí fico calma. Agora a lei tá mais fácil. A única coisa que eu não consegui... faz trinta anos já que eu fumo e eu não consegui. (Márcia, extrato de entrevista, 2007.)

Márcia refere-se ao seu trabalho nas ações do GAPA, atuando junto às travestis que conhecia, e que trabalhavam em frente ao antigo lugar de trabalho, onde havia contraído a doença. Uma forma de luta contra seu antigo patrão e amante e que resulta no fechamento daquele estabelecimento. Finalizando um longo processo de retomada de sua vida, ela processa seu antigo amante, de quem contraíra a doença e, com isto, recebe uma aposentadoria pelos anos de serviço no estabelecimento.

Na ONG/GAPA, ela atuou por aproximadamente dez anos, onde passou por diversas funções, numa espécie de processo de expurgo de sua carreira no comércio sexual. Foi faxineira, cozinheira, conselheira e recepcionista, tendo contribuído na formação de grupos de ajuda a mulheres portadoras do HIV. Ali fez amigos, construiu relações, aprendeu novos ofícios, fez cursos, viajou e foi responsável por um projeto de assistência e apoio a mulheres profissionais do sexo.

Depois de muitos anos de dedicação, Márcia desligou-se da instituição e passou a trabalhar na associação de moradores de seu bairro, envolvida com projetos de apoio a mulheres soropositivas, como também em outra ONG da cidade.

Em termos de circuitos, ficam evidentes os itinerários urbanos escolhidos por Márcia para a sua carreira na profissão, mostrando que sua motivação se orientou no sentido de preservar sua imagem pública perante a família de origem, os pais e os irmãos, bem como, os seus filhos. A distância do local de moradia de ambos deve ser mantida como condição do exercício de sua profissão.

E aí minha família tá assim... depois de trinta e poucos anos, ela meu viu na televisão em dezembro pedindo o Kit da carga viral não tem? Pedindo pras autoridades de Natal pra nós. E ela me conheceu, ela mora em Camboriú, a minha irmã há trinta e poucos anos, veio. Agora a minha família, as minhas filhas moram aqui perto da avenida das Torres aqui. (Márcia, extrato de entrevista, 2007.)

Ao longo do tempo, Márcia retomou o contato com suas filhas e netas, tendo ajudado afetivamente a filha mais velha<sup>197</sup>, bem como suas netas durante o processo de separação. Ironicamente, suas filhas moram hoje na Vila Palmira, na mesma região em que outrora Márcia havia feito carreira.

É faz muito anos.... faz, faz muitos anos, eu tinha 27 anos quando eu saí daqui... Eu vou fazer 55... As minhas filhas moram aqui na Avenida das Torres... Moram ali.... Minhas filhas moram li... ah... dona Nair quando souber que minhas filhas moram ali!!!! Nossa ela me acompanhou, ela foi a minha segunda mãe, não tem? Ela me ajudava muito, me dava muita força pra mim.... Eu fiquei com duas filhas pra criar né? Aquela época a gente não tinha cabeça!  
Ah! As minhas filhas? Discriminação!! Primeira coisa foi a discriminação! Eu levei dez anos para eu conseguir me reaver com minhas duas filhas, que eu criei elas, que eu vendi tanto o meu corpo...

---

<sup>197</sup>Sua filha na época estava se separando.

(...) Era nova... eu sabia que tinha que ganhar pra sustentar minhas filhas....Eu acho que hoje em dia isso aí tá.... uma profissional do sexo tem todo o direito. Antigamente era puta, era vagabunda Olha aquela puta, aquela vagabunda.... que eles chamavam.. Hoje eu vou na casa delas, olha uma vez por ano, eu não posso ficar brincando com minha neta.... Eles não me contam o que a minha neta tem, ela é muda, ela veio com problema. Eles escondem tudo de mim.

(...) Na Palhoça/SC, fiquei muito tempo na Palhoça/SC... mas como mudou né? Aqui não tem mais nenhuma casa de mulher né? (Márcia, extrato de entrevista, 2007.)

Entretanto, a aproximação com suas filhas resultou em perdas materiais graves para Márcia, que foi vítima de um desfalque financeiro, disto resultando, mais recentemente, uma relação atribulada, apesar das suas inúmeras tentativas de aproximação que não deram frutos.

Seu filho, apesar de morar no mesmo bairro que suas filhas, permaneceu sob os cuidados da avó paterna, tendo sido, Márcia, proibida de aproximar-se dele. Suas filhas não têm contato com ele e, em suas fantasias, Márcia aludia, nas entrevistas, à possibilidade de um eventual caso de incesto. Ou seja, que por desconhecimento da consangüinidade, as filhas viessem a se envolver numa relação amorosa com o irmão.

### **5.3 - Denise, as ruas e a escola de vida**

Denise é profissional do sexo há dez anos. Tem 28 anos, é casada e tem um filho de 15 anos de uma relação anterior. É uma mulher negra de 1,60m que foge do padrão das mulheres magras. Ela é muito bonita, risonha e expansiva e está sempre bem arrumada, perfumada e de salto alto. Geralmente usa roupas distintas, diferente da figura sedutora que povoa o imaginário da prostituta:

É isso né.... não tem dia, sol, rua, fica na rua.... passa frio.... Tem que ficar aqui né? Daí acaba com a gente também né? A gente fica aqui.... transa com um.... transa com outro.... também risco assim que eu quero dizer.... a gente corre risco de pegar uma doença, estourar uma

camisinha, do homem ter uma doença... às vezes a gente sente dor no útero, nas parte de baixo... tudo isso né? Isso é um risco (Denise, extrato de entrevista, 2007.)

A rotina de Denise é intensa, totalizando uma jornada de sete horas de trabalho na rua, de segunda a sábado, com sol ou com chuva. Chega ao “ponto” por volta das nove da manhã e lá permanece até as dezesseis horas. Ela não trabalha em dias santos e nem nos feriados:

Eu chego aqui nove horas da manhã e vou embora três e meia da tarde. Antigamente eu virava a noite... mas depois eu arrumei um marido...É, agora eu sou casada, não uso mais droga, não bebo mais...É porque como ele trabalha também, e quando ele chega em casa eu tenho que tá em casa né? Ele sabe de tudo que eu faço, que eu não faço. E ele me respeita também assim. Eu falei pra ele né. Eu conheci esse aqui na rua, aqui no bar. Ele também não era daqui, era assim também, bem manezinho. Eu cantei a pedra pra ele né? Queres ficar comigo, é o meu trabalho!! Tudo bem direitinho. Daí eu peguei e fiquei com ele e daí...A gente se deu bem até, mas assunto daqui ele não toca comigo e eu não toco com ele. É como se isso aqui não existisse dentro da nossa casa. Ele também não me pergunta nada. Não vem aqui atrás de mim me cafetina. Meu dinheiro é meu. Meu dinheiro. Nunca botei meu dinheiro na mão dele. O contrário, ele que bota o dinheiro dele na minha mão (risos). Então é isso aí... foi assim que aconteceu, antes eu virava a noite na rua, usando droga, fumando maconha, essas coisas assim... (Denise, extrato de entrevista, 2007.)

O comércio sexual obedece a certas regras de decoro: as mini-saias e os vestidos provocantes dão lugar aos adereços discretos, a pouca maquiagem, as calças jeans e blusinhas. Para ganhar os favores de seus clientes, se vale, portanto, de palavras gentis, e de avanços até certo ponto discretos e pudicos na forma como se insinua para eles e lhes oferece a prestação de seus serviços sexuais. Mas nada que desfaça a lógica pragmática do comércio sexual onde ela se encontra inserida:

J: quanto é o programa aqui.

D: É.... trinta reais máximo, mas como eu já tenho frequêns que paga mais, 50,00, 80,00, 100,00...

J: E vocês fazem onde o...

D: Ali no dormitório... então é assim. Mas a gente vai ali, é um instantinho, a gente vai ali e não é nem 10 minutos. Só vai, ali baixa a parte de baixo, bota a camisinha no homem, transa e sai fora. Não dá muito tempo, se ele quiser ficar mais tempo tem que pagar mais...

J: então é só o programa não é a hora...

D: É só o programinha mesmo meteu, gozo acabou. É assim que funciona. Não tem nada de ficar ali se arretando, de palhaçadinha...Só vai ali vapt e vupt...

J: E como que é esse dormitório aqui?

D: A gente vai ali paga 5,00 meia hora, uma hora dez reais. É isso aí, a gente vai ali eles alugam o quarto e deu. O dinheiro o homem já paga o dormitório...É o homem que paga, e o meu dinheiro, é o meu dinheiro...

(Denise, extrato de entrevista, 2007.)

Apesar dessa espécie de regramento atual no qual vive sua profissão, nem sempre Denise manteve este estilo em sua carreira na profissão, principalmente, quando ainda não havia se fixado ao trecho da rua Conselheiro Mafra onde a encontrava durante o trabalho de campo:

É natural de Rio do Sul, cidade do interior do estado de Santa Catarina, e migrou para a Ilha com seu filho pequeno a procura de melhores condições de vida e de trabalho, seguindo, assim, o percurso de sua família de origem que já morava na cidade:

Eu vim de Rio do Sul/SC sou mãe solteira, tinha um filho de três anos para criar.... no início arrumei como doméstica mas não deu certo, depois arrumei outro emprego na Mauro Ramos, também sai.....

(...) Ah.... eu queria trabalhar... comprar uma casa, criar o meu filho tudo numa boa... ter uma vida melhor que a que eu tinha lá da onde eu vim né? Lá era uma miséria danada... quando eu

cheguei aqui eu queria.... precisava trabalhar, e primeiro assim era muito nova gostava de comprinhas de roupa, umas coisas assim, mudar! Cidade diferente né!! Daí depois quem sabe, comprar uma casinha, arrumar um marido coisas assim.... quem planeja muito nunca dá certo! Era o que eu pensava... Não, não conhecia, não imaginava nada, quando eu tava lá eu só pensava em como eu ia fazer pra criar o meu filho, porque a cada dia a coisa era pior né! (Denise, extrato de entrevista, 2007).

Sem formação profissional e sem instrução, Denise passa a trabalhar de faxineira (diarista) em residências. Segundo seu relato, pelo fato da renda ser insuficiente para o sustento seu e do filho, “acabou na prostituição”:

Meus irmãos..... meu pai já é morto... meus irmãos é.... um é servente..... é pedreiro, outro é vidraceiro. Tenho uma outra irmã que.... trabalha numa imobiliária e uma outra é casada, é do lar... moram tudo aqui... Já faz tempo... bem antes de mim, a mais velha veio, depois quando eu vim, veio o resto tudo....

(...) Eu cheguei aqui.... vim sozinha, eu e meu filho ...Vim de ônibus eu vim pra casa de uma irmã minha... Morava no Estreito. Daí lá eu fiquei hospedada na casa dela né.... até me ajeitar um pouco arrumei um serviço, vim trabalhar mas não parava em serviço nenhum, sei lá, era muito novinha né? E as patroas... acho que ficavam com ciúme de mim, por que acho que eu já tinha jeito pra coisa né... (Denise, extrato de entrevista, 2007).

Ao remontar os primórdios de sua carreira na profissão, Denise faz questão de demarcar as razões práticas e materiais que a conduziram a escolha do sexo mercantil como forma de sustento e trabalho, insinuando, entretanto, não ter sido tal escolha mera opção em relação a outras profissões, moralmente, menos condenáveis:

A gente perde o emprego, tem um filho pra criar e coisa, a pessoa desanima, tinha passado por três

empregos, nenhum tinha dado certo!... daí eu peguei 50,00 reais naquele tempo era muito dinheiro... então como a gente é a primeira na praça, é nova eles pagavam. Até hoje a mulher assim que não é rodada vale mais. (Denise, extrato de entrevista, 2007).

Denise insinua a existência de um conjunto de acontecimentos e situações sobre as quais não tinha controle e que a conduziram a tais escolhas. Escolhas que a impediram de trilhar outras possibilidades de viver na cidade e sustentar-se por meio delas. Apesar do tom de sua fala, ela tem planos para o futuro, pois pretende ficar na “batalha da rua” apenas mais alguns anos e, finalmente, se retirar para uma vida em casa e que ela tanto aprecia:

Eu gosto de lavar roupa e fazer comida.... arrumar a casa eu não gosto muito... O resto fazer comida, eu adoro pilotar um fogão.... faço tudo que eu posso fazer, porque eu sei cozinha bem..... Podia até trabalhar em casa de gente fina... As mulheres da minha família são todas cozinheiras.... então eu gosto de cozinhar.... Eu gosto de tá em casa bota a máquina pra funcionar, bota roupa pra lavar, eu adoro assim ver o varal assim cheio de roupa estendida, bem limpinha, bem coisa....fazer uma comidinha.... pro filho quando chega do colégio.... essas coisas todas.... Ontem eu fiquei em casa, ontem não vim pra cá.... Ontem eu fiz isso.... agora arruma a casa a gente arruma né.... mas.... o marido e o filho arrumam a casa e eu posso fazer as outras coisas.... (Denise, extrato de entrevista, 2007.)

Durante a pesquisa, Denise foi uma interlocutora sempre disponível e ativa, mas muito atenta às minhas interações com suas colegas de “ponto” e às especificidades de minhas demandas. Seguindo uma rotina controlada, para não atrapalhar seu trabalho, Denise aceitava que nos encontrássemos para conversar apenas uma vez por semana, permitindo a presença do gravador nas entrevistas mais formais. Sempre que eu chegava ao seu local de trabalho, conforme nossos arranjos prévios, ela me indagava sobre as perguntas e questões que eu iria fazer. Diversas vezes, em minha etnografia de rua na Conselheiro Mafra,

encontrava com ela e, na intenção de obter mais intimidade, parava para conversar, trocar alguma idéia ou simplesmente dizer “bom dia”.

Denise revelou-se de uma ética impecável para comigo, me informou em uma das entrevistas, que apesar de ser constantemente solicitada não aceitava participar de outras pesquisas, pois tinha um compromisso acordado comigo. Ela agia da mesma forma no interior de sua rede de trabalho, seja na partilha do horário de trabalho no “ponto” e nos valores a serem cobrados com as demais colegas de trabalho, na obediência do código de confiança e no tratamento com o cliente, buscando a sua manutenção, evitando que sejam pilhados, ou roubados, durante um “programa”, para que se sintam satisfeitos com os serviços por elas prestados.

Denise inicia seu percurso na carreira do comércio sexual no largo da Alfândega e, pouco a pouco, seus programas abarcam a rua Conselheiro Mafra, onde está há oito anos. Afirma ter sido “colocada” no local por sua cunhada, na época. A cunhada já é falecida em razão de doenças desenvolvidas a partir de sua contaminação com o vírus HIV. Os riscos da profissão foram, por várias vezes, mencionados em nossas conversas:

O medo da rua pra mim é assim pegar uma doença, de repente... arrebenta uma camisinha, uma coisa... que é um risco né? A gente não sabe, embora que a gente se previne. Cada dia que passa a gente sai com um, sai com outro é um risco, é um medo também.. então é isso... mas quem tá na chuva é pra se molhar... tem que enfrentar... tudo quanto é profissão.. Acho que tudo na vida tem risco... (Denise, extrato de entrevista, 2007.)

Em outra ocasião, quando em conversava com sua parceira de trabalho, Ivone, surgiu o tema da AIDS:

Ivone: É. O risco é maior... Aí você tem que pensar porque ele é casado o risco é maior ainda, me contamina e contamina a parceira em casa. Eu sou inocente né? De repente ela pode até aprontar mas ele não sabe. Então quer dizer que a partir do momento que ele tá aprontando, sem ela saber, ela tá de inocente

Denise: Sem contar também que tem mulher casada que diz pro marido que vem fazer uma faxina alguma coisa e vem transar, daí chega aqui

e o que acontece vem tudo esse homens aí eles dizem: “Eu sou casado” eu também sou, sai se arrumam

Ivone: Daí onde tá a proliferação da doença, porque ela não tá tanto no nosso meio, pode ver ela não tá tanto no meio da prostituição, ela tá mais no meio da sociedade, que no meio da prostituição... Porque tem homens casados que saem com outros homens também... Aí chegam em casa e vão manter relação com a mulher como se fosse a coisa mais normal do mundo sem ter tomado um cuidado sem nada!!!

Denise: Tem homem casado que é muito, muito nojento. Cada homem casado.....

Ivone: Cada homem casado que dá nojo...

Denise: Cada coisa assim que não convém nem falar... aqueles que se dizem casados de presença..... Cada coisa assim que não dá nem pra comentar... (Denise, extrato de entrevista, 2007.)

A exposição aos riscos do trabalho com a prestação de serviços sexuais não se dá ao acaso para Denise. Há todo um dispositivo de seleção e eleição pelos quais os clientes de Denise e sua rede social passam antes do programa transcorrer em todas as suas etapas.

J: E tem algum tipo de homem que vocês não vão de jeito nenhum?

Ivone: Mendigo, sujo.... muito bêbado...

Denise: Drogado...

Ivone: Drogado. Esses eu não vou. Caras que tu já sabe que rouba, que apronta, que vive drogado...

J: Vocês também não vão pra outro lugar né? Não vão pra motel, só ficam aqui né?

Ivone: Não...

Denise: só aqui...

Ivone: Não.... Tinha uma doidinha aí que ia.... mas aquela não tinha nada pra perder. Não tinha família, não tinha *porra* nenhuma... Pra ela tudo era lucro. Pra nós o papo é outro... (Denise, extrato de entrevista, 2007.)

A crueza do trabalho nas ruas é enfrentada com algumas crises pessoais quanto às escolhas e opções feitas ao longo da carreira. Nestes

momentos, é singular a forma como Denise se detém numa apreciação pragmática do que o comércio sexual lhe ofereceu e o que ela pode, com táticas e astúcias, dele obter:

Às vezes eu fico triste.... Eu sou muito deprimida sabe? Então às vezes eu chego em casa assim, eu não quero falar com ninguém, vou pro meu quarto. Então eu me fecho lá.... meu marido chega, ele é muito carinhoso comigo assim, ele me trata como se eu fosse uma criança. Então ele fica: “O quê que tu tem, o quê que tu tem amorzinho..... Tu tá triste o quê aconteceu?” Eu não gosto de falar assim, eu fico pra baixo, eu só gosto de ficar no meu canto. E o melhor remédio é eu ficar quietinha assim... Gosto de ficar bem quieta. Daí depois passa assim sabe? Mas sei lá, às vezes eu fico olhando pra trás... a gente olha pra trás, sei lá é tanta coisa que a gente não queria que acontecesse ou que fosse assim.... Ou que fosse diferente, mas daí depois desse revertério todo, paro e penso e... Hoje foi um dia difícil, ou a semana, ou o mês.... Mas vai melhorar, vou levantar o astral.... Pôxa, tenho um filho que é bom pra mim, não incomoda, tenho um homem que gosta de mim, é carinhoso, tá sempre do meu lado... tem pessoas com a vida as vezes até pior do que a gente.... E pra que? Não vale a pena... eu pego e levanto o alto astral, mudo, esqueço tudo aquilo... passou!..... Mas a cabo de um mês... dois.... me dá de novo! (risos). Mas o melhor remédio é isso aí, é pensar que pode.... (Denise, extrato de entrevista, 2007.)

Nestes momentos, a referência à conquista de uma relação conjugal com um companheiro nos últimos anos é aqui apontada como elemento importante de sua estabilidade na profissão em termos de obtenção de uma vida social “normal” de esposa e mãe de filhos:

Ontem eu não tava assim... ontem.... Ontem eu quis ficar em casa porque..... é... Deu preguiça pra fazer coisas que eu tinha que fazer... Não.... eu sempre fico mais triste quando eu saio daqui, chego em casa... Não sei, as vezes parece que falta alguma coisa na minha vida e eu não sei o quê que

é... Não tem? Eu tenho tudo pra..... eu tenho tudo pra ser feliz, tirando o inferno aqui dessa rua... eu chego em casa eu tenho tudo, eu quero comer, o que eu quero comer eu tenho, eu tenho amor, tenho carinho. Se eu disser que eu sou uma pessoa que não tem isso, eu vou tá mentindo.... não tem? Tem gente as vezes que vão lá na minha casa: “Ah eu tenho inveja de ti, poxa, o teu marido é tão amigo teu, tão companheiro teu, isso e aquilo e tu nunca tá satisfeita!!!” Mas, na verdade não sou eu, parece que falta alguma coisa.... Dentro de mim, eu não sei!!!! Falta alguma coisa, mas eu não sei dizer o que é..... Sabe quando tu procura assim uma explicação, só que tu não acha??? Tu olha ao teu redor assim e.... ai!!!! Antes eu tinha uma mania assim, antes de casar, eu tinha minhas coisas, daqui a pouco vendia tudo e ficava sem nada! Aí depois eu comprava tudo de novo.... (Denise, extrato de entrevista, 2007).

Nos últimos encontros, Denise se mostrava cada vez mais atenta aos efeitos do envelhecimento para a manutenção de sua carreira no comércio sexual.

Eu não quero ficar velha até os 80!!!! Ta louco!!!! (risos) : Não! Não! Não!..... (risos). Olha vivendo até os quarenta e pouco..... ta bom... (Ivone que estava no mesmo ponto ouvindo a conversa e então participa:vivendo até uns cinqüentinha tá bom....) ...Não quero morrer de velhice... A saúde já é ruim pros velhos... Pô, pra gente que é nova, já é difícil.... Imagina com noventa anos! Tá louco! Sou obrigada a cavar a minha cova, pra me “enterrá” viva! (risos) Não, não..... (Denise, extrato de entrevista, 2007)

Por outro lado, a perspectiva de duração de sua vida é pensada, então, a partir da sua escala de empregabilidade, variando com a saúde e as condições do seu corpo de atuar como sede do seu trabalho:

Sim, a gente vai no ginecologista, faz preventivo...olha.... às vezes a mulher tem alguma infecçãozinha.... Toma remédio... Acho que isso acontece porque..... um homem tem o pau grande, outro homem tem o pau pequeno, é aquela coisa

né? A gente faz muito programa chega no final do dia, dói, dói tudo. Então isso que acaba, acaba muito com a mulher.... Com o corpo da mulher. O cansaço também, daí a gente chega aqui, de manhã cedo, e chega essas horas, ó.... hoje é um dia.... eu cheguei era nove horas sabe lá Deus como é que vai ser daqui para frente se não arrumar vai embora.... tem que pedir um passe emprestado, alguma coisa pra ir embora. Então tudo isso é um risco que tem que correr né.... tem que tá em casa, um monte de coisa pra fazer.... ai vem pra cá e perde um dia né?? E um dia perdido não tem... não tem volta né? É uma ilusão. Às vezes fica uma semana, duas até...sem ganhar!! Os outros acham que ainda é fácil... que é vida fácil, que é só chegar aqui e..... sobra dinheiro... (Denise, extrato de entrevista, 2007.)

O deslocamento de Denise do seu antigo local de trabalho (largo da Alfândega) para a rua Conselheiro Mafra, não se deu ao acaso:

Eu ouvia histórias assim de antigamente quando as mulheres batalhavam iam num camburão levavam elas pra delegacia. Botavam elas lá pra limpar o chão, batiam na palma das mãos delas, não podia batalhar na rua. Daí quando o camburão passava era aquela mulherada correndo e eles catando, não tem? Que uma vez o camburão foi cheio de mulher (risos). Daí chegaram lá e botaram elas limpar a cadeia. Muitas mulheres saíram daqui, as mulheres não batalham mais, foram embora, casaram, se foram... (Denise, extrato de entrevista, 2007.)

Além das transformações impostas pelos poderes públicos (“depois do mandato da Ângela Amim”), torna-se necessária uma avaliação do melhor local na cidade para estabelecer o seu “ponto”. Nesse sentido, ela se orienta pelo prestígio e pela fama que são atribuídos a este circuito por suas colegas de trabalho, “um lugar conhecido pra prostitutas”:

Aqui é meu ponto né... aqui não fica mais mulher nenhuma, a não ser as que já tão aqui. Mas agora

eu to precisando de mais mulher pra bota aí... tu sabe, tu que anda... não, depois eu falo contigo sobre isso... porque se tiver.... porque o movimento assim fica ruim agora pra gente que não tem muita mulher, e se tiver mais mulher aqui na quadra - só tamo com três - se tiver mais guria aqui no ponto chama mais homem....Já, já teve muita, muita... mas acabaram, muitas casaram, outras morreram, outras arrumaram homem, saíram, outras foram trabalhar. Porque a prostituição já não dá mais dinheiro como antes né? Eu vou ficar aqui mais uns três aninhos, mas depois também já... vou sair fora. Não quero ficar velha aqui na Conselheiro Mafra... (Denise, extrato de entrevista, 2007.)

Trata-se de um “pedaço” da rua Conselheiro Mafra que é, segundo Denise, mais reservado, com menos comércio e passagem de transeuntes: “só vem aqui quem quer fazer programa mesmo!”. Por ser um circuito a distante do movimento e do burburinho, comuns nas ruas e esquinas próximas ao mercado e as praças, diminui as probabilidades de estarem à mercê dos olhos, ouvidos e línguas dos vizinhos “fofoqueiros”, além de serem poucas as chances de encontrarem parentes e conhecidos, numa espécie de apagamento das marcas pessoais.

A efêmera individualidade, de ser e estar anônima, é uma das condições que conduz Denise a esta parte da rua Conselheiro Mafra, numa preocupação constante de que sua adesão a personalidade coletiva da prostituta não ultrapasse as marcas de sua vida pessoal afastada. Nestes termos, Denise e suas parceiras têm uma preocupação especial com o anonimato na profissão e, para atingir esta condição, o ponto não pode oferecer riscos de desvendamento de sua profissão na esfera doméstica. Um fenômeno diferenciado do estilo de prostituição de Márcia, por exemplo, que passou à condição de amante do dono da boate onde trabalhava.

Na época de minha pesquisa de campo para o doutorado, Denise era praticamente a “dona do ponto”, isto é, da esquina entre a rua Bento Gonçalves e a rua Conselheiro Mafra, em frente a um dormitório (Sobrado), e nenhuma outra colega de profissão pode fazer programa no local sem que seja autorizada por ela.

O controle moral no seu território era exercido com força e as regras de decoro eram precisas para todas as colegas de trabalho, às quais autorizava a permanência no local, dividindo o ponto com ela.

As intervenções de Denise no interior do seu local de trabalho e no controle moral das práticas corporais de suas colegas revelam que a vida cotidiana da prostituição de rua não é completamente “sem vergonha”, uma vez que, nela, o cliente na condição de estranho se traduz como uma “entidade relacional” (MIAGUSKO & ROSSI, 1999). Nem sempre evidentes, as regras de decoro são sempre lembradas por Denise, no sentido não só de alertar suas companheiras de trabalho, mas de ensiná-las um estilo de prostituição diferenciado das demais formas de prestação do serviço sexual na rua. O afastamento de uma colega que não se enquadrava nas formas de conduta dessa rede social de trabalhadoras se dava em razão do constrangimento que ela provocava nas regiões do entorno do “ponto”, apontando para outras formas de atuar no comércio sexual (consideradas “vulgares”) e para a importância de suas interdições na garantia da qualidade moral dos serviços prestados.

Durante o trabalho de campo, assisti a disputas e tensões na rede social onde Denise ocupa lugar de poder evidente, interferindo nas decisões quanto às colegas que rompem com o acordo. Numa das situações, Denise foi responsável pela expulsão de uma de suas colegas de profissão, que havia roubado alguns clientes. A evidência da quebra do decoro já havia se anunciado nas roupas que ela usava e que se distinguia das demais pelo desleixo e pela falta de elegância: bermuda de lycra, camiseta, chinelos e cabelos desarrumados.

O afastamento da colega a impediu de permanecer no “ponto” junto com as outras (Denise e Ivone), e a obrigou a circular todo o tempo pela rua Conselheiro Mafra, sentando-se algumas vezes na praça da Alfândega, a procura de clientes e prejudicando sua atuação profissional, pois a fixidade no lugar colabora para a manutenção da clientela.

Assim, as redes sociais de prostituição, que percorri até chegar à Denise, me mostraram quão complexos são seus laços de trabalho. Laços que envolvem um compartilhamento de hábitos, regras e valores comuns, imersos na cotidianidade do espaço praticado na profissão e orientados para um sistema de significados sobre o comércio sexual e seus locais de experiência.

Trata-se de uma trama de relações sociais (com clientes, transeuntes, donos de bares, boates e dormitórios, com colegas de profissão e com policiais) que se tece em torno de certas formas de expressão do sexo mercantil na cidade, bem como, nos modos de venda dos seus serviços aos futuros clientes, com implicações para o produto que está sendo oferecido aos consumidores:

Preconceito sempre tem né... mas eu como não dou bola né, se alguém falar uma pra mim, eu falo dois três, quatro, cinco, não levo desaforo pra casa! Geralmente os outros passam aqui, dão uma debochadinha, uma risadinha, comentam. Coisa assim.... Agora de vizinho e coisarada não! ... não assim diretamente, se falaram alguma coisa nunca chegou nos meus ouvidos! Sempre foi normal.... Nunca fui destrutada em lugar nenhum! (Denise, extrato de entrevista, 2007.)

A experiência de campo, com a rede social de Denise, me fez pensar nas diferenças da condição do estranho em relação às condições de desconhecido e de íntimo, tanto para o caso dos potenciais clientes que freqüentam o comércio sexual de rua, quanto para aqueles que passam pelos locais onde ele se situa (transeuntes e vizinhos de trabalho). Nesse sentido, o estranho não é um desconhecido (MIAGUSKO & ROSSI, 1999: 35-37), em muitos casos é alguém com quem, no bairro onde moro, tenho certo grau de intimidade e proximidade, embora não compartilhe, com essa pessoa, de situações reservadas à vida privada e aos familiares e amigos.

Minha aproximação com as profissionais do sexo atuantes na rua Conselheiro Mafra, aonde Denise trabalhava, se realizou sem mediações de quaisquer instituições. Tive que “me virar” para ser aceita por ela, passando pelo seu crivo e seus critérios para “estar” na rua. Aliás, própria expressão “te vira”, dita entre elas e para as mais novas (como no meu caso) que chegam ao ponto, é uma forma singular de situá-la no interior do aprendizado do trabalho na rua, desafiando a astúcia da neófita em separar, a partir da experiência urbana da “batalha na rua”, o “joio do trigo”. Em outras palavras, diferenciar “quem ensina” de “quem aprende” na comunidade de suas parcerias. Algo que ficou evidente, quando perguntei para Denise o que ela iria transmitir para

uma novata que chegasse ao “ponto” para iniciar numa carreira de prostituta:

J: Ah..... O quê que tu falaria hoje pra uma garota que tá começando...

D: O quê que eu falaria... Ah tá... dá bastante a pomba e guardar todo o dinheirinho! (risos) Mas é assim, no começo a gente ganha e depois a gente fica penando (risos)

Ivone: A gente ganha horrores e não dá valor...

Denise: É... daí a gente gasta, ah porque amanhã eu vou lá e vou ganhar mais.... mas depois ó... depois acaba... ganha, ganha no começo.... depois...

Ivone (... Não entendo) a velhice chegou...

D: A gente fiou manjada não ganha mais:

Ivone: Ficou manjada, não fez um pé de meia....  
(Denise, extrato de entrevista, 2007.)

Um alerta para os perigos do comércio sexual de rua e à exposição aos riscos de “ficar manjada”, envolvendo até mesmo agressões cotidianas a sua condição corporal, não apenas sujeito às exposições constantes ao sol, à chuva, à poluição e às doenças advindas da prática sexual sem proteção, mas também, em certos momentos, aos maus tratos dos clientes, policiais e transeuntes anônimos, numa necessidade de se reinventar, dia-a-dia, ali na rua.

Por outro lado, a expressão “te vira!”, aplicada a minha pessoa ou a qualquer outra neófito no “pedaço”, pode ser uma importante chave interpretativa para se refletir sobre o código de emoções que regula o aprendizado do sexo mercantil na prostituição na rua. Inspirada nos comentários de Deschamps (2006), a experiência com Denise e suas parceiras de programa na rua apontou para a relevância do “corpo impositivo” como parte integrante de um estilo de prática de sexo mercantil. Na rua não pode existir um corpo distraído, um corpo frágil, sob pena de ele ser traído ou subtraído pelos riscos de sua função pública no comércio sexual de rua. A rua exige um corpo atento.

Como a própria estética do “estar na rua”, que Denise defende para o seu “ponto”, trata-se de impor o corpo nos moldes de um instrumento de trabalho, uma espécie de arma, sempre pronta para atuação em sua própria defesa. Afinal é um corpo construído no espaço da cidade e que precisa apresentar-se de forma sólida e segura nas

calçadas e esquinas. Um corpo que precisa transmitir mensagens de força.

Para Denise, portanto, o “estar na rua”, a trabalho, a coloca, frequentemente, frente à possíveis armadilhas - imponderáveis - que podem surgir a qualquer momento, e de parte de qualquer pessoa, devendo ser, constantemente, evitadas<sup>198</sup>.

Quando lhe perguntei sobre em que consiste, afinal, a profissão de prostituta, ela esgrima com o senso comum e me responde:

Pra mim é ir lá pegar o dinheiro dos trouxas....Pegar o dinheiro e deu! Guarda o dinheiro, vai lá transa, não envolve sentimento, nem nada... vai lá . É como tu ir no banheiro no dia a dia, escovar um dente.... É que no início é assim, a gente vai lá, tem mais vergonha, receio.... depois já.... É.... a gente se ilude.... tu ganha um monte de dinheiro, tu queres gastar a revelia.... e aí vai se passando e não é mais a mesma coisa... vai se passando, queria eu ganhar 10% do que eu ganhava no começo. Não precisava nem ser 15 podia ser só 10.... Hoje não arruma isso quase na semana inteira.. (Denise, extrato de entrevista, 2007.)

Uma resposta evasiva, pois, alguns instantes depois, Denise expõe para mim os seus vazios existenciais, onde a sua migração para a cidade, seus sonhos e suas ilusões com uma carreira na profissão são avaliados:

Não sei, é que pra mim às vezes falta, parece que falta uma coisa..... ah..... Eu não sei o quê que é.... eu fico procurando, eu fico imaginando.... mas.... uma tristeza, uma tristeza.... Vontade de chorar .... ah... não sei.... sei lá.... Também não sei o quê que é.... Aqui na rua não tem muito o que me queixar também.... Coisas do dia.... Arrumar dinheiro. Porque aqui, eu converso com um, converso com outro... Até passa o tempo assim mais... mas o que é, eu não consigo achar, não sei.... Mas eu não era assim...( Denise, extrato de entrevista, 2007.)

---

<sup>198</sup>Martins (2003), Deschamps (2006),

Num esforço para enquadrar suas experiências amorosas em termos dos códigos éticos e morais rígidos de sua família de origem, onde foi criada, Denise se esforça para compreender as opções e escolhas que fez na sua vida profissional, procurando motivações e relevância que a orientaram para a carreira de prostituta:

Não, eu não sou daqui. Eu cheguei aqui... vim sozinha, eu e meu filho... Vim de ônibus eu vim pra casa de uma irmã minha que morava no Estreito. Daí lá eu fiquei hospedada na casa dela né.... até me ajeitar um pouco arrumei um serviço, vim trabalhar mas não parava em serviço nenhum, sei lá, era muito novinha né? E as patroas... acho que ficavam com ciúme de mim, por que acho que eu já tinha jeito pra coisa né... Daí um dia eu peguei e arrumei um serviço na Mauro Ramos, daí eu saí e peguei e fiquei desanimada com aquilo, daí eu peguei e sentei lá na praça da Alfândega daí chegou um homem perto de mim e perguntou né?. Mas eu não sabia o que era lá, o que não era, daí ele me explicou.... Daí eu saí com ele. Daí eu fiquei lá, daí volta e meia quando eu me apertava ia lá dá voltinhas, mas não era direto. Até que foi indo, eu comecei a sair de noite, comecei a me enturmar com outras meninas, daí até que eu vim parar aqui na Conselheiro Mafra! Já tô uns sete anos, sete, oito anos, já fazendo programa aqui. (Denise, extrato de entrevista, 2007.)

Quando Denise é confrontada com uma pergunta sobre quem a ensinou o seu ofício, ela responde sem titubear: “a rua ensina”:

(...) tudo que eu aprendi eu aprendi sozinha. História, história aqui... é história assim acontece bastante assim né? Que elas contam e coisa.... Mas dizer que eu aprendi alguma coisa com alguma não.... (Denise, extrato de entrevista, 2007.)

Neste sentido, Denise omite, certamente, a sua iniciação no comércio sexual a partir da rede social de parentesco por afinidade. A figura de sua cunhada é minimizada, passando para a rua e para a figura masculina do cliente essa função. Finalmente, um saber-fazer implícito

da prestação de serviços sexuais, algo que se aprende na medida da permanência nas ruas e da frequência dos programas:

Eu fumava muita maconha e *coisarada* daí eu me juntei com outra turma da pesada, da droga e coisa né... Daí sabe a gente é adolescente... tinha 16 anos na época, daí peguei e me juntei com um pessoalzinho... Com uma cunhada minha, mulher de um irmão meu que já é morta e ela me trouxe pra cá. Mas as mulheres não deixava eu ficar. Nem era aqui na esquina. Era mas lá embaixo na Conselheiro Mafra. Daí ela não deixavam ficar, mas como ela já era respeitada ela me botou na quadra, daí eu fiquei. É, daí eu vim aqui, outra me botou na quadra e falou pra ela vocês tinham que ficar aqui e tô até hoje aqui. (Denise, extrato de entrevista, 2007.)

Um fenômeno que aponta para as ameaças que sofrem de outros profissionais do sexo, para poderem se impor no comércio sexual e, assim, poderem usufruir de um “ponto” para a realização de programas. A força do coletivo (das parcerias entre elas) e/ou dos cafetões na imposição de uma territorialidade para suas práticas de sexo mercantil nas ruas, considerando sua condição clandestina (DESCAHMPS, 2006), resulta, assim, num certo grau de negação do valor do indivíduo nas aprendizagens da profissão. Em contraposição, reforçam um *esprit de corps*, anônimo (MAFFESOLI, 1987) e sem rosto, e uma solidariedade coletiva, a da rua, no momento de reverenciar conquistas de certas competências na carreira:

A gente perde o emprego, tem um filho pra criar e coisa, a pessoa desanima, tinha passado por três empregos, nenhum tinha dado certo!... daí eu peguei 50,00 reais naquele tempo era muito dinheiro... então como a gente é a primeira na praça, é nova eles pagavam. Até hoje a mulher assim que não é rodada vale mais. Daí o cara me chamou pra fazer programa, me pagou eu peguei e fui!... ele sabia né... eu também sabia né, eu já era mãe de um filho. Era só chegar no quarto, tirar a roupa, deixa dá umas apalpadinhas e transá! Daí eu peguei e fui, vi que era fácil. Daí passou e cabo de uns dias de novo eu peguei e fui para o mesmo

lugar, sentei lá de novo daí já veio outro e assim foi indo...Fui fazendo uma freguesiazinha... (Denise, extrato de entrevista, 2007.)

Ao final da pesquisa de campo, entretanto, o sobrado do início do século XX, com a fachada tombada pelo poder público, cujo dormitório ficava no segundo andar, teve que encerrar suas atividades. Mas o bar que ficava no térreo não foi comprometido, apenas mais tarde. O proprietário faleceu e a atual herdeira disse que não queria mais que o segundo andar fosse alugado para "putaria". Importante ressaltar que na rua Conselheiro Mafra existem apenas três dormitórios disponíveis para o comércio sexual, sendo o sobrado, o terceiro deles, localizado mais ao final, na região mais discreta e de menor movimento. Foi, assim, com a revitalização desta área da "Conselheiro" que, mais tarde, levou Denise a mudar de ponto, indo para uma parte mais movimentada da rua (ainda na Conselheiro, mas na esquina com a rua Sete de Setembro), portanto, mais próxima da praça XV de Novembro e do largo da Alfândega, criando uma disputa de territórios com as outras colegas de profissão e seus estilos de prestação de serviços – as "mulheres do largo".

Sobre as práticas das "mulheres da Alfândega", e as suas próprias, Denise faz questão de estabelecer diferenças e graduações do ponto de vista dos códigos ético-morais de ser e estar na batalha das ruas. Diferentemente da cumplicidade de parcerias estabelecidas entre colegas de trabalho nos pontos, essas mulheres trabalham sozinhas, algumas com seus cafetões, aos quais devem sustentar em troca da proteção do seu trabalho no local, seja por conta de clientes mais agressivos, seja pelos policiais. Por um lado, elas mantêm uma postura corporal mais ostensiva e audaciosa na conquista de clientes, não podendo, por outro lado, negar suas investidas. No momento da espera, elas costumam ficar escoradas nas portas dos prédios, sendo, a maioria delas, avessa ao diálogo.

Na fala de Denise, chama atenção a classificação moral que orienta sua conduta em relação a outras colegas de trabalho: mulheres que têm cafetões como parceiros de trabalho e que trabalham aos domingos situam-se na parte inferior de uma hierarquia no interior da profissão. O ficar em pé "nas esquinas, ancoradas" é também uma postura corporal de "caça" ao cliente, que Denise e suas colegas adotam. Entretanto, o fato de estarem reunidas a outras colegas de profissão torna seu estilo de prestação de serviços sexuais mais autônomo e

independente em relação a figura masculina. A segurança no lugar de trabalho se consolida com base na solidariedade entre as parceiras de “ponto”, no ambiente da rua, onde traficantes, cafetões, donos de bares e boates costumam ocupar lugar de poder, de coação e de opressão.

O contato com Denise e minha imersão na sua rede social me obrigou a reconhecer, nas “mulheres da alfândega”, outro estilo de ocorrência do comércio sexual de rua na região central de Florianópolis. Retornei às lembranças do meu contato com esta rede social no ano de 2002, quando realizava a pesquisa sobre as doenças sexualmente transmissíveis (DST's) com profissionais do sexo na Ilha de Santa Catarina, conforme mencionado anteriormente.

Na época era um total de 10 à 12 mulheres que faziam o *trottoir* na região. Uma população de difícil aproximação e extremamente evasiva e reservada apenas a conquista de seus clientes e a sua atuação de trabalho nas ruas. Das poucas vezes em que estabeleci contato com algumas delas, o uso de drogas e do álcool era a maior das queixas de suas colegas de trabalho. Tais costumes, segundo me relataram, acabavam por afastar o melhor dos clientes do lugar, “espantando a freguesia”. A falta de “decoro”, acabava, finalmente, por “queimar o ponto”.

#### **5.4 - Nádia, a liquidez do comércio e as “mulheres do largo”**

Nádia é uma profissional do sexo ativa e bastante conhecida no largo da Alfândega e arredores. Uma mulher simpática e agradável de 55 anos de idade, apesar de aparentar bem mais. Magra, 1,50m, talvez menos, pele queimada e enrugada do sol, sempre de batom borrado pelas rugas profundas nos lábios e de saia curta, em modelos que lembram as roupas das adolescentes.

Nádia nasceu na cidade São Miguel do Oeste, região oeste do estado de Santa Catarina, e abandonou a cidade por motivo de brigas e disputas por terras na localidade, envolvendo seu pai e seus irmãos. Sua migração para Florianópolis foi lenta e relacionada ao envolvimento de seus irmãos, filhos e depois netos com o tráfico e o crime. São itinerários urbanos que compõem a biografia familiar de muitas mulheres das camadas mais pobres (FONSECA, 2000), as quais têm seu destino atrelado a vinganças e desforras provocadas pelo mundo masculino no qual se encontram inseridas, muitas vezes, como coadjuvantes:

Sabe o quê que é os meus irmãos.... vieram pra nos mata na nossa casa, pra tirar nossa terra.. Lá no Oeste, lá em São Miguel... Daí... eles pegaram, eles vieram pra matar nós, eles chegaram tudo pronto pra matar e vieram pra cima... Lá no nosso sítio! Pra lá de São Miguel lá em Rancheto. Daí... eles pegaram, chegaram, meus irmãos mataram eles! Mataram dois, o Castelhana e o cunhado dele. O cunhado dele era primo irmão do pai! O pai dele era primo irmão do meu pai. Era parente né! Tudo ajeitado pra matar e tudo pra tirar nossa terra, nós tinha 12 alqueires, nós morava numa colônia. Daí foi assim, daí chegaram... mataram.... deram 12 facadas. .. Porque eles chegaram, meu irmão abriu a porta e já pregaram de bala, meu irmão levou um tiro na perna... daí mataram ele. Daí o mais velho tirou seis anos na cadeia. Daí meu irmão disse assim: “Vamos pra lá, lá tem bastante serviço... Saiam daí!!!!” (Nádia, extrato de entrevista, 2007.)

Conheci Nádia por intermédio da ONG Estrela Guia, com a qual realizei, algumas vezes, o trabalho de campo, ainda quando estava engajada em suas ações e distribuía camisinhas femininas e masculinas nos dormitórios, boates e para as mulheres que atuavam nas áreas centrais de Florianópolis. Ela é uma ‘das mais antigas’ do largo da Alfândega e está no local há aproximadamente 15 anos.

Da mesma forma, nos percursos de minhas andanças, durante o trabalho de campo para a tese, foi que conheci seus netos, que eram engraxates e pedintes, assim como suas irmãs e uma de suas filhas, que a visitavam no local de trabalho: “é mais fácil encontrar Nádia aqui do que na casa dela”.

O campo de possibilidades (VELHO, 2003) de sua trajetória individual na prostituição emerge, assim, no âmbito dos seus laços familiares e de parentesco. Aliás, como a maioria de minhas interlocutoras, é a forma de trabalho que as insere na grande cidade de uma forma determinada, depois de uma breve passagem de prestação de serviço em casas de família, bares e restaurantes (e mesmo no comércio): “eu trabalhei mesmo de faxina uns seis, sete anos... (Nádia, extrato de entrevista, 2007.)” Uma opção entre outras formas de trabalho na cidade, a prestação de serviços sexuais surge dentro de uma margem

de manobra de outros ofícios disponíveis para este segmento social, que surgem da trajetória de recém migrante para uma cidade grande.

A herança do patrimônio familiar nesse tipo de trabalho no comércio sexual é, assim, repassada aos demais membros da família, tendo por base uma rede de solidariedade, neste caso, principalmente, com base nos laços de parentesco e reunindo mulheres de uma mesma família extensa, para situar-se na “grande cidade”. Segundo Nádía, uma de suas filhas também trabalha no “largo” e presta, eventualmente, serviços sexuais.

A referência a essa complexa rede de parentes próximos e distantes foi mencionada por ela em vários momentos de sua biografia, possibilitando-lhe obter auxílios, terrenos, casa própria, além de trabalho. Um fenômeno já abordado nos trabalhos clássicos de E. Duhram (1973; 1966) e que se confirmam na trajetória social de Nádía no interior da capital:

Mas primeiro eu vim né? Eu vim com oito filhos. Meu marido morreu primeiro, daí o segundo ficou lá, daí eu vim com os oito filhos. E vim aqui na.... aqui no morro, na Mauro Ramos, tinha um morro lá em cima, do banco redondo lá em cima, daí meu irmão morava lá encima, achei ele ali.... fiquei uns dias ali, depois arrumei uma casa lá no.... lá no Barreiros, aluguei uma casa, eu aluguei! Sozinha!! E trabalhando, trabalhando! Eu trabalhei por mês, depois o resto faxina, só faxina, depois trabalhei 4 mês, depois fui pra Palhoça/SC. Peguei até aqueles .... pra vender aqueles.... temperos sabe? Andava por toda parte, daí fui lá naquela “Terra Fraca” como se diz.... perto da FUCABEM e encontrei com minha sobrinha, daí ela falou: “Oh tia, lá tem um lugarzinho bem bom ali! Vai pega e compra umas madeiras, arruma umas madeiras e faça uma casinha!” (Nádía, extrato de entrevista, 2007.)

Como na trajetória de Denise e Márcia, a referência a outras formas de trabalho e ocupação na cidade são, aqui, relevantes para se pensar as margens de manobra a disposição de Nádía no momento de sua escolha pela prestação de serviços sexuais. É importante ressaltar a complexidade dos itinerários urbanos até ela chegar a fixar-se na cidade

de Florianópolis, no largo da Alfândega, como prostituta, no interior de uma rede social de outras profissionais que ali atuavam:

Fiquei uns dias na casa de uma mulher, mas eu me viro né, corria pra lá, corria pra cá, fazendo dinheiro, mas não que eu vinha aqui. Não tava aqui não. Daí peguei e fui fazer faxina, tinha faxina até em (inaudível). Trabalhava, trabalhava, trabalhava... As mulheres me ajudavam, me davam carne da geladeira, me davam comida, daí fui comprando... Deixa eu ver, faz dezoito anos que eu to aqui, a Charlotte veio com 5 meses, 5 meses. Daí eu fiquei lá, lá na casa da mulher. Daí eu disse não, vou arrumar umas madeira, daí comprei madeira né, aí eu fiz um barraco! Fiz um barraco. Fiquei naquele barraco... eu trabalhando 4 meses. Daí uma mulher falou assim pra mim: “Oh Nádía, vamos lá no centro.... eles dão muita coisa pras pessoas.” Fui lá! Me deram colchão, me deram butijão, me deram tudo, caixa de compra, me deram madeira, me deram coberta... nem peguei e construí uma casinha lá. Meu sobrinho pegou lá um.... até engraçado! (Risos). (Nádía, extrato de entrevista, 2007.)

Entretanto, a fixação de residência em Florianópolis não se deu imediatamente a sua saída de São Miguel do Oeste/SC. As mudanças de moradia com os seus oito filhos foram marcas empregadas por Nádía para narrar sua chegada a Florianópolis:

Daí arrumei um namorado lá de Santo Amaro num bailão. Dali cinco meses comecei a ir num baile lá no Guarani... daí arrumei ele, Daí, ele ia lá em casa, eu ia na casa dele. Fiz uma casinha melhor. Daí comecei... daí minha irmã encencou por lá – minha irmã foi morar pra lá também – encencou com meu sobrinho mesmo. Quiseram pausar ela... Daí ela: “Nádía vamo pro morro!”. Daí ela arrumou uma casinha ali no morro! Na Caiera! Puxamos nossa muda... Vendi lá a casinha... Daí ali construí uma casa de novo! Fiz uma casinha, meu filho, aquele mais velho, ele me ajudava, ele cuidava de carro, ele ganhava vinte e cinco, vinte e quatro reais pra cuidar dos carros.

Me ajudava, todo dia me dava um dinheiro e o dinheiro da faxina eu ia guardando. Construí uma casinha lá, fiz um quarto, deu dois quartos, fizeram bem feitinho. Daí, depois eu vendi lá né, vendi lá, peguei e fui morar na Vargem do Bom Jesus. Comprei lá... Daí uma casinha por... mil reais dum home que ele... porque meu irmão vendeu a terra e me deu um troco né? Daí comprei por mil reais. Fiquei cinco mês lá, um morro cheio de mosquito a criançada não gostaram. Peguei e voltei de novo pro morro. (Nádia, extrato de entrevista, 2007.)

Apesar dos esforços de Nádia em tentar se proteger, “no morro”, das distorções do mundo do crime e da droga sobre si e sobre sua prole, o relato de sua biografia é ritmado pela presença da morte, da brutalidade e da violência, dos quais ela tenta, desesperadamente, se separar, lidando com uma gênese histórica de relações sociais, onde tais fatores se conformam como códigos de emoções orientadores de seus laços sociais com o mundo:

Depois nós compramos outra casa bem grande. De dois andares.... de tijolo... Morei tempão ali... fiquei.... uns dez anos. Daí aconteceu isso com meu filho né? Porque ele começou a sair e assaltar e eles prendiam, levavam e nós tirava da... de lá... um dia foram em sete, fomos lá e tiramos. Daí falaram: “Outra vez agora é a última vez... se nós pegar você, você vai lá pro São Lucas”. Ele tinha 17 anos. Daí eu peguei... e aconteceu uns pobrema lá no morro... mataram um... Daí foram em três, daí ele foi lá pra Lages, eu não sabia, fazia quinze dias, eu não sabia, eu ligava ali.... e eu nervosa né! Daqui a pouco veio a notícia de que ele tava no São Lucas...Ficou.... um ano e meio... mas ele trabalhava, me dava dinheiro... saia sozinho, fez todos os documentos... daí pegou, ele pegou e ficou lá.... daqui um pouco ele fugiu de lá! (Nádia, extrato de entrevista, 2007).

Trata-se aqui do que Velho denomina de “potencial de metamorfose” no interior de uma trajetória individual, onde o desvio e a marginalidade se fazem presente, e que se origina nas margens de

manobra que Nádia encontra na cidade para driblar as situações de violência e criminalidade a que se encontra sujeita - ela e sua prole, assumindo para isto uma diversificação de papéis e domínios, tanto na esfera pública, quanto na doméstica, de mãe, de namorada, de avó, de prostituta, de faxineira, etc.

As relações amorosas parecem ter um papel importante nos deslocamentos no interior da carreira, sempre sujeitas aos reveses das ações dos homens da família (pais, irmãos e namorados) e de fora dela:

Namorado? Não, não tem....Quando eu saio assim. Quando eu saio pros bailes com ele, ele não desgruda... aqui eu saio.. A gente não fica nem um dia sem se ver... Ele sai por aí, ele tava trabalhando nos Ingleses sempre ele pega o dinheiro dele e vem gasta comigo! Não sai com outra, eu já bati até na cara dele por causa disso! No começo! Mas eu peguei uma ali no Portuga e quase matei! Não, sabe por que? Ela pego, foi lá no Portuga, de lá foram pra casa dela... E eu gostava dele pra caramba! Daí daqui um pouco eu encenquei com ele eu fiz as pazes com ele nós tinha brigado. Teus filhos gostam muito de mim.... Daí fomos lá pro Portuga, eu fui lá de noite, ela tava lá dançando! E eu comecei a dançar, tomá com a meninada lá, daqui um pouco ela. Quando ela levantou peguei ela pelo colarinho! Ela caiu de novo, daí ela levantou. Fico mucho!! Um dia eu bati na cara dele ali no Portuga. Agora não... agora... ih, parei de brigar com ele. Último dia que eu briguei eu corri atrás. Agora não eu fico (Nádia, extrato de entrevista, 2007.)

A figura masculina e os espaços públicos de sociabilidade, como os bailões (e não das boates), no interior das cidades da grande Florianópolis, no relato biográfico de Nádia, aparecem sempre como propulsores de acontecimentos e mudanças de sorte em sua vida, deslocando-a para uma carreira no comércio sexual.

Novamente, a menção à violência e às agressões físicas como parte de um código de emoções orientador das relações de gênero na trajetória social e na biografia individual de Nádia, assim como, na conformação de sua subjetividade, são fenômenos pelos quais ela ritmiza seu relato biográfico na carreira de prostituta:

Com um cara assim, que é estranho... eu não vou! Tem um cara aí, um coroa que ele pegou uma guria lá da praça<sup>199</sup>! Ele é estuprador, e ele é aidético! Ele levou a guria lá pra beira mar – no tempo da praça - daí levou ela lá, aí não pagou ela. Ele tem um monte de dinheiro, ele mostra os dinheiros pras mulher... eu ele já tentou ficar comigo.. Daí um dia ali eu disse “oh seu aidético” ainda eu falei né, “oh não saio contigo! Seu porco, vagabundo, você deve as mulher aqui, você que me levar a força, não vai levá, eu ligo pro meu filho ele vem e te dá um tiro bem no meio da sua cabeça que vai rachar a tua cabeça”. (Nádia, extrato de entrevista, 2007.)

Nesse aspecto, a unidade e a coerência próprias dos fenômenos da violência e da brutalidade encontram matizes específicos em sua trajetória individual no comércio sexual, pois se confrontam com os esforços da Nádia para cruzar as fronteiras culturais do desvio e do crime, por intermédio de sua inserção em novas redes sociais, implicando num deslocamento entre cidades, na busca de novas oportunidades de vida. A profissão de prostituta é algo que exige uma avaliação dos riscos e das oportunidades, para a obtenção de seu sustento por meio de um trabalho extremamente exposto nas ruas e calçadas, considerando que Nádia é uma mulher-chefe-de-família (FONSECA, 2000):

Sábado eu chego aqui de manhã, oito horas da manhã, as vezes dá movimento, as vezes vem cliente meu de manhã né? Daí eu chego aqui no sábado e saio daqui às vezes nove, dez horas.. Mas eu chego aqui também pra ficar com a mulherada também.. Daí domingo eu chego aqui, depois do almoço, faço almoço pras crianças, almoço junto daí depois eu venho, duas três horas... (Nádia, extrato de entrevista, 2007).

A aprendizagem de tais saberes e fazeres da prestação de serviço sexual nas ruas passa pela escolha do freguês, pelas negociações dos serviços a serem prestados e pelo acerto final dos gastos, que envolvem, às vezes, o pagamento de uma refeição e do dormitório.

---

<sup>199</sup>Praça XV de Novembro.

Ainda há que se considerar o cansaço corporal, as condições climáticas e uma preocupação com as condições de realização de seu trabalho, coerentemente coordenadas, com as demandas no interior do espaço doméstico e com seus compromissos com o sustento e a educação da prole.

Desse modo, é preciso que uma rotina seja criada no interior da unidade doméstica, para que sua jornada de trabalho seja possível e viável. Pode-se observar, aqui, um processo cauteloso de cálculo de risco que Nádia coloca em prática no exercício racional de distribuições de papéis e de domínios sociais:

Segunda agora eu tô chegando mais tarde... por causa do frio né?...É que de manhã não tem ninguém.... o movimento tá pouco.... chego onze horas, meio dia. Outro dia veio um cliente: “Oh Nádia onde é que você andava... vim duas vezes aqui de manhã e você não tava...” “Mas de manhã eu não venho mais!” Ah de manhã eu levanto, faço café pro povo, dou uma varrida na casa, lavo a louça e depois venho! E daí... hoje eu vou mais cedo.... essa noite eu fiquei na madrugada...Às quatro horas da madrugada. Quando eu tiro pra fica aqui eu fico!!! A Charlote vai pra aula, seis horas sai de casa, quando é dez horas ela volta né... A menininha fica com ela de manhã né? Até meio dia cuidando do piazinho lá... e a Charlote lá dormindo, depois ela levanta, faz o serviço... Eu levanto faço..... A Charlote diz, “Mãe.. a mãe pega e lava a louça e varre a casa e faz a cama!”. Daí estendo a cama, dou uma varrida na casa que tá suja. Daí pego e lavo a louça, dou café pras crianças. E daí saio... e depois a Charlote faz tudo, a Charlote faz almoço, deixo tudo feito... (Nádia, extrato de entrevista, 2007.)

Nádia tem no “largo” uma jornada de trabalho na rua intensa, de domingo à domingo, de sol a sol, e com raríssimos dias de folga:

É feriado, é domingo, é Páscoa.... Tudo! Direto! Ah domingo, domingo eu chego só depois do meio dia, que é de tarde né.... e aí Dia das Mães eu fui lá, lá no Rio Vermelho na minha filha, levei

dois bolos... meu filho levou de carro, ele em carro: “Vamos lá mãe, vamos lá pra Lagoa!”. Daí cheguei em casa tava meio garoando, era cinco horas. Oh mãe fica aí na casa, não vai pro centro hoje. Ta bom, não vo i. Mas eu sabia que tinha um cliente meu que eu tinha marcado... É... é todo domingo!!! Ficar em casa nada.... Vim aqui pro centro e peguei cento e vinte real... (Nádia, extrato de entrevista, 2007.)

A iniciação de Nádia no comércio sexual obedeceu a uma lógica coerente com os relatos das outras minhas interlocutoras de pesquisa e envolveu a participação de uma rede de solidariedade feminina no âmbito das relações familiares, seja a partir de laços de parentesco consangüíneos (irmã, mãe ou prima), seja por laços de afinidade (sogra e cunhadas). Como Márcia, Nádia se inicia após o casamento, quando enviuvou do marido:

Ah.... eu cheguei assim.... eu vinha trabalhar lá na Mauro Ramos e passava aqui né? Ia pro terminal....Daí eu tava ali né? Um cara chegou e perguntou se eu fazia programa. Eu disse que não! Eu tinha vergonha, eu tinha bem vergonha! Logo que a gente chega a gente tem vergonha. Daí..... daí começou né. O primeiro me levou lá pro hotel...É... aí peguei, saí com ele uma vez.... depois saí de novo... daí já vi que ganhava mais né? Eu tava trabalhando lá mas não dava. Muito filho né...Trabalhava por mês pra dona Teresa... num apartamento, ela era amante de político, ela não queria que eu saísse, ela falou pra eu não sair. Daí eu achei que dava mais né? Mas eu ficava lá oh (aponta com a mão)....Mas eu não ia nem lá na praça.... tinha um homem que vendia... remédio.... eu ficava perto dele né? (Nádia, extrato de entrevista, 2007.)

Meu contato com Nádia em seu lugar de trabalho foi se intensificando a partir de minhas experiências urbanas nas ruas próximas ao Mercado Público e ao largo da Alfândega, em que ela trabalha. Com ela fiz algumas entrevistas seguidas de alguns lanches e

almoços. Com ela conheci a rede das “mulheres da Alfândega”, suas lutas por locais de trabalho e suas disputas de poder:

Por aí né.... depois que pararam com as mulherada ali na Praça... quanto tempo faz?... Uns dez anos.... porque quando eu comecei lá na praça... eu comecei na praça, daí proibiram! Tiraram a mulherada... vieram tudo pra cá, ficavam tudo aqui, tudo perto da ... perto daquela.... pra cá da policia ali.... ficam sentada naquela lajinha que tem ali.... a mulherada toda ficava ali. Daí chegou uma mulher ali trabalhar ali, uma gordona, a Ângela, ela tinha uma banquinha que vendia não sei o quê.... Daí ela pegava e espantava nós dali. Ela olhava com uma cara pra nós.... Não deixava nós ficar ali...depois nós viemos pra cá! A Raquel....., como é que é o nome dela, a outra... a Magri, a Cris.... um monte de mulher batalhava lá.... eu conhecia umas quantas... umas loiras, umas que já morreram... Tinha bastante... lá na praça tinha bastante... (Nádia, extrato de entrevista, 2007.)

No “ponto” onde trabalha Nádia, no largo da Alfândega, o número de mulheres profissionais do sexo é expressivamente superior ao da rua Conselheiro Mafra e a população feminina é mais flutuante, em torno de 10 à 15 na baixa estação (de abril a novembro), aumentando na alta temporada, com a chegada do verão, das férias e do turismo para a capital.

Nos fluxos entre estas temporadas, Nádia comenta comigo que faz programas com alguns amigos e clientes fixos, indo na casa deles quando a situação exige. Mas alerta que isso só se passa com clientes que ela conhece há bastante tempo e que tem alguma intimidade, podendo, desta parceria, resultar laços de conjugalidade, ainda que efêmeros:

Pouso. Claro que pouso!! Esses dias eu fui lá.... fui lá no Santo Amaro/SC<sup>200</sup>. Lá no bar, pra lá da Palhoça/SC, tem um bar e encontrei com um amigo meu, daí ele me levou lá na casa dele... Oh... ele me deu cento e trinta né.... pagou táxi e

---

<sup>200</sup> Município da grande Florianópolis.

tudo... pensei que não fosse mais encontrar com ele porque... Meu Deus! Quer que eu vá lá, porque ele tem a mãe dele e o pai dele. A mãe dele bem velhinha, ela gosta de mim... Fazia tempo, fazia uns dois, três anos que a gente não se encontrava. E o amigo dele era meu namorado, ele casou. E ele não tá casado, ele: “Ah vamo morar junto! Vem pra cá morar comigo! Deixa as criança...” (Nádia, extrato de entrevista, 2007.)

No caso de Nádia, tais formas de expressão dos sentimentos envolvendo o cliente e a prostituta são pontuais, uma vez que o estilo da prestação de serviços sexuais, que caracteriza seu trabalho na rua, explora a fluidez e a liquidez do seu “negócio” na “ilha”. Um trabalho sujeito ao fluxo e ao refluxo do turismo sexual na cidade na época das férias, associando, portanto, o sexo mercantil com a diversão<sup>201</sup> e o ócio (SÉCHET, 2007), como já mencionado.

Outra característica do trabalho na rua exercido por Nádia, diferente das minhas outras duas parceiras de pesquisas, é a dispersão dela e de suas colegas de trabalho no “largo”, ocupando, algumas vezes, os espaços da rua Conselheiro Mafra e da praça XV de Novembro. A forma de ser e estar na rua dessas mulheres tem por intenção o disfarçar-se de simples pessoas em condição de passagem pelo local, ainda que por suas roupas, gestos e posturas acabem, depois de um tempo, sendo identificadas como prostitutas pelos *habitués* desses locais (trabalhadores da limpeza urbana, empregados de lojas, ambulantes e camelôs, comerciantes e lojistas, motoristas de táxi, etc).

E mesmo que a paisagem física do lugar tenha se alterado nas últimas décadas do século XX, com o aterro, a construção de novas pistas para automóveis e a ampliação dos espaços para pedestres, as práticas sociais de prostituição de rua nesse trecho da área central de Florianópolis se conservam:

Ficava ali naquela árvore... É, ficava lá sentada conversando com o cara, daí passava os caras, daí arrumei um velhinho, daí todo o mês ele recebia e me dava metade do salário, daí ele chegava, chegava do terminal e eu já tava esperando, aí nós ia no mercado eu levava o carrinho e ele enchia...

---

<sup>201</sup> Sechet (2007,3) usa o bairro parisiense Pigalle como exemplo de um bairro de turismo sexual: "Cela peut s'appliquer à des quartiers comme Pigalle à Paris, ainsi qu'à tous les lieux réputés être des foyers de tourisme sexual".

eu ia pegando e ele pagando... daí já fui ficando...  
(Nádia, extrato de entrevista, 2007).

Em nossos últimos encontros Nádia procurava avaliar seu desempenho na carreira desde o “ponto” na praça XV, onde iniciaria sua profissão de prostituta:

Hoje, hoje é mais melhor? Pra mim é melhor... Porque eu ganho mais né?... naquele tempo não ganhava tanto... , eu tenho tanto cliente... um me dá cinquenta, outro me dá oitenta! ...Porque fora eu não saio... se eu vou transa com um cara, um freguês meu, é porque eu já conheço... (Nádia, extrato de entrevista, 2007)

Referindo-se a uma estabilidade na profissão, Nádia contempla certo sucesso na prostituição, numa trajetória social sempre ameaçada pelo desenraizamento. Por outro lado, a conquista deste sucesso no trabalho fornece um dado importante a respeito do seu talento em cruzar diferentes situações sociais, sem deixar-se contaminar pela concepção de indivíduo marginal, atribuído à carreira na prostituição. Nádia, como as demais, Márcia e Denise, fornece pistas relevantes para se pensar o conjunto de símbolos legitimadores da ordem social patriarcal onde se encontra inserida, assim como, suas sanções e mecanismos de controle e repressão, com as quais negocia, todo o tempo, o desempenho de sua profissão na cidade.

Nesse processo de metamorfose de si (VELHO, 2003), torna-se evidente que ela, assim como as demais, passa por intensos processos de alteração em sua identidade social e individual de prostituta, mas permanecem, entretanto, suas experiências e vivências femininas anteriores, reinterpretadas, agora, com outros significados, a partir de sua narrativa biográfica.

## CAPÍTULO VI

### DAS ONG'S ÀS PRÁTICAS SEXUAIS NAS RUAS DA CIDADE

*Ai ele perguntou: “pra onde é que tu vai?” Eu disse: “Eu vou pra uma boate!!! Eu vou ser puta!!!” (Márcia, maio de 2007)*

#### 6.1 - Introdução

Como mencionado no início desta tese, foi a partir da participação na ONG BEMFAM, ao mesmo tempo associado aos anos de pesquisa no NIGS<sup>202</sup>, que atentei para as possibilidades desta pesquisa de doutorado. E, embora o estudo das práticas e modos de intervenção das ONG's não seja o tema central desta tese, ele atravessa o meu campo investigativo. Portanto, vale, neste momento, apresentar algumas feições e contornos norteadores das ONG's que acomodam, entre suas atuações, o comércio do sexo.

As ONG's, ONG's, ou ainda, as 'organizações-não-governamentais', possuem, em solo brasileiro, uma história que hoje completa três décadas. Muitas delas organizadas, no Brasil e na América Latina, por uma geração de intelectuais que estavam exilados: “ou invariavelmente tinham vivido a experiência do exílio ou da luta contra a ditadura” (RAMOS, 2004, 1). Mas é preciso também destacar que foram os movimentos sociais<sup>203</sup> que antecederam o processo de formação das ONG's aqui no Brasil (TACQUES, 2007).

As ONG's pertencem ao que se conhece como Terceiro Setor<sup>204</sup>, definido por Maria da Glória Gohn (2000, 21) como “Um tipo de associativismo que atua no nível do poder local e suas organizações se definem com fins públicos sem fins lucrativos.”

Portanto, as ONG's são a face mais visível do Terceiro Setor, e mesmo entre elas, são múltiplas e diferentes entre si, com propostas, públicos, modos de atuação e participação distintas, reconhecidas pela

---

<sup>202</sup> Núcleo de Identidade, Gênero e Subjetividade ligado ao Departamento de Pós-graduação em Antropologia Social da UFSC coordenado pela professora Míriam Pillar Grossi.

<sup>203</sup> Sobre a diferença entre movimentos sociais e ONG's, ver Teixeira, 2003 e Landim, 2002

<sup>204</sup> O termo Terceiro Setor (Third Sector) é muito utilizado nos Estados Unidos para definir as organizações que não possuem um vínculo direto com o Primeiro setor (Público, o Estado) e o Segundo setor (Privado, o Mercado).

sua aparência “Frankenstein”, devido a sua falta de forma (Idem, 2000). Caminham ao lado dessa heterogeneidade<sup>205</sup> inúmeras outras tensões de ordem identitária, demandando articulação na tentativa de acomodar as ONG’s, como especifica Silvia Ramos (2004):

As tensões advindas do fato de não terem fins lucrativos, sem serem filantrópicas; serem políticas, sem serem partidárias; serem não-governamentais, mas, eventualmente, manterem relações de cooperação com governos, constituem parte da dinâmica original de constituição das ONG’s e são, exatamente por isto, pontos de definição de identidades e pertencimentos que se reeditam a cada conjuntura e em cada campo específico.

Assim, na expectativa de apresentar um ordenamento destas instituições, Gohn (2000) identifica dois tipos de ONG’s. Uma primeira que nomeia como as ‘militantes’, formadas nos anos 70 e nos anos 80 (do século XX). Estas atuavam contra o Estado e, uma vez diante da formação nos anos de democratização do país, eram basicamente envolvidas nos movimentos sociais. Eram organizadas a partir de mobilização de massa e, deste modo, colaboraram para a formação do conceito de sociedade civil que se organizou mais sistematicamente nas “últimas décadas do século XX” (PINTO, 2006).

O segundo tipo é o das ONG’s constituídas a partir de mobilizações pontuais e que não possuem um perfil ideológico definido (por conta do envolvimento partidário, por exemplo), mas “falam em nome de um pluralismo, defendem as políticas de parcerias entre o setor público e as entidades privadas sem fins lucrativos e o alargamento do espaço público não estatal” (GOHN, 2000, 26).

Na perspectiva de realinhamento em 10.01.2002<sup>206</sup>, foi aprovado um novo Código Civil<sup>207</sup> regrido as atividades das ONG’s, o qual trouxe profundas mudanças no cotidiano das associações<sup>208</sup>.

As alterações, ou exigências, prevêm um enquadramento de novas regras do gerenciamento destas instituições, que devem, obrigatoriamente, alterar ou mesmo incluir no estatuto, por exemplo, o

---

<sup>205</sup> Sobre a diversidade nos modos de atuação das ONG’s, ver Tacques, 2007.

<sup>206</sup> Passou a vigorar em 1º de janeiro de 2003.

<sup>207</sup> Lei nº. 10.406.

<sup>208</sup> A legislação brasileira prevê, para uma organização sem fins lucrativos, quatro formatos institucionais, a saber: associação, fundação, organização religiosa e partidos políticos.

responsável pela instituição em caso de má gestão dos recursos. Outra determinação, de cunho democrático, prevê, também, uma participação de membros na quantidade de 2/3 nas assembléias para votações e deliberações. Há, ainda, outra alteração, agora de cunho semântico, e se refere ao âmbito da terminologia, que passa a denominação de “sem fins lucrativos” para “sem fins econômicos”.

São propostas que dão novos contornos às entidades e ou fundações, e que demandam uma roupagem mais sólida e consistente, tanto no que diz respeito a suas atuações, como também impõem, de certa maneira, a construção de uma categoria denominada de ‘ativistas profissionais’ (RAMOS, 2004).

De acordo com Sílvia Ramos (2004), Esta “super” especialização dos profissionais das ONG’s pode levá-las a questionar algumas de suas verdadeiras ambições e a colocá-las numa situação de desviar “as organizações da sociedade civil das aspirações populares” (RAMOS, 2004), bem como, também, questionar a sua verdadeira natureza.

Por outro lado, a atuação dos intelectuais nas ONG’s ao longo dos anos, no caso do Brasil, ao se dedicar à mediação das relações entre interlocutores (populações afro-descendentes, coletivos indígenas, prostitutas, “meninos de rua”, etc. e o Estado), marcadas pela assimetria, pelo poder e, por vezes, pela violência, tem revelado, nos termos empregados por Roberto Cardoso de Oliveira, que o saber e a ética são componentes indissociáveis de programas de transformação social.

Em particular, tais programas dependem da instauração de um acordo, logo de uma ética, acerca das normas e valores que orientam as profissões que atendem ao comércio sexual (travestis, profissionais, michês, etc.), em torno dos quais podem ser reunidos os profissionais das ONG’s, do Estado e os profissionais do sexo.

Este é um aspecto das ações e dos programas sociais do Terceiro Setor que trazem à tona o problema da aceitação de regras de validade intersubjetivas entre seus profissionais e os profissionais do sexo, como condição de sua possibilidade e validade.

A ação dos profissionais das ONG's junto aos profissionais que atuam no comércio sexual nos remete aos debates clássicos, no caso dos antropólogos, sobre os riscos do etnocentrismo no caso de programas sociais orientados para projetos de mudança social e de desenvolvimento, muitas vezes incompatíveis com a realidade social dos grupos, indivíduos e/ou categorias atingidas por eles.

A aplicação de conhecimentos científicos e técnicos na instrumentalização de programas e ações com vista à transformação social, por outro lado, suscitou no campo da Antropologia, o debate em torno do relativismo e do anti-relativismo (além do anti anti-relativismo. Geertz, 2001). Ou seja, a questão sobre os limites e a validade da tradição dos postulados da ideologia individualista (DUMONT, 1985) no interior do conhecimento científico e de sua “comunidade profissional de argumentação” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1996) e sua expansão para o universo das ações políticas de governos.

Um conhecimento que, servindo de base a modelos alternativos de ação social e com base no seu caráter universalista, pretenderia ser aplicado no sentido de minorar os efeitos das ações civilizatórias e colonizadoras das sociedades ocidentais modernas sobre populações alvo de programas de desenvolvimento.

Como foi possível traçar ao longo da tese, a atuação das ONG's tem representado a conquista de inúmeros benefícios sociais por parte dos profissionais do sexo, ao mesmo tempo em que desencadeou a transformação do campo social da prostituição no Brasil nos últimos anos, em particular, em Florianópolis.

Nesse processo, a atuação de antropólogos nas ONG's, como no meu caso, bem como, o de colegas de outras áreas do conhecimento científico, principalmente ligados à saúde pública, tem promovido a disseminação da moralidade e da ética advinda da ideologia ocidental em defesa dos “direitos humanos” dos profissionais que atuam no comércio sexual.

Neste sentido, considerando-se o exercício da “lógica do antropólogo” e seu confronto com a “lógica do nativo”, para a promoção de um acordo em torno de normas e valores sobre a prática do comércio sexual e os direitos de seus profissionais, os profissionais das ONG's encontram-se situados numa meso-esfera, tendo em vista sua identificação e relação direta com os interesses daqueles que a elas se filiam, num diálogo assíduo com a “razão de Estado”, devotada à transformação social e pretensamente neutra.

Em contraste com as ONG's, se observa, por um lado, a presença de uma micro-esfera, para normas e valores associados às práticas do comércio sexual, envolvendo a família, os parentes, os vizinhos, os amigos, os colegas de trabalho e os clientes dos profissionais do sexo. Por outro lado, a existência de uma macro-esfera

envolvendo as ações de órgãos e entidades internacionais orientadas para ações de cunho universalista e salvacionista.

Tais espaços sociais, em suas escalas diferenciadas, cultivam, portanto, normas e valores distintos, “articulados e articuláveis” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1996:23) no que tange às práticas de comércio sexual e, em particular, no que se refere, no caso dessa tese, à profissão de prostituta e aos programas sociais em defesa de seus direitos e interesses.

Tendo em vista os princípios éticos particularistas expressos nessas esferas (micro-ética, meso-ética e macro-ética), é inevitável reconhecer, portanto, a presença de um campo de disputa política acirrado, diante das possibilidades diferenciadas de acordos que se estabelecem entre tais esferas, quanto às suas ações de defesa dos interesses e direitos dos profissionais do sexo.

Em tais situações, pude observar algumas tensões entre o saber constituído e o socializado pelos especialistas e técnicos, como os saberes acumulados pelos profissionais do sexo, tanto quanto de algumas contradições entre a racionalidade técnico-científica, contida na noção de um Estado de Direito, e as ações dirigidas em defesa daqueles que atuam no comércio sexual.

## **6.2 - As ONG's nas redes do comércio sexual e o campo social da prostituição**

O formato das ONG's verificado em minha pesquisa de campo mostrou que, ambas (Estrela Guia e GAPA) foram organizadas a partir da mobilização pontual, que segue uma cartilha dos apelos humanitários, direitos humanos basicamente, como previsto no modelo destacado por Gohn (2000) no início deste capítulo.

As formas de pertencimento das profissionais do sexo, dos técnicos e especialistas a estas ONG's, fundadas nos anos 90, se estabelecem<sup>209</sup>, entre outras formas, no interior de um espaço de sociabilidade estruturado, com base em ações de militância no interior da agenda política da instituição. Por exemplo, o envolvimento pessoal em causas por elas combatidas, como observado no estudo de Cristina Silva (1998).

---

<sup>209</sup> As ONG's dos anos 70 e 80, analisados por Gohn (2000), sugerem que os laços de pertencimento são intermediados pela militância político-ideológica.

Em especial, a organização das ONG's se enraíza em programas de combate e prevenção do HIV, a partir do reconhecimento mútuo desses profissionais com os problemas da epidemia que o vírus desencadeava nas grandes metrópoles do país e do mundo.

Muitos estudos apontam a relação direta dos profissionais das ONG's com as lutas e ações políticas promovidas, na época, por sindicatos e/ou partidos políticos, na defesa dos direitos humanos e dos direitos civis.

Neste caso, o GAPA e a Estrela Guia, ONG's com as quais me envolvi diretamente na condição de pesquisadora e a quem devo o contato com as interlocutoras desta tese, surge dentro deste campo de ação política.

Ambas têm como premissa básica a defesa aos direitos humanos e civis, organizados a partir dos postulados do individualismo moderno no interior da categoria das profissionais do sexo. Uma militância que reúne as profissionais do sexo, técnicos e especialistas em torno de uma ação reguladora do comércio sexual, como o previsto no CBO, no item: “Relatório Tabela de Atividades”<sup>210</sup>, que oferece uma espécie de manual<sup>211</sup> da prática da comercialização do sexo, com especificações que vão desde “buscar programa, minimizar as vulnerabilidades, atender e acompanhar os clientes” até a ação de “promover a organização da categoria”.

Trata-se de uma ética com base em normas e valores comuns às profissionais e que traduz o atendimento de uma demanda crescente, ou seja, a de que as profissionais do sexo atinjam a condição de uma categoria profissional, no que tange as premissas da autonomia, da liberdade e, mais especialmente, da responsabilidade daqueles que prestam serviços no comércio sexual, onde os ‘acidentes de trabalho’ devem ser evitados, como veiculado na campanha do Ministério da Saúde.

Ainda, no tocante às atividades das profissionais que abarcam o comércio sexual, observa-se uma re-significação das práticas sexuais. De forma quase imperativa, descreve-se o perfil da categoria profissional: o que “a prostituta deve fazer”. Cria-se um protocolo de competências para o bom desempenho de sua atividade profissional. No sentido de inserir o comércio sexual no campo das lutas políticas por

---

<sup>210</sup> Relatório em anexo.

<sup>211</sup> Pode ser ainda descrito como a cartilha da boa prostituta mencionado no capítulo das redes sociais.

uma sociedade livre e democrática, a argumentação sustenta que as profissionais conformam um grupo de trabalhadores com direitos iguais aos usufruídos por outras categorias profissionais.

As ONG's se engajam, assim, em ações que visam regulamentar a prática da prostituição, o que implica em 'desestigmatizar' as práticas de comércio sexual numa espécie de exorcismo moderno. Ao enquadrar a atividade de prostituição no cotidiano de trabalho das metrópoles contemporâneas, essas instituições, seu corpo de técnicos e especialistas pretendem criar mecanismos de emancipação dos profissionais do sexo, na garantia de seus direitos e interesses, ao mesmo tempo em que lhes permitiria negociar, em igualdade de condições, qualquer tomada de decisão a respeito de suas atividades de prestação de serviço.

Um ideário que pressupõe a realização da prática do comércio sexual no âmbito de relações simétricas, o que significa dizer livres, abertas e democráticas, com a prostituição sendo o resultado do estabelecimento de regras claras, acordadas por consenso explícito entre o profissional do sexo e o seu cliente. Este comércio seria, assim, o produto de uma "negociação" entre as partes e a responsabilidade moral da qualidade e segurança dos serviços prestados ficaria a cargo do profissional que o realiza.

No caso da formulação e aplicação de uma política de saúde pública, promovida por recursos nacionais e internacionais, nos anos 90 do século passado, os profissionais das ONG's engajam-se, assim, numa missão de modernização da antiga figura da prostituta, alçada, em tempos modernos, à figura respeitável de um trabalhador, responsável ética e moralmente por uma conduta sexual "competente", sem riscos, tanto para si, quanto para seus parceiros ou clientes.

Nesse sentido, as discussões inseridas na agenda do poder público brasileiro por pautas internacionais acabam por impor a estas ONG's uma contemporaneidade em determinados temas:

A presença de organizações não-governamentais e suas perspectivas internacionais foram decisivas para inserir pautas contemporâneas ao interior das políticas públicas. Isto se expressa, por exemplo, na "gramática da solidariedade", no caso da Aids; nos "direitos reprodutivos e sexuais", no caso da saúde da mulher; e na "desospitalização", no caso da reforma psiquiátrica (RAMOS, 2004).

Um processo que é abordado no estudo de Anete V. Zaquieu<sup>212</sup> (2006) sobre a formação da pioneira ONG, Grupo pela Vidda<sup>213</sup>, que se originou e se fortaleceu no processo de lutas de prevenção contra o HIV/AIDS<sup>214</sup> nos anos 90 do século passado.

Segundo Fernando Tacques (2007), trata-se de um processo de empoderamento pelo qual passam a maior parte dos técnicos e profissionais das ONG's que se formaram nos anos 80. Para o autor, “muitas dessas ONG's foram criadas na tentativa de pressionar o Estado para que os ‘excluídos’ pudessem ser ouvidos e tivessem seus direitos garantidos” (Idem, 2007:19).

Ainda, na perspectiva de um padrão de intervenção da sociedade civil, “que foi responsável, em boa medida, pela história da doença no Brasil”, Ramos (2004) acrescenta que, entre os anos de 1985 e 1989, as ações neste campo de atuação multiplicam-se a partir da constituição de três organizações: a Rede GAPA (Grupo de Apoio à Prevenção da AIDS, [www.gapa.org.br](http://www.gapa.org.br)), o Grupo pela VIDDA (Grupo pela valorização, integração e dignidade do doente da AIDS, [www.pelavidda.org.br](http://www.pelavidda.org.br)) e a ABIA (Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS, [www.abiaids.org.br](http://www.abiaids.org.br)).

Vale ainda mencionar que, nas décadas iniciais da descoberta do HIV<sup>215</sup>, a moralidade das decisões tomadas no âmbito dos programas sociais conduziram a um recrudescimento nos processos de estigmatização e discriminação de determinados grupos (homossexuais, prostitutas, michês), tendo em vista as diferenças de suas práticas sexuais em relação aos padrões e normas de uma sociedade patriarcal (BECKER, 1977), colocando tal população numa posição de vulnerabilidade moral frente aos demais, no que se refere às condições de exposição ao vírus. Eram os chamados “grupos de risco” (POLLAK, 1990).

A trajetória social de Márcia, referida no interior desta tese, é neste caso exemplar, pois, em seus relatos, a descoberta de sua condição de portadora do vírus do HIV revelou-se uma época muito difícil, na qual sua antiga rede social é abalada pela descoberta de sua condição de soropositiva.

---

<sup>212</sup> Os desafios da alteridade: considerações sobre gênero e sexualidade entre militantes de uma ONG/Aids carioca. In: História, Ciências, Saúde-Manguinhos, Hist. cienc. saude-Manguinhos v.13 n.1 Rio de Janeiro jan./mar. 2006, scielo acessado em 27 de janeiro de 2010.

<sup>213</sup> Grupo Pela Valorização, Integração e Dignidade do Doente de Aids.

<sup>214</sup> Síndrome da Imunodeficiência Adquirida

<sup>215</sup> E tudo que a doença representava (morte, sexualidade não convencional, promiscuidade)

O engajamento progressivo de Márcia nos trabalhos desenvolvidos pelo GAPA e seus profissionais significou novas possibilidades para ela incorporar, no plano da micro-ética de suas práticas cotidianas no comércio sexual, os conhecimentos propagados pela instituição (meso-ética).

O tema da responsabilidade moral passa a ser, assim, um ponto importante de amarração da vida passada de Márcia no tempo presente, num esforço para acomodar essa nova condição subjetiva no interior do sistema de práticas de sua antiga condição social de prostituta:

Olha minha filha o pessoal ficou!!!! Acho que eu salvei muita gente nesse carnaval, fiquei muito contente, mas ela é horrível... pega até no banheiro! O HPV??? O pênis do homem fica todo cheio de verruga e estoura tudo!! E na mulher sai na vulva sai tudo pra fora, é coisa mais horrível que tem. E já tá aqui na Conselheiro Mafra já, já tem gente que já tomando que já ta tomando cuidado, e por já tá, eles vão transar aí eles... aí eles bebem antes, entende-se? Deviam primeiro se acariciar... pra fazer o que eles tem que fazer pra depois encher a cara, não! Primeiro..... Como eu falei! Todos vocês bebem primeiro porque acham que a bebida dá tesão, acho que não! Eu falei! Porque vocês têm que saber tirar o ar da camisinha! Eles não sabem tirar o ar da camisinha quando eles bebem, aí eles depois ficam aqui chorando três meses.... a gente tá aqui pra ajudar, pra escutar, entende-se? Mas tem um também que é demais, já fez trinta exames e é negativo e ele não aceita! Trabalhamos aqui até com pessoas assim, entende-se? Fez trinta exame poxa! A pessoa fazer trinta exames?? Não tem, não tem!! Eu fiz os meus três quando eu não tinha, eu não tinha! Eu fiz os três que eu tinha, eu tinha que aceitar e pronto! A gente sabe que a gente lê, que a gente tem a rejeição do remédio! Tem a rejeição também da pessoa se sentir.... Pô tô com HIV!!!! Uns não sabem que tão com AIDS e tão com HIV!!! E tem muitos que..... que quando fura a camisinha eles não entram nesses três meses da janela imunológica! Eles não entram! Eles, eles..... Deixam passar!!! Deixam passar!!!! Como tem mulher que fala assim comigo: Oh! eles sabem que eu tenho HIV e eles não tão nem aí... e *dale* transar! E *dale* transar.... Daí quando aparecem as

doenças oportunistas? Aí não sabem da onde é que veio!!!! Aí quando vem a ver a pessoa tá contaminada!! O homem tá contaminado!!! A mulher contaminando cada vez mais.... porque não é pra transar porque um pode ter o vírus mais forte do que o outro! Pode ter o vírus, por exemplo: tu é um homem, eu sou uma mulher, tu em HIV, eu também tenho....vamos transar sem camisinha, não tem nada a ver.. não!!!! Aí é que tá o perigo.... aí que tem que transar de camisinha mesmo... aí que tem que transar.... Aí que vem as doenças oportunistas né?.... como aconteceu comigo, porque no começo eu também não sabia, fiquei sabendo agora! (Márcia, extrato entrevista, 2007)

A necessidade de consenso entre a ação dos profissionais das ONG's (meso-ética) e a ação dos profissionais do sexo (micro-ética) resulta no abandono da expressão “grupo de risco”, que cai finalmente em desuso no interior dos programas internacionais voltados à prevenção da AIDS (macro-esfera).

Neste sentido, as ações e intervenções dos profissionais nas ONG's e a participação das profissionais do sexo no interior das instituições, oriundos de culturas distintas, acaba por desmontar os rótulos associados a determinadas práticas sexuais “outsiders”.

Permanecia, entretanto, a idéia do risco cujo uso não estava mais restrito a um grupo ou categoria específico, uma vez que reconhecia-se, cada vez mais, que o contágio atravessava camadas sociais, etárias, geracionais e de gênero diversificadas.

Utiliza-se, então, progressivamente, a noção de ‘comportamento de risco’<sup>216</sup>, ou de ‘comportamento sexual de risco’, sendo que o tom sanitário do discurso das práticas sexuais acaba por vir à tona (BOZON, 2004).

E como num grito de alerta a estes atributos indicadores de rótulos e estigmas, que muitos profissionais das ONG's e profissionais do sexo, especialmente as mulheres envolvidas na atividade da prostituição, se articularam no sentido de contrapor-se a uma visão redutora do problema.

---

<sup>216</sup> PINTO, Diana de Souza et al. Escala de avaliação de comportamento sexual de risco para adultos: tradução e adaptação transcultural para o português brasileiro. *Rev. psiquiatr. Rio Gd. Sul* [online]. 2007, vol.29, n.2 [citado 2010-02-04], pp. 205-211 Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?>

Num território minado pela controvérsia, os últimos anos do século passado são um momento singular no qual surgem, no Brasil, algumas organizações não-governamentais lideradas por prostitutas. Uma das mais importantes é a Rede Brasileira de Prostitutas, que é fundada no Iº Encontro Nacional de Prostitutas, no Rio de Janeiro, em 1987, organizada pelas prostitutas Gabriela Leite (Rio de Janeiro) e Lourdes Barreto (Pará) (LEITE, 1992).

Em Florianópolis, a Estrela Guia<sup>217</sup> segue o movimento das ONG's que foram fundadas nas últimas décadas do século passado e se organiza a partir de um movimento de realinhamento de subjetividades.

A ONG Estrela Guia é uma instituição fundada por Anete (coordenadora), prostituta por sete anos num bairro da cidade vizinha de São José, na Grande Florianópolis. Segundo a coordenadora, foi inspirado no projeto chamado “Boca da Noite Mulheres”<sup>218</sup>, onde ela participou ativamente até fundar a ONG, em dezembro de 2002, sob a proteção do Instituto Arco Íris<sup>219</sup>.

A Estrela Guia, é financiada com recursos do governo federal e estadual, e desenvolve suas ações em toda grande Florianópolis.

Entre todas as outras instituições localizadas na capital do Estado de Santa Catarina (GAPA e Instituto Arco Íris<sup>220</sup>), a Estrela Guia se destaca por ser uma das mais ágeis, segundo as profissionais do sexo com quem conversei.

Fazem distribuição de gel e preservativos duas vezes por semana, tanto nas ruas da cidade, quanto em bares e boates de prostituição. Em Florianópolis, a Estrela Guia se estrutura como uma instância de defesa dos direitos e interesses das profissionais do sexo,

---

<sup>217</sup> Na ocasião da pesquisa trabalhavam na instituição duas voluntárias e uma assistente<sup>□</sup> que dividem seus serviços entre a Estrela Guia e a ADEH – Nostro-Mundo<sup>□</sup> (Associação das Travestis e Transexuais da Grande Florianópolis).

<sup>218</sup> Um projeto pioneiro o qual prevê abordagem de rua por uma ex-profissional do sexo para profissional do sexo em seu local de batalha.

<sup>219</sup> As duas ONG's dividem uma sala alugada num prédio de um antigo hotel no centro da cidade.

<sup>220</sup> Em Florianópolis, a ONG Instituto Arco Íris constituída em 1997 possui uma atuação mais ampla de prevenção, que abrange todo o Estado de Santa Catarina. Também, atualmente desenvolve trabalhos de prevenção no presídio feminino. Não possui um projeto específico com as profissionais do sexo. Por conta deste motivo, não os contatei para a pesquisa. Embora fosse a partir desta ONG que em 2002 cheguei às outras ONG's, este movimento é reconhecido por Tacques (2007) como ‘ONG madrinha’ “que possibilita o surgimento de outra” (Idem, 2007; 54). A ONG ADEH – Nostro Mundo eu conheci no Arco Íris no período da pesquisa, em 2002. Também, a partir do Instituto Arco Íris formou-se o Movimento Livre que atualmente está desativado.

auxiliando-as na conquista de um espaço social legítimo para o comércio sexual feminino, diferentemente do GAPA, que concentra suas ações no combate e prevenção ao HIV/AIDS.

As questões axiológicas (honra, família, vergonha, etc.), tradicionalmente implicadas no tema da prostituição no interior de uma sociedade patriarcal, passam a ser pensadas desde o universo das práticas concretas das profissionais do sexo e de suas experiências no comércio sexual, principalmente, aquelas que têm seus destinos tramados nas grandes metrópoles. Estamos ainda na instância de uma meso-ética, porém, de cunho diferenciado, uma vez que pretende congregiar o saber que as prostitutas compartilham entre si, no sentido da sua formação nos moldes de uma “comunidade de argumentação”.

Sem dúvida, ao se pensar nas trajetórias sociais de ambas as profissionais que promoveram o nascimento da rede brasileira de prostitutas e seus expoentes maiores, veremos que suas experiências com o comércio sexual diferem das trajetórias das profissionais que são as protagonistas dessa tese. A ética discursiva que as diferencia está relacionada ao espectro de possibilidades das circunstâncias sociais e culturais onde elas se situam em relação às protagonistas dessa tese, tanto em termos de estilo de vida quanto de visão de mundo. Principalmente, no que se refere à forma como elas e as minhas parceiras de pesquisa aderem à lógica dos postulados do individualismo moderno e ao exercício da consciência auto-reflexiva como pré-condição para a defesa do exercício livre e autônomo da profissão de prostituta e de seus direitos e interesses.

A Rede Brasileira de Prostitutas, no plano de uma meso-ética, recorre à “lógica do nativo” como ponto de ancoragem de uma “comunidade de comunicação”, multiplicando-se sob a forma de outras organizações e encontros<sup>221</sup>, cuja principal atribuição é a de construir uma identidade para a categoria que não seja marcada pelo estigma<sup>222</sup> (GOFFMAN, 1982) da “mulher decaída” ou da “vítima”, assim como, para afastar, da cena pública, as representações que ligam a prática sexual mercantil à doença o à patologia.

---

<sup>221</sup> Ao primeiro encontro sucedem outros, respectivamente em 1989, e o terceiro encontro de prostitutas em 1994.

<sup>222</sup> Uma analogia próxima ao estigma da sífilis que expulsou as prostitutas do centro da cidade em Florianópolis nos anos 60 (FERRARI, 2008).

Claramente orientando, na esfera de uma micro-ética, para a formação de um consenso entre as profissionais sobre seu trabalho no comércio sexual, a rede se organiza em torno de uma missão:

Promover a articulação política do movimento organizado de prostitutas e o fortalecimento da identidade profissional da categoria, visando o pleno exercício da cidadania, a redução do estigma e da discriminação e a melhoria da qualidade de vida na sociedade<sup>223</sup>.

Segundo R. Cardoso de Oliveira (1998:34), com base nas idéias de K-O Apel e J Habermans, uma “comunidade de comunicação” é uma instância constitutiva do conhecimento, marcada pela intersubjetividade entre seus membros e por um jogo de linguagem comum, nos termos de Wittgenstein (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1998:35).

A rede de prostitutas torna-se relevante para se pensar o processo de homogeneização de éticas discursivas no campo social da prostituição, não só entre as ONG's, mas entre as próprias profissionais do sexo.

Um fenômeno que pode ser observado ao contemplarmos os entrelaçamentos das redes de prostitutas que atuam no comércio sexual de Florianópolis, no que tange aos contatos com as ONG's locais.

Nesse sentido, a Rede Brasileira de Prostitutas tem importância central para as prostitutas, pois tem por missão fazê-las “pensar em grupo”. Os efeitos de suas ações se fizeram sentir, ao longo do tempo, na própria forma como a figura da prostituta cede lugar a “profissional do sexo”.

As diferenças de nomeações para o caso do trabalho de prestação de serviços sexuais no interior das redes sociais pesquisadas em Florianópolis é, neste ponto, interessante.

A proximidade ou distância das minhas interlocutoras com as éticas discursivas das ONG's e os efeitos do processo sócio-histórico de lutas pela profissionalização da figura da prostituta revela transformações maiores, ou menores, nas suas éticas discursivas cotidianas. Disso decorrem novas alternativas do campo social da prostituição no Brasil. O que remete ao tema do consenso mínimo,

---

<sup>223</sup> <http://www.redeprostitutas.org.br/> acessado em 31 de janeiro de 2010.

necessário entre as prostitutas, em torno do que sejam as competências envolvendo o seu trabalho no âmbito do comércio sexual.

Diferentemente das práticas discursivas das profissionais das ONG's, as ações promovidas pela Rede, ensaiam transcender à informalidade e precariedade do trabalho na prostituição, por meio de uma tentativa de enquadrar a prestação de serviços sexuais numa categoria de trabalho<sup>224</sup>, como mencionado por minhas interlocutoras em inúmeras passagens desta tese.

Para o plano de uma micro-ética, a Rede Brasileira de Prostitutas pretende atuar no sentido da transformação social de uma prática cultura, inserida no contexto das modernas metrópoles contemporâneas, promovendo a mudança na figura da prostituta, ao transformá-la em um sujeito histórico, ético-moral, livre e autônomo, que aos poucos conquista seu espaço na cidade.



Imagem 32 – Campanha<sup>225</sup>

Um bom exemplo da ação desta “comunidade de comunicação” pode ser observado na responsabilidade moral assumida pelo poder público na campanha “Sem vergonha garota você tem profissão”, lançada no ano de 2002 pelo Ministério da Saúde. Uma campanha cujo material explicativo ia de *bottons* e adesivos, até cartilhas destinadas aos profissionais da saúde, onde o foco era a consciência dos direitos e a prevenção de DST’s (aqui, numa demanda de responsabilidade da atividade). Na mesma perspectiva, fornecia informações sobre o correto uso do preservativo masculino, além da inicial inclusão do preservativo feminino.

<sup>224</sup> Como por exemplo, na conquista da Rede com a inclusão na CBO (Classificação Brasileira de Ocupações), em 2002, incluída na “Família ocupacional: 5198 - Profissionais do Sexo”.

<sup>225</sup> As fontes das imagens 36, 37 e 38 é: <http://www.aids.gov.br>



O material incluía pequenas agendas elaboradas para a prostituta, sendo que, nela, haviam nichos e espaços para a organização dos horários com clientes, como também, para contabilizar os valores cobrados e recebidos. A campanha foi amplamente divulgada nos locais de comércio sexual, como também nas rádios. Tive acesso a este material nas ONG's durante o período da BEMFAM.

Imagem 33 – Agenda



Importante salientar que, durante o trabalho de campo, assisti a este processo de consolidação de uma ética discursiva em prol da profissionalização da figura da prostituta nas três redes sociais por mim pesquisadas: Márcia, Nádia e Denise. Todas as três foram envolvidas, direta ou indiretamente, nas lutas políticas de sua categoria profissional, tendo em vista seus laços estreitos com as ONG's locais (algumas mais do que outras).

Imagem 34 – Adesivo para banheiro

### 6.3 - Uma visita às ONG's em Florianópolis

A motivação para a procura das ONG's por parte de minhas interlocutoras de pesquisa não foi diferente. Na rede social de Márcia (GAPA) foi motivado pela descoberta da condição soropositiva por

parte de alguns de seus membros. A busca de formas de orientação mais adequada, que lhe auferissem maior poder sobre a doença, foi uma das motivações que os conduziu na direção de seus profissionais, respondendo essa procura às suas necessidades emocionais mais profundas.

Movimento similar observou Zaquieu (2006) em seu estudo na ONG Pela Vidua, em que os entrevistados mencionam que a motivação para a procura da ONG foi, em primeiro lugar, a busca de um apoio emocional. A segunda: “Todos precisavam construir um novo lugar para si e estabelecer referências compatíveis com o que se apresentava como uma nova e irreversível condição de vida” (ZAQUIEU, 2006).

Nessa perspectiva, creio que estas considerações se aproximam do fenômeno das metamorfoses na carreira das prostitutas, algo que procurei analisar em outra parte da tese, em relação às trajetórias sociais de minhas interlocutoras em termos de “campo de possibilidades”, nos moldes adotados por G. Velho (1999).

A aproximação das profissionais do sexo com as éticas discursivas das ONG's, a partir da consciência de sua condição soropositiva, coloca, em graus diversos, novos desafios para as suas carreiras no trabalho. Em particular, conduz a uma redefinição de estilos de vida e visões de mundo das profissionais no mercado sexual, tanto quanto, nas suas redes de parentesco e de amizade.

Após a descoberta da condição de soropositividade, os laços com as ONG's tornam-se mais profundos, não apenas como espaços<sup>226</sup> de sociabilidades, como no caso da rede social Márcia, mas como territórios de enraizamento de uma comunidade de comunicação.

Na instituição estes sujeitos não obtinham apenas benefícios para o exercício de sua profissão, ou o usufruto de um território de enraizamento de laços afetivos, mas local onde poderiam acomodar a mudança de sorte em seus destinos<sup>227</sup>.

As ONG's e suas ações revelam-se, acima de tudo, um caminho de negociação de si, dirigido, cada vez mais, para a transformação social da realidade do mercado sexual.

---

<sup>226</sup> No entanto, estes agrupamentos mantêm-se fieis ao pertencimento a uma única ONG, mas ao longo da trajetória podem vir a migrar para outro agrupamento, numa outra ONG. Como no caso de Márcia que atualmente desenvolve uma atividade no Instituto Arco Íris em Florianópolis, após ter abandonado as funções que desempenhava no GAPPA.

<sup>227</sup> Zaquieu (2006) menciona que as primeiras informações e idas à ONG para informar-se acerca da doença representam, para o indivíduo, algo semelhante a um ritual de passagem.

Nesse sentido, conforme Zaquieu (2006), a adesão dos profissionais do sexo às práticas discursivas das ONG's se inicia na condição de voluntários, abarcando uma espécie de redenção moral na aceitação pública de ser portador do HIV. Um passo de responsabilidade moral que lhes permite, posteriormente, atingir um novo status social, pela contaminação positiva da 'vida pregressa' pela ética argumentativa da instituição.

E é esta 'condição' de proximidade, ou não, da doença, de estar em situação de "risco" (desvio), coloca o indivíduo 'mais longe ou mais próximo' de uma comunidade de argumentação, em relação a sua responsabilidade moral com a doença, no exercício de sua vida profissional.

Nesse sentido, o modo como as profissionais do sexo lidam com a soropositividade e constroem para esta condição um significado, depende dos padrões de lidar com essa doença.

As ONG's gradualmente vem desenvolvendo nos últimos 20 anos, um papel importante em termos de fornecimento de padrões de comportamento e códigos de emoções.

Nas situações de risco, como no caso da soropositividade, trata-se de aceitar o perigo, o que envolve alta dose de cautela e de autocontrole:

Nos casos de Márcia, que se contaminou numa relação extra-conjugal, e de Maria, que viveu durante alguns anos da prostituição, a clareza quanto à forma de contaminação garantiu que a elaboração do impacto do diagnóstico fosse, a despeito da culpa, um pouco mais rápida (ZAQUIEU, 2006).

As operações intelectuais tradicionais, que comportavam as experiências das prostitutas com seu corpo e sua sexualidade na relação com seus clientes, antes da ameaça de epidemias pelo vírus HIV, tendem a alterar-se. Nestes termos, os padrões sociais do conhecimento alteram-se conforme os padrões sociais do perigo, e estão em contínuo movimento (ELIAS, 1998:44).

Pode-se constatar claramente esta assertiva no caso da trajetória social de Márcia, que ao longo da carreira de prostituta dispensava o uso de preservativos, embora afirme que se contaminou no período em que estava vivendo uma relação conjugal.

Ela estava 'casada' com o dono de uma boate na cidade de Palhoça/SC. Nesta época não fazia programas, mas vivia uma relação heterossexual e monogâmica, portanto "protegida" de doenças

sexualmente transmissíveis. Na sua concepção não corria os riscos a que estaria sujeita em uma vida ‘moralmente’ condenável. Deschamps (2006) também observou, em sua pesquisa com prostitutas nos arredores de Paris, que as mulheres não usam preservativos quando consideram que suas relações são estáveis.

Sob esse ponto de vista, e no que concerne ao fundo social de conhecimento disponível sobre o vírus HIV e sua herança para as gerações futuras de prostitutas, as ONG's passam a ter um papel considerável para as transformações na própria experiência da natureza das práticas sexuais mercantis e no padrão coletivo de conhecimento sobre a prática da prostituição. O testemunho de Márcia sob sua atuação no interior do GAPA é esclarecedor:

Não tem idade... ontem veio uma pessoa de quarenta e oito anos com uma menina de vinte e cinco! É o que tá dando! Entendesse!! As pessoas de idade pegando rapaz novo para se aproveitarem delas. Ontem eu disse pra elas, não sabem nem ser profissional do sexo, profissional do sexo tem que saber ser. A pessoa tendo HIV, a pessoa tendo mais doença, ainda sente tesão? Porque o meu tesão já foi. Eu tenho, vou fazer 55, depois que eu comecei a tomar o medicamento do HIV acabou! Eu não sinto mais... e você tem que tá transando de camisinha, eles tão pensando assim..... não tão nem aí pro vírus do HIV, mas depois quando começam aparecer as doencinhas.... aí eles vão ver... Eu dei palestra na semana do carnaval, em todos os correios eu fui, me levantava às quatro da madrugada, pra poder pegar água, tomar banho, pra tá às sete horas da manhã aqui! Entende-se? E eu abri, eu fiquei muito contente, porque muitos vieram me abraçar, me agradecer por eu ter explicado pra eles o quê que era o vírus do HIV, porque tavam cansado de receber folder e camisinha. E levavam teatrinho e teatrinho, crianças vestidas de preto pra cantar. E aquilo ali nada... quantos anos, quantos anos, toda vida! Daí onde veio abrir os olhos deles como é que é também o negócio da pedra que tá acontecendo aqui em Florianópolis. (Márcia, extrato entrevista, 2007)

Assim, as ONG's das profissionais do sexo preocupam-se em acordar normas e valores para re-fundar o campo social da prostituição, inserindo a prestação de serviços sexuais na esfera do trabalho formal e regulamentado.

As outras ONG's, com a pauta do “comportamento de risco”, propõem-se a fornecer, para a regulação do comércio sexual, um sistema altamente organizado de conduta capaz de operar com modelos de práticas sexuais de “multidão” nos moldes processos auto-reguladores.

Para os profissionais das ONG's trata-se de alterar um padrão de comportamento aleatório em um padrão constante. Neste sentido, a doença no interior das práticas do comércio sexual deixa de ser vista como um amontoado de variáveis potencialmente independentes e sem efeitos controláveis. Isso se refere ao desafio de instituir uma moralidade no coração das decisões tomadas entre a prostituta e o cliente, envolvendo seu corpo e sexualidade, mas uma moralidade que respeita o pluralismo cultural, característico das formas de prostituição.

A emancipação da prostituta está, assim, fortemente associada a sua capacidade de se proteger contra os riscos de seu estilo de vida, mais do que de sua profissão, a fim de atender as suas exigências.

Os dilemas de Márcia e suas colegas na escolha do cliente, dos “pontos”, do uso ou não de preservativos, do consumo ou não de drogas e etc, que aparecem nos testemunhos de minhas interlocutoras são, nesse sentido, exemplar.

No caso de ONG's fundadas por prostitutas que se mantêm longe de uma certa “moralidade acadêmica” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1996: 83), as condições de transformação nos padrões das ações e dos códigos de pensamento a respeito das práticas sexuais e das práticas corporais no comércio sexual, geralmente tendem a tomar um sentido mais direto.

Os profissionais que atuam nessas instituições possuem uma relação mais próxima com as profissionais do sexo<sup>228</sup>, com quem compartilham, na condição de “sujeitos do conhecimento”, suas experiências anteriores de trabalho na rua: param nos pontos de “batalha”, conversam, perguntam quanto ao movimento dos clientes, avaliam a quantidade de preservativos para o atendimento da clientela, escutam os problemas de saúde, sugerem médicos e suas especialidades, indicam postos de saúde para exames, etc.

---

<sup>228</sup> A ONG Estrela Guia, era frequentemente lembrada em conversas pelas mulheres na rua.

Um extrato de meu diário de campo, acompanhando a coordenadora da ONG Estrela Guia, Anete, ex- prostituta, é, nesse caso, representativo das diferenças nas formas de contato desses profissionais com os técnicos e os especialistas das instituições que atuam no comércio sexual:

Na saída do dormitório encontramos Flora, uma mulher de 42 anos, bem perfumada, de mini saia, blusa nada decotada, cabelos longos, morena. Muito bonita. Anete a cumprimenta diz que deixou camisinha ali (no dormitório) e pergunta se ela quer alguma, diz que quer gel..... Anete me apresenta e logo Flora começa a dizer que está com problemas.... Anete pergunta o que é.... “virei virgem” começa Flora, conta que está tomando injeção (anticonceptivas) e que desde que tomou não tem mais tesão, nem lubrificação. Não sabe mais o que vai fazer. Conta que o marido em casa começa a reclamar, porque ela não quer mais. Fala: “o macho em casa já de vinte anos e eu não quero mais saber, eu que sempre gostei”. Diz que: “não adiante arretar que não dá nada!”. Começa a machucar.... não dá. Ela diz: “como é que eu vou trabalhar?” conta que outro dia, estava com um cliente e ele pediu pra ela falar umas coisas pra ele gozar, ela disse rindo: “anda logo que o teu tempo acabou!!” ela disse que ele ficou meio assim... e repetiu várias vezes a mesma história. Disse que fica machucada, depois dá fungo. Anete então diz que é pra ela se acalmar, que é um dos efeitos colaterais que logo passa, senão passar deve ir ao médico. Disse que ficou assim depois do nascimento do último filho, aos 39 anos. O médico não quis fazer a laqueadura (Anete perguntou antes), uma colega disse que se ela tivesse insistido ele teria feito, mas ela não pensa em passar por outra operação agora.... mas que é obrigada a tomar algum tipo de remédio senão é: “um dentro e um fora!”, falando de sua grande fertilidade. Quando reclamou de novo dos fungos digo a ela que pode ser nervosismo, stress, excesso de açúcar, que o fungo só se manifesta quando nossa imunidade cai. Ela então diz: “é nervosismo!”. Depois complementa e fala da “sua

secura”, “também né, já tenho 42 anos..... não é mais que nem antigamente...” falo que ela poderia tomar uns chás que aumentam o tesão, ela me pergunta qual, falo na catuaba, ela achava que era cachaça, Anete então sugere gemada ou ovo de codorna, ela disse que detesta. Então Kelly (travesti) até agora quieta, pois que era um assunto de mulheres, fala que tem uma pílula que as travestis usam para manterem a lubrificação e dura oito horas. Ela ouve, mas não gosta. Então eu digo que vou ver sobre os chás e que passaria pra ela o nome. Nos despedimos, eu desejo que a situação dela melhore e ela bem simpática agradece e depois desejamos Feliz Páscoa, demos beijinhos continuamos. Anete encontra outra mulher mais adiante, está sentada na entrada de uma loja que agora está fechada. É ruiva, cabelos longos, tem uns 45 anos, está de calça jeans, blusa e jaqueta jeans. Tem na mão uma bolsa, ali sentada, muito simples, parecia na verdade uma senhora esperando o marido ou a filha. Anete então fala que deixou preservativos ali com o fulano (do último dormitório) ela agradece, mas não dá muita conversa. Nós saímos. Anete então fala: “esta daí é bem mais fechada que a outra.....”. (Diário de Campo, abril de 2007)

Uma ação que revela, por um lado, que Anete se tornou “sujeito de conhecimento” (Elias, 1996:258) no controle da sua sexualidade e do seu corpo para o exercício da profissão, realizando boa parte do ideário das ONG's fundadas por prostitutas e dirigido à articulação dos valores particularistas da categoria.

A forma autônoma, livre e responsável como Anete conduz sua prática profissional lhe auferiu competência para lidar com seu grupo de pares e, assim, trabalhar no sentido da construção de uma comunidade de comunicação. Sua ação está voltada para a construção de uma ética intersubjetivamente válida para seus “associados” e em torno dos valores comuns da profissão. A existência de um reconhecimento mútuo entre ela e a população a ser atingida pelas ações de sua ONG assegura uma esfera de atuação legítima entre eles.

Uma situação diferenciada para o caso do GAPA<sup>229</sup>, dos especialistas, técnicos e voluntários que atuam, especialmente, na intenção ética de construir, a seu modo, uma comunidade de argumentação “científica” em torno da prevenção e do combate ao HIV/AIDS, mas que também oferece assistência psicológica, jurídica e social aos portadores do vírus, “independentemente de suas posições sociais, político-partidárias, ideológicas, religiosas, profissionais etc”<sup>230</sup>:

O GAPA em Florianópolis localiza-se no ‘alto da rua Felipe Schmidt’, nas franjas do centro da cidade Num prédio de um andar, que necessita subir um vão de escada que dá acesso a recepção, a qual, na pesquisa de 2002 com a BEMFAM, era um espaço vazio para depósito, com caixas, tinha um tapete puído e sujo com a poeira da rua. Este local ocupava uma mesa semelhante de recepcionista, em que somente a cabeça da pessoa que lá está fica visível, também folhagens por todo lado, um mural com cartazes de conscientização, horários para advogada, atendimento psicológico. Ali no alto da escada que dá acesso fica-se olhando o movimento da rua em frente, um local também que se aguarda atendimento, conversam e fumam-se cigarros. O prédio, me parece foi há pouco pintado, deixando-se ver ainda as marcas do tempo e das reformas por que passou ao longo dos anos. Sua pintura se assemelha à cal, em partes, ainda conservada, mas que deixa transparecer o desgaste do tempo, algumas partes descascadas, o buraco de um condicionador de ar na parede impõe a lembrança de um prédio que um dia foi mais confortável. As marcas de cimento aparentes em grades colocadas nas janelas basculantes que dão para a rua principal e os fios soltos ao lado da porta principal do GAPA deixam um ar de desgaste do espaço público. Aqui as pessoas procuram ajuda

---

<sup>229</sup> A ONG do GAPA foi fundada em 1987 na cidade de Florianópolis, num movimento que deu continuidade ao GAPA do Rio de Janeiro e São Paulo<sup>2</sup>. Possui em sua estrutura presidente, secretária, tesoureiro, advogada, psicóloga, assistente social, serviços gerais e voluntários.

<sup>230</sup> [http://www.gapasc.org.br/paginas/1sobre\\_o\\_gapa/quem\\_somos.htm](http://www.gapasc.org.br/paginas/1sobre_o_gapa/quem_somos.htm) acessado em 6 de fevereiro de 2010

psicológica e orientação jurídica, aconselhamentos, apoio e mesmo, encaminhamento para médicos, exames ou hospitais. Um lugar que sugere a experiência de quem, um dia, já subiu nesta escadaria à procura de ajuda. Na fachada do prédio está escrito em letras de ferro preto: Centro de Saúde. Embaixo da sede do GAPA agora funciona um restaurante a quilo, para proteger a sua entrada o estabelecimento colocou grades que impedem qualquer acesso por parte daqueles que freqüentam as instalações do GAPA. (Diário de Campo, Novembro de 2006)

Obviamente, o GAPA se organiza sob a forma de uma rede, com sedes em inúmeros estados do Brasil, e contempla inúmeros projetos<sup>231</sup> voltados para a contenção do HIV. Entre eles está o ‘Maria Maria’, voltado para as profissionais do sexo<sup>232</sup>, o qual abrange, como principal atividade, a distribuição de preservativos, entrega de material informativo e encaminhamento a médicos e exames, onde profissionais do sexo voluntários atuam a partir de sua rede social de trabalho.

Diferente das ações da Estrela Guia, que se coloca no interior dos processos dilemáticos<sup>233</sup> vividos pelos profissionais do sexo diante do perigo da contaminação pelo HIV ou por outras doenças (DST's), este projeto não prevê saídas de campo para a entrega e distribuição de material informativo ou mesmo preservativos. É preciso ir até a ONG.

Novamente, em contraste com a Estrela Guia, o GAPA é uma ONG reconhecida como uma das mais antigas na cidade, sendo, por essa

---

231 Os outros projetos são o “Desperta Mulher”, dedicado às mulheres portadoras do vírus HIV/AIDS, e o Projeto “Consciência”, dedicado ao grupo dos michês (garotos de programas). Este projeto informa e orienta quanto às DST's AIDS, faz redução de danos quanto ao uso de drogas e distribui preservativos na ONG e em abordagens de rua. [http://www.gapasc.org.br/paginas/4campanhas/proj\\_conciencia.htm#](http://www.gapasc.org.br/paginas/4campanhas/proj_conciencia.htm#) e [http://www.gapasc.org.br/paginas/4campanhas/proj\\_desp\\_mulher.htm](http://www.gapasc.org.br/paginas/4campanhas/proj_desp_mulher.htm) acessado em 6 de fevereiro de 2010.

<sup>232</sup> No qual minha parceira de pesquisa Márcia era a responsável durante a pesquisa.

<sup>233</sup> Norbert Elias, *Envolvimento e alienação*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1998, p.261, se refere à expressão “processos dilemáticos” para as situações críticas e perigosas para as quais os indivíduos são forçados a procurar uma solução. Tais processos dilemáticos orientam os indivíduos no sentido da maior conscientização de si e “maior orientação para a realidade” diante de situações de perigo. Para o autor, o dilema é um fenômeno que integra a relação dos humanos com outros humanos e mesmo com os aspectos “não humanos” da natureza.

razão, frequentemente procurada para ministrar palestras sobre saúde, prevenção e HIV.

Por não prever o deslocamento contínuo no interior das redes sociais de prostituição da cidade, o GAPA atribui maior relevância às ações individualizadas, atreladas à estrutura interna de sua organização, independente de sua sede ser o território de enraizamento de sociabilidades intensas entre os profissionais do sexo que a visitam.

Nesse sentido, faz parte da agenda da instituição, na esfera de uma meso-ética, a organização de eventos para arrecadar destinados a suas campanhas e à ampliação de sua comunidade de argumentação “científica” sobre a prevenção à AIDS entre os profissionais do sexo. Conforme pode se observar no relato abaixo de Márcia:

Tem que ter treinamento...., alguém tem que ajudar essa pessoa. Não é só ela...., e assim os portadores quando tão doente ali, eles chamam eu...., assim o pessoal ali já tão se chegando em mim ali no Mocotó.... pra pedir ajuda.... pra pedir informação, assim....portadores, entende? Eles se abrem comigo...., foi na segunda-feira, eu fui pegar meu remédio pra tireóide na Prinha eu já me encontrei com uma menina do grupo, ela já tava arrancando os dentes, eu perguntei pra ela porque ela não veio no encontro.... porque se ela já tava fazendo adesão a medicação simplesmente ela disse: “eu não tô fazendo adesão nenhuma porque agora eu arrumei um...” não sei se é pernambucano, nordestino “que tá morando comigo...”. Porque o marido dela ela perdeu aqui agora o ano passado, ele tava morrendo dentro de casa ali ó...., o alemão lá do morro do Bode. Ele botou muito HIV, ele transou com muita mulher, porque ele era muito bonito....., ele transou com muita mulher lá dentro do Mocotó, como do morro do Bode. E tem mulher que já casou e naquela época transou com ele e veio falar comigo... há. uns sete anos atrás mais ou menos e deveria ser um sorodiscordante que era filha de Deus, que Deus ajudou ela, ela reconstruiu o lar, com essa mesma pessoa que fez o meu muro, a minha casa.... foi com esse dinheiro que eles foram embora.... pra.... pra Chapecó/SC.... e tão lá em Chapecó/SC até hoje, aí eu disse pra ela.... não

tenha medo.... não tenha medo.... que eu tenho certeza que você não tem esse vírus, porque você tem essas duas tuas crianças se você tivesse pegado o vírus dele você já ia..... já ia nas tuas crianças quando elas nasceram.

Ela fez o teste, ela fez o teste....., ela é sorodiscordante... mas naquela época a gente não sabia o que era sorodiscordante... ela não pegou... ela não pegou.... ela não transava de camisinha porque ele dava maconha pra ela... ele dava dinheiro pra ela, entendesse?..... ela precisava de comer.... ela tava desempregada.... ela era uma profissional.... e se tornou uma dona de casa.... (Márcia, extrato de entrevista, 2007)

O GAPA na realização de sua agenda de eventos, aciona suas relações de parcerias com órgãos públicos municipais e estaduais da área da saúde. Numa cadeia de ações, que vão da esfera da meso-ética, da atuação do GAPA e da Estrela Guia, à esfera da macro-ética, tais ONG's obtêm seus recursos de verbas vindas de programas específicos do Ministério da Saúde para a prevenção do HIV/AIDS, os quais seguem uma ética discursiva de princípios universalistas e que estão na base dos acordos e tratados internacionais assinados entre o governo brasileiro e organismos como a Organização Mundial da Saúde (OMS).

A similaridade entre a Estrela Guia e o GAPA está no fato de que, em seus protocolos de ação, as duas concebem o campo social da prostituição como realidade, com características estruturais próprias, e que precisa ser respeitado e socialmente valorizado como profissão, junto com seus dilemas específicos, embora esta percepção seja mais evidente para a Estrela Guia, em razão de ser, esta, a sua especificidade.

Não pretendem extingui-la, por exemplo, como no caso da ONG francesa *Mouvement du Nid*, como veremos a seguir. Seus projetos se direcionam para a formação de uma comunidade de comunicação em torno dos direitos e dos interesses dos profissionais que atuam no comércio sexual.

Embora com atuações e modos de intervenção distintos, ambas as instituições atuam no sentido de uma ética da responsabilidade na formação do profissional do sexo, não os situando na condição de vítimas, numa intenção clara de evitar o estigma, de garantir direitos civis e, portanto, promover a cidadania entre eles.

Considero relevante apontar, para o caso das éticas discursivas das ONG's no campo social da prostituição, as relações entre o gênero e os problemas de melhoria na área da saúde pública<sup>234</sup>. Assim como ocorre na área ambiental, as políticas governamentais na área da saúde pública, alinhadas com as políticas dos organismos internacionais supra-estatais, no plano de uma macro-esfera, são as mulheres a parte da população mais atingida por suas éticas discursivas de cunho universalista e humanista.

Em termos de desenvolvimento urbano, nas políticas públicas, geralmente cabe às mulheres a resolução de problemas ambientais ou de melhoria dos quadros de vida das populações, sendo a figura de destaque no que tange ao controle de problemas como a coleta de lixo, a promoção da salubridade da moradia e o uso racional dos mananciais de água.

O empoderamento das mulheres, como tem sido visto no caso da África e promovido pela ética discursiva humanista das políticas públicas, transcorre a partir da transformação de seus valores particularistas, numa negociação constante com a organização social dos papéis sexuais e de gênero de suas “comunidades” de origem. O mesmo pode ser pensado no caso do universalismo presente na ética discursiva das ONG's e do empoderamento da figura da prostituta como a “profissional do sexo”, sobre as quais estou me referindo na tese, uma vez que promovem a polêmica entre duas ordens de racionalidade: a técnico-científica e a racionalidade dos costumes (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1998:28)

Neste sentido, é interessante cotejar com a realidade diferenciada que presenciei nas ONG's francesas, no que tange às disputas de projetos políticos, muitas vezes divergentes para o campo social da prostituição.

---

<sup>234</sup> François Haindar e Christine Verschurr (orgs) *Femmes dans les crises urbaines, relations de genre et environnements précaires*, Paris, Karthala, 2001 e *Mouvements de quartier et environnements urbains, la prise du pouvoir des femmes dans les pays du Sud et de l'Est*, Paris, Karthala, 2005.

#### 6.4 - Uma rápida passagem por Paris: *Les amis du bus des femmes*<sup>235</sup>



Imagem 35 – Entrada da ONG (Arquivo pessoal, 2008).

A Associação *Les amis du bus des femmes* é pioneira na França, tendo sido fundada em 1990 por ex-profissionais do sexo. Num movimento similar à criação das ONG's estabelecidas no Brasil nesta mesma década, organizou-se para informar o público das profissionais do sexo, combatendo, assim, a disseminação do HIV. Sua sede é localizada numa ampla sala térrea na cidade de Paris, próximo ao cemitério *Père Lachaise*. Para se ter uma idéia de sua infra-estrutura, a associação possui um ônibus para o trabalho dos seus membros (no qual não é permitido acesso a pesquisadores).

O ônibus é utilizado em 'rondas' noturnas e diurnas (matutinas), todos os dias, de segunda à sexta, sempre em rotas diferenciadas nos locais de prostituição nas franjas da capital francesa. A bordo dele apenas alguns poucos voluntários e profissionais da saúde, somando um total de 4 pessoas. A partir das rondas, distribuem-se preservativos, informações sobre as DST's, prevenção do HIV, gravidez e uso de drogas.

---

<sup>235</sup> Conheci a associação francesa Les Amis du Bus de Femmes, em fevereiro de 2008, no final de meu período de sanduíche em Paris, quando uma das voluntárias, Penélope (minha colega nos seminários sobre prostituição de Elisabeth Handman), me levou a uma visita guiada pela ONG, lá passei uma tarde conversando e observando a dinâmica da associação.



Imagem 36 – Cartaz boas vindas ONG (Arquivo pessoal, 2008).

No interior do ônibus, os voluntários são preparados pelos técnicos e especialistas para repassarem aos outros colegas de profissão os saberes científicos sobre tais assuntos. Um período de formação acompanhado de café ou chá para os participantes.

A sede possui um amplo espaço para agregar seus associados, que está sempre aberto ao longo do dia. Em sua estrutura administrativa e funcional *Les amis du bus* conta com: presidente, assistente social, bibliotecária, advogada, psicóloga, contadora, secretária, além de profissionais da saúde e de uma conselheira de emprego. Ou seja, aproximadamente, quatorze funcionários, incluindo as voluntárias.

Como todas as demais ONG's atuantes na área de uma mesoesfera, esta instituição é financiada por subvenções públicas, as quais lhe são fornecidas por organismos dos setores decisórios do governo francês, como o DASS<sup>236</sup> de Paris, o conselho geral, o CPAM de Paris e o Conselho Regional.

Como as demais ONG's brasileiras, *Les amis du bus*, assegura as condições de viabilidade das comunidades de argumentação em torno de programas alternativos para prática responsável da prostituição e para a prevenção das DST e da AIDS, os quais são acionados, na macro-esfera, por acordos assinados entre os governos, no caso, francês e brasileiro, e as agências internacionais. As Políticas públicas e governamentais são reunidas, a partir de interesses particularistas, na defesa de valores universalistas e humanistas dos direitos humanos, direitos civis e/ou direitos reprodutivos.

<sup>236</sup> Départementale des Affaires Sanitaires et Sociales (Departamento de Assuntos Sanitários e Sociais)



Imagem 37 – Biblioteca ONG (Arquivo pessoal, 2008).

A Associação possui uma pequena biblioteca (em vários idiomas), salas de relaxamento para confecção e aprendizado de artesanato (localizada no sub-solo), possui três computadores com acesso a internet, mural, com ofertas de cursos como corte e costura, cursos de francês para estrangeiras, agência de empregos, além do acompanhamento de uma conselheira de emprego, que encaminha as profissionais do sexo que desejam abandonar o *métier* e vincular-se a outro mercado de trabalho.



Imagem 38 – Mural ONG (Arquivo pessoal, 2008)

Segundo consta nas publicações da Associação a disposição de seu público, a missão<sup>237</sup> da instituição é:

Trabalhar com e para as pessoas prostitutas em torno da prevenção da infecção do HIV, as hepatites e as doenças sexualmente transmissíveis, entregar-lhes preservativos se necessário e, sobretudo conduzir-las à associação para ajudá-las em suas diligências administrativas, médicas, sociais e de procura de emprego para as que decidem parar a prostituição. (Brochura *Les amis du Bus des Femmes/2006*)

A ética discursiva adotada pela ONG *Les amis du bus* não associa à figura da prostituta a da vítima, nem tampouco a criminaliza, advogando o seu extermínio. Aderindo à figura autônoma e livre da profissional do sexo, sua ética discursiva trata das mulheres que atuam no comércio sexual como sujeito ético-moral, uma vez que, segundo seu argumento, elas escolhem livremente prostituir-se, sendo que esta escolha, como manifestação de um desejo individual, deve ser respeitado.

Uma ética que se alinha ao posicionamento de algumas ONG's brasileiras, como àquelas oriundas da rede brasileira de prostitutas, por exemplo, formando com elas uma comunidade de argumentação a favor da profissionalização do trabalho da prostituta, em oposição à visão tradicional da prostituta como de uma madalena decaída e/ou a de uma vítima de uma situação abusiva.

Neste sentido, trata-se de uma ética discursiva a qual não é moralmente neutra. Sua feição de militância revela que essas instituições operam uma compatibilização entre os valores e interesses particulares das prostitutas, e de suas micro-esferas, e os valores humanistas no plano da macro-esfera, veiculados pelos organismos internacionais.

Coerente com sua filiação a programas alternativos na área da saúde pública, tendo em vista a efetivação de mudanças sociais e

---

<sup>237</sup> Consiste à travailler avec et pour les personnes prostituées autour de la prévention de l'infection Du VIH, dès hépatites et des maladies sexuellement transmissibles, de leur remettre des préservatifs en cas de besoin et surtout de les amener à se rendre à l'association pour les aider dans leurs démarches administratives, médicales, sociales et de recherche d'emploi pour celles qui décident d'arrêter la prostitution. L'accent est mis sur l'accès aux droits: soins médicaux, droits sociaux et fondamentaux.(tradução minha)

culturais das práticas sexuais no mundo contemporâneo, *Les amis du bus* alinha-se na defesa da mulher prostituta valorizando seu trabalho de prestação de serviços, ao mesmo tempo em que lhe oferece outras oportunidades, caso ela decida, por sua própria conta e risco, encontrar outra forma para viver.

Da mesma forma, na luta para viabilizar a prostituição como trabalho autônomo e livre, a associação incorpora, em sua agenda, ações pontuais contra o tráfico de seres humanos. O contexto pluriétnico e plurirracial da atuação desta ONG é evidente para o caso da França, país onde a imigração de mulheres, principalmente do leste europeu, para atuar no comércio sexual é intensa.

Nesse sentido, *Les amis du bus* oferece uma rede de apoio no sentido de integrar essas profissionais do sexo, estrangeiras, à uma comunidade de comunicação local (parisiense), em torno dos valores e interesses da profissão de prostituta, compatibilizando-os com os valores particularistas de suas etnias de origem, sendo, através dela, que se coloca, muitas vezes, a inserção de tal população na “cultura nacional francesa”.

Muito diferente é o posicionamento da ONG *Mouvement du Nid*, uma organização que data dos anos 30 do século XX, fundada por um padre e uma ex-prostituta. Ao contrário da Associação *Les amis du bus de femmes*, não conheci pessoalmente o *Mouvement du Nid* nem a seus integrantes, embora muito ouvisse falar sobre a atuação da instituição entre as profissionais do sexo que atuam na cidade de Paris, especialmente, em relação a sua posição radicalmente contra a prostituição, bem como pela sua doutrina católica.

A associação é envolvida ativamente no combate à prostituição feminina, infantil e ao tráfico de seres humanos. E numa postura diversa da associação anterior, deseja a extinção da prostituição:

Nem “mal necessário”, nem “fatalidade”, nem “ofício”, a prostituição não se reduz a uma diligência privada. Uma abordagem global as suas causas, as suas consequências e aos seus desafios podem parar o seu desenvolvimento e conduzir ao seu desaparecimento<sup>238</sup>.

---

<sup>238</sup> Ni "mal nécessaire", ni "fatalité", ni "métier", la prostitution ne se réduit pas à une démarche privée. Une approche globale de ses causes, de ses conséquences et de ses enjeux peut enrayer son développement et conduire à sa disparition. (tradução minha)  
In:<http://www.mouvementdunid.org>

Esta associação é fortemente engajada socialmente e politicamente. Na intenção de formar um consenso intersubjetivo sobre regras e normas envolvendo o comércio sexual entre os franceses, por exemplo, essa ONG possui publicações específicas com o objetivo a consolidar uma comunidade de argumentação contrária aos direitos e interesses dos prestadores de serviços sexuais. São elas a “Novas Colheitas”<sup>239</sup> (1951), que mais tarde tornou-se “Mulheres e Mundos”<sup>240</sup> (1968) e logo após, “Prostituição e Sociedade”<sup>241</sup> (1989), permanecendo ativa na área editorial até os dias de hoje.

A instituição abriga programas e ações voltados para a formação de trabalhadores sociais e no serviço de “acolhimento, diálogo e reflexão com as prostitutas”<sup>242</sup>, sendo reconhecida por atuar na maioria das grandes cidades francesas e possuindo delegações no exterior.

*Le mouvement du nid* instalou-se no Brasil<sup>243</sup> em 1963, Portugal em 1967, para em seguida instalar-se na Bélgica em 1991<sup>244</sup>. A instituição é co-fundadora da organização intitulada “Federação Européia para a Extinção da Prostituição”<sup>245</sup>, em conjunto com outros países da Europa.

Em direção contrária ao adotado pela comunidade de argumentação criada em torno da Associação *Les Amis du Bus des Femmes*, conforme afirma Deschamps (2006), o *Mouvement du Nid*, sustenta uma ética discursiva sobre o campo social da prostituição, com base num discurso vitimista da mulher prostituta, procurando, na trajetória familiar da prostituta, um histórico de abuso e/ou incesto atribuindo, a tal patologia, sua condição de trabalho no comércio sexual.

Desse modo, os questionamentos sobre as causas da entrada na prostituição legitimam e reforçam certas representações. Como exemplo destes questionamentos, a ONG<sup>246</sup>, em uma publicação recente, declara que violência e o incesto suportados na infância podem levar a condutas de destruição, que vão do uso e abuso de drogas, da tentativa de suicídio, até à prostituição.

---

<sup>239</sup> Moissons Nouvelles

<sup>240</sup> Femmes et Mondes

<sup>241</sup> Prostitution et Société

<sup>242</sup> In: <http://www.mouvementdunid.org>

<sup>243</sup> Não encontrei referências desta associação.

<sup>244</sup> In: <http://www.mouvementdunid.org>

<sup>245</sup> Fédération Européenne pour la Disparition de la Prostitution (FEDIP)

<sup>246</sup> In: [www.mouvementdunid.org](http://www.mouvementdunid.org).

Aderindo a um discurso “psi” de patologização de um comportamento “outsider” em relação à moralidade instituída num país predominantemente católico, *Le mouvement du nid* atribui a conduta de prostituição a motivações inconscientes, fruto de um sentimento de vingança, que leva as mulheres e os homens a uma atitude de desgosto e desrespeito ao seu corpo e a sexualidade, usando-os como um meio de obter lucro, ou ainda, no ódio aos homens.

A pesquisa de Deschamps (2006) com as trajetórias e biografias de profissionais do sexo em Paris revela, entretanto, que alguns de seus interlocutores de pesquisa (mulheres, homens e transgêneros) relatam momentos felizes na infância, o que leva a questionar o estabelecimento de uma causalidade.

No reforço de sua agenda argumentativa, *Le Mouvement du Nid*, lançou recentemente um manifesto em seu site<sup>247</sup> no qual faz um apelo público para uma grande mobilização, que tem por fim proibir a atividade da prostituição na Europa e no mundo, o qual elege como ‘causa do ano de 2010’:

Políticas públicas e prostituição: construir o  
abolicionismo de amanhã!

O 11 de Fevereiro de 2010, o Mouvement du Nid  
apresentará ao Palácio Bourbon as conclusões da  
sua avaliação nacional das políticas públicas em  
matéria de prostituição, no âmbito de um  
colóquio levado com catorze associações, título  
“construir um futuro para o abolicionismo (...)

Uma revolta da atualidade, à hora em que a luta  
contra as violências feitas às mulheres - incluindo  
a prostituição - é declarada Grande Causa  
Nacional 2010!

O Mouvement du Nid vai expor o seu projeto:  
uma estratégia global e coerente que visa a  
abolição do sistema prostitucional.

Trata-se de um esforço para reunir atores, personalidades, políticos e militantes feministas em torno de uma comunidade de argumentação, na tentativa de “recomendar” medidas públicas aos governos, a partir de um consenso intersubjetivo de normas e valores

---

<sup>247</sup> Idem acessado em 8 de fevereiro de 2010, manifesto em anexo.

sobre a prática do comércio sexual (em escala global), para abolir a prostituição do “planeta”.

Entre as medidas está a supressão de todas as medidas repressivas contra as prostitutas, uma vez que são vítimas, mas não “sujeitos de conhecimento”, e, por consequência, o reforço da luta contra todas as formas de proxenetismo, com a indenização de suas vítimas.

Na sua ação propositiva está a promoção de reais alternativas de trabalho à prostituição, a proibição de qualquer compra de uma relação sexual, além do acesso ao direito comum de todas as pessoas prostitutas estrangeiras.

Segundo pontua *Le mouvement du nid*, são apenas as medidas que proíbem a prostituição que levam a uma verdadeira mudança social, num sentido contrário ao de outras ONG's que advogam a importância de uma sociedade aberta, livre e democrática, para instaurar novas regras, normas e valores no campo social da prostituição das modernas sociedades contemporâneas.

Ao seu lado, encontramos inúmeros parceiros. Entre eles, algumas associações feministas, jornalistas, cineastas, atores, atrizes, parceiros estrangeiros, além da Associação Francesa das Mulheres Diplomadas das Universidades (AFFDU) e do Coletivo Feminista Ruptura.

No corpo desta comunidade de argumentação situa-se o movimento considerado abolicionista, que na França enquadra a prostituição como uma forma de escravidão (por isso o uso do termo abolição numa referência a escravidão), não reconhecendo, na mulher prostituta (caso que interessa a essa tese), a capacidade de escolha de uma profissão na área do comércio sexual por ser ela ilegítima.

O campo social da prostituição é enquadrado como fenômeno contrário aos valores democráticos e igualitários, ao associarem a atividade de prestação de serviços a uma condição de escravidão.

Interessante aqui destacar que, no caso dos países europeus, existe um enquadramento legal para a prostituição<sup>248</sup>, e, sob o ponto de vista jurídico, são três as tendências que se observa para o campo das propostas políticas envolvendo projetos sociais para o comércio sexual:

---

<sup>248</sup> Dados obtidos no seminário: “La prostitution: étude comparative”. Dirigido e organizado pela prof. Dra. Marie-Élisabeth Handman (EHESS), durante os meses de novembro de 2007 a fevereiro de 2008.

o proibicionismo (que proíbe a prática totalmente), o regulamentarismo e o abolicionismo.

Das três tendências, que atuam como dispositivos organizadores dos sistemas de práticas e de normas e valores para o campo social da prostituição, os dois últimos são as principais correntes para o caso das sociedades democráticas.

O regulamentarismo é um sistema nascido na França durante o período napoleônico e foi, posteriormente, introduzido na maioria dos países europeus. No universo da moralidade, propõe a regulamentarização da atividade da prostituição, ao considerar, no plano de uma ética discursiva, a prostituição “como um mal necessário” e que deve ser, portanto, tolerado e controlado, para proteger a sociedade chamada ‘saudável’. É por essa via que o controle sanitário<sup>249</sup> dos corpos destas mulheres, se torna o principal foco das ações das instituições que se alinham em torno desta comunidade de argumentação<sup>250</sup>.

Nos quadros da visão abolicionista, como já apontado, o universo da moralidade de suas ações encontra inspiração no movimento feminista<sup>251</sup>, tendo em vista a ética do discurso que aponta a prostituição como uma violação dos direitos humanos.

O manifesto do Mouvement du Nid<sup>252</sup>, coaduna-se aos princípios básicos do abolicionismo, os quais equacionam toda a atividade da prostituição ao modelo de escravidão, ou seja, para este movimento, nenhuma pessoa em ‘sã consciência’, pode escolher livremente a atividade da prostituição. Nestes termos, por exemplo, os abolicionistas não reconhecem qualquer distinção entre prostituição voluntária e prostituição forçada.

No tocante à comunidade argumentativa que se filia ao proibicionismo, temos como central o consenso, entre seus membros, de que a atividade da prostituição vem associada à moralidade tradicional,

---

<sup>249</sup> Como visto aqui com as mulheres que se prostituíam na Vila Palmira nas décadas de 60 a 80.

<sup>250</sup> A regulamentarização deste período seguia alguns princípios não muito distantes do visto atualmente, como: 1. Criar um ambiente fechado, se possível invisível para não ofender as meninas e mulheres honestas; 2. Deve ser escondido do resto da sociedade; 3. Deve possuir um ordenamento no que refere à idade e classe social, para possibilitar o controle (CORBIN, 1982).

<sup>251</sup> Uma corrente feminista que é considerada radical e será, mais adiante, explicitada.

<sup>252</sup> 1. Abolição de qualquer regulamentarização e do registro das prostitutas; 2 Criminalizar todos que exploram a prostituição; 3 Prevenção à atividade e prática da prostituição; 4 Reabilitação e inserção social das prostitutas, que são consideradas vítimas.

afetando a honra de quem a exerce, e os territórios em que acontecem (geralmente perigosos e insalubres).

Nestes termos, a atividade do comércio sexual leva a uma degradação da condição feminina, além do que, os horários praticados, em função da prestação de seus serviços, são inapropriados para uma mulher, constituindo-se em ameaça ao status e reconhecimento das demais mulheres (JULIANO, 2006: 219). No universo da moralidade proibicionista, as mulheres, prostitutas, ou não, são consideradas incapazes de lidar com as escolhas de seus destinos, com suas vidas e, o mais grave, de escolher o que fazer com seus corpos. Uma ética discursiva que é contrária à argumentação desta tese.

### 6.5 - Feminismos e prostituição, uma discussão de longo tempo

No debate que cerca a temática da prostituição são diferentes as posições das correntes feministas, as quais se desdobram em temas que envolvem esta acalorada discussão e, como descreve Adriana Piscitelli<sup>253</sup> (2005), “É importante perceber que as divisões presentes nesse debate são alimentadas não apenas pela maneira como diferentes correntes percebem a prostituição, mas também a sexualidade”.

Nessa perspectiva, Kamala Kempadoo<sup>254</sup> (2005) desperta o leitor para o debate em torno do campo social da prostituição, a partir da descrição de duas correntes teóricas feministas: o feminismo radical<sup>255</sup> e o denominado por ela de feminismo transnacional.

Tais correntes podem ser concebidas nos termos de R. Cardoso de Oliveira (1998), como “comunidades argumentativas” organizadas em torno de um tema cada vez mais relevante para o mundo urbano contemporâneo, ou seja, o do tráfico de pessoas (crianças e jovens principalmente), fenômeno que muitas vezes está associado a “captura e escravização de mulheres para prostituição em terras estrangeiras”<sup>256</sup>.

<sup>253</sup>PISCITELLI, Adriana. Apresentação: gênero no mercado do sexo. Cad. Pagu, Campinas, n. 25, dez. 2005. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332005000200001&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332005000200001&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 09 fev. 2010. 10.1590/S0104

<sup>254</sup>KEMPADOO, Kamala. Mudando o debate sobre o tráfico de mulheres. Cad. Pagu, Campinas, n. 25, Dec. 2005. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332005000200003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332005000200003&lng=en&nrm=iso)>. access on 09 Feb. 2010.

<sup>255</sup> O feminismo radical é uma corrente muito difundida nos Estados Unidos. Refletiu sobre a opressão da mulher a partir da diferença “na relação entre os sexos”, e numa visão essencialista coloca a figura do homem como o opressor (SARTI, 2001).

<sup>256</sup> Kempadoo, 2006.

Kempaddo (2006) alerta para a diversidade de influências teóricas e conceituais presentes em tais correntes de pensamento, em particular, na que ela denomina de feminismo radical<sup>257</sup>, que associa o tráfico de mulheres à prostituição.

Para esta comunidade argumentativa, a prostituição é vista como “a pior forma de opressão patriarcal e a forma mais intensa de vitimização contra as mulheres”. Sua premissa central é de que “a prostituição é ‘assédio sexual, abuso sexual e violência sexual’”<sup>258</sup>. Sob a ótica marxista feminista e em oposição à outra comunidade argumentativa, frequentemente associada a uma posição política liberal, a prostituição representa uma corrupção do trabalho assalariado e, por isso, é degradante e opressivo.

Segundo Kempaddo (2005), as mulheres prostituídas (e não prostitutas) são sempre colocadas numa relação sexual ‘a força’, ou seja: “nunca entram numa relação sexual fora ‘do amor’ ou do desejo sexual autônomo”, sua individualidade e ou desejos são invisibilizados pela sua condição de gênero. Sob esse ângulo, a liberação feminina só teria êxito se fossem abolidas as instituições que “sustentam o patriarcado”, como o casamento, a família e a prostituição.

A segunda comunidade argumentativa no campo social da prostituição e chamada por Kempaddo (2006) de ‘transnacional’ faz oposição e severas críticas às feministas radicais, ao contra-argumentarem que o patriarcado não é a única forma de dominação a qual as mulheres estão submetidas, “nem é necessariamente a principal”.

Para as feministas transnacionais, existem outras formas de dominação tão graves quanto a dominação patriarcal. É o caso do “racismo, do imperialismo e das desigualdades internacionais que também configuram a vida das mulheres”.

Deste modo, num discurso que dista do vitimista, ressaltado nas feministas radicais, as ‘transnacionais’ vêem as mulheres como:

Sujeitos atuantes, auto-determinados e posicionados, de maneira diferente, capazes não só de negociar e concordar, mas também de conscientemente opor-se e transformar relações de

---

<sup>257</sup> Mulheres de classe média que se envolvem em meados do século XIX no movimento social contra “o tráfico de escravas brancas” e é retomado no ano de 1970 sob a nomenclatura de escravidão sexual feminina (Idem). A visão do feminismo no século XIX, não era de transformar, mas de reformar (RAGO, 1991)

<sup>258</sup> Idem.

poder, estejam estas enraizadas nas instituições de escravidão, prostituição, lar, casamento ou mercado de trabalho (KEMPADOO, 2005).

Ainda com Kempadoo (2005), esta corrente de pensamento compreende a mulher num sentido não vitimizado, no qual ela é a atriz responsável por suas ações, inclusive lançando mão de estratégias de sobrevivência e de “geração de renda”, que incluem o uso produtivo<sup>259</sup> de seu corpo.

Em concordância com ela, encontramos os argumentos de Dolores Juliano (2006: 217) que, num apelo aos valores universalistas e humanistas, situados na macro-esfera da Declaração Universal dos Direitos Humanos<sup>260</sup>, prevê direitos iguais para toda e qualquer pessoa “sem distinção alguma de raça, cor, sexo, idioma, religião, opinião política ou qualquer outra índole, origem nacional ou social, posição econômica, nascimento ou qualquer outra condição”.

A prostituição poderia, então, ser pensada no âmbito desta comunidade de comunicação, a partir do acordo intersubjetivo em torno dos direitos iguais que possuem todas as pessoas e segundo a assertiva universalista e humanista do sujeito ético-moral, livre e autônomo<sup>261</sup>: Para a autora, a validação de uma comunidade argumentativa em defesa dos direitos universais das mulheres que atuam no comércio sexual não pode infringir o acordo intersubjetivo em torno de tais valores humanistas, razão pela qual “nenhuma atitude paternalista ou proposta de assistência pode substituir este direito básico.” (JULIANO, 2006: 217).

Para a autora, as mulheres prostitutas são aquelas que mais sofreram com a negação da assertiva universalista de seus direitos (JULIANO, 2006), em especial no caso do Brasil, onde, por muitos anos, as mulheres dos mais diferentes estratos sociais não podiam trabalhar sem autorização do marido (ou do pai. Uma argumentação que

---

<sup>259</sup> Aqui Kempadoo (2005) menciona em relação ao tráfico de mulheres que: “levando em consideração a atuação e o trabalho sexual, o envolvimento em indústria sexual e em trabalho sexual no exterior aparecem como possibilidades a que as mulheres se dedicam voluntária ou conscientemente de acordo com os parâmetros culturais, nacionais ou internacionais específicos”.

<sup>260</sup> “Tendríamos que centrarnos em el derecho que tiene toda persona ‘sin distinción alguna de raza, color, sexo, idioma, religión, opinión política o de cualquier otra índole, origen nacional o social, posición económica, nacimiento o cualquier otra condición” (Art. 2) (Tradução livre).

<sup>261</sup> “Ninguna actitud paternalista ni propuesta de asistencia puede sustituir este derecho básico” (Tradução minha).

não vale apenas para a prostituição, se enfocada como profissão, mas pode ser aplicada para as demais profissões que as mulheres assumem sem poder escolher.

Em tais casos, as mulheres eram tratadas como pessoas incapazes de eleger o que era melhor para elas mesma, “então cem anos mais tarde, ainda se ouvem vozes que pontificam sobre quais trabalhos devem desempenhar as mulheres e quais não” (JULIANO,2006: 219).

De forma clara e sintética Juliano (2006), separando o campo social da prostituição do tráfico de pessoas, criminalizadas internacionalmente na esfera da macro-ética, chama a atenção para o fato de que não é apenas contra a prostituição em si que a comunidade argumentativa articulada pela vitimista e vitimizadora da prostituta se posiciona, uma vez que, em sua luta a favor dos direitos das mulheres, esquecem de que a prostituição é um trabalho, dentre muitas outras profissões urbanas, “relativamente bem pagos, e, sobretudo de que se trata de opções de pessoas adultas”. E continua a sua arguição dizendo: “Nega-se que seja uma opção livre, atribuindo sistematicamente a ‘engano’, ‘pressão exterior’ e ‘mau exemplo’<sup>262,263</sup>”.

O discurso vitimista / hegemônico da associação *Le Mouvement du Nid* de que algumas mulheres sofreram abuso na infância, por isso a escolha da prostituição e o porque não respeitam seus corpos e odeiam os homens<sup>263</sup>, são aqui paradigmáticos.

Segundo M Corrêa<sup>264</sup>, no caso do Brasil, a década de 70 foi exemplar do alinhamento dos grupos feministas a uma agenda de defesa dos direitos e interesses das mulheres.

A ONU declara oficialmente, em 1975, o Ano Internacional da Mulher e “propicia o cenário para o movimento feminista no Brasil, ainda fortemente marcado pela luta política no regime militar” (SARTI, 2001)<sup>265</sup>

---

<sup>262</sup> “Se trata de trabajos relativamente bien pagados, y sobre todo de que se trata de opciones de personas adultas. Se niega que sea una opción libre, atribuyéndola sistemáticamente a ‘engaño’, ‘presión exterior’ y ‘mal ejemplo’”. (Tradução livre)

<sup>263</sup> In: [www.mouvementdunid.org/](http://www.mouvementdunid.org/)

<sup>264</sup> CORREA, Mariza. Do feminismo aos estudos de gênero no Brasil: um exemplo pessoal. Cad. Pagu, Campinas, n. 16, 2001. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332001000100002&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332001000100002&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 09 fev. 2010.

<sup>265</sup> SARTI, Cynthia. Feminismo e contexto: lições do caso brasileiro. Cad. Pagu, Campinas, n. 16, 2001. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332001000100002&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332001000100002&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 09 fev. 2010.

Não se trata de nenhuma observação original, uma vez que várias autoras enfatizam que essa nomeação do ano de 1975, pela ONU, é um reconhecimento do problema social que as mulheres vivem e que mobiliza os grupos que agiam clandestinamente, especialmente nos países da América Latina, os quais estavam sob a tutela dos militares, e que, assim, passaram a ‘existir abertamente’ (SARTI, 2001; CORREA, 2001).

Revistas feministas como “O Mulherio<sup>266</sup>”, “Brasil Mulher” e “Nós Mulheres” passaram a circular, refletindo sobre a condição das mulheres e, no seu âmbito, o do tema da prostituição.

Diferentemente da polêmica entre as diferentes éticas discursivas, veiculados pelos movimentos feministas americanos e europeus, no Brasil o movimento feminista se articulava junto a outros movimentos sociais na luta contra a ditadura e a violência imposta às mulheres, para, em seguida, dar espaço a questões sobre a saúde da mulher e seus direitos reprodutivos (GROSSI<sup>267</sup>, 2004, CORRÊA, 1983; SARTI, 2001; PISCITELLI, 2009).

É onde então veremos os temas da sexualidade, do corpo e da prostituição serem alçados ao topo das agendas políticas das ONG's e dos governos na escala municipal, estadual e federal, em face dos contratos acordados entre os países. Tudo isso, seguindo as agendas das comunidades de argumentação em escala global, em defesa dos direitos humanos, dos direitos civis e dos direitos reprodutivos.

Piscitelli<sup>268</sup> (2009) também atesta que, a temática da prostituição não “integrava o leque de inquietações” das feministas nas décadas de 70 e 80. Mais tarde é que passa a ocupar um lugar nas discussões no interior do movimento feminista brasileiro, no qual a mesma autora<sup>269</sup> enfatiza: “O posicionamento do feminismo brasileiro (em relação à prostituição) se torna mais claro a partir da luta contra o tráfico com fins de exploração sexual”.

No momento, as ONG's e o movimento feminista passam a organizar-se em torno da discussão destas questões, ocasião em que a

---

<sup>266</sup> O qual tive acesso no acervo do NIGS / UFSC.

<sup>267</sup> GROSSI, Miriam Pillar. A Revista Estudos Feministas faz 10 anos: uma breve história do feminismo no Brasil. Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 12, n. spe, dez. 2004. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo.php?>

<sup>268</sup> Gênero, Raça e Sexualidade no debate brasileiro sobre tráfico internacional de pessoas. Paper apresentado no: Segundo Simpósio Diálogos Brasil – EUA – Estudos Antropológicos e a produção da diferença. USP, 16 de junho de 2009.

<sup>269</sup> Por meio de comunicação via e-mail, autorizada pela autora, em fevereiro de 2010.

temática da prostituição adentrou a agenda de discussão internacional por conta do turismo sexual e do tráfico de pessoas.

É, assim, no corpo destas complexas reflexões sobre o universo da moralidade, que orientam os fundamentos das éticas discursivas sobre a prostituição no Brasil, que esta tese se filia e que procura dar suas contribuições.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese pretendeu dar conta de uma etnografia de rua nos moldes de Eckert e Rocha (2001), buscando traçar as trajetórias sociais e os itinerários urbanos de mulheres profissionais do sexo em alguns territórios do centro da cidade de Florianópolis.

Ainda, apoiada em literatura específica<sup>270</sup>, pretendi examinar a insistência em determinados arranjos de prostituição, que se mantêm ativos em determinados territórios, mas não em outros lugares da cidade, para um comércio sexual que atravessa décadas e políticas públicas na cidade.

Na tentativa de um entendimento destas ‘estabelecidas’ nas ruas da cidade, o estudo de redes sociais, colaborou também no processo de compreensão de seus sistemas de “relacionamento pessoal e social” (BOTH, 1976; 35). Nestes estudos foi que percebi não haver apenas uma rede, mas inúmeras delas e que, de fato, se cruzavam, se sobrepunham e se arranjavam de maneira organizativa e lógica entre as suas conhecidas, colegas, amantes, ex-amantes, velhos, namorados, clientes, desafetos, os quais, enfim, embrenhavam-se astuciosamente nas malhas do estilo de vida e visão de mundo peculiar a cidade moderno-contemporânea.

Ainda, pretendi examinar a estrutura das relações no interior do campo social da prostituição, os quais contemplavam, como verificado, diversos estilos de prostituição, especialmente, no tempo presente, no largo da Alfândega e na rua Conselheiro Mafra, embora com seus enlances nas reminiscências de outras épocas, como “nos tempos” da Vila Palmira.

O trabalho de campo aconteceu entre novembro de 2006 e agosto de 2007, pontualmente em 2008, e entre setembro de 2002 e fevereiro de 2003.

Nesta tese, o campo foi um momento de inúmeras caminhadas, andanças e paradas, com o firme propósito de compreender os (des) caminhos dessas Madalenas que ocupam o espaço urbano e constituem, ali na rua, o seu negócio e o seu *bureau*, com horários de entrada e saída, dias santos, feriados e fins de semana, numa relação com a cidade que possui um outro significado.

---

<sup>270</sup> Cordova, 2006; Ferrari, 2008, 2006; Pereira, 1996.

Para essas mulheres, ainda, as praças e as ruas da cidade não pertencem a um outro – mas a elas mesmas. Um lugar semelhante à sala de suas casas, um local em que recebem as visitas, os clientes, a família, os amigos, os namorados, enfim, um lugar onde as intrigas, as fofocas e os acasos acontecem.

E mergulhando em suas redes sociais, pude observar que a noção de prestígio do estar ali na rua estava colada aos seus territórios/domínios, algo descoberto após o *affair*, o qual apontou haver, ali, uma ordem ímpar que envolvia e dividia, simbolicamente, o coletivo das prostitutas em prostitutas “da Alfândega” versus as profissionais “da Conselheiro”.

Na verdade, também, um coletivo de mulheres mães, avós, arrimos de família que geram renda por conta do trabalho com seus corpos e que, na cidade, se multiplicam em micro comunidades que se conhecem e se reconhecem. Comunidades, porém, anônimas aos passantes, mas conhecidas dos taxistas, do vendedor de amendoim, do dono do bar da esquina, dos mendigos, dos clientes, entre outros ocupantes da cidade.

São pequenas comunidades que terminam por demarcar territórios, hierarquias, moralidades e prestígio ali na rua.

Para este emaranhado de estilos de vida e de visão de mundo, o conceito de sociedades complexas de G. Velho (1999), apontado incansavelmente nesta tese, dá conta de todas as fragmentações de papéis sociais verificado nas redes destas mulheres e que têm lugar apenas na cidade moderno contemporânea.

Ao mesmo tempo, as práticas sexuais e dos corpos destas interlocutoras configuram uma estética urbana em determinados territórios de vida coletiva na área central de Florianópolis, espaços que revelam formas específicas de reinventar uma tradição da profissão de prostituta conforme suas experiências na cidade, inserindo, assim, a prostituição como mais uma das formas de vida social essenciais à manutenção da própria vida metropolitana.

Ainda, nesta tese, tomei como princípio de análise as formas como são organizadas as sociabilidades mundanas destes grupos, entre si e para fora, com clientes, colegas, namorados e desafetos, a partir dos laços que contemplam com a norma instituída pelos códigos ético-morais locais e para as práticas sexuais no âmbito da vida urbana.

Também, ao longo do trabalho de campo e na medida em que eu avançava na teia das relações ali na rua, o espaço cordial (até então)

do centro da cidade mostrou sua forma de risco e vulnerabilidade, especialmente para as neófitas que, como eu, desejavam ali se estabelecer, momento em que as protagonistas lançavam mão da valentia<sup>271</sup> como uma estratégia de defesa do espaço e de sua clientela.

Neste momento, vale mencionar que, para tal empreitada a etnografia de rua na cidade e um envolvimento em meio as redes de prostituição, foi mister a mediação institucional das ONG's, especialmente na rede constituída no largo da Alfândega.

Ainda, em relação às ONG's, desponta-se a necessidade do pesquisador de encontrar um lugar e atuar nesta tênue corda-bamba, que se localiza entre as elas e "seus grupos", e na qual, muitas vezes, o acesso só acontece a partir do respaldo dessas instituições.

Esta experiência de campo na cidade me mostrou, entre outras coisas, que a cidade exige determinadas habilidades do seu habitante / morador, especialmente para aqueles que desejam permanecer em alguns lugares, ou ocupá-los.

Para melhor explicar, podemos pensar na cidade por meio de um plano de camadas de entendimento, acompanhado de uma gramática urbana que precisa ser compreendida e lida.

Nesta gramática de apreensão da vida na metrópole, a astúcia figura entre alguns dos substantivos exigidos na sobrevivência do cotidiano das cidades.

Como visto entre as mulheres com as quais conversei que possuem, entre outras afinidades, a prática da astúcia na sua labuta diária, além de outros pontos comuns.

Um primeiro é que boa parte não nasceu na capital do estado. Todas são testemunhas do movimento migratório entre as cidades, algumas mais especificamente do campo versus a cidade.

Além do mais, muitas optaram pela capital catarinense com o intuito de uma mudança de vida, na procura por trabalho, como é o caso de Denise, Silvia e Nádia, que procuravam em Florianópolis uma vida melhor, com mais oportunidades. Diferente das que vieram com a família e ainda crianças, como Márcia, ou que nasceram em Florianópolis, como Lúcia e Renata, que partiram com seus familiares na juventude e depois retornaram.

São caminhos que se cruzam nas migrações rumo à capital, para a cidade grande, num imaginário farto de sonhos e de possibilidades, deixando para trás uma história na antiga cidade.

---

<sup>271</sup> A propósito ver Fonseca (2000) e Pasini (2005).

Outro ponto comum entre essas mulheres é que uma parte são filhas de agricultores, oriundas do interior do estado de Santa Catarina, como Nádia, Raquel, Martina e Ivone. Em outros casos, como o de Márcia e Renata, cuja atividade dos pais era de vendedor (Renata) e de funcionário público (Márcia), a situação obrigava a família nuclear a acompanhar o progenitor em busca de uma maior renda.

Um terceiro elo entre as interlocutoras é que todas (exceto Márcia) iniciaram a prática da prostituição na capital após algumas experiências na cidade em outros empregos (diaristas, faxineiras, babás), sendo apresentadas à profissão por uma figura feminina, como vizinhas e cunhadas.

Um quarto ponto é que elas moram na periferia<sup>272</sup>, mas trabalham no centro da cidade. Elas vêm ao centro todos os dias, na mesma hora, de modo semelhante a qualquer outro trabalhador da cidade.

O que leva à sugestão de que, nas grandes metrópoles moderno-contemporâneas, o “desejo de consumo” do prazer alia-se à esfera de sua produção pela via do trabalho, o qual abarca a prostituição feminina, oferecendo-se às práticas sexuais e corporais das prostitutas não apenas como espetáculo orgástico para a cidade, mas como “campo de possibilidades” (VELHO, 1994; 1981) para a obtenção de mobilidade e ascensão social aos indivíduos de distintas camadas sociais.

Assim, ao ocupar os centros das cidades, a prostituição dá um tom e faz da cidade o que ela é, assim como o comércio informal, os artistas de rua, os vendedores ambulantes, etc.

A cada interlocutora desta pesquisa, uma história diferente: viúvas, divorciadas, vítimas de maridos violentos, mulheres nem tão jovens, corpos nem sempre esguios entre outras. Cada uma com uma história de vida que as levou para a batalha. Todas circularam pelo centro, vindas principalmente da praça XV de Novembro, um antigo reduto da atividade.

Em campo, estava interessada em perceber como estas mulheres entendiam, viam e viviam a cidade. Fazia questões que envolviam suas trajetórias sociais e seus itinerários urbanos na cidade, questões que as fez mergulharem em outro sujeito que não somente o da prostituta da rua.

---

<sup>272</sup> Exceto Márcia que mora no morro ao lado do centro de Florianópolis.

Sobre este enfoque, vale aqui mencionar minha participação como ouvinte, num seminário<sup>273</sup> que teve lugar na cidade universitária de Neuchatel (Suíça), em janeiro de 2008. Neste evento pude traçar comparações nas abordagens, a partir da exposição de uma dezena de pesquisas apresentadas sobre a prostituição, masculina e feminina, em grande parte na Europa.

Os trabalhos etnográficos tratavam de apresentar o resultado de seus estudos sobre profissionais do sexo no Peru, Belo Horizonte, Paris e até travestis na Suíça. Neste encontro, foram diversas as abordagens, motivações, metodologias e inserções, mas um ponto comum foi a maneira como se dava a reflexão acerca do fenômeno da prostituição, um tema caro, incluído na agenda<sup>274</sup> de discussões políticas atualmente na Europa.

Assim, diante de inúmeras pesquisas, apenas um apontamento era comum aos questionamentos e demandas ali examinados: o interesse pelo exótico da prostituição. Eram freqüentes os relatos, por exemplo, sobre qual o preço cobrado, quais serviços mais demandados, quanto tempo, se havia sedução, violência, maus-tratos, porque a mulher ocupava-se daquela atividade, onde estavam, que roupas usavam.

Poucas pesquisas descreviam a sujeita (CARDOZO, 2005), ou mesmo o homem, profissional do sexo. Questões pertinentes à trajetória social, seus itinerários e a atuação em outros papéis sociais (como mãe, pai, avó, prostituta) eram ausentes da pauta das pesquisas. Uma postura de verificação em relação ao praticante da prostituição e que o transforma em um indivíduo que atua em outros papéis no seu cotidiano, para além da prática do sexo pago, como por exemplo, nos papéis de mãe, de esposa, avó, dona de casa, dados estes, verificados em Fonseca (2002) e Leite (1992, 2009).

---

<sup>273</sup> Tradução livre: "Esconda este trabalho que eu não quero ver!" - Etnografar o trabalho do sexo "Cachez ce travail que je ne saurais voir" - Ethnographier le travail du sexe.

<sup>274</sup> Um debate também muito estimulado em razão da formulação do Protocolo de Palermo, mais recente disposição legal relativa ao tráfico de seres humanos, mas que cita a prostituição no artigo 3<sup>a</sup> (Que considera tráfico o recrutamento, transporte e recepção sob coerção que conduz à exploração, incluindo exploração da prostituição de outrem ou outras formas de exploração sexual, aos serviços forçados, à servidão e às práticas similares à escravidão.), este protocolo, foi promulgado no ano de 2000. O protocolo de Palermo anima uma série de outras restrições a prostituição em toda a Europa, como por exemplo, em Paris, a lei promulgada em 2002 "Loi de Sécurité Intérieure" (Esta lei, entre outras interdições, prevê a proibição e a punição de mulheres e homens que oferecem serviços sexuais em espaços públicos, assim como a clientela que contratam tais serviços.) pelo atual presidente Nicolas Sarkozy.

Assim, é na medida em que a prostituição comporta distintos modos de vida, que ela também revela a rua, não como um espaço geométrico vazio, mas como um teatro especial das ações humanas, podendo ser vista e lida segundo as suas motivações, as quais acabam, finalmente, por lhe dar um “valor sensível” (MOLES & ROHMER, 1982, 167).

Nesta pesquisa, esta é uma das contribuições da antropologia urbana, o qual colaborou no processo do desvendamento dos bastidores do comércio sexual de uma grande cidade, indo além do encontro tarifado dos corpos, num universo em que cruzam-se o dinheiro e o prazer (HANDMAN & MOSSUZ-LAVAU, 2005; TABEL, 2004).

Após esta pesquisa percebi que o estilo de prostituição aqui analisada (a negociada nas ruas, esquinas, bares e calçadas) trata de um fenômeno urbano que ultrapassa, permanece, e mais interessadamente, se molda, ao longo dos tempos, nas moralidades, nos arranjos familiares, nas intervenções públicas e sanitárias, mas especialmente que sobrevive à formação das cidades e às tendências / necessidades que o mercado impõe, o qual termina por organizar outros estilos de prostituição no interior das cidades moderno-contemporânea, que lutam por um lugar de trabalho, como demonstrado não longo da tese.

São grupos urbanos construídos na e pela cidade, com fronteiras simbólicas delineadas em seu cotidiano da prática sexual.

Ainda, no que diz respeito ao movimento feminista e seu posicionamento no tocante ao comércio sexual e suas múltiplas e complexas relações com a ideologia moderna e seus postulados, a polêmica é intensa.

Como visto, há correntes teóricas do feminismo que apoiam o argumento da descriminalização e legalização da prostituição. Na contramão deste argumento há a corrente do movimento feminista, reconhecidamente radical, segundo a qual a prostituição e a pornografia são vistas como predação.

Novamente, para esta empreitada, retomo as reflexões seminais de G. Velho e a linhagem de seus estudos para esta tese, uma vez que o autor permite pensar a polêmica a partir da problemática do projeto, das emoções e da orientação em sociedades complexas<sup>275</sup>.

---

<sup>275</sup> Sobre o tema da complexidade que abarca o tema do comércio as práticas de sexuais, é interessante pensar o debate em torno de suas diferenciações em termos de categorias sociais mulher de programa, prostituta, acompanhante, cortesã ou amante profissional. É interessante a consulta ao site <http://www.ladyvip.com.br/artigos/mulher-programa-prostituta.php> (consultado em 03 de janeiro de 2009), e onde a autora afirma com desenvoltura: “Ao ser

Neste ponto, as controvérsias no interior do movimento feminista, oriundas da disseminação dos postulados universalistas da ideologia moderna e seus símbolos homogenizadores, no campo social das lutas emancipatórias das práticas sexuais, não é específico dessa parte da vida sócio-cultural das modernas sociedades contemporâneas.

E aqui, faço referência às práticas de controle moral dos espaços de prostituição, talvez mais finos e sutis do que as regras de conduta, de seus sistemas de valores e dos seus princípios éticos de trabalho, distribuídos horizontalmente no interior das redes de profissionais, as quais formam uma espécie de deontologia<sup>276</sup> da profissão, de acordo com os diferentes estilos de se dar o comércio sexual no mundo urbano contemporâneo.

Finalmente, esta etnografia da prostituição de rua integrou os espaços praticados de uma grande metrópole e teve por intenção contribuir para uma reflexão em torno do fenômeno da prestação de serviços sexuais, de uma forma não mais atrelada aos estudos das estratégias verticais de vigilância e controle moral das áreas públicas pelos poderes locais.

---

mulher de programa aproveitou a parte boa de todas essas outras atividades - da cortesã, da acompanhante, da garota de programa, da mulher de programa e também da prostituta, em ambas as atividades há sim características muito positivas para se aproveitar como aprendizagem - mas não sigo como regra absoluta as regras de nenhuma delas, justamente por ser aquilo que aqui já disse, as pessoas são únicas e, portanto o tratamento deve ser único. Isso porque cada pessoa tem um histórico, tem sentimentos, emoções, e enquanto mulher de programa é isso que estará em causa.”

<sup>276</sup> Refiro-me aqui as relações entre os princípios que regem a prática intersubjetiva do comércio sexual e o conjunto dos contratos sociais e coletivos que regem o seu comércio, nas ruas de uma grande metrópole, nos moldes de organização produtiva, atribuindo-lhe um caráter institucional. Nos termos de George H. Mead, autor da obra *Espiritu, persona y sociedad*. México: Paidós, 1993, e que inspirou inúmeros estudiosos da “escola” de Chicago, o qual remete às “pretensões normativas estruturalmente inscritas na relação de reconhecimento recíproco” entre cliente e prostituta e entre as profissionais do sexo entre si.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU FILHO, Ovídio de. **Dona Beija: Análise de um mito:** In: FRANCHETTO, B. et all. *Perspectivas antropológicas da mulher*, número 3, Rio de Janeiro, Zahar Editora, 1983.

ANSAY, Pierre; SCHOONBRODT, René. **PENSER LA VILLE, Choix de Textes Philosophiques.** Bruxelles aux archives d'architecture moderne. AAM Editions, 1989.

ARAGAO, Luiz Tarlei de. **Em nome da mãe: posição estrutural e disposições sociais que envolvem a categoria mãe na civilização mediterrânea e na sociedade brasileira.** In: FRANCHETTO, B. et all. *Perspectivas antropológicas da mulher*, número 3, Rio de Janeiro, Zahar Editora, 1983.

ARAUJO, Rogério. **Prostituição: artes e manhas do ofício.** Goiânia: Cânone Editorial, Ed. UCG, 2006.

ARIES, P. **A história social da criança e da família.** Rio de Janeiro, Guanabara, 1981.

\_\_\_\_\_. **O homem diante da morte.** Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1990.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. **Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional.** *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v.15, n.3, dez. 2007. disponível em <<http://www.scielo.br/scielo.php?acessos> em 22 ago.2009.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade.** 5 edição. Campinas, SP:Papirus, 2005 (Coleção Travessia do Século).

AZEVEDO, T. **As regras do namoro à antiga.** São Paulo: Ática, 1986,1981.

BACELAR, Jeferson Afonso. **A família da prostituta**. São Paulo, editora Atica, 1982.

BACHELARD, G. **A dialética da duração**. São Paulo, Editora Ática SA, 1994.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. **“Densidade da memória, trajetória e projeto de vida”**, Estudos Feministas, 5 (1), 1997, pp. 140-147.

BECKER, Howard S. **Uma teoria da ação social**. Zahar editores, Rio de Janeiro, 1977.

BECKER, Howard. **A escola de Chicago**. *Mana* [online]. 1996, vol.2, n.2 [citado 2009-11-24], pp. 177-188. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php00008>.

\_\_\_\_\_. **Outsiders: estudo de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro, Zahar, 2009

BENEDETTI, Marcos Renato. **Na batalha: sexualidade, identidade e poder no universo da prostituição**. Porto Alegre: Dacasa, 2000. 109p.

BENEDICT, Ruth. **O crisântemo e a espada: padrões da cultura japonesa**. São Paulo: Perspectiva [1972] 1946, 277 p.

BENQUET, Marlene & TRACHMAN, Mathieu. **Actualité des échanges econômico-sexuels**. Genre, Sexualité & Société [Em ligne], Numéro 2, Automne, 2009, mis em ligne le 14 décembre 2009. URL: <http://gss.revues.org//index1234.html>

BERNSTEIN, Elizabeth. **O significado da compra: desejo, demanda e o comércio do sexo**. Cad. Pagu (31), julho-dezembro de 2008:315-362.

\_\_\_\_\_. **Travail sexuel pour classes moyennes**. Genre, Sexualité & Société [Em ligne], Numéro 2, Automne, 2009, mis em ligne le 16 décembre 2009. URL: <http://gss.revues.org//index1058.html>

BORDIEU, Pierre. **Sociologia**. (Organizado por Renato Ortiz). São Paulo: Atica, 1983.

\_\_\_\_\_ **Poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 11<sup>a</sup> edição, 2007.

BOTH, Elizabeth. **Família e rede social**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1976.

BOZON, Michel. **Sociologia da Sexualidade**. Rio de Janeiro. Editora FGV, 2004.

CAILLÉ, Allain. **Nem holismo, nem individualismo metodológico: Marcel Mauss e o paradigma da dádiva**. In: RBCS, vol 13, n. 38, São Paulo, Out. 1998.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de Muros: Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo**. EDUSP, Editora 34. 2000.

CARDOSO, Ruth C. L. (ORG.). **Aventura Antropológica: teoria e pesquisa**. São Paulo, Ed. Paz e Terra, 1997.

\_\_\_\_\_ **Estrutura familiar e mobilidade social : estudo dos japoneses no estado de São Paulo**. São Paulo: Primus, 1995. 220p.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **Sobre o Pensamento Antropológico**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, Brasília, CNPq. 1988.

\_\_\_\_\_ **Os diários e suas margens**. Editora UNB, Brasília, 2002.

\_\_\_\_\_ **O trabalho do antropólogo**. Brasília: Paralelo 15; São Paulo : Editora Unesp, 2006.

\_\_\_\_\_ **Ensaio antropológicos sobre ética e moral**. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1996.

CARDOZO, Fernanda. **Das Dimensões da Coragem: socialidades, conflitos e moralidades entre travestis em uma cidade no sul do Brasil**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) Centro de

Filosofia e Ciências Humanas. Universidade federal de Santa Catarina – Florianópolis, 2009.

CARVALHO, José Jorge de. **Antropologia: saber acadêmico e experiência iniciática.** In: anuário antropológico / 90. Rio de Janeiro. Tempos Brasileiros, 1993.

CLIFFORD, James. **A Experiência Etnográfica: Antropologia e Literatura no Século XX.** 2. ed. Rio de Janeiro: editora UFRJ, 2002.

CHALHOUB, S. **Trabalho, lar & botequim. O cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque.** Campinas, Editora da UNICAMP, 2001, 367 p.

CORADINI, L. **Praça XV: espaço e sociabilidade.** Fundação Franklin Cascaes. Letras contemporâneas, Coleção Teses, volume V, Florianópolis, 1995.

CÓRDOVA, Luiz Fernando Neves. **Trajetórias de Homossexuais na Ilha de Santa Catarina: Temporalidades e Espaços.** Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) Universidade federal de Santa Catarina – Florianópolis, 2006.

CORONA, Joana Pagliosa. **Da rua para casa: conjugalidade e sexualidade de mulheres prostitutas em Florianópolis/SC.** Projeto de TCC (Ciências Sociais) Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Florianópolis, 2006.

\_\_\_\_\_. **As meninas do Centro.** Trabalho de Conclusão de Curso (Ciências Sociais) Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Florianópolis, 2006.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar.** Rio de Janeiro, edições Graal, 1979

CRAPANZANO, Vincent. **Diálogo.** In: Anuário Antropológico/1988, Editora Universidade de Brasília, 1991.

DA MATTA, Roberto. **A casa e a rua**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1997.

\_\_\_\_\_. **Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6ª edição, Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DEBERT, Guita Grin; GOLDSTEIN, D. **Políticas do corpo e o curso da vida**. São Paulo: Mandarim, 2000, p. 218.

DE CERTEAU, Michel. **Andando na Cidade**. In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. 1994.

\_\_\_\_\_. **A Invenção do cotidiano: artes de fazer**. 5. ed Petrópolis: Vozes, 2000. 351p.

\_\_\_\_\_. **A invenção do Cotidiano: 2, morar, cozinhar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

DESCHAMPS, Catherine. **Le Sexe et l'Argente des Trottoir**. Hachette Littératures, 2006.

DIMENSTEIN, Gilberto. **Meninas da Noite: A prostituição de Meninas-Escravas no Brasil**. São Paulo, Editora Ática, 10ª edição, 1994.

DIÓGENES, Glória. **Cartografias da Cultura e da Violência: Gangues, Galeras e o Movimento Hip Hop**. São Paulo: Annablume, Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto, 1998.

DOUGLAS, M. **Pureza e Perigo**. Editora Perspectiva, São Paulo, 1966.

DOSSE, François. **O Espaço Habitado segundo Michel de Certeau**. ArtCultura. Uberlândia, número 9, Jul. – Dez. de 2004.

DUARTE, L. F. D. **Da vida nervosa: nas classes trabalhadoras urbanas**. Rio de Janeiro; Jorge Zahar Editor; Brasília: CNPQ, 1986.

DUMONT, Louis. **Individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna**. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

DURHAM, Eunice R. **A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo.** São Paulo (SP): Perspectiva, 1973. 249p. (Debates; 77)

\_\_\_\_\_ **Assimilação e mobilidade: a história do imigrante italiano num município paulista.** São Paulo: USP, 1966.

DURKHEIM, E. **Da divisão do trabalho social; As regras do Método Sociológico; O Suicídio; As formas elementares da vida religiosa.** São Paulo (SP); Abril Cultural, 1978. 245 p. (Os Pensadores)

ECKERT, C. **As variações ‘paisageiras’ na cidade e os jogos de memória.** In: SILVEIRA, F. et alli. Livro no prelo, UFPA, 2009.

ECKERT, C. & ROCHA, A. L.C. **O Tempo e a Cidade.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

\_\_\_\_\_ **Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana.** Porto Alegre: Banco de Imagens e Efeitos Visuais, PPGAS/UFRGS, 2001. 25 F. (Iluminuras; n.44)

\_\_\_\_\_ **Memória, Narrativa e as Histórias do Mundo.** Iluminuras; Banco de Imagens e Efeitos Visuais, PPGAS / UFRGS, 2000, Número 14.

\_\_\_\_\_ **Premissas para o Estudo da Memória Coletiva no Mundo Contemporâneo sob a Ótica dos itinerários de grupos urbanos e Suas Formas de Sociabilidade.** Iluminuras – Banco de Imagens e Efeitos visuais, PPGAS/UFRGS, 2000 - Número 15.

\_\_\_\_\_ **Questões em torno do uso de relatos e narrativas biográficas na experiência etnográfica.** HUMANAS (Revista do IFCH / UFRGS), vol. 19/20, n. ½ . Porto Alegre, 1996/1997.

ELIAS, Norbert. **O Processo civilizador.** Rio de Janeiro, Editora Zahar, 1993.

\_\_\_\_\_ **Envolvimento e alienação,** Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1998, p.261

ELIAS, N. & SCOTSON, J. **Os Estabelecidos e os Outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

ELIAS, Norbert; SCHROTER, Michael. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro (RJ): Zahar, 1994. 201p

FACCIO, Maria da Graça Agostinho. **O Estado e a transformação do espaço urbano: A expansão do Estado nas décadas de 60 e 70 e os impactos no espaço urbano de Florianópolis**. Dissertação de Mestrado (Geografia), UFSC, 1997.

FANTIN, Márcia. **Cidade dividida**. Florianópolis: Futura, 2000. 284.

FAVRET-SAADA. Jeanne; CONTRERAS. **Corps pour Corps: enquête sur la sorcellerie dans le Bocage**. Paris. Gallimard, 1981.

FERRARI, Maryana Cunha. **Entre a cruz e as delícias: Prostituição, imaginário e cotidiano em Florianópolis (1960 – 1980)**. Texto apresentado no Fazendo Gênero 7. Florianópolis, 2006.

\_\_\_\_\_. **Vila Palmira: prostituição e memória na grande Florianópolis nas décadas de 1960 e 1980**. Florianópolis, 2008, 1v. Dissertação (mestrado) Universidade Federal de Santa Catarina – Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Programa de pós-graduação em História.

FERRAZ, Elisabeh Anhel; QUENTAL, Inês; SCHWENCK, César. **Caminhoneiros: análise de demanda por ações de prevenção de HIV/AIDS no Sul do Brasil**. Rio de Janeiro: BEMFAM, 2003.

\_\_\_\_\_. **Homens que fazem sexo com homens: análise de demanda por ações de prevenção de HIV/AIDS no Sul do Brasil**. Rio de Janeiro: BEMFAM, 2003.

\_\_\_\_\_. **Profissionais do Sexo: análise de demanda por ações de prevenção de HIV/AIDS no Sul do Brasil**. Rio de Janeiro: BEMFAM, 2003.

\_\_\_\_\_ **Usuários de Drogas Injetáveis: análise de demanda por ações de prevenção de HIV/AIDS no Sul do Brasil.** Rio de Janeiro: BEMFAM, 2003.

FÍGOLI, Leonardo H.G.; FAZITO, Dimitri. **Redes sociais em uma investigação indígena: el caso de Manaus.** Rev. Bras. Estud. Popul. Vol.6 no.1 São Paulo, Jan/June 2009. SCIELO

FONSECA, Claudia. **Família, Fofoca e Honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares.** Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 2000.

\_\_\_\_\_ **A dupla carreira da mulher prostituta.** In: Revista Estudos Feministas. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais – IFCS/UFRJ e Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – PPCIS/UERJ, Vol. 4, número 1, 1996.

\_\_\_\_\_ **Da circulação de crianças à adoção internacional: questões de pertencimento e posse.** Cadernos Pagu (26), janeiro-junho de 2006: pp. 11-43.

FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas.** São Paulo. Editora Martins Fontes, 7º edição, 1995.

\_\_\_\_\_ **Microfísica do Poder.** Rio de Janeiro. 12º edição, 1996.

\_\_\_\_\_ **História da sexualidade II: o uso dos prazeres.** 6. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

\_\_\_\_\_ **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** 36. ed Petrópolis: Vozes, 2009.

FOOTE WHYTE, Willian. **Sociedade de Esquina.** Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2005.

FREIRE, Cristina. **Além dos Mapas: Os monumentos no imaginário urbano contemporâneo.** São Paulo: SESC: Annablume, 1997. 320 p.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos. Decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano.** 5 edição. 1 tomo.

Rio de Janeiro, 1977, Instituto Nacional do Livro. Ministério da Educação e Cultura.

\_\_\_\_\_. **Casa grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal.** 34. ed. São Paulo: Global, 2004

\_\_\_\_\_. **Ordem e progresso.** 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1990.

FUNDAÇÃO FRANKLIN CASCAES. Circuito Cultural. Florianópolis, FFC, 2000.

GASPAR, Maria Dulce. **Garotas de Programa – prostituição em Copacabana e Identidade Social.** Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 1985.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas.** LTC, Rio de Janeiro, 1989.

\_\_\_\_\_. **Obras e vidas: O antropólogo como autor.** Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2 edição, 2005.

\_\_\_\_\_. **Nova luz sobre a Antropologia.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2001.

GIDDENS, Anthony. **As Conseqüências da modernidade.** São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, Prisões e Conventos.** São Paulo, Ed. Perspectiva, Coleção Debates, 6ª edição, 1999.

\_\_\_\_\_. **Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** Zahar Editores, Rio de Janeiro, 4 edição, 1982.

GOLDMAN, Marcio. **Alguma antropologia.** Relume Dumará: Rio de Janeiro, 1999.

GOLDWASSER, Maria Julia. **“Cria Fama e Deita-te na Cama”: Um Estudo de Estigmatização numa Instituição Total.** In: VELHO, G.

Desvio e Divergência: Uma Crítica da Patologia Social. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 6ª edição.

GROSSI, M.; HEILBORN, M.L.; MACHADO, L.Z. **Antropologia e Direitos Humanos 4**. Blumenau: Nova Letra, ABA, 2006.

GROSSI, M.; SCHWADE, E. **Política e Cotidiano: estudos antropológicos sobre gênero, família e sexualidade**. Blumenau: Nova Letra, ABA, 2006.

GUGIK, D. Michèle. **Profissionais do Sexo: um estudo sobre suas condições de trabalho**. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Santa Catarina – Florianópolis, 2001.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HANDMAN, Marie-Elisabeth; MOSSU-LAVAU, Janine. **La prostitution à Paris**. Éditions de la Martinière. Paris, 2005.

HANNERZ, Ulf. **Os limites de nosso auto-retrato. Antropologia urbana e globalização**. *Mana* [online]. 1999, vol.5, n.1 [cited 2009-11-24], pp. 149-155 . Available from: <<http://www.scielo.br/scielo.php>>

\_\_\_\_\_. **Explorer la ville: éléments d'Anthropologie urbaine**. Minuit, Paris, 1983.

HOLLANDA, Heloisa Buarque. **Cidade ou Cidades? Uma Pergunta à Guisa de Introdução**. In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

JODELET, Denise. **A Cidade e a memória**. In: RIB, V.; DUARTE, C.R.; RHEINGANTZ, P.A. (ORGS.). Projeto do Lugar: Colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo. Coleção PROARQ (Programa de Pós-Graduação em Arquitetura). Rio de Janeiro, 2002.

JULIANO, Dolores. **Excluídas y Marginales: uma aproximación antropológica**. Ediciones Cátedra, Madrid, 2ª edição, 2006.

KANT DE LIMA, Roberto (ORG.) **Antropologia e Direitos Humanos 2.** Prêmio ABA/FORD. Niterói: EDUFF, 2001.

KULICK, Don. **Travesti: Prostituição, Sexo, Gênero e Cultura no Brasil.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

LEFEBVRE, Henri. **La production de l'espace.** 4<sup>o</sup> edição, ed. Anthropos, 2000.

\_\_\_\_\_. **O direito à cidade.** São Paulo: Moraes, 1974.

\_\_\_\_\_. **A revolução urbana.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

LEITE, Gabriela. **Eu, mulher da vida.** Rio de Janeiro : Rosa dos Tempos, 1992.

\_\_\_\_\_. **Filha, mãe, avó e puta – a história de uma mulher que decidiu ser puta.** São Paulo : Ed. Objetiva, 2009.

LEITE, Rogério Proença. **Contra-usos da cidade: Lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea.** Campinas, SP: Editora da UNICAMP: Aracaju, SE, Editora UFS, 2004.

LEIRIS, Michael. **L'Afrique Fantôme.** Paris, Editions Gallimard. 1984.

LENHARDT, Maurice. **Do Kamo La personne et le mythe dans le monde mélanésien.** Gallimard, 1971.

LEWIS, Oscar. **Les enfants de Sanchez: Autobiographie d'une famille mexicaine.** Éditions Gallimard, 1963.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural I.** Editora Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1975.

LIMA, Rita de Cássia Pereira. **Sociologia do desvio e interacionismo. Tempo soc.,** São Paulo, v. 13, n. 1, maio 2001 . Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-20702001000100012&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702001000100012&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 14 dez. 2009. doi: 10.1590/S0103-20702001000100012.

LOMNITZ, Larissa Adler. **Redes sociais, cultura y poder: ensayos de antropología Latinoamericana.** FLACSO, México, 2001

LOURAU, René. **Le Journal de la recherche.** Pp. 33 – 54

MAFFESOLI, M.; BRUSTON, A (org.) **Violence et transgression.** Paris: Anthropos, 1979.

MAFFESOLI, M. **Deixar de odiar o presente.** In: LEITE, I. B. (org.) *Ética e estética na Antropologia.* Florianópolis: PPGAS – UFSC; CNPq: 1998. p. 17 – 26.

\_\_\_\_\_ **A conquista do presente.** Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

\_\_\_\_\_ **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa.** Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2000.

\_\_\_\_\_ **Dinâmica da violência.** São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais; Ed. Vértices, 1987.

\_\_\_\_\_ **A sombra de Dionísios: contribuição para uma sociologia da orgia.** Rio de Janeiro, Editora Graal, 1978.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Quando o campo é a cidade.** In: *Na metrópole: textos de antropologia urbana.* MAGNANI, J.G.C. & TORRES, L.L. (Orgs.). São Paulo: Editora da USP: FAPESP, 2000.

\_\_\_\_\_ **Festa no Pedaco: Cultura popular e lazer na cidade.** São Paulo: Hucitec/UNESP, 2ª edição, 1998.

\_\_\_\_\_ **A antropologia urbana e os desafios da metrópole.** *Tempo soc.* [online]. 2003, vol.15, n.1 [citado 2009-11-25], pp. 81-95 . Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&)

MALINOWSKI, Bronislaw. **A vida sexual dos selvagens do Noroeste da Melanésia: descrição etnográfica do namoro, do casamento e da vida de família entre nativos das Ilhas de Trobriand.** Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1983.

MÁRQUEZ, Gabriel García. **Memórias de minhas putas tristes**. Editora Record, 2005.

MARTINS, Denise. **Riscos na prostituição: um olhar antropológico**. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP : FAPESP. 2003.

MARTINS, J. S. **Vergonha e decoro na vida metropolitana de São Paulo. S.** São Paulo Editora Hucitec, 1999.

MATTA, Roberto da. **A casa & a Rua**. 5 edição, Rio de Janeiro : Rocco, 1997.

MATHIEU, Lilian. **La condition prostituée**. Les Éditions Textuel. Collection la Discorde. Paris, 2007.

MAUSS, Marcel. **Manual de etnografia**. Publicações Dom Quixote. Lisboa, 1993

\_\_\_\_\_ **Sociologia e Antropologia I**. São Paulo, EPU, 1974.

\_\_\_\_\_ **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EPU & EDUSP, 2 vol., 1974.

MEAD, George H. **Espírito, persona y sociedad**. México: Paidós, 1993.

MENDOZA, Edgar S.G. **Donald Pierson e a escola sociológica de Chicago no Brasil: os estudos urbanos na cidade de São Paulo (1935-1950)**. *Sociologias* [online]. 2005, n.14 [citado 2009-11-25], pp. 440-470 . Disponível em: <<http://www.scielo.br>

MIAGUSKO, Edson & FERREIRA, Lúcia M. P. **Circunstâncias e coadjuvantes na interação social: o poder da vergonha**. In: MARTINS, J. de S. (ORG) *Vergonha e decoro na vida cotidiana da metrópole*. São Paulo: Hucitec, 1999

MOLES, Abraham; ROHMER, Elisabeth. **Labyrinthus du vecu: L'espace: matière d'actions**. Paris. Librairie des Meridiens. 1982

MORAES, E. **Formalismo sociológico e a teoria do conflito**. S/D.

NONNENMACHER, Marilange. “**Um lugar de Memória**”: **Rua Conselheiro Mafra no século XX**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina – Florianópolis, 2002.

NOVAES, Regina (ORG.). **Direitos Humanos: temas e perspectivas**. Rio de Janeiro: Mauad, ABA, Fundação Ford, 2001.

OLIVAR, José Miguel. **O direito humano de ser puta: uma reflexão sobre os direitos sexuais no universo da prostituição feminina em Porto Alegre**. Teoria & Cidade, no.15.2, julho/dezembro de 2007, pp. 108 – 137.

OLIVEIRA, Marcelo J. **O lugar do travesti no Desterro**. 1997. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

PARK, R. **A cidade: sugestões para uma investigação do comportamento humano no meio urbano**. In: O fenômeno urbano. VELHO, O. (ORG.). Zahar Editores, Rio de Janeiro, 3ª edição, 1976.

\_\_\_\_\_. **La ville comme laboratoire social**. In: GRAFMEYER, Yves & JOSEPH, Isaac. L'École de Chicago: Naissance de l'écologie urbaine. Flammarion, 2004

PARSONS, Talcott. **Sistema das sociedades modernas**. São Paulo: Pioneira, 1974.

PASINI, Elisiane. **Prostituição e Liberdade do Corpo**. CLAM /AMB. 2005.

\_\_\_\_\_. **Sexo para quase todos: a prostituição feminina na Vila Mimosa**. Cad. Pagu no.25 Campinas July/Dec. 2005

\_\_\_\_\_. **Prostituição e diferenças sexuais**. In: ALMEIDA, Heloisa; COSTA, Rosely; RAMIREZ, Marta; SOUZA, Erica Renata (ORGS.) **Gênero em Matizes**. Bragança Paulista, 2002. 412p (Coleção Estudos CDAPH, Série História & Ciências Sociais).

PEDRO, J.M. **Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe**. Florianópolis, Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, 210 p, 1994.

PEIRANO, Marisa. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1995.

\_\_\_\_\_. **“In the context”**: As várias histórias da antropologia.

PEDRO, Joana Maria. **Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe**. Ed. da UFSC, 1994.

PEIXOTO, Fernanda Arêas and SIMOES, Júlio Assis. **A Revista de Antropologia e as ciências sociais em São Paulo: notas sobre uma cena e alguns debates**. *Rev. Antropol.* [online]. 2003, vol.46, n.2 [cited 2009-11-27], pp. 383-409 . Available from: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&)

PEREIRA, Ivonete. **As decaídas: mulheres no cotidiano de Florianópolis (1900 – 1940)**. Dissertação em História. UFSC. 1996.

\_\_\_\_\_. **As decaídas: mulheres no cotidiano de Florianópolis (1900 – 1940)**. Florianópolis, Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, 2004, 139 p.

PERLONGUER, Néstor. **O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo**. 1ª edição, 1987.

PESAVENTO, S. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano: Paris, Rio de Janeiro**. Porto Alegre, Editora da Universidade/UFRGS, 1999, 350 p

PÉTONNET, Colette; GUTWIRTH, Jacques. **Chemins de la Ville: Enquêtes Ethnologiques**. Paris, Editions du CTHS, 1987.

PÉTONNET, C. **Espace habités. Ethnologie des banlieues**. Paris: Galilée, 1982.

PISCITELLI, A. **Apresentação: Gênero e mercado do sexo.** Cad. Pagu (25), julho-dezembro de 2005, pp. 7-23. Campinas/SP.

\_\_\_\_\_. **Gênero, Raça e Sexualidade no debate brasileiro sobre tráfico internacional de pessoas.** Paper apresentado no: Segundo Simpósio Diálogos Brasil – EUA – Estudos Antropológicos e a produção da diferença. USP, 16 de junho de 2009.

POLLAK, Michael. **Os homossexuais e a AIDS: sociologia de uma epidemia.** São Paulo: Estação Liberdade.1990

PORTO, Rozeli. **“Aborto Legal” e o “Cultivo ao Segredo”: Dramas, Práticas e Representações de Profissionais de Saúde, Feministas e Agentes Sociais no Brasil e em Portugal.** Tese (Doutorado em Antropologia Social) Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

RABINOW, Paul. **Reflections on fieldwork in Morocco.** Los Angeles: University of California Press, 1977.

RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo: 1890 – 1930.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991.

RAMOS, Sílvia. **O papel das ONGs na construção de políticas de saúde: a Aids, a saúde da mulher e a saúde mental.** Ciência & Saúde Coletiva. v.9, n.4, Rio de Janeiro out./dez. 2004.

RIAL Carmen. **Da casa açoriana à casa decorada: a transformação do espaço doméstico na ilha de Santa Catarina.** In: Cadernos de Antropologia n 3 – 1991, Publicação do Programa de pós-graduação em Antropologia Social – UFRGS, 1991.

RICOUER, P. **Tempo e Narrativa (Tomo I).** Campinas, SP: Papirus, 1994.

RIFIOTIS, T. **Entre dois amores.... Apontamentos sobre um dilema ético no estudo da violência: cidadania, democracia e diferença.** Mimeo S/D.

RODRIGUES, JR João Batista (Zó). **Eu benzo esta ilha: memórias, reflexões e conceitos de um manezinho**. Florianópolis, 2005.

SAHLINS, MARSHALL. **Esperando Foucault Ainda**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

SAMPAIO L. A. & DE ROSSI, P. D. **A condição de estranho nas relações cotidianas**. In: *Vergonha e decoro na vida metropolitana de São Paulo*, organizado por José de Souza Martins, São Paulo Editora Hucitec, 1999, pp 63-72

SANSOT, Pierre. **Anonymat et espace urbain**. Equipe de sociologie urbaine (laboratoire de l'UER Philosophie – sociologie). Juin, 1982.

\_\_\_\_\_. **Les formes sensibles de la vie sociale**. Presse Universitaires de France, 1986, Paris.

SANSOT, **La poétique de la ville**, 1979

SANT'ANNA, M. J. G. **A concepção de cidade em diferentes matrizes teóricas das Ciências Sociais**. Revista Rio de Janeiro, n. 9, p. 91 – 99, jan. / abr., 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um Discurso sobre as Ciências**. 36ª edição – São Paulo: Editora Cortez, 2005.

SARLO, B. **Esquecer Benjamin**. In SARLO, B. Paisagens Imaginárias: Intelectuais, Arte e Meios de Comunicação. Edusp.

SCHUTZ, Alfred. Fenomenologia e relações sociais. Editora Zahar, 1979.

SCHWARCZ, Lilia K. Moritz & GOMES, Nilma Lino. (orgs.) **Antropologia e História:**

SCHWARCZ, Lilia Moritz; PONTES, Heloisa; PEIXOTO, Fernanda Áreas. (Orgs.). **Antropologia, Histórias, Experiências**. Belo horizonte: Editora UFMG, 2004.

SÉCHET, Raymond. **La fabrique de population problématique dans la ville contemporaine. Le géographes anglo-saxons face à la prostitution et au commerce du sexe.** Texto apresentado no: Colloque: "La fabrique des populations problématiques par les politiques publiques". Nantes, Junho de 2007.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade.** São Paulo: Cia. das Letras, 1988.

\_\_\_\_\_. **Carne e pedra, corpo de cidade na civilização ocidental.** Rio de Janeiro, Ed. Record, 2001.

SILVA, Gláucia. **Antropologia Extramuros: novas responsabilidades e Políticas dos antropólogos.** Brasília, Paralelo 15, 2008

SILVA, Helio R. S. **Travesti: a invenção do feminino.** Rio de Janeiro: Relume-Dumara: ISER, 1993. 176p.

SILVA, Hélio; FLORENTINA, Cristina. **A sociedade dos travestis: espelhos, papéis e interpretações.** In: PARKER, Richard; BARBOSA, Regina. **Sexualidades Brasileiras.** Rio de Janeiro: ABIA/IMS – UERJ / Relume-Dumará, 1996, p. 136-145.

SILVA, Marco Aurélio. **Se Manque: Uma etnografia do carnaval no pedaço GLS da Ilha de Santa Catarina.** Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal de Santa Catarina – Florianópolis, 2003.

SILVA, Rodrigo Amaral Leite da e ALVES NETO, Celso Senna Alves Neto. **Meretrizes: A geografia da Prostituição em Florianópolis.** acessível pelo site consultado em 04 de janeiro de 2010, [http://egal2009.easyplanners.info/area05/5539\\_Silva\\_Rodrigo\\_Amaral\\_Leite\\_da.pdf](http://egal2009.easyplanners.info/area05/5539_Silva_Rodrigo_Amaral_Leite_da.pdf)

SILVA, Vagner Gonçalves. **O antropólogo e sua Magia: O Trabalho de Campo e Texto Etnográfico nas Pesquisas Antropológicas sobre Religiões Afro-Brasileiras.** 1ª edição, 1ª reimpressão. – São Paulo: Editora da USP, 2006.

Silva, Cristina L. C. da **ONGs/Aids, intervenções sociais e novos laços de solidariedade social.** *Cad. de Saúde Pública*, n. 14 (sup. 2), p. 129-39, 1998

SIMMEL, G. **Comment les formes sociales se maintiennent.** Mémoire publié en français dans l'*Année sociologique*, première année, 1896-1897, pp. 71-109

\_\_\_\_\_ **Le conflit.** Éditions Circe, Paris, 2003.

\_\_\_\_\_ **Filosofia de la Coqueteria.** In: Revista de Occidente. Madri. Cultura femenina y otros ensaios, S/D.

\_\_\_\_\_ **A metrópole e a vida mental.** In: O fenômeno urbano. VELHO, O. (ORG.). Zahar Editores, Rio de Janeiro, 3ª edição, 1976.

\_\_\_\_\_ **Philosophie de l'amour.** Éditions Rivages, 1988. Paris (Rivages poche; Petite Bibliothèque)

\_\_\_\_\_ **Sobre la aventura.** Barcelona. Ediciones 62, 1988..

\_\_\_\_\_ **A filosofia do dinheiro,** 1988

SIQUEIRA, Mônica Soares; Universidade Federal de Santa Catarina. **Sou senhora um estudo antropológico sobre travestis na velhice.** Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2004.

SOIHET, R. **Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres ordem urbana. 1890-1920.** Rio de Janeiro, Forense-universitária, 1989, 394 p.

SOUZA, MEDEIROS & ALBERINI. **Os olhos, os ouvidos e a língua dos vizinhos.** In: *Vergonha e decoro na vida metropolitana de São Paulo.* MARTINS, J. S. São Paulo Editora Hucitec, 1999, pp 63-72

TACQUES, Fernando José. **Movimento GLBT em Santa Catarina: a questão do empoderamento.** Dissertação (Mestrado) - Universidade

Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Florianópolis, 2007.

TRACHMAN, Mathieu. **La banalité de l'échange. Entretien avec Paola Tabet.** Genre, Sexualité & Société [Em linha], Número 2, Automne, 2009, mis em ligne le 16 décembre 2009. URL: <http://gss.revues.org/index1227.html>

VAINFAS, Ronaldo. **Trópico dos pecados: moral, sexualidade e inquisição no Brasil.** Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1997.

VALLADARES, Licia. **Os dez mandamentos da observação participante.** *Rev. bras. Ci. Soc.* [online]. 2007, vol.22, n.63 [citado 2009-11-25], pp. 153-155 . Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&)

VAZ, Nelson Popini. **O centro histórico de Florianópolis: espaço público do ritual.** Florianópolis: FCC Ed., / Ed. da UFSC, 1991.

VELHO, G. & SILVA, L. A. M. **A organização social do meio urbano.** in Anuário Antropológico 1976. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1977.

VELHO, G. **Individualismo e Cultura: Notas para uma Antropologia da sociedade contemporânea.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 5ª edição, 1999.

\_\_\_\_\_. **Nobres & anjos: um estudo de tóxicos e hierarquia.** Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

\_\_\_\_\_. **Patrimônio, negociação e conflito.** *Mana* [online]. 2006, vol.12, n.1 [citado 2009-11-25], pp. 237-248 . Disponível em: <<http://www.scielo.br>

\_\_\_\_\_. **Projeto e Metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

\_\_\_\_\_. **A Utopia Urbana: um estudo de Antropologia Social.** Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1973.

\_\_\_\_\_. (ORG.) **Desvio e Divergência: Uma Crítica da Patologia Social**. 8 ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar ed., 2003.

\_\_\_\_\_. **Ruth Corrêa Leite Cardoso**. *Dados* [online]. 2008, vol.51, n.2 [citado 2009-11-25], pp. 271-274. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?>

\_\_\_\_\_. **Becker, Goffman e a Antropologia no Brasil**. *Sociologia*, maio 2002, no. 38, p.9-17. ISSN 0873-6529.

VELHO, O. (org). **O Fenômeno Urbano**. Zahar editores, Rio de Janeiro, 1967.

VENCATO, Anna Paula. **Fervendo com as Drags: corporalidades e performances de drag queens em territórios gays da Ilha de Santa Catarina**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal de Santa Catarina – Florianópolis, 2002.

VIRILIO, P. **O espaço crítico e as perspectivas do tempo real**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

WACQUANT, Loic J. D. "Uma cidade negra entre os brancos". Revisitando o gueto negro da América. **Política & Sociedade**, Florianópolis, 2008.

\_\_\_\_\_. **La stigmatisation territoriale à l'âge de la marginalité avancée**. *FERMENTUM* Mérida - Venezuela - ISSN 0798-3069 - ano 17 - N° 48 - janeiro - ABRIL - 2007 - 15-29

WEBER, M. **A cidade e o mercado**. In: *O Fenômeno Urbano*. Zahar editores, Rio de Janeiro, 1967.

ZACHARIENSEN, Catherine. (coord.) **De volta à cidade: dos processos de gentrificação às políticas de "revitalização" dos centros urbanos**. Tradução de Helena Menna Barreto Silva. São Paulo: Annablume, 2006. pgs. 21-87.

ZALUAR, A. **A Máquina e a Revolta: As organizações vicinais e o significado da pobreza.** Editora Brasiliense, SP, 1985.

### **Sites pesquisados**

<http://lesamisdubusdesfemmes.com/default.aspx>

<http://www.adeh-sc.org/>

<http://www.davida.org.br/>

<http://www.gapasc.org.br/>

<http://www.redeprostitutas.org.br/>

<http://www.adeh-nostromundo.blogspot.com/>

[www.mouvementdunid.org/](http://www.mouvementdunid.org/)

<http://www.niputesnisoumises.com>

<http://scielo.br/>

[www.beijodarua.com.br/](http://www.beijodarua.com.br/)

**ANEXOS**